

SPIN-OFF DE
POR TRÁS DAQUELES OLHOS

Com todo o meu
Coração
C. M. CARPI





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

SPIN-OFF DE
POR TRÁS DAQUELES OLHOS

Com todo o meu
Coração
C. M. CARPI



Com Todo O Meu Coração
Carpi. C. M.,
1ª Edição
Julho – 2017
Jaguariúna - SP

Preparação de Originais: Dan Rebouças e Maitê Martins

Foto da Capa: © Sonyachny

Arte da Capa: Dan Rebouças

Diagramação Digital: Dan Rebouças

Revisão: Lu Muniz e Carolina Marmo Pepe

Revisão Final: Maitê Martins

e-ISBN 978-85-9563-075-8
PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

Créditos de Personagens em Intertexto: Muniz, Lu. – Doce Inocência – Asè Editorial, S.P.
2016

Todos os direitos reservados

Copyright 2017 © C. M. Carpi
Todos os direitos reservados

Para Cassius França...
Com Todo O Meu *Coração*

Vamos falar sobre amor
Eu quero saber o que é o amor, o amor que você sente por dentro
Eu quero te mostrar, e eu sinto tanto amor
(Foreigner - I Want To Know What Love Is/1984)

*“As coisas não são mais como costumavam ser
Falta alguém dentro de mim”
(Metallica - Fade To Black / 1984)*

Prólogo

CAROLINA DO NORTE, ABRIL DE 2014.

Adam

Eu nunca pensei que pudesse doer tanto.

Nunca pensei que amar pudesse doer tanto.

Nunca pensei que ela me machucaria.

Acho que hoje compreendo o que é um coração partido. Eu sinto quando ele se parte... E se parte... E se parte...

Eu o sinto ser arrancado do meu peito.

Eu sinto apenas a dor.

Eu sinto que doerá para sempre.

Abaixo a cabeça e fecho os olhos.

Não posso vê-la correndo...

Não posso vê-la correndo e me deixando para trás.

Não posso ver Elena simplesmente me deixando como se... Como se não...

Como se não me amasse.

Meu coração se parte mais uma vez... E continua se partindo até não restar nada.



— Você precisa sair desse quarto, Adam! Pelo amor de Deus! — Cubro os olhos com os braços tentando ofuscar a luz brilhante e quente que atravessa as janelas.

— Saia daqui, Ellen!

— Não! — Sinto o edredom sendo arrancado com força de cima do meu corpo e, mesmo sabendo que deve estar pelo menos uns 35 graus lá fora, preciso me encolher na cama. Eu só sinto frio. — Você vai sair desse quarto hoje, nem que eu tenha que te arrastar escada abaixo.

A voz dela me irrita e causa uma dor aguda bem no centro da minha cabeça.

— Saia daqui! — Repito com os dentes cerrados, desejando não ter que levantar e colocá-

la para fora do meu quarto.

— Eu não vou sair!

Arremesso um travesseiro nela, que não hesita em arremessá-lo de volta. Uso toda a minha força para acertá-la mais uma vez, mas ela se esquivava.

— Se você quer ficar jogando travesseiros em mim o dia todo, fique à vontade. Eu não vou sair daqui.

— Mas que merda, Ellen! — Vocifero sentando-me na cama e encarando seu rosto. Ela parece estar calma demais e isso não condiz com seu comportamento. Ellen é exageradamente estressada. Desde criança.

Ela caminha a passos lentos até estar de frente para mim, ajoelha-se e apoia as duas mãos em meus joelhos.

— Eu quero o meu irmão de volta.

Fico em pé rapidamente e ela perde o equilíbrio. Tento controlar a dor que toma conta de cada parte do meu corpo todos os dias. Ela vem em ondas. Primeiro, traz a tristeza junto com ela e faz com que lágrimas caiam dos meus olhos, mesmo quando eu luto em vão, tentando impedi-las de cair. Depois, ela faz o sangue circular com mais rapidez nas minhas veias. Preciso me agarrar a qualquer coisa para não quebrar nada dentro do quarto. Ou a mim mesmo. Por último, ela me derrota, exausto. Elena havia feito um belo estrago por aqui.

Apoio as mãos sobre a velha escrivaninha e encontro aquele maldito porta-retratos sorrindo para mim. Ela está linda vestindo a beca vermelha na sua formatura da faculdade. Agarro-o com força e o atiro contra a parede de modo que milhares de pedacinhos de vidro se espalham pelo chão.

— Ela foi embora.

Olho na direção de Ellen e a encontro sentada com as pernas cruzadas sobre a cama, as costas apoiadas na parede azul. Preciso de um momento para processar o que ela acabou de dizer.

— O que você disse?

Ela aponta para a foto no chão, sem tirar os olhos dos meus.

— Elena embarcou para a Europa hoje.

— Você está mentindo — Retruco angustiado. Ela nega com um discreto gesto de cabeça.

Então ela foi embora mesmo?

Sinto-me um idiota por ainda estar trancado dentro desse quarto esperando há dias e... Há quantos dias eu estou aqui esperando que ela volte para mim? Há quanto tempo estou esperando que ela se arrependa?

Ela foi embora...

Ela foi embora...

Ela embarcou para a Europa hoje...

O que eu estou fazendo afinal de contas?

Sinto dificuldade para respirar e tenho a nítida impressão de que o quarto está girando.

Preciso me sentar na minha velha cadeira de couro marrom e apoiar a cabeça entre as mãos.

A imagem dela correndo pelo corredor da igreja não me deixa.

Sempre que eu fecho os olhos, vejo seus olhos verdes angustiados, quase implorando por um pedido de desculpas e então... Ela corre, deixando-me para trás.

— Adam...

— Eu quero ficar sozinho, Ellen. Por favor.

— Você precisa ir embora daqui também! Você precisa...

— SAIA. JÁ. DAQUI!

Grito e a ouço suspirar antes de sair batendo a porta com tanta força que sinto as paredes do quarto tremendo. Ou será que quem está tremendo sou eu?

Sento-me no chão do quarto, encolho as pernas e deito a cabeça sobre meus joelhos.

Deixo que a dor e a tristeza invadam meu peito outra vez.

É só isso que me resta.

A dor...

“Quando eu olho dentro de seus olhos
O céu é de um azul diferente’
(Bon Jovi - Thank you for loving me / 2000)

NOVA YORK, AGOSTO DE 2015

Sophie

Será que eu estou tendo algum tipo de crise de hipoglicemia ou algo parecido?

Passo a mão pelo meu cabelo e me arrependo no segundo seguinte. Ela está tão úmida e pegajosa que isso com certeza arruína minha franja. Ajeito a camisa de seda que parece estar mais colada ao meu corpo do que de costume, troco a bolsa do ombro direito para o ombro esquerdo, puxo a saia para baixo e volto a bolsa para o ombro direito.

Por que estou tão inquieta desde que saí da cama?

Para falar a verdade, minha noite foi horrível. Não consegui dormir antes das cinco da manhã. Talvez esse seja o motivo de todo esse mal-estar. Eu estou com sono e odeio sentir sono. Odeio não conseguir dormir. E odeio ainda mais não saber o motivo da minha insônia.

É como se alguma coisa estivesse fora do lugar.

É como se alguma coisa dentro de mim estivesse fora do lugar.

O calor na rua está insuportável. O sol brilha com tanta força que preciso olhar as horas no meu celular pela vigésima vez. Ainda são nove horas da manhã e ele brilha como se já fosse meio dia. E também tem o fato de que eu estou na calçada em frente à *Giggle* há mais de dez minutos esperando que o *concierge* extremamente feliz consiga um táxi para mim.

Maldita hora que mandei meu carro para a revisão!

Olho para o celular mais uma vez. Talvez eu só esteja aqui há dois minutos.

Quando finalmente entro no táxi sinto que vou desmaiar. Será que foi porque passei tempo demais naquele sol escaldante e agora estou no aconchego do ar condicionado? Meu coração está tão acelerado que tenho a impressão de que ele vai explodir a qualquer momento.

Será que essa é a sensação de estar tendo um ataque cardíaco?

Será que eu estou tendo um ataque cardíaco?

Minúsculas gotas de suor se formam na minha testa, bem próximas ao meu cabelo. Pego um pequeno espelho dentro da minha bolsa e levo um susto com meu reflexo. Minha franja está completamente destruída. Passo os dedos pelos fios, tentando colocá-los no lugar, mas parece que nada está no lugar hoje. Puxo o ar com tanta força que o ruído faz o motorista me encarar pelo retrovisor.

Quando ele estaciona em frente ao hospital, praticamente joga o dinheiro para ele. Pego todas as sacolas que trouxe da *Giggle* e salto para fora do carro. Por um momento, esqueço o

que estou fazendo aqui e penso seriamente em procurar por atendimento médico.

É só o calor, Sophie! Acalme-se!

Passo pelas portas de vidro e avanço por esses corredores impecavelmente limpos e com cheiro de éter. Nunca vou me acostumar com isso. Mesmo tendo passado quase a infância toda agarrada à barra do jaleco da minha mãe e da minha tia, nunca me acostumei com esse ambiente estéril e branco. Falta cor nesse lugar. É por isso que sou estilista e não médica. Na verdade, sou estilista porque desmaio quando vejo sangue e sangue é o que um médico mais vê, certo? Eu não seria capaz de salvar ninguém.

Ainda acho que mamãe sente uma pontada de tristeza por nenhum de seus filhos terem seguido os seus passos. Owen, meu irmão mais velho, e Daniel, o irmão do meio, são formados em Administração de empresas e Direito. Ambos trabalham com comércio exterior na Marshall & Co, empresa que meu pai e meu tio Carl fundaram mais de trinta anos atrás.

Entro correndo no elevador e à medida que ele avança andares acima, sinto que ondas de calor tomam conta do meu corpo.

Mas que droga é essa?

Olho para o espelho atrás de mim e puxo o ar profundamente. Meu rosto está bem corado o que não é exatamente a cor de alguém que está morrendo.

Mas então o que está acontecendo?

Será que eu estou com febre?

Quando as portas se abrem no meu andar, preciso avançar por algumas pessoas que não saem do meu caminho e acabo pisando em alguns pés ao fazer isso.

Inspiro mais uma vez em frente à porta do quarto, tentando me recompor.

E se for alguma coisa contagiosa?

Pare com isso, Sophie! É só o calor!

Então, quando abro a porta, compreendo o porquê de toda essa confusão.

Ele está dentro do quarto.

Ele!

Mesmo que eu não o tenha visto desde aquela tarde no restaurante japonês, quando Elena ainda estava grávida, quase seis meses atrás por menos de cinco minutos. Mesmo que eu não tenha pensado nele durante todo esse tempo, lembro-me perfeitamente desses olhos azuis. Também me lembro do choque sutil que senti quando a sua mão tocou a minha naquele dia e agora, basta olhá-lo para que uma pequena chama se acenda dentro do meu peito e se propague por todo o meu corpo. Basta olhá-lo para que o céu fique ainda mais azul. Centenas de borboletas estão voando dentro da minha barriga e a sensação de que vou desmaiar a qualquer momento volta com força.

— Olá! — Tenho a nítida impressão de que estou sorrindo demais, mas não consigo me controlar. Não tenho nem controle sobre a minha própria voz que está aguda e estrangulada. — Adam! Prazer ver você outra vez — E até agora eu não tinha a mínima ideia do quanto isso é verdade.

— Sophie, certo?

— Certo. Fico surpresa por você se lembrar.

— Por que eu esqueceria? — Diz no mesmo instante em que sua mão direita toca a minha cintura e ele se aproxima quase em câmera lenta. Ou pelo menos, é essa a impressão que eu tenho. O toque de sua mão é tão leve e, ao mesmo tempo, tão intenso e familiar que preciso prender o ar. Sinto meu rosto queimar quando seus lábios tocam meu rosto e *Deus do céu!*, seus lábios são tão macios. O beijo é rápido, mas leva tempo suficiente para fazer as minhas pernas bambearem. Preciso fechar os olhos por um instante e quando torno a abri-los, encontro-o me fitando com tanta intensidade que tenho a sensação de que ele também está feliz em me ver outra vez.

Espere! Eu estou feliz?

O toque estridente de um celular me traz de volta a realidade. Rapidamente, viro-me para o berço onde Matt está dormindo. *Matt!* O motivo que me trouxe até esse hospital hoje. O meu primeiro sobrinho e, com certeza, a criança mais linda desse mundo. Ele não foi programado. Daniel e Elena — a garota que ele conheceu na Europa no ano passado — acabam de se tornarem pais.

— Eu trouxe algumas roupinhas para você, Matt! — Digo tentando controlar as ondas de calor que teimam em dominar o meu corpo.

— Sophie — Olho para Elena um pouco constrangida, achando que talvez ela tenha percebido alguma coisa. Será que ela percebeu o tremor em minhas mãos? Será que ainda estou suando? Passo a mão na testa outra vez. Não estou suando, mas estou gelada.

De canto de olho, vejo que Daniel olha para Adam com as sobrancelhas ligeiramente franzidas. E eu o conheço bem o suficiente para saber o quanto ele está tentando se controlar. Basta olhar para a veia saltada na sua testa. Por que ele está tão nervoso? Será que a presença de Adam o incomoda tanto assim? Por quê?

— Se eu trocar a roupa de Matt cinquenta vezes por dia, durante um ano inteiro, ainda não terei usado todas as roupas que você comprou para ele em apenas vinte e quatro horas — Continua Elena.

— Não me venha com essa agora, Elena! Eu passei nove meses inteiros tendo que me conter por causa dessa ideia absurda de não saber o sexo.

— Mas foi ele que não deixou! — Mas como ela ousa colocar a culpa nesse bebê fofo?

— Vocês acham que eu acreditei nisso? — Encaro Elena e Daniel com a mão na cintura. — Mamãe me contou que vocês não queriam saber o sexo! Eu vou comprar a cidade inteira para ele e não tentem me impedir!

Daniel e Elena começam a rir e, de soslaio, vejo Adam fazer o mesmo. E não posso deixar de notar o quanto o seu sorriso é lindo. Ainda que eu não o olhe diretamente, sinto seus olhos fixos em mim e isso causa uma estranha e deliciosa sensação dentro do meu estômago.

Será que ainda são as borboletas?

— Eu preciso ir até o Galpão resolver algumas coisas — Estou tão entretida com os olhos azuis de Adam e seu sorriso que... Com Matt! Eu estou entretida com Matt e não com Adam,

que nem noto que Jessica está dentro do quarto.

Jessica, ou Jess, como nós a chamamos, é a melhor amiga de Elena desde quando eram crianças. As duas cresceram em Beaufort, mas moram em Nova York desde que Elena resolveu montar ‘O Galpão’. Jessica dá aulas de culinária e toma conta do bistrô enquanto Elena dá aulas de fotografia e gerencia tudo.

— Tudo certo por lá? — Pergunta Elena.

— Nada que eu não possa resolver — Jess aproxima-se de Elena e a beija no rosto. Em seguida, faz o mesmo com meu irmão. — Eu volto mais tarde com Richard — Richard é meu primo e ele morava no Canadá até o início desse ano. Desde que conheceu Jess e se apaixonou perdidamente. — E melhore essa cara, Daniel! — Disse provocando-o como sempre faz. Fecho os olhos esperando que ele exploda com ela, porém, ele está controlado demais. Será que ele vai explodir com Elena mais tarde? Ou com Adam? Será que eu devo avisá-lo? Balanço a cabeça e me viro para o outro lado. O lado em que Adam está parado com as mãos nos bolsos da calça.

Não consigo desviar a atenção dele, especialmente de seu bíceps e do seu rosto perfeito.

Acho que nunca vi um rosto tão perfeito quanto esse.

Pelo amor de Deus, Sophie! Respire!

Inspire.

Expire.

Inspire

Expire.

Inspi...

Droga!

Será que o ar do quarto acabou?

Desvio os olhos buscando um pouco de ar e encontro Daniel me encarando. Será que ele me viu olhando para Adam?

— Nós vamos para casa no final da tarde — Elena responde depois de um longo período em silêncio. Ou será que não foi tão longo assim? Definitivamente, o dia de hoje está fora de controle.

— Então vamos até lá — E virando-se para Adam emenda: — Você quer ir até o Galpão agora? As chaves estão lá.

— Vou, sim. Eu estou exausto.

— Então vamos!

— Encontro você lá fora em um minuto.

— Eu vou descer com vocês — Falo antes que tenha tempo de pensar. Eu acabei de chegar. Por que quero ir embora? — Só vim trazer as roupas novas do meu afilhado — Disfarço acariciando os cabelos negros de Matt e, sem me despedir de ninguém, sigo Jess. Elena e Daniel com certeza vão pensar que eu estou louca. E eles não estarão errados.

— Seu afilhado? — Jess pergunta antes mesmo de chegarmos à porta.

— Sim! — Respondo com toda a convicção do mundo. É claro que ele é meu afilhado!

— Ele é meu afilhado, Sophie!

— É claro que não!

— Claro que... Quer saber? — Ela levanta as duas mãos no ar. — Eu não vou mais discutir isso com você!

— Eu acho bom porque ele é o meu sobrinho e eu serei a madrinha dele. Ponto final!

— Você não sabe o que está falando, Sophie!

— É claro que eu sei!

— Vocês ainda estão discutindo isso?

Pergunta Adam entrando no elevador logo depois de nós.

E aquela estranha e doce sensação percorre o meu corpo mais uma vez. Ao mesmo tempo em que um calor sobe pela minha face e um calafrio desce pela minha coluna. Levo a mão ao pescoço tentando esconder aquele rubor que, com certeza, já começa a aparecer na minha pele.

— Eu posso ir até o galpão com você, Jess? — Pergunto tentando esconder a ansiedade por detrás da minha voz. — Meu carro está na revisão.

— Claro, desde que você não comece com aquele papo de Matt ser seu afilhado outra vez.

— Mas...

— Se você quiser ficar esperando um táxi no sol, tudo bem — Ela dá de ombros olhando para o espelho à nossa frente.

E é também pelo espelho que vejo Adam aproximar a boca da minha orelha:

— Discutir com Jess não vale a pena — Encolho o ombro quase que involuntariamente. Seu hálito quente faz cócegas na minha pele. Nossos olhares se encontram pelo espelho e o sorriso torto que ele lança para mim me faz perder o ar, o chão e talvez a capacidade de raciocinar.

— Eu ouvi, *quarterback*!

Ele sorri outra vez e se afasta.

— Alguém quer comer alguma coisa? Estou faminto.

— Se você dissesse que estava sem fome, eu chamaria um médico — Jess fala com um sorriso brincalhão no rosto. — Eu preparo um café da manhã para você no Galpão.

— *Waffles*?

— *Waffles* — Responde Jess virando os olhos, ainda sorrindo.

— Você gosta de *waffles*, Sophie?

Pergunta Adam, olhando-me através do espelho.

— Adoro — E eu nem gosto tanto assim...



— Oi, amor — Richard chega ao estacionamento no mesmo tempo em que nós e enlaça Jess nos seus braços. Adam olha para os dois com a testa franzida e um sorriso brincalhão no rosto. Parece estar se divertindo. Percebo que estou rindo também, porém, não é para o feliz

casal à minha frente que estou olhando, é para ele. E quando nossos olhos se encontram, quando ele me olha com esses olhos tão... *Deus!* Os olhos dele são tão azuis e tão profundos e...

Quando ele me olha sinto minha barriga congelar.

Sinto meu corpo esquentar.

Sinto que vou derreter.

— Adam — As risadas de Jess interrompem nosso momento. *Espera!* Que momento? Desvio meus olhos dos dele rapidamente. — Adam! Esse é o amor da minha vida.

— Prazer, amor da minha vida — Adam estende a mão para Richard e ambos começam a rir. Jess revira os olhos, envolve o pescoço de Richard com seus braços e dá um beijo estalado em seu rosto.

— Esse é o Richard e nós vamos nos casar.

— Casar? — Pergunta Adam ainda rindo.

— Sim, casar! Entrar na igreja vestida de branco, colocar uma aliança na mão esquerda e...

— Pensei que você se casaria na praia — Digo interrompendo seus devaneios, caso contrário ela vai falar por duas horas seguidas. Já ouvi sobre esse casamento umas mil vezes desde que eles ficaram noivos em Paris durante o casamento de Daniel e Elena. E em todas essas vezes ela já imaginou milhares de casamentos diferentes. Há momentos em que eu penso que Richard se arrependeu de ter feito o pedido, mas então ele olha para ela e... *Nossa!* Queria que alguém olhasse para mim desse jeito.

— Ela ia... — Começa Richard. — Mas ontem chegou à conclusão de que quer se casar em uma igreja, de preferência em Londres. Amanhã quem sabe? — Ele dá de ombros e olha para ela e, antes que ela diga qualquer coisa, ele continua. — Você sabe que eu me caso você nesse estacionamento, não sabe?

Ela assente com os olhos brilhantes. Adam vira o rosto na minha direção e aperta os lábios para não sorrir.

— Eu vim tomar café da manhã com você.

— Então você chegou na hora certa. Vou preparar *waffles* para esses dois — Ela aponta para nós.

Richard e Adam conversam sobre futebol durante todo o café da manhã. Os dois são fanáticos pelos *Jets*. E vai entender o motivo, uma vez que Richard morou no Canadá mais da metade da sua vida e Adam mora em Beaufort. Quer dizer, existem times na Carolina do Norte, certo? E futebol americano é coisa de americano e não de Canadense. Ou no Canadá também se joga esse tipo de futebol? Eu nem imagino.

— Jess — Adam começa depois de engolir o oitavo *waffle* com calda e manteiga. Como ele consegue comer tanto? — Seu *waffle* ainda é o melhor.

— Obrigada — Ela faz uma pequena reverência girando a mão no ar. — Eu vou pegar a chave da casa de Elena para você na sala dela. Só um minuto. — Ela tira o avental pela cabeça, joga sobre a pia e vai em direção à escada.

— Então... — Começo meio sem jeito, brincando com as framboesas no meu prato. — Você vai ficar na casa da Elena no *Brooklyn*?

— Por enquanto, sim.

— E por que você vai ficar lá? — *E por que você não fica quieta só um pouquinho?*

Ele se vira para mim, apoiando o cotovelo sobre o balcão e a única coisa em que consigo pensar é: Que boca perfeita!

— A minha intenção era ficar em um hotel barato, mas preciso concordar com Elena quando ela diz que é bom economizar na hospedagem.

— Ela disse? — *Apenas pare de fazer perguntas, Sophie! Pare!*

Mas a minha cabeça não para. Estou prestes a perguntar o que ele vai fazer enquanto estiver por aqui quando Jessica volta para junto de nós.

— Você deveria se mudar para cá de uma vez — Fala Jess e Adam apenas sorri de canto de boca. — Você e Elena já superaram o passado e... — *Passado? Será que ele e Elena...? Será?*

— Você não acha, Sophie?

— O quê? — Olho para ela com os olhos arregalados quando percebo que não ouvi nada do que ela havia dito após ‘superaram o passado’.

— Você está estranha hoje.

— Eu?

— Hum-hum — Murmura enquanto faz que sim com a cabeça. — Deixa pra lá — Seus olhos se voltam para Adam outra vez. — Por que você não dá um tempo nessas viagens? Nova York é incrível. Eu já te disse isso.

Ele se espreguiça e, depois de bocejar graciosamente... Eu disse bocejar graciosamente? Jess deve ter razão. Eu estou muito estranha hoje.

Tudo está estranho hoje.

— Eu estou viajando há alguns meses — A voz dele me traz de volta para a realidade. — Acho que vai ser bom ficar quieto em algum lugar por enquanto.

Seus olhos parecem estar sorrindo para mim e começo a pensar se algum tornado está acontecendo em alguma parte do mundo, porque agora, tenho certeza de que não há apenas uma borboleta batendo as asas por aqui. Há milhares delas e elas estão dentro da minha barriga.

— Nova York não é bem um lugar para você ficar quieto — Diz Richard e ele concorda, ainda olhando para mim, mas logo desvia os olhos e sinto uma estranha sensação de vazio.

— Talvez eu me tranque dentro de casa e passe um mês dormindo.

— Passar um mês dormindo? Você está louco? — Jess coloca um pequeno molho de chaves na frente de Adam. — Nem sei por que estou surpresa com isso — Ela revira os olhos e quando percebe que nós três estamos encarando-a, continua: — Ele é louco. Completamente louco. Com certeza faria isso.

— E você é a melhor amiga que alguém poderia ter — Adam pega as chaves, fica em pé e toca o nariz de Jess com a ponta do indicador rapidamente. — Bom, o café da manhã estava

ótimo, Jess, obrigado — Ele a beija no rosto e depois se vira para mim. — Foi um prazer te ver outra vez, Sophie — E quando seus lábios tocam a pele do meu rosto, sinto um leve descompasso nas batidas do meu coração.

— Se você não dormir por um mês inteiro, talvez possamos nos ver outra vez — Aperto os lábios e me chuto internamente por não conseguir manter a boca fechada.

Eu não acredito que acabei de dizer isso em voz alta!

Não acredito!

— Quem sabe? — Ele me lança uma piscadela, pega a enorme mochila que está jogada no chão ao seu lado e estende a mão para Richard que não repete o gesto. Fica em pé e dá um tapinha em seu ombro.

— Eu vou visitar um cliente no *Brooklyn* e deixo você lá.

Adam assente.

Richard beija Jess.

Jess sorri para Richard.

Richard acena para mim.

Adam me lança um sorriso.

Os dois vão embora.

Eu volto a respirar.

— Sophie! Ei!

Jess estala os dedos na frente dos meus olhos.

— O que foi?

— Ele é bonito, né? — Ela está com o queixo apoiado nas mãos.

— Quem? Richard?

— *Não!* É! É claro que ele é lindo — Nós duas começamos a rir. — Mas eu estava falando do Adam.

— Adam? — Pergunto tentando parecer o mais natural possível e dou de ombros. — Nem reparei.

A gargalhada dela faz algumas pessoas que estão chegando para alguma aula olharem para nós.

— Seus olhos estão brilhando e seu rosto está bem ruborizado para alguém que não está nem reparando — Ela continua rindo enquanto tenta imitar a minha voz. — Ele era completamente louco por Elena.

— Sério? — Fico mais ereta na cadeira.

— Eles foram namorados, noivos e quase se casaram.

— C-casaram? Adam e Elena? — De repente, começo a sentir um aperto estranho no peito.

— Quase... — Ela coloca o avental outra vez e fala comigo enquanto prende o cabelo em um coque no alto da cabeça. — Elena teve uma crise existencial no dia do casamento e fugiu.

— Eu sempre achei que vocês tivessem inventado essa história — *Ela realmente fez isso?*

E o noivo erao Adam?

— Nós não temos a imaginação tão fértil — Ela revira os olhos. — Ela fugiu do casamento e depois praticamente fugiu pelo mundo. O que foi ótimo porque ela conheceu o seu irmão e, consequentemente eu conheci o Richard — Ela sorri largamente e pisca algumas vezes.

— E ele?

— Ele quem?

— Adam, Jess! Quem mais poderia ser?

— Ele ficou arrasado — Ela senta em um banco de frente para mim e se apoia nos cotovelos. — Depois que Elena foi embora de Beaufort eu achei que ele fosse morrer. Acho que nunca vi um homem sofrer tanto. Ele a amava muito — Sua voz fica um pouco mais baixa e ela inclina o corpo na minha direção. — Para falar a verdade, acho que ele ainda a ama. Por mais que Adam tente disfarçar, tenho certeza de que ele sempre vai ser louco por ela.

Acho que alguma coisa para na minha garganta.

O aperto no peito fica mais forte.

— Você acha? — Minha voz está estranha. Baixa, estrangulada e... Estranha. O que está acontecendo comigo? Por que saber disso está mexendo tanto comigo?

— Eu tenho certeza — Pela primeira vez, desde que conheci Jessica, compreendo o que Daniel sempre diz sobre odiar as coisas que ela fala.

Odeio que ela tenha certeza!

Odeio saber que ela conhece Adam tão bem a ponto de saber o que ele sente.

Odeio saber isso e odeio não saber o que estou sentindo!

Odeio...

— Eu preciso ir embora — Fico em pé, giro em volta do meu próprio corpo procurando a minha bolsa — que por algum motivo já está pendurada em meu ombro — e saio sem me despedir.

Eu não deveria ter saído de casa hoje.

Mas seu eu não tivesse saído não teria encontrado Adam.

Puxo o ar com força quando chego à calçada. Aceno para um táxi que não para. Nem o segundo... Quando o quinto táxi me deixa plantada na calçada resolvo ir para a loja caminhando. Tenho certeza que depois de desenhar uns dois ou três vestidos de noiva tudo vai voltar ao normal.

Ou não...

Por que eu acho que Adam vai ser uma agradável e enorme confusão na minha vida?

*“E agora, sem o menor aviso, você entra pela minha porta
Por toda a minha vida
Onde você andou
Fico pensando se vou te ver de novo”
(Lenny Kravitz - Again/2000)*

Adam

— Sophie?

Não consigo conter a minha surpresa quando abro a porta e dou de cara com Sophie. Na verdade, ela está de costas para mim. Parece apressada descendo as escadas quase nas pontas dos pés como se estivesse fugindo.

Ela realmente bateu à minha porta e agora está indo embora?

— Oi — Diz timidamente quando se vira. Há uma pequena ruga no canto do seu olho esquerdo e seu sorriso é um pouco vacilante, como se tivesse sido pega em flagrante. — Eu não sei o que estou fazendo aqui... — Começa subindo as escadas lentamente. — Mas eu estava aqui perto e... — Ela aponta para trás com o polegar. — Estava precisando de brigadeiros e os melhores ficam bem perto daqui... — Ela faz um círculo com o indicador no ar. — Eu já disse que era perto, não é?

— Disse — Cruzo os braços no peito e encosto no batente da porta. Sophie levanta um pequeno saco pardo que segura em uma das mãos.

— Tem pelo menos uma dúzia de brigadeiros aqui dentro.

— O que é um brigadeiro? — Pergunto curioso, mas ao mesmo tempo, tenho a impressão de que estou apenas querendo estender o assunto. Por algum motivo não quero que ela vá embora. Não depois de ter passado dois dias inteiros pensando em seus olhos castanhos e na sua boca perfeita.

— Brigadeiro é um doce brasileiro. São pequenos pedaços de paraíso feitos de chocolate. Você tem que provar!

— Nesse caso, você deveria entrar e jantar comigo. Podemos comer esses brigadeiros de sobremesa — Seus olhos ganham um brilho diferente e um leve rubor começa a surgir em seu pescoço. Engulo em seco quando percebo o quanto isso mexe comigo. — Eu estou preparando macarrão com queijo e... — Digo rapidamente já tentando convencê-la a ficar, mas ela me interrompe e meu coração dá um salto dentro do peito.

Maldito coração idiota!

— Eu adoro macarrão com queijo! — Dou um passo para o lado e ela entra rapidamente. — Posso te ajudar?

— Bom, eu apenas descongelei, não precisa...

Ela não espera que eu termine a frase. Vai para a cozinha, pega os pratos e os talheres dentro dos armários e retira o macarrão do micro-ondas.

— Você não vem? — Grita quando percebe que eu estou parado feito uma estátua ao lado da porta. Devo estar com cara de idiota. Vou até ela devagar e quando chego ao meio da sala, noto que estou vestindo apenas uma bermuda velha. Pego uma camiseta amarrotada que está jogada sobre o sofá, vestindo-a no caminho para a cozinha. Noto os olhos de Sophie cravados em mim, e não é no meu rosto. — Posso te servir?

— Por favor — Aponto para o macarrão sobre a mesa e puxo uma cadeira.

Ela coloca uma porção generosa em cada prato e se senta de frente para mim. Coloca uma garfada na boca e ainda com a boca cheia, pergunta:

— Você tem vinho? — Abro a boca para responder, mas ela já está em pé observando o que tenho dentro da geladeira. — Eu prefiro vinho, de preferência os franceses. Se bem que ultimamente eu só tenho tomado os italianos... — Ela me lança uma piscadela e sinto algum tipo de contração na boca do estômago, algo que eu não sinto há muito tempo. Para falar a verdade, não me lembro de ter sentido isso em algum momento da minha vida. — Mas acho que essas cervejas servem por ora. — Sophie pega minhas duas últimas garrafas de *Bud* e, depois de abri-las com a ajuda de um guardanapo de pano, entrega uma para mim e brindamos enquanto ela se senta outra vez. — Ao macarrão — Diz sorrindo e noto uma pequena covinha do lado direito do seu rosto.

Uma linda covinha.

Ficamos em silêncio enquanto comemos e o macarrão me parece ainda mais apetitoso. Dou um longo gole na minha cerveja e observo a maneira obstinada com que Sophie devora seu macarrão.

— Quando eu era criança só queria comer macarrão com queijo. Susanne, a nossa babá, ficava louca. Ela dizia que se eu continuasse a comer macarrão com queijo todos os dias acabaria ficando amarela — Um sorriso estampa seu rosto. — E eu acreditei nela. Passei anos sem comer, mesmo quando eu já sabia que eu não ficaria amarela coisa nenhuma.

— Sério? — Levanto as duas sobrancelhas para ela, que assente. — Posso te fazer uma pergunta?

— Pode — Sua boca está cheia de macarrão outra vez e não consigo conter uma risada. Ela faz um sinal no ar com o garfo para que eu espere enquanto ela termina de mastigar.

— O que você realmente está fazendo aqui? — Ela abre a boca para responder, mas a fecha no segundo seguinte. Uma ruga se forma entre as suas sobrancelhas. — Quer dizer, eu conheci você há dois dias — *e não paro de pensar em você* — e nós não conversamos por mais de cinco minutos, então eu... — Bebo um gole da minha cerveja e ela faz o mesmo. — Eu só achei estranho você bater à minha porta.

— Eu também — Um pequeno sorriso surge no canto dos seus lábios e, como um imã, não consigo desviar os olhos. — Mas como eu estava passando por aqui, resolvi ver se você já tinha acordado.

— O quê? — Pergunto meio confuso e meio achando graça.

— Você disse que ia dormir por um mês.

— Ah! Isso — Solto uma risada quando me lembro do que eu disse quando deixei o Galpão. — Parece que eu acordei antes.

— Que bom — Ela ameaça sorrir, mas para quando percebe o que acabou de dizer.

— Que bom — Repito suas palavras e me impressiono com a sinceridade com que elas saem da minha boca. Como a minha última garfada de macarrão e aponto para a travessa à nossa frente. — Você vai comer mais?

Ela nega.

Coloco o restante no meu prato e volto a comer. Depois de alguns minutos em silêncio Sophie começa a falar e *meu Deus!* Ela fala muito.

E eu adoro a sua voz.

— Para falar a verdade, eu estou muito brava com o meu irmão e com a sua amiga Elena — Ela bem que tenta, mas não consegue conter uma careta quando fala o nome de Elena. Sua testa se contrai e ela empurra seu prato vazio para o lado, cruzando os braços na frente do corpo. — Sem contar a sua outra amiga!

— Jess? — Ela concorda arqueando as sobrancelhas e noto que seu pescoço está levemente ruborizado. O lóbulo da orelha também. Será que esse é um dos indícios de seu nervosismo? Percebo que não consigo tirar os olhos dela. A maneira como ela fica brava deixa-a ainda mais encantadora. — O que aconteceu?

— Elena me disse que Jess será a madrinha de Matt! Eu sou a tia dele, Adam! Eu! Eu tenho o direito de ser a madrinha dele, não tenho? — Não tenho tempo de responder. — E Daniel concordou com ela! Eu adoro a Jess, de verdade, mas não concordo com essa escolha. Não acho justo que Daniel e Elena tenham convidado Jess para ser a madrinha do meu sobrinho.

— Sophie...

— Eu nunca mais vou falar com eles!

— Você precisa entender que...

— É o meu primeiro sobrinho! Daniel não poderia ter feito isso comigo. Ele não tinha esse... — Em algum momento do seu desabafo eu paro de ouvir o que ela diz. Só consigo ouvir o som melodioso de sua voz, mesmo estando tão irritada. Eu não consigo desviar os olhos da sua boca, principalmente do lábio inferior que é um pouco maior que o superior e desesperadamente *beijável* — *será que essa palavra existe?* — e convidativo. Sinto um calafrio percorrendo minha coluna e tenho a nítida impressão de que Sophie será um problema para mim. Um problema agradável, mas ainda assim, não é algo com o qual eu queira lidar agora. Mas ela é... — Você não acha que eu tenho razão?

— O quê? — Desvio os olhos do seu pescoço ruborizado e encontro seu olhar fixo em mim.

— Você não ouviu nada do que eu falei, não foi?

— Não... — Pigarreio, tentando me lembrar de alguma coisa que ela havia dito depois de... *Droga!* Sobre o que ela estava falando mesmo? FRANZO o cenho e pigarreio outra vez, não

porque preciso limpar a garganta, mas por que eu não tenho a mínima ideia do que dizer. — Desculpe, Sophie, eu não consegui acompanhar o que você disse.

Somente depois de dizer isso em voz alta, percebo que não sou da maneira como eu queria. Abro a boca para me desculpar, mas a fecho quando ela balança a cabeça, e um leve sorriso desponta em seus lábios.

— Às vezes, eu falo demais mesmo. Meus irmãos sempre dizem que, quando eu começo a falar assim, ficam esperando que eu morra por falta de ar ou algo do tipo — Seu sorriso fica mais amplo e me pego sorrindo junto com ela. — Enfim, eu estava falando sobre Jess ser a madrinha de Matt.

— Isso — Aponto para ela e apoio os cotovelos na mesa. — Você não deveria brigar com...

— Você não acha que eu tenho razão? Vai me dizer também que acha que elas estão certas e... — Ela para de falar abruptamente. — Desculpe, pode falar.

— Sophie, tem uma coisa que você precisa aprender sobre Elena e Jess. Uma é a extensão da outra e isso não vai mudar. Nunca. Foi assim desde sempre. Há quem diga que elas são almas gêmeas. Elas se entendem com apenas um olhar e uma sempre sabe o que a outra está pensando ou sentindo — Ela está com o queixo apoiado em uma das mãos, olhando para mim atentamente. — Uma vez, Jess viajou para a Espanha com o pai e Elena quebrou o braço depois de rolar escada abaixo. Antes de chegarmos ao hospital Jess já estava ao telefone com ela.

— Sério?

Aquiesço.

— Eu ainda me pergunto como isso é possível, mas é assim que as coisas acontecem com elas. Tenho certeza de que seu irmão não teve nenhuma chance nessa discussão. Acredite em mim, eu sei muito bem o que estou falando.

Ela expira pesadamente.

— Você as conhece há muito tempo? — Seus olhos castanhos brilham na minha direção enquanto seus dedos brincam com o rótulo da cerveja. Parece estar mais calma e aquele rubor começa a se dissipar.

— Há pelo menos dez anos.

Ela balança a cabeça e fecha os olhos por alguns segundos.

— Estou me sentindo ridícula agora — Sua voz está baixa, quase inaudível.

— Por quê?

— Por quê? — Repete lançando-me um pequeno sorriso. — Eu praticamente invadi a sua casa, quer dizer, a casa de Elena... Ou sua já que você está aqui agora — Ela abana as duas mãos no ar. — Você deve estar me achando uma louca.

— Mais o menos isso.

Levo um soco de leve no ombro por causa do meu comentário.

— Eu convidei você para jantar então teoricamente você não invadiu lugar nenhum.

— É verdade.

— Mas não fique convencida. Eu só queria provar os brigadeiros.

Provoco-a e ela leva uma mão ao peito, fingindo estar magoada.

— Só para você saber... — Enquanto fala ela tira uma pequena caixa de dentro do saco de papel e a coloca sobre a mesa. — Eu só estou aqui porque a minha família inteira está visitando o casal feliz e meu sobrinho lindo. Eu não tinha com quem desabafar.

— Então eu sou a sua segunda opção? — Cruzo os braços na frente do corpo e semicerro os olhos. É a minha vez de fingir estar magoado.

— Na verdade, você é a terceira porque antes de bater à sua porta eu tentei falar com Phoebe, minha assistente, mas parece que ela desapareceu.

— Uau! Como você é sincera — Empurro meu prato para o lado, abro a caixinha e coloco um brigadeiro dentro da boca.

— Então?

— Isso é muito bom! — Respondo com a boca cheia e, sem pestanejar, coloco outro na boca. — Você comprou isso aqui no *Brooklyn*?

— Hum-hum — Ela está se divertindo com a minha falta de educação. Mas é comida. E é chocolate. E é muito bom. Não dá para ser educado nesse momento.

— Uma brasileira abriu uma loja há três quadras daqui.

— Três quadras? Você disse que era perto.

— E não é? — Ela coloca seu segundo brigadeiro na boca, apoia os cotovelos sobre a mesa. Seus olhos estão fixos nos meus e há certo divertimento em seu olhar. A estranheza em meu estômago não passa despercebida.

Sophie sorri e seu sorriso causa o mesmo impacto no meu corpo. Contudo, a sensação é mais forte, mais pungente, mais estranha. Há algo em seu sorriso que faz todos os músculos do meu corpo se contraírem. Mais uma vez, não consigo desviar a atenção de sua boca e ela parece ser tão macia, tão doce.

O que está acontecendo comigo?

— Então você é o ex-namorado de Elena? — Sua pergunta me desperta de algum tipo de transe.

— O quê?

— Você e Elena eram namorados, não eram?

Concordo com a testa levemente franzida.

— Jess me contou um pouco da sua história logo depois que você deixou o Galpão com Richard — Ela bate com as pontas dos dedos na beirada da mesa e sorri. Há algo de muito travesso nesse sorriso. — Isso explica porque meu irmão estava tão mal-humorado no hospital.

O som da sua risada...

Eu gosto do som da sua risada.

— Eu não sei por que ele se sente assim. Não existe mais nada entre Elena e eu, então... — Dou de ombros sem saber o que mais eu posso dizer.

— Eu acho que ele sempre vai se sentir assim. Você é o ex, também é o amigo bonitão e...

— Seu rosto parece estar entrando em combustão. Seus olhos se fecham com força e ela aperta tanto os lábios que eles viram apenas uma única linha branca. Eu tento me controlar, mas não resisto. Sorrindo, inclino meu corpo na sua direção e me sinto inebriado com o perfume e o calor que emana de sua pele.

— Então eu sou bonitão?

— *O quê?! Não!* — Seus olhos se arregalam. — Quer dizer, é! Ah! Mas que droga! Eu preciso ir embora!

Ela fica em pé rapidamente e segue a passos largos para a sala. Quando me viro na sua direção ela já está colocando a bolsa sobre o ombro.

— Você não precisa ir — *Não?!*

— Sim, eu preciso! Eu vou... — Ela me dá as costas, ameaça tocar a maçaneta, mas volta a me encarar.

— Você ainda gosta dela?

— De quem? — Pergunto confuso.

— De Elena?

— Por que você está me perguntando isso?

— Eu não sei — Ela dá de ombros. — Porque eu quero, talvez — Dá de ombros mais uma vez e fica me encarando, esperando por uma resposta e, por algum motivo desconhecido, eu estou ansioso para responder.

— Não desse jeito — Seus lábios se curvam para cima, discretamente e um brilho diferente passa pelos seus olhos. — Elena é apenas uma grande amiga.

Ela assente.

— Bom, eu preciso mesmo ir — Timidamente, caminha até mim, fica nas pontas dos pés, apoia as mãos nos meus ombros, uma de cada lado e beija meu rosto. Não é um beijo demorado, mas leva tempo suficiente para causar um choque eletrizante por todo o meu corpo. Eu já havia sentido isso antes com Elena, na primeira vez em que ela tocou a minha mão quando ainda éramos adolescentes. Ela foi a única mulher pela qual eu me apaixonei, porém, o que o toque de Sophie está me causando é infinitamente mais forte. Minha respiração acelera quando ela se afasta e olha dentro dos meus olhos. É como se ela já me conhecesse e tenho a leve impressão de que esses olhos nunca mais vão deixar os meus.

— O que você vai fazer amanhã? — Não estou conseguindo controlar essa ansiedade de vê-la novamente.

— Depende — Ela dá de ombros e um brilho divertido passa pelos seus olhos.

— Depende do quê?

— Do seu convite.

Não sei por que eu estou sorrindo desse jeito, mas tenho a impressão de que meu rosto se partirá ao meio a qualquer momento.

— Eu tenho ingressos para o jogo dos *Jets* e... — Coço a nuca rapidamente tentando entender porque estou tão nervoso perto dela. Passo a palma das mãos na camiseta quando

percebo que elas estão começando a suar.

Mas que porra é essa?

— Você não gosta de futebol, não é?

— Na verdade, eu não sei — Sua testa está franzida. — Se eu te disser que eu nunca assisti a um jogo de futebol você vai me achar um pouquinho mais louca? — Ela parece um pouco tímida, o que a faz ficar ainda mais interessante.

— Acho que sim — Respondo e ela sorri, cruzando os braços na frente do corpo.

— Saiba que eu posso ficar pior.

— Sério? — Ela assente. Dou um passo na sua direção. — Eu adoraria conhecer essa Sophie mais louca. — *Adoraria? Mesmo? Eu estou mesmo pensando nisso?*

— Bom — Seu rosto está ligeiramente corado. — Talvez ela vá ao jogo com você — Um calafrio percorre a minha coluna quando ela pisca para mim e me lança um sorriso bobo. — Ligue para mim amanhã.

— Tudo bem.

— Tudo bem.

Ela abre a porta e sai, mas no segundo seguinte a porta se abre novamente.

— Você não tem meu telefone — Sua risada invade minha cabeça outra vez.

— Não — Estou no mesmo lugar rindo junto com ela.

— Eu preciso de um... É... — Ela olha ao nosso redor procurando por alguma coisa. Pego meu celular que está jogado sobre o sofá e o estendo na sua direção. — O quê? — Uma leve ruga surge em sua testa.

— Para você anotar o número do seu telefone.

— Ah, é! Claro — Ainda rindo ela digita os números e entrega o seu celular para mim.

— Boa noite, Sophie.

— Boa noite, Adam.

E a maneira como ela pronuncia meu nome parece tão certo...

*“Você sabe exatamente o que dizer [...] Você sabe exatamente como fazer O meu coração bater mais rápido”
(Hailee Steinfeld - Starving/2015)*

Sophie

Acordo com a campainha do meu celular avisando a chegada de uma mensagem. Espreguiço-me demoradamente, aproveitando os raios de sol que atravessavam as cortinas brancas. Adoro esses domingos preguiçosos. Adoro ficar na cama sem fazer nada, apenas ouvindo música, lendo um livro ou rasurando vestidos de noiva. Curtindo a minha preguiça... Mas hoje, meu coração está agitado demais para fazer esse tipo de coisa.

Há uma ansiedade louca tomando conta do meu corpo cada vez que eu penso em Adam.

Adam... Adam... Adam...

Um sorriso bobo dança em meus lábios.

Rolo de lado, pego meu celular e sinto um frio na barriga antes mesmo de ver quem havia enviado a mensagem. Porque eu já sei quem é. Na verdade, meu coração já sabe quem é.

Por que ele está mexendo tanto assim comigo?

Bom dia, Sophie!

O jogo começa às 20:00, mas é melhor chegarmos cedo!

Adam

Balanço a cabeça, tentando ignorar essas borboletas alçando voo dentro do meu estômago enquanto digito a minha resposta.

Estarei aí às 16:00!

Mas então, eu tenho uma ideia quando vejo que ainda são apenas dez da manhã. Eu não vou aguentar esperar até quase o final do dia para vê-lo. Meus dedos entendem o que minha cabeça, ou meu coração ou qualquer outra parte do meu corpo está pensando e, sem que eu tenha tempo para pensar em desistir, clico em ‘enviar’.

Você quer almoçar comigo?

Pareço uma adolescente agarrada ao celular esperando pela resposta do garoto pelo qual ela foi apaixonada durante todo o colégio. Espero durante um minuto. Dois minutos. Depois de cinco minutos eu estou olhando fixamente para a tela. Dez minutos depois, jogo o telefone sobre a cama e vou tomar banho. Lavo os cabelos, faço hidratação, esfolio a pele e capricho na depilação (não sei por que). Quando entro no quarto, trinta minutos depois, há uma luz branca piscando em meu celular.

Eu adoraria.

Uma resposta curta e rápida, mas que me faz perder o ar. Saltito até o closet e passo os próximos trinta minutos tentando decidir que roupa vestir. Escolho um jeans escuro, uma

camisa de seda branca com mangas 3/4 e um blazer preto. Demoro pelo menos mais quinze minutos procurando o que calçar, mas tudo o que eu encontro tem pelo menos dez centímetros de salto. Depois de experimentar uns vinte pares, opto por um lindo *scarpin* Miu-Miu.



— Você gosta de comida italiana e...? — Minha voz desaparece quando noto seu peito nu. Ele me tirou o fôlego na noite anterior e hoje, a sensação parece ainda pior. Eu estou hipnotizada encarando esses músculos fortes e... *Deus do céu!* Tento desviar os olhos do ‘V’ que se forma no final do seu abdômen, mas não consigo. Meu pescoço e meu rosto parecem estar pegando fogo. Tenho certeza de que Adam está falando comigo, mas eu realmente não consigo ouvir.

— Sophie? Ei! — Ele estala os dedos na frente do meu rosto.

— Hum? — Saio do meu pequeno transe e olho para ele que parece estar se divertindo as minhas custas. — Qual é o seu problema com camisetas?

— O quê? — Ele solta uma risada alta e sonora. Prefiro ignorar isso e entro na casa rapidamente. Na verdade, eu preciso ficar longe dele enquanto ele está praticamente sem roupa na minha frente. Levo as sacolas até a cozinha e começo a arrumar tudo sobre a mesa. Mesmo de costas para ele, sinto a tensão no meu corpo aumentar quando percebo que ele está parado a poucos metros. — Eu adoro comida italiana.

Respiro fundo e me viro para ele.

— Que... Hã... *Droga!* — Praguejo. — Você pode vestir uma camisa, *por favor?! —* Minha voz está estridente.

— Você se importa se eu ficar sem? Está muito calor e...

Não deixo que ele termine a frase. Vou até a sala a passos largos e olho ao redor procurando por alguma coisa que cubra seus músculos torneados e... *E nada, Sophie!* Estou prestes a subir a escada para pegar uma camiseta no quarto quando vejo a camisa dos *Jets* pendurada no corrimão.

Bufando, volto para a cozinha e jogo a camisa no seu rosto. Ele está encostado na parede com os braços cruzados e rindo, mas faz o que eu peço. Respiro fundo e noto como é bom poder fazer isso outra vez.

— Abra esse vinho, por favor — Ameaço entregar a garrafa de *Chianti* para ele, mas paro no meio do caminho. — Nós podemos beber vinho antes de assistir a um jogo no estádio?

Ele pega a garrafa da minha mão.

— Normalmente as pessoas fazem churrasco no estacionamento do estádio e bebem cerveja, mas — Ele vai até a gaveta da pia e pega saca-rolhas. —, já que você trouxe comida italiana, por que não?

Dou de ombros e volto a arrumar a mesa.



— O almoço estava ótimo, Sophie. Obrigado.

— Espere só até você comer a sobremesa — Pego os dois pedaços de torta que havia

guardado na geladeira mais cedo e coloco na sua frente. — Você prefere *cheesecake* de chocolate Godiva ou de caramelo?

Ele encara as tortas por alguns segundos e depois me olha com um sorriso brincalhão nos lábios.

— Não consigo escolher — Abro a boca para dizer que os dois bolos são maravilhosos e que o meu preferido é ode caramelo, mas ele pega um garfo sobre a mesa e parte os pedaços ao meio. — Pronto!

Rio, achando graça da maneira como que ele resolveu o problema e me sento ao seu lado.

— Eu tenho problemas com doces. Desculpe — Pede com a boca cheia, parecendo uma criança alegre e não consigo deixar de rir mais uma vez. — Você sabe cozinhar?

— Eu? — Ele assente e pega mais um pedaço de *cheesecake* de chocolate. — Acho que sim. Meu pai e Daniel adoram cozinhar e eu compartilho dessa paixão. Nós sempre preparávamos o jantar juntos nos finais de semana. — Percebo que estou sorrindo enquanto me lembro daquela época. Mas... — Pego um pedaço de *cheesecake* de caramelo e ele rouba metade do meu garfo. Esse sorriso torto está me deixando com as pernas bambas. —, a única comida que eu consigo fazer com perfeição são *S'mores*.

Ele larga seu garfo no prato e dá um tapa na mesa. Arregalo os olhos, mas não consigo conter uma risada.

— É a sobremesa que eu mais gosto!

— Sério?

Ele concorda antes de comer o último pedaço de torta de chocolate.

— Eu nem sei quanto tempo faz que eu não como *S'mores*.

— Mas não tem segredo. É só fazer um sanduíche com as bolachas e o...

— Não — Ele balança o dedo indicador na minha frente. — Não é só isso.

— Não?

— Não, não mesmo — E ele nega com tanta convicção que chego a acreditar.

Será que ele nunca se sentou ao redor de uma fogueira quando era criança e assou os próprios *marshmallows*?

— Adam... — Apoio os cotovelos na mesa e ele faz o mesmo. A diferença entre nós é que ele está sorrindo e eu... Bem, eu devo estar ruborizando. — Você nunca foi a acampamentos quando criança?

— Não — Ele desvia os olhos por um segundo, mas o sorriso no canto de sua boca não desaparece. — Você precisa fazer *S'mores* para mim!

— Claro! — Respondo rindo. E preciso admitir que estou adorando a possibilidade de vê-lo outra vez. Mesmo que seja apenas para fazer *S'mores*.

Ou talvez ele queira me ver também e isso seja apenas uma desculpa.

Sério, Sophie?

Você vai por esse caminho outra vez?

— Por que você está rindo tanto?

— Você está parecendo um garotinho de seis anos.

— Como eu disse — Ele fica em pé, beija o topo da minha cabeça e vai até a geladeira. — Eu tenho problemas com doces.

É um gesto carinhoso, sem segundas intenções, mas não consigo controlar o fogo que atinge meu corpo. A boca dele parece brasa. Ele enche um copo de água e, enquanto coloca a garrafa de volta na geladeira, bebo toda a sua água, até a última gota.

— Desculpe — Peço quando ele me encara com uma sobrancelha arqueada e um sorriso enviesado que faz meu coração palpitar dentro do peito — Você sabe cozinhar? — Pergunto enquanto ele enche o copo mais uma vez.

— Não e isso é um problema porque eu realmente gosto de comer — Ele bebe metade da sua água e, sorrindo, continua: — Muito.

— Muito?

— Muito mesmo — Ele bebe o restante da água. — O tempo todo. Minha mãe sempre dizia que tinha pena da mulher que se casaria comigo.

— Talvez seja por isso que Elena fugiu do... — Levo as duas mãos à boca e sinto meu pescoço e rosto ficando quentes. *Mas que droga de boca, Sophie!* — Desculpe, eu não... Eu não sei por que falei isso.

Ele me encara sério, com duas rugas se formando no canto dos seus olhos e eu não sei se ele está bravo ou prestes a cair na gargalhada.

— Será que esse foi o motivo? — Pergunta com a voz naturalmente tranquila, como se realmente quisesse a minha opinião. Mas, apesar de ainda não conhecê-lo tão bem, já sou capaz de identificar uma pitada de humor junto da sua voz e desses incríveis olhos azuis.

— Melhor nós irmos, você...

Os olhos dele parecem tão azuis hoje. Tão profundos e...

— Sophie?

— O quê?

Ele está me encarando com os olhos semicerrados.

Será que ele sabe o que estou pensando?

— Você trouxe alguma roupa ou ainda vai passar na sua casa para se trocar?

Fico em pé e o encaro com as mãos na cintura.

— O que tem de errado com a minha roupa?

— Tudo — Ele está rindo. Abro a boca para mandá-lo à merda, mas ele vem até mim e me segura pelos ombros. Apesar de estar muito irritada com ele nesse momento por falar assim da minha roupa, não consigo ignorar o fogo queimando a pele onde ele toca. — Você está usando um sapato de salto alto. Ninguém vai a um estádio usando isso — Ele fala como se o meu *scarpin* nude fosse um chinelo de dedo gasto.

— Isso — Aponto para os meus pés, sem tirar os olhos dele. — É um Miu-Miu — Ele arqueia as duas sobrancelhas e espera que eu continue. — São os melhores sapatos do mundo.

— Mesmo assim, ninguém usa isso... — Ele frisa bem ‘isso’ — em um jogo de futebol.

— Eu uso — Dou de ombros e sorrio.

— Tem certeza?

— Na verdade eu não tenho muita opção — Admito meio sem graça. — Eu vasculhei todo o meu closet e tenho certeza de que tenho algum par de tênis ou qualquer outra coisa sem salto perdidos naquela bagunça, mas não os encontrei. Então, sim, eu tenho certeza!

— Muito bem — Ele solta os braços ao lado do corpo, rindo. E o som da sua risada faz alguma coisa sair fora do lugar dentro do meu peito. — Nós realmente precisamos ir.

— Mas ainda são quatro da tarde.

— A viagem de trem até Nova Jersey demora cerca de quarenta minutos e...

— Trem? — Engulo em seco.

— Sim, algum problema?

— Problema? — Minha voz está estrangulada e sinto que minha testa começa a ficar úmida. *Ele disse trem, Sophie! Trem, não metrô.* — N-não, eu... Eu achei que fôssemos de carro.

— Carro? — A pergunta dele faz com que eu me sinta uma idiota. — Não há necessidade e depois, nós bebemos toda aquela garrafa de vinho — Ele aponta para a garrafa vazia sobre a mesa. *Droga!* Ele tem razão. — Nós vamos de metrô até a estação...

— *Não!* — Coloco a mão na boca quando percebo que havia gritado. Ele me encara com a cabeça inclinada para o lado. Respiro fundo, tentando espantar a sensação de desmaio e falo com toda a calma do mundo, calma essa que eu não tenho no momento. Eu não vou entrar em um metrô! De jeito nenhum!

— O que foi?

— N-nada, não foi nada, eu... — Respiro fundo tentando controlar o tremor na minha voz, em minhas mãos, nas minhas pernas... — Nós podemos ir de táxi até a estação?

— Táxi? — Ele me encara como se eu tivesse duas cabeças.

— Táxi. Eu n-não gosto de metrôs em dias de jogos. Eles ficam lotados e...

— Pensei que você tivesse dito que nunca tinha assistido a um jogo.

— E não assisti — Rebato meio irritada por ele ter descoberto a minha mentira.

— Então como você sabe como os metrôs ficam?

— E-eu vejo na t-televisão e... Eu ando de metrô — Deus me perdoe por essa mentira, mas eu preciso dizer qualquer coisa nesse momento que o impeça de me arrastar para aquele buraco sem ar e cheio de gente. — Eu vou chamar um táxi.

— Okay — Ele diz pausadamente, ainda me encarando com uma cara engraçada e, sem querer, acabo tocando meu pescoço para ter certeza de que não havia crescido outra cabeça nele. Pego o celular dentro da minha bolsa e chamo um táxi. — Você está bem?

— E-estou, eu só... — Inspiro o ar mais uma vez. — Por quê?

— Você está meio pálida — Com certeza estou, mas mesmo assim aquiesço com um pequeno gesto de cabeça e ele me acompanha. Porém, tenho certeza de que não acredita em nada do que eu digo, principalmente porque eu estou gaguejando muito e aquela veia

minúscula sob meu olho direito está tremendo. Toda vez que eu minto ela fica pulsando de uma maneira frenética e isso me dá nos nervos. Não que eu minta tanto assim.

— Impressão sua. O táxi estará aqui em dez minutos.

Trinta minutos depois estamos dentro de um trem a caminho de Nova Jersey.



Adam segura minha mão o tempo todo desde que descemos do trem. Na verdade, ele está segurando a minha mão desde que o táxi nos deixou na *Penn Station* em Nova York. No início, achei que fosse apenas cautela ou até mesmo proteção porque tanto o trem como as ruas ao redor do estádio estavam cheias de torcedores. Mas então, seu polegar começou a desenhar pequenos círculos no dorso da minha mão e eu seria uma tola se tentasse ignorar os calafrios que esse toque me causa.

— Você quer beber alguma coisa?

— Uma cerveja? — Pergunto um pouco insegura, até porque, eu nem sei o que se bebe em um estádio. Ele sorri e coça a nuca antes de responder.

— Cerveja é uma ótima escolha.

Adam compra seis cervejas e quatro hot-dogs. Quando se aproxima de mim, com a carteira na boca e equilibrando tudo com as duas mãos, eu o olho com as sobrancelhas arqueadas e ele apenas dá de ombros. Entrega-me duas cervejas e dois hot-dogs e, ainda equilibrando o que restou, segue até nossos assentos. Que por sinal são ótimos!

Apesar de eu não ter conhecimento algum sobre futebol, não posso deixar de notar que estamos em um local privilegiado bem próximo ao gramado.

Uma cerveja depois, uma pequena banda começa a tocar umas músicas tradicionais e, logo em seguida, entram as *cheerleaders*. Um verdadeiro show de exibição de cabelos perfeitos e barrigas saradas. Seguro meu hot-dog no meio do caminho enquanto tento entender como elas conseguem pular tanto, levantar a perna no ar dez vezes por segundo e ainda continuarem sorrindo. De canto de olho, vejo que Adam está comendo seu hot-dog e bebericando a segunda cerveja. Não parece estar vidrado nas garotas com corpos esculturais no gramado e não posso deixar de sorrir por causa disso.

Quando o primeiro tempo chega ao fim, eu já sou uma *expert* em Futebol Americano. Já havia decorado o nome de todos os jogadores e suas posições, os nomes das jogadas e já estava completamente apaixonada. Por que passei tanto tempo sem vir a um estádio? É realmente mágico. Muito agressivo, mas ainda assim, mágico! Agora compreendo toda a euforia nacional em dias de jogos.

— Você jogava em qual posição? — Ele me olha com um brilho diferente no olhar.

— *Quarterback*.

— O mais importante? — Ergo as sobrancelhas para ele.

— É o que dizem.

Dou um soco de leve no seu ombro.

— Pare com essa modéstia! — Ele leva a mão onde eu o tinha acertado e me encara

sorrindo. — O que aconteceu? Por que você parou de jogar?

— Meu pai morreu — Fala sem rodeios e, por um segundo, tenho a impressão de ver lágrimas brilhando em seus olhos.

— Eu sinto muito, eu não... — Balanço a cabeça enquanto tento encontrar o que dizer, mas minha voz fica presa em algum lugar. Pela primeira vez na vida, fico sem fala.

Como ele pode dizer uma coisa dessas sem me preparar antes?

— Não tem problema. Você não tinha como saber — Sua voz está ligeiramente entrecortada. Ele volta a olhar para frente e bebe um longo gole da sua cerveja, a terceira. Sinto um aperto no peito e uma enorme necessidade de consolá-lo. Acho que é por isso que minha mão vai até a sua e a aperta com força. Seus olhos se voltam para mim no mesmo instante e vejo surpresa e... Agradecimento passando por eles? E então, quando penso que ele não vai me dizer mais nada a respeito, as palavras começam a sair lentas e pausadas, como se fosse muito difícil para ele falar sobre isso. E pela maneira como ele engole em seco algumas vezes, tenho certeza de que é.

— Eu fui aceito na *Duke* com uma bolsa integral por causa do futebol — Um sorriso desponta em seus lábios. — Eu queria cursar Direito, mas não porque eu realmente amava a profissão. Eu amava o futebol e eu era realmente bom, Sophie. O melhor *quarterback* de Beaufort nos últimos dez anos. E eu adorava aquilo — Com a mão que ele segura a cerveja, aponta para o gramado à nossa frente. — A energia desse gramado é... — Ele balança a cabeça. — Você tem que amar muito o futebol para saber do que eu estou falando.

Aperto sua mão quando ele desvia os olhos mais uma vez. Noto que ele abre a boca duas vezes e solta o ar pesadamente antes de voltar a falar.

— Então meu pai morreu. Um ataque do coração durante um almoço comum, em um dia comum, no restaurante em que ele comia pelo menos três vezes por semana. Chega a ser engraçado como esse tipo de coisa acontece.

— Adam, eu... — Engulo minhas palavras quando ele vira o rosto na minha direção. Há uma tristeza tão profunda escondida dentro de seus olhos que meu coração chega a afundar dentro do peito.

— Ele estava terminando de almoçar antes de voltar para a loja e ter mais um dia normal. Eu estava arrumando meu quarto no dormitório da faculdade e então... — Ele dá de ombros, deposita a lata vazia no chão ao lado do seu pé e encara o gramado. — O sonho de jogar na NFL acabou naquele dia. Durante muito tempo e, se eu parar para pensar sobre o assunto, ainda me sinto um pouco egoísta, mas quando meu pai morreu o que eu era, o que eu sonhava, morreu junto com ele. Porque é isso o que acontece quando alguém tão próximo morre. Você morre também.

Sinto que minha cabeça balança para cima e para baixo porque eu sei exatamente o que ele quer dizer. Quando Matt, o melhor amigo de Daniel morreu em um acidente de carro, eu vi Daniel morrer aos poucos, principalmente porque ele carregava a culpa por estar dirigindo aquele carro. Eu o vi se tornar uma pessoa fraca e triste, e vi quando ele voltou à vida após conhecer Elena. Mas ainda hoje, sempre que olho dentro dos seus olhos, vejo que as marcas

ainda estão lá. E sempre estarão.

— Você largou tudo? — *Por que eu não fico quieta?*

— Eu precisei. Na época eu achei que a minha mãe fosse pirar — Ele dá de ombros outra vez. — Mas eu acho que no fundo ela era egoísta também. Veja bem, eu amo a minha mãe, não desejaria que ela fosse outra pessoa, mas gostaria que ela tivesse tido um pouco mais de sensibilidade com o meu sofrimento e com o sofrimento da minha irmã. Eu perdi muito quando meu pai morreu. Ele era o meu melhor amigo, o homem no qual eu me inspirava e meu grande incentivador. O sonho de jogar profissionalmente era dele também. Mas a minha mãe só pensou nela e... Enfim, isso já faz muito tempo. Eu já superei tudo isso — Sua mão aperta a minha com mais força e seus dedos se entrelaçam nos meus.

Se eu o conhecesse há mais tempo poderia dizer que ele está mentindo. E o engraçado é que eu tenho certeza de que ele está mentindo, mesmo o conhecendo há apenas, o quê? Uma semana? Eu sinto que o conheço muito bem e isso faz borboletas dançarem em meu estômago.

— Você nunca mais jogou?

— Nunca — E essa foi a palavra mais triste que já ouvi sair de sua boca. — O segundo tempo vai começar. — Ele aponta para o campo e preciso me concentrar na minha respiração e nos movimentos do meu corpo para conseguir desviar meus olhos dos seus.



— Então agora você é uma torcedora dos *Jets*?

— Claro — Passo meu braço pelo seu assim que atravessamos as portas da *Penn Station*. — Eu nunca imaginei que um jogo de futebol pudesse ser tão emocionante — Levanto minha cabeça para ele e o sorriso que desponta da sua boca faz meu coração acelerar. Não!

Desacelerar.

Acelerar.

Espera!

Levo a mão ao peito apenas para ter certeza de que eu ainda tenho um coração. É como se as funções básicas do meu corpo entrassem em colapso cada vez que ficamos próximos. E essa sensação só aumenta.

— Não se esqueça de me avisar quando será o próximo jogo.

— Semana que vem? — Há uma ansiedade escondida por detrás de sua voz e meu coração começa a bater de forma descompassada. Amanhã vou me consultar com um cardiologista.

— Vou esperar ansiosa — Se eu ficar mais ansiosa do que estou agora, tenho a vaga impressão de que posso explodir. — Vou até comprar um tênis amanhã. Realmente salto não combina com um estádio.

— Eu avisei.

Adam me lança uma piscadela e acena para um táxi que acaba de despontar na esquina. Mas ele não para. Os próximos três também não. Já estou começando a suar frio só de imaginar que ele possa vir a sugerir o metrô. Se fizer isso, eu posso fingir um desmaio. Pensando bem, acho que vou desmaiar de verdade. Mas então, para o meu alívio, um táxi

estaciona à nossa frente.

Adam abre a porta e espera que eu entre. Acomodo-me do outro lado para que ele também possa entrar, porém, ele fecha a porta e permanece parado do lado de fora. Vou até a janela, abaixo o vidro e o encaro com o cenho franzido.

— Você não vai entrar?

— Não.

— Mas o meu carro está na sua casa, eu não...

— Eu sei — Ele apoia as mãos na janela e se abaixa, até que seu rosto esteja na mesma altura do meu. —, mas seria péssimo da minha parte se eu deixasse você voltar para a sua casa dirigindo a essa hora. E sozinha. Tenho certeza de que ele vai deixá-la lá em segurança — Aponta para o motorista que está distraído em seu celular.

— Não sabia que você era um cavalheiro — Provoco-o e ele apenas sorri. *Não!* Eu não posso dizer que ele apenas sorri. *Ele está sorrindo!* E seu sorriso é tão perfeito. Se eu estivesse escrevendo um livro, essa frase estaria escrita em letras maiúsculas porque esse sorriso seria capaz de fazer o mundo parar de girar. — Eu sempre volto para casa sozinha — Ele aproxima ainda mais o rosto da janela.

— Isso foi antes.

— Antes do quê? — Minha voz está quase irreconhecível e, por mais que eu tente, não consigo conter esses calafrios que parecem queimar meu corpo. Mas então me dou conta de que calafrios não queimam. Tem alguma coisa muito errada acontecendo com o meu corpo. Uma ruga se forma entre suas sobrancelhas e seu sorriso torto vacila. Tenho certeza de que ele está prestes a retirar o que acabou de dizer. E é estranho pensar que eu não quero que retire nada. Eu só quero que ele me diga o que é esse ‘antes’.

Eu só quero que ele diga...

— Eu posso levar o carro para você amanhã, basta me dizer onde — O tom em sua voz está diferente e ele afasta o rosto do meu. Isso me deixa com uma estranha sensação de vazio.

— Eu envio uma mensagem para você com o endereço.

— Okay.

— A chave está com você?

— Que chave?

— Do carro.

— Ah! É claro — *O que acontece comigo quando estou perto dele?* Abro a minha bolsa e vasculho todo o seu interior com a mão, mas não encontro nada. *Malditas bolsas com compartimentos secretos invisíveis!* — Espere um pouco — Digo para ele e para o motorista que parece um pouco impaciente, mesmo com o taxímetro rodando. Viro a bolsa de cabeça para baixo e deixo que tudo o que tem dentro dela caia sobre o banco. *Por que eu carrego tanta coisa?* — Ela deve ter ficado na sua casa... — Digo levantando o rosto para olhá-lo. — Em algum lugar — Dou um sorriso amarelo e ele assente, balançando a cabeça e coçando a nuca.

— Tenho certeza de que posso encontrá-la — Por que ele está com esse sorriso enviesado e perfeito no rosto?

— Acho que sim — Digo depois de limpar a minha garganta. — Obrigada pela noite de hoje, foi... — Eu não sei exatamente o que essa noite significou para mim então, digo a única palavra que me vem à cabeça. — Perfeita.

Ele aquiesce e se abaixa para beijar a minha testa rapidamente. Uma chama é lançada no ponto onde seus lábios tocam a minha pele e se dissipa por todo o meu corpo. Mas antes que eu possa olhar dentro dos seus olhos, ele já está de costas para mim e caminha pela calçada.

Inspiro profundamente e dou meu endereço para o motorista.

Dormir parece impossível. Mesmo depois de um longo banho quente e relaxante. Sempre que fecho os olhos, vejo Adam sorrindo. Se fecho os olhos outra vez, sinto sua mão tocando a minha, e a sensação é tão viva que meu corpo inteiro estremece em resposta.

Sophie, Sophie! Você não pode se apaixonar por ele...

Mas enquanto eu digo essas palavras em voz alta, ouço meu coração dizendo que é tarde demais.

*“Garota, eu penso em você todos os dias agora
Houve um tempo que eu não tinha certeza
Mas você acalmou minha mente
Não há dúvida, você está em meu coração agora”
(Guns N’ Roses – Patience/1988)*

Adam

Tem alguma coisa muito estranha acontecendo comigo.

Estou andando há mais de uma hora, mas não consigo parar. Não consigo entrar em nenhuma estação de metrô. Não consigo tirar aqueles olhos castanhos da minha cabeça. Não consigo espantar o desejo de tomá-la nos braços e fazê-la minha.

Só minha...

Mas que merda é essa, Adam?!

Sinto o ar fugindo dos meus pulmões quando finalmente entro em casa. Meu coração está batendo tão forte que sinto uma ardência estranha no peito.

Jogo-me no sofá, mas ele parece desconfortável demais.

Vou até o segundo andar, arranco o tênis e o chuto longe. Tiro a camiseta e a calça e me jogo na cama.

Meu coração ainda está batendo fora de ritmo e minha respiração parece falhar. Então me dou conta de que não tem nada de errado com o meu corpo.

É o meu coração.

É o meu maldito coração outra vez.

Eu já vivi todas essas sensações.

Já entreguei meu coração a alguém e ele foi despedaçado.

Não posso sentir tudo isso de novo.

Eu não posso deixá-la entrar.

Mas Sophie está encontrando uma brecha.

Sophie está roubando metade dos meus pensamentos e parte dos meus sonhos.

Sophie está roubando pequenas partes do meu coração.



Desperto com o som insistente do meu celular. Rolo para o lado e, ainda de olhos fechados, passo a mão sob o travesseiro, mas não encontro nada. Então, para o meu alívio, ele para de tocar. Fecho os olhos e quando estou prestes a adormecer outra vez, ele volta a tocar. E parece ainda mais alto.

Merda!

Tateio o criado mudo, mas também não encontro nada. Abro apenas um olho — porque eu

não sou capaz de abrir os dois ao mesmo tempo e encarar a claridade que entra pelo quarto — e forço a vista. Também não o encontro. Presto mais atenção ao toque e percebo que ele está longe, mais precisamente na sala. Para atendê-lo eu preciso sair da cama e descer as escadas.

Novamente, a música cessa.

Espero que ela comece a tocar outra vez, mas isso não acontece. Respiro aliviado, fecho os olhos sentindo as pálpebras pesando e, quando começo a adormecer, alguém começa a bater com força à porta da frente.

Sério?!

Jogo a coberta longe e levanto em um rompante. Desço a escada cambaleante e, enquanto passo pela sala, ouço o celular tocando outra vez em algum lugar. Dou meia volta enquanto olho ao redor, cogitando atender ao celular primeiro, mas as batidas parecem ainda mais fortes.

Abro a porta sem ao menos espiar pelo olho mágico. Definitivamente, eu deveria ter olhado.

Sophie está parada na minha frente segurando o celular na orelha.

E eu estou vestido apenas uma cueca boxer preta.

Sua boca se abre quando eu apareço na sua frente, mas se fecha no instante seguinte. Ela tenta manter os olhos fixos nos meus, mas é em vão. Eles passeiam pelo meu corpo. Sua boca se abre outra vez enquanto ela inclina a cabeça para o lado e estreita os olhos. Abro um pouco mais a porta para que ela possa entrar. Sophie ainda mantém o celular na sua orelha e o meu, continua tocando.

— Você definitivamente tem problemas com roupas — Diz de costas para mim enquanto guarda o aparelho na bolsa. O meu também para de tocar. Balanço a cabeça achando graça.

— Só um minuto — Subo as escadas de dois em dois degraus. — Desculpe aparecer aqui assim! — Grita da sala. — Mas eu estou tentando falar com você há algumas horas.

Horas?

— Não tem problema — Grito de volta com a escova de dente na boca. Visto a calça jeans que deixei jogada no chão do quarto na noite anterior, cuspo a pasta na pia, jogo uma água no rosto e desço a escada enquanto visto uma camiseta.

— Que horas são? — Pergunto enquanto procuro meu celular sobre o sofá. Tenho quase certeza de que ele estava tocando por aqui.

— Quase duas da tarde.

— O quê? — Encontro o celular entre as almofadas e confiro as horas: 13:57.

Mas que porra!

Desde quando eu durmo até as duas da tarde?

— Eu não quis te incomodar, mas eu preciso visitar um fornecedor de tecido em Newark e...

Olho para ela e, por um segundo, compreendo o motivo de eu ter dormido até agora. Sophie é o motivo. Ela ficou na minha cabeça até os primeiros raios de sol entrarem pela janela do quarto. E quando finalmente adormeci, ela preencheu todos os meus sonhos.

Sophie está entrando.

Ela está cada vez mais perto de ter o meu coração.

E eu não estou preparado para entregá-lo.

— Adam?

— O quê?

— Você está acordado?

Assinto engolindo em seco. Seus olhos castanhos parecem ainda mais brilhantes. Há algo de puro e... Esfrego as mãos no rosto quando percebo que não é só isso. Eu estou me vendo dentro dos seus olhos.

Talvez eu ainda esteja dormindo.

— Sabe? Eu vou... — Sua voz vacila e ela dá meia volta. Vai até a porta da cozinha, volta até a sala, dá uma olhada geral em tudo e vai até a cozinha outra vez. Volta alguns segundos depois com a chave do carro nas mãos. — Eu tenho mesmo que ir, então você pode... Eu não... — Ela vai até a porta, mas antes de segurar a maçaneta, volta-se para mim. — Você quer que eu...? Deixa pra lá. Eu vou... — Ela aponta para trás, na direção da porta e balança a cabeça, negando alguma coisa. — Desculpa acordar você.

E sai batendo a porta.

Levo a mão ao peito quando sinto aquela ardência novamente. Nego várias vezes o que eu estou sentindo. Passo as mãos nos cabelos, esfrego os olhos e puxo o ar com força, mas não há nenhum ar aqui dentro.

Sophie havia levado até o ar junto com ela.

Droga!

Consigo alcançá-la antes que ela entre no carro. Seguro-a pelo cotovelo e giro-a com tanta força que ela perde o equilíbrio e bate com as costas na porta. Seus olhos estão arregalados e assustados, contudo, aquele brilho ainda está lá. Eu ainda estou lá. Levo a mão que segurava seu cotovelo até seu rosto e estremeço com a chama que se propaga pelo meu corpo.

Ela está entrando.

Inspiro o ar profundamente e o perfume doce de seus cabelos invade minhas narinas e a minha cabeça.

Seu perfume invade até a minha alma.

Aproximo um pouco mais meu rosto e estremeço mais uma vez quando seu hálito quente toca a minha pele. Fecho os olhos por um segundo porque eu preciso memorizar seu cheiro. Eu preciso memorizar a maciez da sua pele.

Eu preciso beijá-la.

Preciso tanto.

Roço meu nariz na sua bochecha e um gemido baixo e tímido escapa de sua boca. E é o seu gemido que me traz de volta.

Eu não posso precisar dela.

Não posso...

Eu não posso me apaixonar.

Mas não posso deixá-la ir embora.

Ainda não.

— Você tem tempo para tomar um café? — Afasto-me dela e coloco as mãos nos bolsos da minha calça. Assim não corro o risco de tocá-la.

Assim eu não me machuco.

Assim meu coração fica inteiro.

E o dela também.

Ela apenas aquiesce. Parece estar lutando com seu corpo tanto quanto eu. Desvio os olhos da vermelhidão que se forma em seu pescoço, cerro as mãos para impedi-las de tocarem-na e, com um discreto gesto de cabeça, indico a casa.

— Você disse que está indo para Newark? — Pergunto assim que passamos pela porta da frente.

— Sim, eu tenho... — Ela joga a bolsa sobre o sofá e aponta para a cozinha. — Eu posso pegar um copo de água gelada? Por favor? — Sua voz está mais baixa e contida. A minha não deve estar diferente.

— Eu pego para você — Passo por ela, pego a garrafa de água dentro da geladeira, encho dois copos e entrego um a ela. Viro-me de costas enquanto secoo meu copo e limpo a boca com as costas das mãos. Está difícil ficar perto dela sem tocá-la, sem pensar em beijá-la e... — Você quer um café? — Pergunto qualquer coisa porque preciso parar de pensar nesse tipo de coisa. Assim não corro o risco de seguir meus instintos e carregá-la escada acima.

— Não foi por isso que você me convidou? — Olho para ela um pouco confuso.

— Foi, não foi? — Ela levanta as duas sobrancelhas e um sorriso ameaça surgir em seu rosto. Abro todos os armários da cozinha e me dou conta de que eu não tenho café. Na verdade, eu não tenho nada além de água e cerveja. Talvez algumas bolachas murchas em algum lugar no fundo do armário. — Sabe de uma coisa? — Viro-me para ela que agora sorri de verdade. — Eu não tenho café em casa, mas... — Dou um passo na sua direção. — ao lado daquela floricultura ali na esquina, tem um café que vende o melhor *muffin* do mundo.

— Sério? — Ela cruza os braços e fica me encarando com as sobrancelhas arqueadas.

— Na verdade eu não sei se são os melhores, mas eu estou sempre com fome e não sou muito exigente então... — Dou mais um passo na sua direção. — Você gostaria de tomar um café comigo?

Ela inspira profundamente e olha para o relógio que fica pregado na parede atrás de mim.

— Eu adoraria, Adam, mas preciso estar em Newark às 16:30 e depois, eu não tomo café. Não posso. Fico agitada demais.

— Mais?

Ela ri e dá de ombros ao mesmo tempo.

— Você não imagina o quanto. Enfim... — Ela dá um passo à frente, apertando as mãos na frente do corpo. Seu rosto está levemente ruborizado. — Se você está dizendo que eles fazem o

melhor *muffin* do mundo, e eu adoro *muffin*, serei obrigada a experimentar — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e dá de ombros de um jeito meio tímido, meio confiante e acho que meu coração bate um pouco mais forte nesse momento. — Se você não tiver nada melhor para fazer, podemos pedir tudo para viagem e comemos no caminho para Newark.

— Eles também têm chá — Digo com a voz levemente estrangulada.

— Perfeito.

— Só vou calçar um tênis e já volto.

— Ok.

Subo a escada de dois em dois degraus e, enquanto calço meu tênis, percebo que a minha respiração está irregular, assim como as batidas do meu coração. Não foi a pequena corrida até o segundo andar que me causou isso. Foi Sophie.

Meu coração está começando a se abrir para ela e isso não é um bom sinal.



— Você comeu todos os *muffins* de *blueberry*! — Diz Sophie olhando para a embalagem vazia no seu colo. — E os de banana também! — Em seguida a arremessa de volta para mim.

— Acho que ainda tem um pedaço aqui — Estico o braço e coloco um pequeno pedaço de *muffin* dentro de sua boca.

— Hum! — Ela olha para mim rapidamente. — Onde você encontrou isso?

— Na minha camiseta.

— Adam!

— Desculpe ter comido tudo, mas você disse que não queria mais e... — Tento me justificar. — Olhe para frente! — Digo quando ela quase bate em um carro que está parado no sinal vermelho.

— Eu disse que não queria mais?

— Disse — Ela me olha de canto de olho e quando percebe que estou mentindo, dá um soco em meu ombro. E caramba, ela é muito forte. — *Ai!* — Rindo, levo a mão ao local onde ela bateu e me encolho quando ameaça me bater outra vez. Mas para quando o sinal abre.

— Você é muito malvado, Adam!

— Eu estava com muita fome — Pego o copo de refrigerante no console do carro e bebo um longo gole. — Ei! Você disse que tem uma reunião com um fornecedor de tecidos. É isso mesmo?

— Hum-hum — Ela liga a seta e entra em uma larga avenida à direita.

— Que tipo de reunião?

— Uma reunião de negócios.

— Você trabalha com o quê?

— Sou estilista — Ela me olha com um sorriso tímido no rosto. — Desenho vestidos de noiva.

— *Argh!* — Encolho-me no banco e tomo mais um pouco do refrigerante e tento ignorar o

tipo de lembrança que um vestido de noiva me causa.

Ela estaciona em frente a um galpão que toma mais da metade de um quarteirão.

— Eu acho que não vou demorar muito — Ela rouba o copo de refrigerante da minha mão e pega a bolsa no banco de trás. — Você quer vir?

— Claro! Eu adoro falar sobre tecidos — Abro a porta e desço do carro antes que ela me soque outra vez.

— Vai ser rápido, eu prometo — Ela dá a volta no carro e me entrega o copo quase vazio. — Depois, nós podemos passar em algum restaurante super caro e jantar. Você paga a conta.

Ergo as sobrancelhas e a encaro. Ela dá de ombros, despreocupada.

— Você me deve. Pelos *muffins*.

— Ou... — Dou um passo à frente e inclino o rosto na sua direção. — Você pode cozinhar para mim. Eu fiquei curioso depois que você disse que sabe cozinhar.

— Sério? — Ela arqueia as sobrancelhas, surpresa. Concorde com a cabeça e dou um longo gole no refrigerante. Na verdade, não é tão longo assim. Ela acabou com ele segundos atrás. Por isso continuo puxando e puxando até que aquele barulho irritante de bolhas e resto de líquido sendo tragadas pelo canudo comece. — Pare com isso! — Ela arranca o copo da minha mão e o joga em uma lixeira atrás de si. — Eu não vou cozinhar para você hoje!

Sophie me dá as costas e começa a caminhar na direção da porta.

— Por que não?

— Porque eu não quero.

— Você vai pelo menos fazer *S'mores*?

— Não — Ela nem olha na minha direção quando responde. — Hoje não.

— Droga! — Praguejo ao mesmo tempo em que dou risada. Ela para, vira-se para mim e tenta manter-se séria, mas um sorriso ameaça surgir no canto direito de sua boca. Uma covinha bem discreta também surge e sinto meu estômago se contrair.

Desde quando sinto vontade de beijar uma covinha?

Quando o seu sorriso fica maior, a covinha também se destaca um pouco mais e percebo que não sinto vontade de beijá-la.

Sinto necessidade.

Coloco as duas mãos dentro dos bolsos da calça porque assim, consigo frear a vontade de tocá-la. E se eu tocá-la agora tenho a impressão de que não conseguirei soltá-la nunca mais.

A sensação da sua pele quente sob a minha ainda está impregnada em mim.

Estou tão perdido naquele pequeno momento na rua em frente de casa, onde eu quase a beijei, que não percebo que já passamos pela porta e estamos caminhando por um largo e longo corredor de paredes cinzas e escuras. Sophie anda na minha frente apressada e percebo que, nesse exato momento, estou olhando para a sua bunda e eu nunca vi nada tão bonito. Por que ela tem que usar uma calça tão justa e tão... Será que ela está usando calcinha?

Deus! Eu estou parecendo um adolescente.

Continuo andando, agora ao lado dela — porque assim é mais seguro, porém, seu perfume

parece mais forte daqui — até que chegamos ao final do corredor e paramos em um tipo de mezanino. Dá para ver toda a fábrica de tecidos funcionando lá embaixo e centenas de tecidos coloridos sendo produzidos. Olho rapidamente para Sophie e tenho a impressão de que ela está ainda mais bonita encarando todas aquelas cores lá embaixo.

— É lindo, não é?

— É — Concordo fitando seus lábios e *cacete!* Acho que nunca vi uma boca tão perfeita quanto essa. Acho que nunca vi olhos tão brilhantes. Sinto que respiro um pouco mais rápido e, sei que esse não é o momento apropriado para fazer o que quero fazer, mas isso pouco me importa. Aproximo meu corpo do seu e, mesmo um pouco assustada com a minha súbita aproximação, ela não me impede, pelo contrário. Sua respiração passa a trabalhar junto com a minha e mesmo com todo o barulho que vem dos maquinários no andar de baixo, o único som que escuto nesse momento são as batidas do meu coração. Elas ecoam tão alto dentro da minha cabeça que tenho a sensação de que Sophie está ouvindo também, ou sentindo ou... Fecho os olhos e aperto a sua cintura com minha mão esquerda e ela passa a língua pelo lábio inferior. Fico hipnotizado, imaginando como seria tocar a minha língua na sua e...

— Sophie, querida — Uma voz masculina chama por ela logo atrás de mim e o que quer que esteja acontecendo aqui se evapora no ar. Sophie suspira alto e se afasta imediatamente.

— Ernest! Desculpe o atraso eu... — Continuo de costas enquanto eles se afastam e entram em alguma das portas vermelhas espalhadas pelo lugar. Continuo observando os tecidos coloridos. Continuo pensando nos lábios rosados de Sophie. Continuo pensando no quanto a garota que usa de salto alto para ir a um estádio de futebol está mexendo comigo.



— Chegamos!

Olho através do vidro para o restaurante que ela escolheu e em seguida olho para ela.

— Esse é o seu restaurante super caro?

Ela ergue as sobrancelhas e aquiesce como uma criança feliz.

— Eu estava muito tentada em escolher o *Petrossian*, beber vinho e comer caviar a noite toda, mas esse lugar... É mágico.

— Um lugar que vende cachorro-quente é mágico? — Pergunto achando graça.

— Nunca mais diga que o que servem ali dentro... — Ela aponta para o lugar. — é cachorro quente porque não é um simples cachorro-quente. É o melhor e mais perfeito cachorro quente do mundo inteiro.

— Okay — Digo pausadamente. *Papaya* faz jus a fama que tem.

Mas depois da primeira mordida, preciso admitir que ela tem razão. Esse cachorro quente é o melhor e o mais perfeito do mundo inteiro. *Gray's Papaya* faz jus a fama que tem.

— Você vai comer esse? — Pergunto com a boca tão cheia que Sophie começa a rir. Eu deveria achar essa cena nojenta. *Deveria!* A garota está rindo na minha frente com a boca tão cheia quanto a minha e posso ver toda a comida que há dentro dela, mas *droga!* Isso é sexy pra *caramba!* Ela aponta para o cachorro-quente sobre o prato como quem diz: *Vá em frente!*

— Cinco! Você comeu cinco cachorros-quentes!

— Eles são pequenos — Dou uma mordida tão grande no meu sanduíche que quase o engulo inteiro.

— Eles não são pequenos — Ela dá um gole no suco de mamão (*Eca!*) e volta a falar comigo. — Você parece estar em fase de crescimento.

— Eu preciso saber uma coisa sobre você — Coloco o último pedaço de pão na boca, pego um pedaço de salsicha que havia caído no prato descartável e o coloco na boca também. — Preste bem atenção na sua resposta porque isso vai definir se eu quero ter algum tipo de relacionamento com você.

— *O quê?* — Ela meio que engasga com aquele suco e não fico surpreso por isso. Como alguém consegue comer cachorro quente enquanto toma suco de mamão? Entrego um guardanapo de papel a ela que limpa a boca e depois, alguns respingos daquele líquido laranja sobre a bancada amarela onde estamos comendo. — O que você disse? Relacionamento?

— É, você sabe... — Dou um gole no meu refrigerante. — Eu preciso saber disso se vou ser seu amigo ou... — Abano a mão no ar antes que diga algo que não devo dizer.

— Ah... — E eu não sei muito bem o que esse *Ah* significa aos meus ouvidos, mas tenho certeza de que ela está bastante decepcionada e talvez, ansiosa porque aquele rubor já começa a se espalhar pelo seu pescoço. Na verdade, acho que ela está nervosa. É isso! O rubor só aparece quando ela está nervosa.

— Você gosta mesmo de caviar?

Ela começa a rir.

— Ah, meu Deus!

— Porque eu jamais seria capaz de sair com uma garota que come caviar.

— Sério? — Ela me desafia com uma sobrancelha arqueada.

— Sério. Imagina só eu tendo que levar essa suposta garota para um desses restaurantes cheios de frescuras que cobram os olhos da cara da minha mãe por um prato minúsculo cheio de comida estranha... — Ela arqueia as duas sobrancelhas. Um sorriso desponta em seus lábios e me pego ansioso por ouvir o som da sua risada. — E depois, quem em sã consciência come caviar? Aquilo são ovas de peixe. Ovas, pelo amor de Deus! — Agora ela está rindo e meu coração parece querer acompanhar o som da sua risada. Não que isso seja possível, mas é isso que penso quando esse som doce entra pelos meus ouvidos.

— Então... — Ela apoia o queixo nas mãos e me encara. — Você está pensando em me levar para jantar?

— Talvez — Tento desviar meus olhos do seu sorriso bobo e de seus lábios perfeitos, mas não consigo. Ela percebe e seu sorriso fica ainda maior. Algumas partes do meu corpo começam a ficar dormentes. — Qual seu restaurante preferido?

— Hum... — Ela cruza os braços na frente do corpo e pensa por um momento. — Eu gosto muito daqui — Gesticula no ar com o dedo.

— Nós estamos comendo cachorro-quente em pé e você está tomando suco de mamão —

Faço uma careta e ela começa a rir. Acho que nunca me senti tão atraído pelo som de uma risada. Noto que uma pequena ruguinha surge no canto de seu olho esquerdo quando seus olhos quase se fecham. Por que ela tem que ser tão bonita e tão... Puxo o ar pelo nariz e volto a falar com a voz um pouco mais firme. Eu acho. — Eu sei que você acha que esse é o melhor cachorro-quente do mundo, e é mesmo, mas eu quero te levar a um restaurante de verdade.

— Tipo um encontro?

— Tipo um encontro — E quando me dou conta, eu já havia dito isso em voz alta. A confusão dentro da minha cabeça parece gigantesca apesar de minha voz estar controlada. Mas não é pior do que a confusão que se instala em meu peito desde que a conheci.

— Bom, eu gosto de comer, não tanto quanto você, mas... — Ela dá de ombros. — Eu adoro frutos-do-mar.

— Eu também — Ela revira os olhos. — Qual seu restaurante preferido?

— Ah, não! Se eu disser não vai ter graça — E, inclinando-se na minha direção, sussurra: — Surpreenda-me.

Faço que sim com a cabeça e me perco na perfeição de sua boca mais uma vez. Será que ela usa algum batom o tempo todo ou eles são rosados naturalmente? Ela pisca para mim e boceja logo em seguida. Seu rosto assume uma careta estranha e me pego pensando que é a careta mais linda que já vi.

Aperto os lábios com força e tento conter esses pensamentos.

O que quer que esteja acontecendo dentro do meu coração precisa parar.

— Eu estou muito cansada, desculpe. Eu acordei super cedo hoje e não dormi muito bem à noite.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você não dormiu?

E existe uma parte muito agitada dentro de mim implorando para que ela diga que eu fui a causa de sua insônia.

Do mesmo jeito que ela foi a minha...

— Eu não sei — Ela passa a encarar a rua bem à nossa frente. Eu não tenho ideia de que rua é essa, sei apenas que ela fica em Nova York, no *Brooklyn* e que dezenas de pessoas estão passando pela calçada agora. Mesmo sendo tarde da noite, o ritmo não para, os carros não param. Meu coração não para...

Ele bate, bate, bate...

E começo a pensar que ele não é tão involuntário assim. Ele não está batendo cada vez mais rápido porque precisa. Porque é necessário e fisiológico.

Metade do dia ele bate por ela.

Para ela.

Expiro o ar com força.

Eu não posso permitir que ele seja dela.

— Você vai embora? — Ela se vira para mim de repente e me sinto desconfortável por estar encarando-a desse jeito. E pensando o que estou pensando.

— Não, eu... — Desvio meus olhos dos seus porque eles são profundos demais, mas sou atraído para a sua boca outra vez. — Eu posso pegar um metrô aqui na frente, não tem...

— Não — Ela levanta uma mão e eu paro de falar. — Eu quis dizer de Nova York.

Nego com a cabeça porque é isso o que meu coração quer dizer, que eu não vou a lugar algum, principalmente se ela não estiver lá. Mas a minha razão me impede.

— Eu ainda não pensei sobre isso.

Ela concorda e boceja outra vez.

— Melhor eu te levar embora — Estendo a mão para ela e tento ignorar a eletricidade que se propaga por todo o meu corpo quando a palma da sua mão toca a minha.

— Você sabe que eu vou te levar embora, não sabe? — Pergunta assim que passamos pela porta e ela desativa o alarme do carro.

— Não vai, não.

— Mas... — Ela para de falar quando abro a porta do passageiro e tiro a chave da sua mão.

— Eu vou levar você para a sua casa — Fecho a porta, dou a volta no carro e assumo o volante. — Você só precisa me dizer onde é.

— Siga em frente e vire a segunda rua à direita, logo depois do farol.

O percurso até a enorme casa branca onde ela mora com os pais leva cerca de vinte minutos e Sophie o faz em silêncio absoluto. Ela não me olha em nenhum momento e isso me deixa de certa forma angustiado. Preciso me concentrar em manter as mãos no volante o tempo todo para não segurar a sua mão e beijar todos os nós dos seus dedos e decorar a maciez da sua pele sob a minha boca. Mas não faço isso porque quanto menos recordações eu tiver, mais fácil será ir embora.

— Você leva o meu carro amanhã de manhã? Eu preciso muito dele e...

— Você vai guardá-lo na garagem?

— Não, eu perdi meu controle e não tenho como abrir, mas... Você não vai embora com ele?

— Eu vou de metrô.

Quando termino de estacionar o carro em uma vaga apertada bem em frente da sua casa, olho para ela bem a tempo de ver a confusão instalada em seu rosto. Ela nem imagina a confusão que está acontecendo dentro de mim.

— Eu posso dormir demais amanhã e atrapalhar o seu dia, então...

— Atrapalhar? — Ela balança a cabeça, negando, e uma ruguinha se forma entre suas sobrancelhas. Dessa vez, minha mão não obedece ao meu comando de ficar parada e acabo tocando o vinco em sua pele. Sophie fecha os olhos por alguns segundos e me pergunto se ela está sentindo o mesmo que eu. É como se todas as partes do meu corpo ficassem despertas com apenas esse toque.

Coloco uma mecha da sua franja atrás da sua orelha e ela estremece, ainda de olhos

fechados.

— Amanhã você pode querer comer caviar com alguém e eu não quero empatar seu encontro.

Ela arregala os olhos e deixa uma risada escapar.

Ah, Sophie! Eu acho que acabo de me apaixonar pela sua risada.

— Eu achei que você fosse me levar para um encontro?

Arqueio as sobrancelhas. Ela pega a minha mão que ainda brinca com a mecha do seu cabelo e deposita um beijo em seu dorso.

Acho que decorei a maciez dos seus cabelos.

Acho que decorei a suavidade dos seus lábios na minha pele.

Ela sorri para mim e me olha através dos seus imensos cílios negros. Depois, abre a porta e sai. Faço o mesmo e nós nos encontramos na traseira do carro.

— Só para você saber, eu não vou comer caviar amanhã porque sim, eu tenho um encontro... — Estreito o olhar e tento disfarçar a decepção que essas palavras me causam. — Essa pessoa que vai sair comigo odeia caviar então acho que o cardápio será outro. Eu não sei o que ele gosta de comer porque eu não o conheço muito bem, mas parece que ele gosta muito de *S'mores*.

Só percebo que estou quase arrancando a pele da minha nuca quando ela diz a última frase e sorri para mim.

— Esse cara tem muita sorte. Eu daria tudo para comer *S'mores* amanhã.

— Se você não estiver atrapalhando ninguém... — Ela faz sinal de aspas com os dedos. — e quiser que eu cozinhe para você... — Ela dá de ombros e cruza os braços na frente do corpo.

— Às oito? — Pergunto ligeiramente ansioso e preciso controlar a minha voz.

— Está ótimo — Ela dá um passo na minha direção e aponta o dedo em riste para mim. — Você compra o vinho — Aquiesço e ela sorri. Dou um passo à frente, diminuindo o espaço entre nós. — Você tem alguma comida preferida? — Nego. — Nenhuma comida pela qual você daria a vida?

Nego outra vez.

— Surpreenda-me.

Ela sorri ainda mais e quase me perco naquela covinha.

Eu poderia beijá-la agora!

Eu posso beijá-la agora!

Seguro seu rosto com a mão esquerda e me inclino na sua direção. Beijo sua covinha e sinto uma pressão no estômago quando percebo que a pele do seu rosto é ainda mais quente e macia sob meus lábios. Inspiro o ar profundamente e me afasto antes que...

Dou um passo para trás e acho que isso a deixa surpresa porque seu corpo parece perder um pouco do equilíbrio. Coço o queixo com a mão e tento manter meu próprio equilíbrio, não apenas físico. O emocional é o que me abala mais enquanto olho para seu pescoço quente e vermelho.

— Eu vou... — Digo apontando para trás com o polegar sem saber exatamente para o que estou apontando.

— É, eu... — Ela pigarreia. — Eu também vou.

Concordo com ela, enfio as mãos nos bolsos e dou as costas para ela.

— Adam! — Grita quando já estou a pelo menos dez passos de distância. Viro-me para ela outra vez. — Eu detesto caviar! — Um sorriso brincalhão dança em seus lábios e me pego fazendo o mesmo.

— Graças a Deus! — Grito de volta.

Seria tão mais fácil se você gostasse de caviar, Sophie!

“Por favor, tenha misericórdia de mim
Vá com calma com o meu coração
Mesmo que não seja sua intenção me machucar
Você está sempre acabando comigo
Por favor, tenha misericórdia de mim”
(Shawn Mendes - Mercy/2016)

Sophie

— O cheiro está ótimo — Adam chega tão perto para mexer na panela sobre o fogão que sinto um leve formigamento na nuca.

— Esse risoto de camarão é receita do meu pai — Olho para ele apenas de canto de olho e o formigamento começa a se espalhar pela minha coluna. Puxo o ar com força e tento me concentrar nos tomates cerejas à minha frente e em não cortar os dedos enquanto parto-os ao meio com uma pequena faca. — Espero que você goste.

— Se é comida, eu gosto.

— Tem alguma coisa que você não goste de comer? Além de caviar? — Ele cruza os braços na frente do corpo e apoia as costas na pia. Pensa por alguns segundos e começa a balançar a cabeça negando, mas para.

— Eu não gosto de brócolis.

— Brócolis? — Encaro-o com a testa franzida.

— Brócolis — Confirma fazendo uma careta. — Odeio aquelas arvorezinhas verdes e sem gosto de nada.

— Aquelas arvorezinhas são uma delícia — Ele me olha como se eu fosse uma aberração. Em seguida, coloca a língua para fora e finge ter ânsia de vômito. Volto a minha atenção para os tomates.

— Você parecia tão perfeita — A maneira como ele diz isso faz alguma coisa explodir em meu peito.

Perfeita? Ele me acha perfeita?

Ele pisca para mim e pronto. Minhas mãos começam a tremer.

Minha respiração começa a falhar.

Meu coração bate forte.

Muito forte.

Solto o ar pela boca, lentamente e volto a me concentrar nos tomates.

Eu só preciso me concentrar para que esse leve tremor que domina cada músculo do meu corpo não me faça, ao invés de cortar os tomates, cortar meus dedos fora.

Adam me desconcentra.

— Vou abrir o vinho, você quer uma taça agora?

— Quero, por favor — Respondo rápido, ansiando para que o álcool alivie a tensão que estou sentindo. E por que estou tão tensa? Não me lembro de estar assim ontem ou anteontem?

Ah, Sophie! Quem você está tentando enganar?

Desde que Adam invadiu a minha vida eu venho me sentindo estranha.

Coração acelerado.

Mãos frias.

Pernas trêmulas.

Calafrios.

Desde que ele invadiu a minha vida, eu só penso nele. *Nele*. E em estar com ele e...

Adam se afasta da pia e, enquanto caminha até a geladeira, seu braço roça no meu. É um toque leve, rápido e extremamente intenso. Tão intenso que aquele formigamento se espalha pelo meu corpo inteiro. Tão intenso que preciso fechar os olhos por um segundo e puxar o ar com força. Tão intenso que a faca desliza pela superfície do tomate e acaba cortando o dorso da minha mão esquerda.

— *Merda! Merda! Merda!*

Começo a dar pulinhos pela cozinha enquanto aperto o corte com a mão direita. Eu imagino que isso vá ajudar a dor passar e fazer com que o sangue continue dentro do meu corpo. Porque é onde ele deve ficar, porém é inútil. Minha mão está doendo tanto, queimando tanto e ardendo tanto, que sinto lágrimas se formando em meus olhos. O sangue, quente e viscoso já escorre pelos meus dedos e cai no piso branco da cozinha. Engulo em seco e fecho os olhos pressentindo o que vai acontecer.

Já sinto o suor se formando em minha testa. Sinto minhas mãos ficando frias e, de repente, parece que a cozinha está se movendo, lentamente, mas ainda assim, está se movendo.

— Ei — Adam me segura pelos ombros e me faz ficar parada. Ele também está se movendo. — O que aconteceu com...? Ah, *cacete!*

Olho para ele assustada.

— Por que você disse isso? — Pergunto com a voz tão fraca que tenho a impressão de que não disse nada.

— A sua mão, você... — Ele olha atentamente para a minha mão, para o corte, para o sangue... Sigo seus olhos, mas não tenho coragem de olhar diretamente para o machucado. — Você fez um trabalho e tanto aqui.

Ah, meu Deus!

Fecho os olhos.

— Eu ainda tenho cinco dedos? — Estou choramingando e sinto minhas pernas perdendo a força. — É muito feio? — Adam parece estar rindo, mas não quero abrir os olhos e ter certeza. *Eu não posso abrir os olhos!* — Eu não consigo olhar! — E dessa vez, estou chorando de verdade.

— Vamos lavar isso aqui — Com apenas um olho aberto, e sem olhar para a minha mão, vejo que ele me leva até a pia da cozinha, abre a torneira e coloca a minha mão debaixo da

água fria.

— *Aiii!* — Gemo quando a dor fica quase insuportável. Tento puxar a mão, mas ele a segura firme sob o jato de água. Aperto ainda mais os olhos, porém, uma dor ainda mais aguda me faz arregalar os dois de uma vez só. — O que você está fazendo? — Pergunto com voz estridente e, ao mesmo tempo, chorosa. Ele está concentrado lavando meu machucado com sabão. *Sabão?* Mas esse não é o maior problema. Não mais. A espuma, que estava branca há dois segundos, começa a ficar vermelha por causa do sangue que continua escorrendo do corte e indo embora pelo ralo. Engulo em seco novamente e, dessa vez, meus joelhos cedem. — Adam... — Murmuro, mas minha voz é tão baixa que ele não me ouve. Apoio a outra mão na bancada, puxo o ar com toda a força que ainda me resta e tento me manter em pé. — Adam, eu...

— Sophie? — Acho que ele está olhando para mim. Mas não tenho certeza porque a minha visão está embaçada e a cozinha não está mais se movendo lentamente, ela está rodando, rodando e rodando e rodando e eu... Eu também estou rodando... — Você está bem? — Nego e consigo dar dois passos vacilantes para trás até que sinto minhas costas apoiarem na superfície fria da geladeira. — Você está muito pálida e...

— Eu vou desmaiar — Balbucio e deixo minhas costas escorregarem pela porta da geladeira. Dobro os joelhos, abaixo a cabeça e começo a respirar da maneira que eu acho correta. Tenho certeza de que não tem ar suficiente entrando em meus pulmões. Não tem ar dentro dessa cozinha. Estou suando frio e meu coração bate tão rápido e tão forte que tenho a impressão de que ele vai sair pela boca ou mudar para o lado direito do meu peito, ou quem sabe, quer trocar de lugar com o estômago porque ele também parece estar tendo algum tipo de ataque. Eu estou virando do avesso e meu corpo parece gelatina. Adam está perto de mim, pressionando minha mão com alguma coisa e me pedindo para respirar. Faço o que ele pede, ou pelo menos tento. Não tenho ideia de quanto tempo ficamos assim, até que sinto a pressão sobre o corte diminuir.

A dor, que chegava a ser insuportável, também parece diminuir. Inspiro profundamente e levanto a cabeça. Apesar de me sentir bem melhor, prefiro manter os olhos fechados.

— Você continua pálida.

— Eu estou bem, é só que... — Murmuro apoiando a cabeça na porta da geladeira. — Eu fico assim sempre que vejo sangue — Ouço quando uma risada escapa de seus lábios e fico tentada a abrir meus olhos. Mas então me lembro que provavelmente há uma poça de sangue aos meus pés, por isso, acabo desistindo. — Eu já te disse que a minha mãe é médica?

— Não.

— Ela é ginecologista. Tia Ellis, a irmã gêmea dela é cirurgiã geral. Meus primos, Scott e Lucy também são. Acho que minha mãe se sente frustrada até hoje porque nenhum de seus filhos seguiu seus passos.

— Você seria uma péssima médica.

Sua voz está suave e eu tenho certeza de que ele está sorrindo. A pressão na minha mão machucada fica ainda mais suave.

— Sim, eu seria. Imagina só uma médica que desmaia sempre que vê sangue?

— Você está nervosa?

— Um pouco.

— Por isso está falando sem parar?

Será que é assim tão óbvio?

Apenas balanço a cabeça para cima e para baixo e tento conter um sorriso.

— Então vamos conversar mais um pouquinho enquanto esse sangue para de escorrer.

Concordo mais uma vez e engulo em seco só de pensar no que ele acabou de falar. Será que eu vou precisar repor esse sangue? Tenho certeza que não, mas não consigo conter a náusea que me invade só de pensar nisso. Respiro fundo para tentar manter o equilíbrio.

— Você trabalha com o quê? — Faço a primeira pergunta que me vem a cabeça.

— Minha família tem duas lojas de equipamento de mergulho na Carolina do Norte.

— Você sabe mergulhar?

— Sei.

— Eu sempre quis mergulhar. Você poderia me ensinar qualquer dia desses.

— Quando você quiser.

— Eu vou me lembrar disso.

— Você é tipo um homem de negócios?

— Digamos que eu era. Já trabalhei com tantas coisas enquanto viajava que já nem sei mais qual é a minha profissão.

— Você deveria investir na carreira de socorrista ou algo do tipo. Você poderia até ser médico — Meus lábios se curvam para cima em um sorriso tímido e, mesmo com os olhos fechados, sinto uma vibração ao redor do meu corpo e sei que ele está sorrindo também.

— Você está se sentindo melhor?

Concordo com a cabeça.

— Eu vou sobreviver.

Ou não...

Constato isso quando abro os olhos e o vejo sem camisa. Ela está jogada no chão e está manchada de sangue. Ele tirou a camisa para pressionar o corte e estancar o sangramento? Puxo o ar mais uma vez e desvio os olhos, mas eles parecem estar atraídos pelo seu peitoral. Melhor fechar outra vez.

— Eu vou ver se tem algum kit de primeiros socorros no banheiro. Você consegue ficar sozinha um pouco?

— Hum-hum — Murmuro ao mesmo tempo em que afirmo com a cabeça.

— Segure isso mais um pouquinho — Ele coloca a camiseta sobre a minha mão e me faz pressioná-la com a outra. — E fique de olhos fechados... — Fala com a voz um pouco distante e penso que ele já está saindo da cozinha. — Está sangrando outra vez.

Adam volta rapidamente e tira a camiseta da minha mão. Abro os olhos e para a minha

frustração ele... Alívio! Eu quero dizer alívio, *droga!* Ele está vestindo uma camiseta preta.

— Encontrei isso no armário do banheiro.

Aquiesço e ele começa a jogar um líquido transparente sobre o corte. Será que é água? Soro? Lembro que a minha mãe sempre tinha um frasco de soro no seu kit de primeiros socorros. Eu odiava aquele kit. Ainda odeio. O sangue parou de jorrar e eu já o sinto correndo em minhas veias outra vez. De onde nunca deveria ter saído. Com uma gaze, ele limpa tudo com tanto cuidado que nem sinto dor.

Um vinco se forma entre suas sobrancelhas e não consigo desviar os olhos dele. Algumas vezes, seus olhos encontram os meus e um pequeno sorriso ameaça se formar em seus lábios e então, ele volta a limpar o corte.

— Talvez isso arda um pouquinho.

Apenas faço que sim com a cabeça. Ele espirra alguma coisa na minha mão e sinto um frio no estômago. Isso arde. Muito! Tento puxar a mão, mas ele não deixa. Inclina-se para frente, eleva só um pouquinho a minha mão e começa a assoprar o local do corte.

É agora que eu começo a me apaixonar por ele?

É agora que ele rouba metade do meu coração?

É agora que eu...

— Sophie? — Sinto seus dedos tocarem meu queixo.

— O quê? — Pergunto confusa.

— Você está passando mal outra vez?

— Não, eu... Não... — Minto e balanço a cabeça, porque na verdade eu estou passando mal. Muito mal. E não é por causa do corte, do sangue ou do machucado ou... Respiro fundo e volto a me recompor. Mas é difícil quando ele continua segurando a minha mão e assoprando entre uma palavra e outra. — Eu estou bem — Respondo com a voz surpreendentemente mais firme.

— Eu não sou especialista, mas acho que você precisa de pontos.

— Pontos? — Eu nego enquanto ele assente. — Não, não quero levar pontos.

— Mas...

— Não — Digo enfaticamente. — Eu odeio hospitais tanto quanto odeio sangue, agulha e... — Sinto um calafrio percorrendo meu corpo quando me lembro de todas as vezes que precisei ir para um hospital ou minha mãe precisou me socorrer quando eu me machucava e isso acontecia o tempo todo. — Tenho certeza que dentro dessa maletinha tem alguma coisa para você fazer aqueles pontos falsos — Ele está sorrindo enquanto olha para mim. — Você sabe dar ponto falso, não sabe?

— Sei, mas você vai ficar com uma cicatriz feia aqui e...

— Eu não me importo — E digo isso com sinceridade. O que é uma cicatriz quando posso evitar uma anestesia, leia-se agulha gigante, outra agulha menor enquanto algum médico fura a minha pele e tenta uni-la outra vez...? *Não!* Eu realmente não ligo para a cicatriz.

Ele assente, solta a minha mão e pega uma pequena embalagem. Com uma tesoura, corta

pequenos pedacinhos do micropore e começa a grudar na minha pele.

— Eu acho que você é um especialista — Digo assim que ele cola a última tira sobre a minha mão.

— Eu precisava ser — Seus olhos encontram os meus e um canto de sua boca se levanta. Esse sorriso torto ainda vai me fazer perder os sentidos. — Depois dos treinos de futebol precisávamos cuidar dos nossos ferimentos e algumas vezes eles eram bem feios. Se meus pais tivessem que pagar a conta do hospital sempre que eu voltava para casa... — Ele revira os olhos e sorri. — Teriam falido antes que eu conseguisse me formar no colégio.

— Essa cicatriz na sua boca... — Levanto a mão boa e ameaço tocar a pequena marca branca bem próxima do seu lábio superior, mas recuo imediatamente. Tocá-lo não é uma boa ideia. Na verdade, é uma ideia maravilhosa. Tão maravilhosa que sinto as pontas dos meus dedos formigando apenas por imaginar como seria tocar a pele tão perto da sua boca. Por isso, preciso me conter. Disfarço, aponto para a cicatriz e coloco uma mecha imaginária de cabelo atrás da minha orelha. — Você ganhou jogando futebol?

— Não — Ele solta uma risada fraca, mas ela vira uma gargalhada no segundo seguinte. — Isso aqui... — Ele toca a cicatriz com o indicador. — Foi uma garota — Olho para ele com os olhos arregalados.

— O que você fez para ela?

— Nada — Ele dá de ombros e continua rindo.

— Nada? — Ele concorda, mas quando me olha sei que está mentindo. Seus olhos azuis estão sorrindo tanto quanto seus lábios. — Sério? — Sussurro e ele concorda mais uma vez. E então, quando eu acho que ele vai apenas terminar meu curativo ele começa a falar.

— Eu disse que ela era muito bonita. Ela não acreditou e jogou uma bola de basquete em mim e *porra!*, ela era muito forte.

— Espera! — Espalmo a mão direita no ar. — Ela acertou sua boca com uma bola de basquete porque você disse que ela era bonita?

— Bom — Ele diz timidamente enquanto cobre os pontos falsos com uma gaze e coloca uma faixa de micropore por cima de tudo. — Ela era muito feia. Muito, muito feia, coitada. Tinha sardas, usava aparelho nos dentes, uns óculos enormes e era tão magra que eu tinha a impressão de que se ela ficasse de perfil eu não seria capaz de enxergá-la. Todos os garotos da escola diziam que ela era feia. Eu só estava tentando ser gentil, mas parece que ela não acreditou em mim.

— Quantos anos você tinha?

— Dez.

Ah, meu Deus! Ele só tinha dez anos e já tentava ser tão gentil com uma garotinha?

Acho que mais um pedaço do meu coração passa a ser dele.

— Pronto.

— Obrigada — Respondo em um fio de voz porque estou tão... Tão alguma coisa por ele que não consigo encontrar a minha própria voz. Agora eu consigo entender o que aquelas

personagens de livros sentem quando estão apaixonadas.

Apaixonada...

Deus do céu!

Eu estou apaixonada!

— Espere, falta uma coisinha — Ele me olha de um jeito diferente e começa a levar a minha mão até a sua boca, depositando um beijo demorado sobre o curativo. — Acho que agora vai sarar mais rápido.

Meu coração para e sinto que ele já não é completamente meu.

Não mais.

Adam acabou de roubar mais um pedacinho e tenho certeza de que já tem mais da metade dele. Inspiro com força e acho que ele está ouvindo o quanto ele bate acelerado.

Será que ele também está ouvindo?

Será que ele também está sentindo os calafrios?

Mordo o lábio quando ele beija a minha mão mais uma vez, um pouco acima do machucado. Faço isso porque tenho medo de gemer alto.

Será que ele está sentindo esse estranho frio na barriga?

Seus olhos encaram a minha boca e um brilho diferente passa por eles.

Inspiro mais uma vez.

Sua boca desliza um pouco mais para cima. Seus lábios quentes e macios tocam meu punho e sinto meu abdômen contrair.

Ele inspira profundamente, levanta os olhos para mim e seus polegares desenhavam pequenos círculos na pele do meu antebraço. Sinto que vou derreter.

— Sophie... — Murmura enquanto se aproxima um pouco mais. Os brilhantes olhos azuis continuam grudados na minha boca e tudo o que eu consigo fazer é morder o lábio com mais força. Sua respiração parece tão afetada quanto a minha. Errática.

Adam se aproxima ainda mais e seus dedos sobem mais um pouco. Minha pele queima nos lugares onde ele me toca. Meu corpo inteiro queima e o calor na cozinha começa a ficar insuportável.

Maravilhosamente insuportável.

Será que ele está queimando também?

Será que ele está sentindo o mesmo calor que eu?

Levanto os olhos para o teto quando seus dedos deslizam até a base do meu pescoço e tenho a impressão de que a cozinha está pegando fogo. É tão real que vejo uma fumaça preta passando logo acima da minha cabeça.

Fumaça...

Fogo...

Fogo?

— Fogo! — Grito desesperada quando me dou conta de que a fumaça preta não é uma

ilusão. Ela está saindo da panela.

Adam arregala os olhos para mim, confusos e assustados, mas então constata o que acabei de dizer. Rapidamente, fica em pé e corre até o fogão. Com a ajuda de um guardanapo, joga a panela dentro da pia e um chiado corta o silêncio quando ele abre a torneira e a água entra em contato com o ferro quente.

Fico em pé e olho o estrago que virou o nosso jantar. Acho que nem carvão consegue ser tão preto.

— Pobres camarões... — Digo visivelmente desapontada.

— Pois é.

Nós dois estamos encarando a panela e tenho certeza de que é apenas uma maneira de controlar o que estamos sentindo.

— Você gosta de pizza? — Adam corta o silêncio e posso jurar que há um pouco de frustração por de trás da sua voz. Só não consigo identificar se ela foi causada pelo risoto ou pelo beijo que não aconteceu.

— Hum-hum.



— Como está a sua mão? — Ele pega um pedaço de pizza, coloca sobre seu guardanapo de papel e em seguida me entrega outro pedaço.

— Doendo um pouco — Adam sorri, achando graça, quando todos os *pepperonis* da minha pizza caem sobre a mesa. — *Merda!* Ah, desculpe! — Peço envergonhada quando percebo o que acabei de dizer. Minha mãe odeia quando eu falo palavrão, não que eu considere ‘merda’ um palavrão. Ela mesma já disse isso várias vezes quando pensava que nenhum de nós estava ouvindo. Mas se me ouvisse dizendo isso durante uma refeição...! Adam, por outro lado, parece não se importar. Ele está rindo quando sai do seu lugar, no chão ao lado do sofá, e vem se sentar perto de mim.

Perto demais...

— Deixa eu te ajudar — Ele começa a colocar os *pepperonis* sobre a fatia de pizza mais uma vez. — Não é fácil comer pizza apenas com uma mão.

— Não — Minha voz está ligeiramente estrangulada e ainda não sei se é a proximidade dele que faz isso comigo, ou o calor que emana da sua pele, ou são seus olhos. Acho que é a boca.

Definitivamente é a boca.

Por que ele tem que ter uma boca tão perfeitamente desenhada?

— Abra a boca — Faço o que ele manda e ele leva a fatia de pizza até a minha boca. Mordo um pedaço pequeno. Adam está sorrindo para mim. Um sorriso tímido, discreto e, ao mesmo tempo, intenso e avassalador. Não consigo desviar os olhos dos seus lábios quando ele leva o mesmo pedaço de pizza até a boca e o morde também.

O que tem de tão maravilhoso nisso?

Por que eu não consigo desviar os olhos? Eu já o vi comendo antes e é tão... Maravilhoso.

Não! Eu quero dizer normal. Normal. *Droga!* O que está acontecendo comigo?

Ele coloca o pedaço de pizza na minha boca outra vez. Mordo mais uma vez e fecho os olhos quando ele toca o canto da minha boca com as pontas dos dedos.

— Você babou aqui.

Odeio o fato de que estou hipnotizada pela sua boca.

Principalmente agora que ela está se curvando para cima nesse meio sorriso.

— Você sabe que pode colocar a fatia de pizza em um prato e cortar em vários pedacinhos — Digo tentando afastá-lo antes que eu perca a cabeça. — Assim eu posso comer sozinha e...

— Cortar uma pizza em pedacinhos? — Seus olhos se arregalam. — Você está louca? Isso é quase uma heresia.

— Mas assim você não precisaria colocar a pizza na minha boca e...

Ele não espera que eu termine de falar. Empurra a fatia para a minha boca e me obriga a dar uma mordida bem grande.

— É um prazer.

Ele pisca para mim e acho que não tem uma parte do meu corpo que não se arrepia mesmo com metade do rosto completamente engordurada e praticamente engasgada.

Dois pedaços e meio depois eu estava satisfeita. Adam não. Enquanto eu bebericava um pouco de cerveja ele acabava com o restante da pizza.

— Então... — Começo um pouco sem graça — Você pretende voltar a fazer mochilão?

— Eu não sei — Ele bebe mais da metade da sua cerveja em um único gole.

— Você não gosta daqui?

— Para ser honesto, eu não gosto, não muito. Mas tem algumas coisas com as quais eu me identifico nessa cidade maluca.

— Que coisas?

Ele limpa a garganta, fica me encarando por longos segundos e eu me pego desejando que diga que é comigo que ele se identifica. Há uma hesitação no seu olhar e eu tenho certeza de que ele vai sorrir e dizer o que eu quero ouvir, mas não.

— Eu passei tempo demais em um lugar só e agora que descobri como é bom viajar sem rumo, sem ter que dar satisfações de nada e para ninguém... — Ele balança a cabeça e bebe um gole da sua cerveja. — Eu acho que vai demorar muito para que eu me estabeleça em algum lugar outra vez.

Engulo em seco e tento disfarçar a decepção que, com certeza, está estampada em meu rosto.

— Então... É... Hum, você...? — Começo a falar, mas esqueço completamente o que é. Adam está me deixando confusa. *Não!* Confusa não é a palavra certa. Ele está me deixando tonta. Será que pessoas confusas ficam tontas? Será que essa tontura que estou sentindo é normal? Na verdade, não é uma tontura. Eu estou tendo palpitações e essas palpitações estão fazendo o sangue correr mais rápido nas minhas veias e, conseqüentemente, está me fazendo ter essas sensações estranhas de tonturas e pernas derretendo. Ou deve ser por causa da

cerveja, mas eu bebi apenas meia garrafa, então eu acho que não. São os...

— Sophie?

— Hum?

— Você está bem?

— Não, quer dizer, estou. É claro que estou, por quê?

— Porque você estava me olhando com essa... É... — Ele me encara com um sorriso enviesado. — Você não vai desmaiar dessa vez, vai?

— Acho que não.

— Certo — Ele aquiesce e aponta para a minha cerveja. — Você quer outra?

— Quero — Enquanto ele vai até a cozinha me dou conta de que é melhor eu não beber mais nada. Já estou estranha demais sem beber. — Não! Eu não... — Mas ele já está colocando uma garrafa aberta na minha frente. — Eu ia dizer que não queria já que tenho que voltar dirigindo e... — *E porque eu estou com medo de beber demais enquanto você sorri para mim e exhibe essa covinha.* Mesmo assim, acabo levando a garrafa à boca.

— Você pode dormir aqui — Adam se senta no chão à minha frente e bebe um gole da sua cerveja. Eu engasgo com a minha e cuspo tudo sobre a mesa de centro. *Mas que droga!* Começo a tossir de uma forma nada agradável. Ergo os dois braços como Susanne me ensinou quando eu era apenas uma garotinha. Adam está gargalhando, o que me faz tossir ainda mais.

— Meu Deus, você... — Ele para de falar, fica em pé e, ainda rindo, vai até a cozinha. Segundos depois está de volta com um guardanapo de pano e um copo de água. — Beba um pouco — Pego o copo de sua mão e dou um pequeno gole enquanto ele enxuga a mesa.

— Desculpe — Peço depois de me recompor totalmente. Adam já está de volta ao seu lugar. — É que você disse que eu poderia dormir aqui e eu não sei o que me deu, então... — Acho que estou falando demais então paro sem concluir nada.

— Eu ia sugerir o quarto de hóspedes, ou o sofá cama — Ele dá um tapinha no sofá ao nosso lado. — Até mesmo esse sofá. Ele é muito confortável. Mas você também pode pegar um táxi se não quiser dirigir.

— Talvez eu chame um táxi — Só de imaginá-lo dormindo no andar de cima me dá calafrios. Será que ele sempre dorme de cueca e...?

Ah, meu Deus!

Eu estou enlouquecendo!

Ele está me enlouquecendo!

Por que minha cabeça está tão bagunçada?

Por que meu coração está tão...

Sua voz me traz de volta para a realidade... Ou me tira dela de vez.

— Acho melhor. Você não deveria dirigir com essa mão machucada. Isso seria muito perigoso para os outros motoristas.

Jogo o guardanapo que está sobre a mesa em sua cabeça. Adam começa a rir outra vez e percebo que acabo de me apaixonar pelo som da sua risada.

— Eu sinto muito pelos *S'mores* — Digo e ele dá de ombros.

— Eu ainda tenho esperanças então, quando a sua mão melhorar ou amanhã... — Suas sobrançelas arqueiam e ele parece um garotinho ansioso pela sobremesa após o jantar. — Você pode voltar amanhã?

— Posso — Respondo achando graça e consigo sentir a ansiedade crescendo dentro de mim.

— Você sabe fazer *baklavás*?

— *Ba...* O quê?

— Era uma sobremesa que eu comia na Grécia o tempo todo. Você não tem ideia de como aquele doce era bom.

— Mais do que os *S'mores*?

— Não, nem tanto.

— Então você esteve na Grécia? — Ele assente e sorri. — Eu sempre quis conhecer a Grécia. Na verdade, ela está no topo da minha ‘lista de lugares para conhecer antes de morrer’.

— Você tem uma lista de ‘lugares para conhecer antes de morrer’?

— Claro! Você não tem?

— Não — Responde rindo.

— Eu fiz essa lista quando tinha nove ou dez anos, mais ou menos. Daniel estava há cerca de seis meses fazendo mochilão pela Europa e eu estava em casa entediada e morrendo de inveja porque eu sabia que jamais faria uma viagem como a dele.

— Por quê? — Ele me olha com curiosidade.

— Porque eu tenho dois irmãos superprotetores que nunca me deixaram sequer pensar em fazer uma viagem desse tipo, ainda mais sozinha.

— Você tem outro irmão?

— Owen. Ele é o mais velho. Não é tão ciumento quanto Daniel, mas sabe ser muito chato quando quer, mas... — Abanei a mão direita no ar. — Eu quero saber da Grécia.

— Eu estive em muitos lugares durante esses sete meses e cada um tem alguma coisa de muito especial, mas nada se compara a Grécia. — Um sorriso ilumina seu rosto. — Eu acho que só falar sobre a Grécia não é o suficiente. Não dá para dizer que a água é a mais azul que eu já vi em toda a minha vida porque você não entenderia. Você tem que ver com seus próprios olhos. Você tem que sentir o cheiro e a vibração daquele lugar. Você tem que visitar Creta e ir a uma festa em *Mykonos*. Precisa assistir um pôr do sol no templo de *Poseidon* ou sentar em qualquer restaurante na vila de *Oia*, o pôr do sol lá é incrível também. Você precisa passar um final de semana inteiro em *Antiparos* e caminhar à noite por aquelas ruas, sem pressa. E você tem que comer. Comer muito! A comida da Grécia é a melhor de todo o mundo.

— Então é por isso que você gostou tanto de lá — Digo rindo e ele me acompanha.

— Acho que quando eu pegar a estrada outra vez, vou para a Grécia.

Forço um sorriso porque ele não precisa saber o quanto isso me deixa decepcionada. Ele está mexendo comigo de verdade. E agora, sentindo lágrimas arderem em meus olhos, percebo

que ele não roubou pequenas partes do meu coração. Ele o tem por inteiro e isso me apavora porque, quando esses dias em Nova York terminarem, ele vai colocar a mochila nas costas e vai partir para mais aventuras.

E eu?

Como vou ficar aqui sem meu coração?

“É amor isso que estou sentido?
Esse é o amor que eu estive procurando?
Isso é amor ou eu estou sonhando?
Isso só pode ser amor
Pois isso realmente toma conta de mim”
(Whit Snake - Is This Love / 1987)

Adam

— Você quer mais alguma coisa?

— Acho que não — Recosto na cadeira e acabo esfregando a barriga com as mãos. Uma cena horrível, eu sei, mas comi tantas panquecas, bacon, ovos e torradas que tenho a sensação de que vou explodir a qualquer momento.

— Você tem certeza? — Jess coloca uma mão na cintura e me encara com um sorriso brincalhão nos lábios. — Porque se você quiser eu posso fazer mais panquecas ou *waffles*.

— Não, sério! Eu comi demais.

— Café?

— Boa ideia.

— O que é uma boa ideia? — Sophie chega e tudo parece mudar.

Absolutamente tudo.

Até mesmo o ar fica diferente.

— Bom dia — Digo segurando sua cintura com uma mão e ela apoia a sua em meu ombro. Beijo seu rosto, carinhosamente e sinto aquele arrepio percorrer toda a minha coluna.

Meu coração fica mais agitado.

— Bom dia — Seu sorriso faz um peso desmoronar dentro do meu estômago.

Meu corpo fica alerta.

— E a sua mão?

Ela levanta a mão e me mostra um curativo bem melhor do que aquele que eu havia feito na noite anterior.

— Minha mãe ficou uma fera por eu não ter ido até um hospital. Disse que isso aqui é um corte digno de cinco pontos, pelo menos.

— Eu disse que precisava de pontos.

— E eu disse que tenho pavor de hospitais. Enfim, ela só refez os pontos falsos agora há pouco.

— Vocês dois... — Jess aponta para mim e depois para Sophie enquanto sorri. Odeio esse sorriso bobo e esses olhos semicerrados. Odeio quando ela se intromete. Odeio quando ela... Eu simplesmente odeio quando ela percebe alguma coisa. — O que está acontecendo entre vocês?

— Nada — Respondo esticando o braço e pegando a caneca de café que ela segura em uma das mãos.

— Nada? — Ela revira os olhos e vai até a cafeteira. — Impossível! Tem alguma coisa acontecendo entre vocês, eu tenho certeza! — Olho para Sophie de soslaio, mas ela não está olhando para mim. Está olhando para frente e tamborilando na mesa. Jess está parada à nossa frente outra vez. — Jura que não está acontecendo nada?

— Hum-hum — Respondemos ao mesmo tempo e ela solta uma gargalhada. A sua pior e mais escandalosa gargalhada.

— Vocês são péssimos mentirosos! Péssimos! Mas... — Ela bebe um gole do seu café e, depois de colocar a caneca sobre o balcão, empoleira-se nele. — Eu não vou contar para ninguém, prometo.

— Jess, não tem nada... — Sophie começa a falar, mas para quando Callie grita por Jess do outro lado do Galpão.

— *Droga!* Eu já volto.

Ela joga o avental sobre o balcão e sai em disparada ao seu encontro.

— Então... — Começo meio sem jeito.

— Então... — Ela parece ainda mais sem jeito do que eu.

— O que você vai fazer hoje? — Pergunto porque, de repente, não consigo pensar em não encontrá-la hoje. Passei a noite toda pensando em uma maneira de me afastar, pelo menos por enquanto. Preciso dar uma pausa ao meu coração para que ele compreenda o que são todas essas sensações que estão dominando parte do meu dia e da minha noite também. Mas depois de olhar dentro dos seus olhos e sentir seu perfume tão próximo a mim, não consigo pensar em outra coisa que não seja estar com ela.

Mesmo que isso me destrua depois.

— Eu vou jantar na casa da Elena, eu fiz as pazes com ela depois que entendi porque Jess deve ser a madrinha do Matt.

— Isso quer dizer que você não precisa mais de mim?

— Exatamente.

Ela me olha de soslaio enquanto tenta conter uma risada.

Acho que acabo de me apaixonar pelo seu senso de humor.

— Acho que nosso encontro vai ficar para outro dia então? — Sophie para de mexer no zíper da sua bolsa e me encara surpresa. — Será que eu devo encontrar alguém para fazer *S'mores* para mim?

— Bobo — Ela me dá um soco bem de leve no ombro. — Por que você não vai comigo?

— Eu acho que não é uma boa ideia.

— Eu acho que é uma ótima ideia.

— Seu irmão pode não gostar. Ele deixou isso bem claro no hospital naquele dia.

— Não ligue para ele!

— É meio difícil não ligar quando ele me encara com aquela veia saltada na testa.

— Aquela veia é assustadora, não é?

— Muito.

Ela começa a rir e, novamente o som da sua risada mexe com alguma parte mais profunda do meu coração.

— E depois tem o seu outro irmão e você disse que ele também é superprotetor. Então, não — Pego meu café e bebo um gole.

— Owen? Ele é inofensivo — Arqueio as sobrancelhas para ela que engole em seco e desvia o olhar por um instante. Será que ela está apenas tentando me convencer? — Ele faz mais o tipo que separa as brigas.

— Eu não sei se acredito nisso.

— Pois acredite. Owen não perde a cabeça nunca. Ainda mais quando Caroline está por perto.

— Quem é Caroline?

— A mulher da vida dele. Eles se casaram há alguns meses — Tem uma pequena veia pulando sob seu olho direito e percebo que sua voz vacila um pouco. — Grace está aqui! — Fala mais animada do que o normal. Sim, ela está tentando me convencer.

— Grace? — Ela assente. Mesmo depois de tudo o que havia acontecido comigo e Elena eu ainda adorava estar com a sua avó e conversar com ela. Quando ainda estávamos na escola, Jess e eu costumávamos ir para a casa de Elena todas as tardes só para comer as panquecas que Grace fazia. Ela sempre dizia que éramos seus netos também e acho que acredito nisso até hoje. — Nesse caso, eu vou.

— Que bom — Ela fica em pé e beija meu rosto rapidamente, mas não se afasta. Fica tão perto que aquela necessidade de beijá-la começa a tomar conta de mim outra vez. — Eu preciso ir. Só passei aqui pegar umas fotos que Elena me pediu e preciso correr para a loja.

— Vejo você à noite, então.

— Tudo bem.

—Você quer carona ou...

— Encontro você lá.

— Okay.

— Okay.

— Você sabe onde é?

— Não, mas você pode me enviar uma mensagem com o endereço?

— Claro.

— Okay.

— Eu preciso ir... — Ela continua perto e, se eu não estivesse na mira dos olhos de Jess, teria beijado sua covinha... E a sua boca... E seu pescoço.

— Você já disse isso.

— Acho que sim — Seus olhos estão cravados na minha boca e fica difícil manter o

controle quando ela me olha assim.

Levo minha mão até a sua cintura, mas antes que eu faça uma besteira, Jess aparece na nossa frente.

— Se vocês vão continuar afirmando que não está acontecendo nada entre vocês, sugiro que parem de se tocar. E também não se olhem assim. *Deus do céu!* — Resmunga alto e vai embora rindo. Sophie sorri para mim uma última vez e também vai embora.

Levo minha caneca até a boca e bebo um gole de café frio.

— Então? — Jess está de volta. Ela se apoia nos cotovelos e praticamente se pendura no balcão. — O que está rolando?

— O quê?

— Você e a princesa Sophie. O que está rolando entre vocês?

— Princesa Sophie? Ela sabe que você a chama assim?

— Claro que sabe e não mude de assunto.

— Não está acontecendo nada — Coloco a caneca na boca mais uma vez e finjo beber o restante do café porque ela está completamente vazia.

— Eu conheço você, Adam ‘*Quarterback*’ McQueen... — Ela pega a minha caneca vazia e começa a enchê-la mais uma vez enquanto fala. — Já vi esse olhar antes — Ela volta com duas canecas cheias e me entrega uma. — Para falar a verdade, nunca vi seus olhos tão brilhantes. Nem mesmo quando Elena aceitou se casar com você.

Suas sobrancelhas se arqueiam e ela me encara com um amplo sorriso estampado no rosto. Também odeio quando ela sorri assim.

— Por que nós estamos falando de Elena?

— Não estamos falando dela. Estamos falando de Sophie e do quanto você está apaixonado por ela.

— Apaixonado por Sophie? — Ela concorda e me lança uma piscadela. — Você não sabe o que está dizendo.

— Ah, eu sei! Eu sei muito bem o que estou dizendo. Você está completamente apaixonado. E quer saber? Ela está apaixonada por você.

— Não, não está.

— Está.

— Não, ela não... — Paro de falar quando percebo que ela tem razão.

— Viu? — Ela bebe um pouco do seu café e pisca para mim outra vez. Odeio essas piscadelas. — Você sabe muito bem sobre o que eu estou falando. Ah! Vocês ficam lindos juntos!

— Não faça isso! — Aponto o dedo em riste para ela.

— É verdade! — Ela coloca a caneca sobre o balcão e se inclina para frente. Há um brilho divertido nos seus olhos. — Você sabe que Daniel vai pirar quando souber sobre vocês dois, não sabe? — Abro a boca para dizer que vou embora e não quero ouvir mais tanta besteira, mas sua risada me faz ficar quieto. — O que faz tudo ser ainda mais engraçado. Você já falou

com a Elena?

— Elena? O que a Elena tem a ver com tudo isso?

— Ela é a sua ex e é a cunhada da Sophie, que é...

— Para, por favor! — Espalmo as duas mãos no ar e puxo a aba do meu boné para baixo.
— Sabe de uma coisa? — Desço do banco e ignoro seu sorriso idiota. — Você é louca e eu não quero mais falar com você! — Dou as costas para ela e começo a caminhar na direção da porta.

— Eu também amo você! — Grita, mas não me viro.

Saio do Galpão e sinto que meu peito está prestes a explodir. *Droga!* Odeio admitir isso, mas Jess está coberta de razão. Eu estou apaixonado e *droga* outra vez! Eu estou apaixonado por Sophie.

Eu estou apaixonado pela linda garota de olhos castanhos e brilhantes que invadiu a minha vida e o meu coração alguns dias atrás. Há algo de especial na maneira como ela me olha, sorri ou fala comigo, especialmente quando ela diz meu nome.

Ela está mexendo comigo.

Desde o primeiro dia alguma coisa mudou dentro de mim.

Desde aquele dia, tudo o que eu quero é Sophie.

Quem eu estou tentando enganar?

Eu estou apaixonado por ela!

Completamente apaixonado.

E constatar isso faz um peso despencar dentro do meu estômago. Um misto de alegria e dor invade meu peito e por um momento sinto que não sou capaz de respirar.

Eu deveria ter tomado cuidado.

Eu não deveria ter chegado tão perto.

Não deveria tê-la deixado entrar.

Mas ela entrou e *Deus do céu!* Ela é incrível... E perfeita.

Sophie! Sophie! Sophie!

Por que eu fui me apaixonar por você?

Por que tem que ser você?

Por que eu tive que me apaixonar justamente pela irmã mais nova do marido da garota que havia partido meu coração mais de um ano atrás? Não bastasse isso, ainda tem o fato de que Daniel me odeia, pelo menos é o que parece. Balanço a cabeça quando chego à calçada e encaro o trânsito caótico à minha frente.

Deixar essa cidade será mais difícil do que eu pensava.

Deixar Sophie para trás será mais difícil ainda.

Mas eu não posso fazer isso comigo outra vez.

“Todas as coisas que quero dizer
Não estão saindo direito
Eu estou tropeçando nas palavras
Você deixou minha mente girando
Eu não sei pra onde ir daqui”
(Lifehouse - You and Me/2005)

Sophie

Eu estou prestes a ter um ataque do coração.

Quando convidei Adam para vir até aqui, não esperava que a minha família inteira viesse também. Mas pelo visto, eles não têm nada melhor para fazer e não sei por que estou surpresa. Uma pequena reunião de família nunca é só uma reunião de família, Basta olhar para a quantidade de pessoas dentro dessa sala. E ainda tem todos os homens discutindo sobre futebol no terraço!

É um lindo fim de tarde e ninguém está trabalhando: nenhum médico está de plantão, a produção de *cookies* está a todo vapor e eu não esperava que tudo isso fosse virar um enorme jantar em família.

Acho que Adam também vai ter um ataque quando chegar.

Cada vez que olho para Daniel, tenho a sensação de que ele sabe exatamente o que está se passando dentro da minha cabeça e do meu coração. Especialmente do meu coração. *Mas como ele poderia saber?* Talvez Jess tenha dito alguma coisa. Ela olha para mim de vez em quando e me lança uns sorrisos estranhos. *Droga!* Será que ela realmente percebeu? Será que está tão óbvio? Sinto meu coração batendo cada vez mais rápido e levo a mão ao peito, apenas para me certificar de que ele não está aparecendo sob a minha fina camisa de seda rosa.

— Está tudo bem com você, Sophie? — Sinto uma mão em meu ombro e dou um pequeno salto para trás.

— Que susto, Susanne! — Aperto mais a mão sobre o peito.

— Você parece muito perdida hoje.

— Você acha? — Ela assente e um sorriso discreto surge em seu rosto.

— Ah, meu Deus! Você está apaixonada! — Arregalo os olhos, assustada, e olho ao meu redor, mas ela está apenas sussurrando e não tem a mínima chance demais alguém ter escutado. Abro a boca para dizer que ela está errada, mas acabo concordando com ela. Susanne me conhece desde que saí da maternidade. Ela foi a nossa babá e até hoje trabalha para a nossa família. Não! Susanne é parte da família, seu marido Jack também. Eles não tiveram filhos e, por isso, acabamos virando seus filhos postiços, como ela costuma dizer.

— Não diga nada, por favor — A ruga entre suas sobrancelhas fica ainda mais profunda.
— É tudo meio confuso... Ainda. — *Não que eu ache que vá ficar mais fácil.*

— Susanne! — Grita Lucy da cozinha. — Você pode me ajudar com esses *cookies*? — Ela beija meu rosto rapidamente e vai para a cozinha.

Olho de relance para Elena, mas ela está completamente envolvida com Matt. Olho para o outro lado e Jess está me encarando com um sorriso debochado, enquanto batuca com os dedos nos braços da poltrona.

Solto o ar com força, viro para o outro lado e pego o meu celular no bolso da calça. É a milésima vez desde que cheguei aqui. Adam disse que chegaria por volta de seis horas e ainda são cinco e quarenta e cinco. *Preciso parar com isso!* Coloco o celular no bolso outra vez, mas depois de um segundo, estou segurando-o outra vez. Continua sendo cinco e quarenta e cinco.

E então o interfone toca.

Se eu tinha alguma dúvida de que meu coração pudesse bater ainda mais rápido, acabo de descobrir que pode ficar cada vez pior. As batidas são tão rápidas e tão fortes que tenho a impressão de que todos os homens no terraço podem ouvi-lo. Talvez algumas pessoas no Central Park também. Corro para atendê-lo antes que alguém o faça.

É ele!

Antes mesmo que George me diga quem está lá embaixo já sinto minhas pernas perdendo a consistência. Coloco o interfone no gancho e vou até Elena. Preciso avisá-la antes que ele acesse as portas do elevador.

— Adam está subindo — Sussurro em seu ouvido para que Matt, que dorme em seu colo não acorde. Não! Não é isso. Na verdade, não quero que ninguém ouça o que estou dizendo porque estou com medo da reação dela. Será que é por isso que não paro de tremer?

— O quê? — Sua testa está franzida e eu não sei exatamente o que essa expressão quer dizer. — Adam está aqui? — Ela está sussurrando e isso me deixa ainda mais nervosa.

— Eu espero que isso não seja um problema — Lanço um rápido olhar para a escada que dá acesso ao terraço. Ela compreende que o problema está lá em cima e se chama Daniel.

— Eu também.

— Eu o encontrei no Galpão hoje de manhã e nós acabamos tomando café juntos e depois passamos a tarde inteira no MoMA... — Por que eu disse isso? Ela vai saber que é mentira porque Jess nos viu hoje de manhã e deve ter dito alguma coisa para ela. Então, começo a dizer o que me vem à cabeça e sei que estou falando sem parar. — Eu comentei que sua avó vai embora amanhã e ele queria se despedir e também queria ver Matt...

Paro de falar quando ela coloca uma mão no meu braço.

— Sophie, não tem problema.

— Que bom.

— Você está bem? — Pergunta curiosa e acho que está achando graça da minha situação. Será que ela notou que eu estava mentindo sobre alguma coisa? O que será que eu disse? Não consigo me lembrar de nada. O que está...?

As portas do elevador se abrem e viro meu rosto a tempo de ver Adam dar um passo à frente, sorrindo. Mas percebo que ele fica constrangido quando olha ao redor e se depara com

uma sala cheia de mulheres. Sei que ele está constrangido porque está com a mão na nuca e já consigo perceber que isso é um sinal de quando ele está nervoso, ansioso ou preocupado.

Fico em pé rapidamente e vou salvá-lo.

— Oi — Digo me aproximando.

— Você não me disse que era uma festa — Seus braços me envolvem em um abraço apertado e isso faz com que todo o ar deixe os meus pulmões.

Essa proximidade me deixa completamente sem ar.

Minhas pernas tremem.

Minhas mãos começam a suar.

— É apenas uma reunião de família — Digo dando de ombros e murmuro um pedido de desculpas.

— O que é quase a mesma coisa, *quarterback* — Jess está ao nosso lado e Adam a puxa para um abraço.

— Olá, Jess.

Ela cochicha algo em seu ouvido e ele ri. Sinto uma pontada na boca do estômago por não saber o que é.

— Adam, meu querido!

— Grace!

— Quando Elena me disse que você estava passando um tempo em Nova York, eu não acreditei. Achei que aquela história sobre passar um ano viajando não duraria tanto tempo.

— Acho que ele gostou da ideia — Diz Jess piscando para ele e segurando seu braço. — Pessoal, esse é Adam, um grande amigo de Beaufort. Todas respondem ao mesmo tempo. De canto de olho, vejo que Adam parece estar mais relaxado.

— Oi, Elena.

Ouçoo-o dizer, e então noto que Elena está ficando em pé, colocando Matt no colo de Lucy e vindo até ele.

— Você sumiu, pensei que tivesse pegado a estrada sem se despedir.

— Eu jamais faria isso.

— Eu sei. Resolveu ficar nesse caos?

— Quem sabe?

Sinto uma faísca de esperança. Será que ele vai ficar aqui? Será que eu sou o motivo?

Mas a faísca vai embora quando vejo Daniel parado no último degrau da escada nos encarando.

*“Sou apenas mais um coração que precisa de resgate
Esperando pela doce caridade do amor
E eu vou segurar a onda, pelo resto dos meus dias
Pois eu sei o que é
Andar sozinho na solitária Rua dos sonhos”
(Whitsnake - Here I Go Again/1982)*

Adam

Por um instante, penso que Daniel vai agarrar o meu pescoço e me estrangular na frente de todas aquelas mulheres — que eu não tenho a mínima ideia de quem são — Mas isso não acontece. Ele caminha até nós e olha para Sophie que parece estar apavorada.

— Daniel — Estendo a mão para ele e tenho certeza de que ele vai simplesmente ignorar o meu gesto, mas ele não faz isso. Seu aperto de mão é rápido e forte. Forte *pra* caramba. Ele está tentando fazer um esforço enorme para se manter no controle, no entanto, aquela veia na sua testa mostra o quanto a minha presença o deixa afetado e estaria mentindo se dissesse que isso não é divertido.

Sem dizer nada, ele nos dá as costas e vai até a cozinha. Elena vai atrás dele.

— Você disse para alguém que eu vinha? — Pergunto a Sophie e ela olha para mim depois de alguns segundos encarando Daniel e Elena. Eles parecem estar discutindo.

— Não, quer dizer, eu acabei de contar para Elena.

— *Droga*, Sophie! — Exclamo sem levantar a voz.

— Desculpe — Ela alterna os olhares entre mim e o irmão. Ele, por sua vez, alterna os olhares entre nós. — Mas se eu dissesse que você viria, Daniel teria dito ao George que você não poderia subir.

— Ele me odeia mesmo — Digo achando tudo muito divertido apesar de tudo.

E ele nem imagina porque eu estou aqui.

Será que Sophie imagina?

Será que...?

— Não — Ela pisca para mim e se enrosca em meu braço. — Ele só está tendo uma crise de ciúme por causa de Elena.

— Mas não existe nada entre nós, você sabe disso, não sabe? — Olho para ela ansioso para que ela diga que sim. Sophie precisa saber que não é Elena que eu quero. Apesar de toda essa confusão dentro de mim, ela precisa saber que...

— Adam? — Ouço Daniel me chamar e nós dois olhamos para ele ao mesmo tempo. Ele está olhando para a mão de Sophie — Os homens estão lá em cima.

Assinto para ele e olho para Sophie que sorri para mim. Assim que ele me dá as costas, ela fica nas pontas dos pés e sussurra em meu ouvido.

— Elena o obrigou a fazer isso.

— Sim, eu obriguei — Elena passa por nós com um sorriso de canto de boca e vai até o sofá.

Silenciosamente, sigo Daniel até o terraço. Penso em várias maneiras de puxar assunto com ele, mas percebo que não quero fazer isso. Apesar de estar envolvido demais com a irmã dele, vê-lo tão contrariado chega a ser hilário.

— Não sabia que você estaria aqui hoje — Richard veio ao nosso encontro assim que chegamos ao último degrau.

— Sophie me convidou — Digo olhando para Daniel de canto de olho que bufá e bebe um gole da sua cerveja.

— E os *Jets*?

— Você assistiu ao último jogo?

— Assisti, foi bom pra *caralho*! Eu fui ao estádio e... — Olho para trás para ver se Daniel ainda está ao nosso lado, mas não. Mesmo assim, acho melhor não dizer a Richard que Sophie havia ido comigo. Acho que não é um bom momento.

Ele me apresentou a todos.

Conversei bastante com Carl e John sobre a Irlanda. Ambos haviam feito um mochilão pela Europa quando tinham dezoito anos e tinham muitas histórias para contar. Acabei percebendo que a maioria se parecia com as minhas. Acho que a adrenalina de fazer esse tipo de viagem era basicamente a mesma para todos. Boa parte das aventuras também.

Scott, o primo médico de Sophie, e Paul, seu marido, falaram muito sobre aonde ir em Nova York, e Rachel, a linda garotinha de quatro anos adotada por eles no ano passado, não parou de falar sobre os cisnes do Central Park. Jack, o marido de alguma daquelas mulheres lá embaixo, disse que eu deveria ir embora daqui enquanto havia tempo.

— Nova York vai te deixar louco, mas você nunca mais conseguirá ir embora daqui — Franço o cenho para ele. — Essa cidade é viciante. Tem alguma coisa que te impede de partir.

— Garotos! — A voz de uma mulher ecoa por todo o terraço. — O jantar está servido.



Poderia ter sido pior.

Fiquei esperando por alguma explosão durante o jantar, mas Daniel estava quieto demais e Jess muito ocupada falando sobre seu casamento — que agora será na Irlanda — para dizer qualquer besteira que pudesse colocar Sophie em apuros. Principalmente quando Owen ficou encarando nós dois enquanto eu brincava com Matt no sofá. Não sei se ele é tão inofensivo quanto Sophie diz.

Tenho certeza que não é.

— Meus irmãos disseram alguma coisa para você?

— Hum?

— O que você tem Adam?

— Nada, por quê?

— Porque você não disse uma palavra desde que deixamos o prédio do meu irmão. Olho através da janela e percebo que já estamos chegando ao *Brooklyn*.

— E então?

— Então o quê? — Olho para ela completamente confuso.

— Daniel disse alguma coisa para você?

— Não.

— Owen?

— Não.

— Não? Mas vocês conversaram tanto!

— Owen apenas me cumprimentou e me encarou o tempo todo. Daniel não disse nada que eu já não esperasse.

— Como assim?

— Ele está com ciúme de Elena estar perto de mim ou eu estar perto dela. Essas coisas.

— E o que você disse?

Por que ela faz tantas perguntas?

Respiro fundo e volto a olhar pela janela.

— Adam! — Seu grito me assusta. Olho para ela outra vez que me encara com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Você precisa olhar para frente enquanto dirige! — Aponto para a rua e percebo que minha voz soa levemente alterada.

— E você precisa responder quando alguém te faz uma pergunta!

— Ele não disse nada demais. Só ficou resmungando sobre Elena, já disse!

— Por que você está tão irritado?

— Eu não estou irritado. É só que você não... Você... — Faço um sinal com a mão no ar. — Deixa pra lá!

Ela freia com tudo no farol vermelho. Suas mãos estão agarrando o volante com tanta força que os nós dos seus dedos estão brancos. Ela não olha para mim, mas sei que está ansiosa.

— Desculpe — Peço acariciando o dorso da sua mão direita, mas ela a puxa e finge colocar uma mecha da franja atrás da orelha. — Daniel perguntou se está acontecendo alguma coisa entre nós.

— E o que você respondeu? — Ela está tentando olhar para frente, mas tenho certeza de que está louca para olhar para mim.

— Eu disse que não — Ela assente e puxa o ar pelo nariz com força. — Eu não sabia o que dizer, Sophie. Não sabia se você...

— Você só disse a verdade — A voz dela. *Droga!* A voz dela está falhando e isso, de algum modo, parte meu coração.

O carro estaciona na frente da casa de tijolos vermelhos.

— Olha — Ajeito-me no banco do carro para poder ficar de frente para ela e seguro seu

queixo com o polegar e o indicador. Por um pequeno instante, ela tenta desviar os olhos. Sinto um frio na boca do estômago quando seus olhos tão... *Deus do céu!* Por que ela tem olhos tão lindos? — Eu não sabia o que o seu irmão ia pensar sobre nós dois estarmos... — Pigarreio sem saber como dizer isso a ela. — Eu não sei se Daniel vai gostar de saber que somos amigos e...

— Amigos — Repete e seu queixo treme sob meus dedos. — Eu preciso ir — Ela se vira e segura o volante com as duas mãos mais uma vez.

— Você não quer entrar?

— Hoje não.

— Eu comprei chá para você e...

— Eu tenho que acordar cedo amanhã.

— Tudo bem, mas você não deveria ir...

— Eu sempre vou para casa sozinha, Adam. Não precisa se preocupar.

— Então... Eu te vejo amanhã?

— Amanhã eu não posso, tenho coisas demais para resolver.

Aquiesço sentindo meu coração se partir.

Ela está irritada e magoada. Toco sua mão direita sobre o volante e seus imensos olhos castanhos me encontram e sinto aquele maldito peso em meu estômago outra vez. Sinto aquela imensa vontade de beijá-la tomando conta de mim. Sinto que vou morrer se não sentir seu gosto pelo menos uma vez. Sinto que...

Eu preciso me afastar. Preciso ir embora antes que as coisas fiquem mais intensas. Antes que eu a machuque.

Acaricio o dorso de sua mão e sua pele parece queimar sob a minha. Levo-a até a minha boca e beijo os nós dos seus dedos, um de cada vez.

— Boa noite — Digo sem encará-la, porque se eu encontrar seus olhos novamente, não conseguirei deixá-la partir.

Fecho a porta do carro e coloco as mãos nos bolsos da minha calça. Fico encarando meu tênis velho e surrado, mas sei que ela está olhando para mim através do vidro. Solto o ar com força, viro-me e começo a subir as escadas. Ouço quando ela dá partida no carro e arranca com ele pela rua.

Meus olhos ardem.

A dor começa a ganhar força, mas eu não permito que ela venha.

É melhor assim, Sophie.

É melhor assim.

É melhor para nós dois.

Continuo repetindo isso o resto da noite enquanto arrumo a minha mochila e me preparo para partir no dia seguinte.

Eu preciso ir embora desse lugar.

Mas quando amanhece, todas as minhas roupas estão amarrotadas e jogadas dentro do

guarda-roupa outra vez.

*“É difícil lutar contra esses sentimentos
Quando parece tão difícil de respirar
Estou presa neste momento
Presa no seu sorriso
[...]*

*Apenas um beijo em seus lábios ao luar”
(Lady Antebellum - Just A Kiss/2011)*

Adam

— Eu sei que eu d-disse que não poderia vir hoje, mas eu não... — Ela está com o pescoço todo vermelho e torce as mãos na frente do seu corpo sem parar. Olhar para ela assim, tão... *Por que ela tem que ser tão perfeita e tão bonita mesmo nervosa e gaguejando? Por que ela está gaguejando?* — Eu estou aqui e n-não me pergunte o motivo porque eu não sei, mas acho que eu só... — Ela dá de ombros um pouco desconcertada. — Eu passei três horas tentando desenhar um vestido de noiva e não consegui sequer um... Não consegui nada. Nem um esboço ou uma ideia nova. Nada. Eu vivo cheia de ideias na cabeça, mas... — Coloco a minha mão sobre seu braço e uma forte corrente elétrica atravessa meu corpo. Há um magnetismo em seus olhos.

— Oi — Digo baixo e sorrio para ela que retribui e para de falar.

— Oi — Um discreto sorriso ameaça aparecer, mas ela aperta os lábios. Parece aliviada com a minha reação e ao mesmo tempo sinto que a tensão entre nós aumenta.

Será que ela está sentindo o mesmo que eu?

— Você quer entrar?

— Não, eu... É... — Ela limpa a garganta. — Eu vim te convidar para almoçar comigo. Tem uma feira gastronômica em *Williamsburg* todos os sábados e se v-você...

Aperto um pouquinho mais seu braço sem tirar os olhos do seu rosto corado. Ela para de falar e encara a minha mão.

— Eu só vou pegar a minha chave.

Ela apenas assente.

Entro rapidamente em casa, calço o tênis que deixei jogado ao lado do sofá, visto uma camiseta cinza que está um pouco menos amarrotada do que a que estou vestindo agora e pego a chave de casa sobre o aparador da pequena sala de estar.

Quando saio de casa, avisto Sophie parada ao lado do seu carro.

— Vamos?

— Vamos.

Durante metade do caminho um silêncio ensurdecedor preenche o ambiente, até que fica insuportável. Sophie parece ansiosa demais. Eu estou ansioso demais e acho que antes de

conhecê-la, nenhuma garota me fez sentir desse jeito.

Não desse jeito.

Não com essa intensidade.

Ligo o rádio, procuro alguma música decente, mas não consigo ouvir nada direito. Desligo-o e volto a prestar a atenção na rua.

— Isso é patético — Ela diz sorrindo. — Nós somos as mesmas pessoas, não somos?

— Acho que sim.

— E por que nós estamos agindo dessa maneira?

— Na verdade, eu acho que alguma coisa mudou — Ela se vira para mim de repente, preocupada.

— Alguma coisa? Que coisa? — Ela não olha para mim quando pergunta. Está atenta olhando no retrovisor enquanto manobra o carro em uma vaga apertada. Mas sei que tem uma ruguinha no canto dos seus olhos. Fico assustado com o quanto a conheço em tão pouco tempo.

— Você está mais bonita.

— *Droga!* — Sinto um leve solavanco quando ela bate no carro estacionado atrás de nós.

— Você bateu o carro? — Sussurro contendo uma risada.

— Você me distraiu — Ela sussurra de volta e não sei por que estamos falando tão baixo. Rindo, abro a porta e vou até a traseira do seu SUV. Verifico os dois carros e vejo que nenhum dano foi causado. Bato na lateral do seu vidro.

— Pode continuar.

Ela assente, faz tudo rapidamente e sai do carro em seguida.

— Você não pode dizer que estou bonita enquanto tento estacionar esse carro enorme em uma vaga tão minúscula!

— Ele nem é tão grande assim — Dou uma leve cotovelada em seu braço e ganho um dos meus sorrisos preferidos. Aquele que mostra a covinha... *Aquela covinha!* Sophie passa seu braço pelo meu e começamos a atravessar a rua.

— Alguém acordou bem-humorado hoje.

— Ei! — Finjo estar magoado. — Eu tenho um excelente humor.

— Ontem você estava um saco.

— Vou fingir que não ouvi isso.

— Pode fingir, mas você precisa concordar que é verdade — Olho para baixo e, dessa vez, ganho uma piscadela. Se ela continuar me olhando desse jeito não vou resistir... *Não mais.* — Pronto para conhecer os encantos do *Brooklyn*?

Faço que sim com a cabeça e ela repete meu gesto.

Há dezenas de barracas de comida espalhadas em volta do gramado. Comidas de todos os tipos. E todos esses cheiros misturados fazem meu estômago roncar. Sophie aperta mais seu braço no meu quando uma leve brisa começa a soprar.

Isso me parece tão normal!

Ficar assim com ela em um lugar como esse... Como um casal de verdade...

Parece tão certo...Tão perfeito...

E tão errado.

— Você precisa muito experimentar o Ramen Burger — Ela me puxa pela mão até uma pequena fila. — Você está com sorte hoje. A fila costuma ser grande, mas vale a espera.

— O que é um Ramen Burger?

— Uma iguaria exótica que você só encontra aqui — Continuo olhando para ela meio confuso. — É um hambúrguer, mas no lugar do pão você vai encontrar macarrão instantâneo cozido e meio tostadinho — Balanço a cabeça e franzo a testa. — Não faça essa cara antes de experimentar.

— É bom?

— É diferente.

— Isso quer dizer que não é bom.

— Eu achei que você não fosse tão exigente com comida.

Coloco as mãos no bolso da calça e tiro a minha carteira.

— Não sou, mas eu gosto de saber o que estou comendo antes — Entrego o dinheiro para o atendente e peço dois lanches.

— Eu adoro esse lanche — Ela confessa depois que o atendente sai. — Sempre que eu posso, venho até aqui.

O lanche é mesmo diferente, estranho e muito bom. Tão bom que comemos mais um cada enquanto bebemos uma limonada cor-de-rosa inusitada feita de cacto. Comemos também batata frita e um bolo diferente chamado ‘bolo de gota de chuva’. Ainda não sei se gostei desse, mas com certeza gostei do resto. Gostei da feira. E gostei ainda mais de estar aqui com Sophie.

Em vários momentos, sempre que ela fala comigo, tenho a impressão de que está querendo me mostrar o que a cidade tem de melhor e me apresentar motivos para ficar. Mal sabe ela que eu não preciso de nada desde que eu possa olhar para ela todos os dias.

— O que foi? — Sua pergunta me desperta e percebo que ao invés de fixar Manhattan do outro lado do rio *East*, estou hipnotizado por sua boca.

— Não foi nada — Desvio os olhos e apoio os cotovelos nos joelhos.

— Está começando a esfriar.

— Você quer ir embora?

— Quero, mas não para casa.

— E quais são os seus planos, senhorita? — Faço uma pequena reverência com a mão.

— Vem — Diz sussurrando enquanto fica em pé. Somente quando chegamos ao lado do carro, percebo que estou envolvendo seu ombro com meu braço e seu corpo está colado ao meu. Acho que fiz isso porque ela disse que estava esfriando e imaginei que talvez estivesse com frio. Ou então eu apenas quis fazer. O fato é que simplesmente aconteceu e como senti

mais cedo, tudo parece certo demais.

Eu até poderia acreditar nisso se meu coração não estivesse prestes a explodir.



Sophie havia preparado tudo.

Ou as coisas foram acontecendo naturalmente, mas não posso acreditar nisso. Ela não é o tipo de garota que age por impulso. Ela pensa demais.

O tempo todo.

Quando saltamos do carro no *Brooklyn Bridge Park* ela tira uma sacola de papel do banco de trás e uma pequena manta azul. Olho para ela com um sorriso enviesado e ela apenas dá de ombros.

Até mesmo um gesto tão simples quanto esse faz meu coração perder o ritmo.

Sophie, Sophie, Sophie...

Acomodamos a manta sobre o gramado e, em silêncio, esperamos o pôr do sol. O silêncio ainda continua quando o céu muda de cor até ficar escuro e cheio de estrelas.

Alguém está cantando em algum lugar perto de nós, algumas crianças estão gritando e um bebê chora. Alguém ri atrás de mim.

As batidas do meu coração ecoam em meus ouvidos.

O que eu estou fazendo aqui?

Por que deixei as coisas chegarem a esse ponto?

Por que eu permiti que meu coração se envolvesse dessa forma?

Por que eu me apaixonei por você, Sophie?

Eu não deveria me envolver com ninguém. Eu não poderia me envolver com ninguém, muito menos ficar nessa cidade infernal. Até agora estou tentando entender o que foi aquela ideia idiota de dizer para Daniel que eu ficaria na cidade quando eu deveria estar de malas prontas para cair na estrada outra vez. Por que eu não fui embora ontem?

Olho para a garota de cabelos castanhos ao meu lado e entendo perfeitamente bem o porquê daquelas palavras terem saído da minha boca. Compreendo porque eu desfiz as malas antes mesmo de fechar o zíper.

Ela não sai da minha cabeça.

E eu não consigo deixar de pensar nela.

Sempre que fecho os olhos é o seu rosto que eu vejo.

Então porque eu estou tão apavorado?

Desvio os olhos do seu rosto e fito as milhares de luzes brilhantes à nossa frente. É possível ver Manhattan, Nova Jersey, a estátua da liberdade e muito mais, porém, a única coisa em que eu consigo pensar é na sua boca, no quanto seria bom beijá-la, no quanto eu estou ansioso para tocar a pele do seu pescoço e amá-la até o sol nascer... Para depois, fazer amor de novo.

Mas eu não posso.

Na verdade, eu posso, mas não devo.

Sophie merece alguém inteiro e eu definitivamente não sou essa pessoa.

— Você já viu uma lua tão linda quanto essa?

— O quê?

— A lua... — Continua falado com a voz baixa e melodiosa.

Eu estou apaixonado pelo som da sua voz.

Ela está com os joelhos dobrados no peito, abraçada a eles. A cabeça apoiada de um jeito que seus olhos castanhos brilham na minha direção. — Você viajou bastante esses meses, não é?

Concordo com a cabeça.

— Você já viu uma lua tão bonita quanto essa?

— Não — Respondo ao mesmo tempo em que balanço a cabeça. — Para falar a verdade, acho que nunca prestei muita atenção.

— Eu adoro a lua cheia. Gosto de ficar olhando para ela e imaginando quem mais está olhando para a mesma lua do outro lado do mundo.

Há um pequeno sorriso no canto de sua boca e é difícil me concentrar no que ela fala enquanto fito aqueles lábios rosados e convidativos.

Convidativos demais.

— Você já pensou sobre o que vai fazer?

— Sobre o quê?

— Ontem na casa da Elena eu ouvi você dizendo para Daniel que ficaria na cidade. Eu não estava prestando atenção, mas... — Ela dá de ombros e estreita os olhos só um pouquinho. — Eu estava tentando ouvir o que vocês dois tanto conversavam, mas só consegui ouvir isso e... — Sophie cruza as pernas na frente do corpo e olha para o rio Hudson à nossa frente, apenas por um momento. Uma mecha teimosa da sua franja, a mesma mecha teimosa de sempre, cai em seu rosto e preciso me controlar para não enroscá-la em meus dedos. — Você vai ficar aqui mesmo? — Há certa urgência na sua pergunta. Ansiedade também.

— Eu não faço mais planos, Sophie.

Tenho a vaga impressão de que estou sendo rude com ela, ainda que essa não seja a minha intenção. O problema é que Sophie está mexendo comigo. De alguma maneira ela está conseguindo passar pela barreira na qual envolvi o meu coração.

Ela domina até mesmo as batidas dele.

— Ah — É o que ela esboça antes de voltar a olhar para frente. O rubor próximo ao seu pescoço indica o quanto ela está nervosa ou chateada, até mesmo ansiosa. É impressionante como em tão pouco tempo eu consigo decifrar seus gestos, seus olhares e as covinhas que aparecem sempre que ela esboça um sorriso. Até mesmo a pequena ruga que se forma no canto de seus olhos sempre que ela gargalha.

Ela permanece assim, fitando o nada em silêncio até que uma garota começa a tocar violão a alguns metros de distância. Algumas pessoas ficam em pé e se juntam a ela. Eu não conheço a música, mas quando as palavras saem através de sua voz suave e melodiosa, sinto meu corpo

formigando. É estranho, porém, tenho a impressão de que ela está cantando para mim. *Para nós.*

Quando Sophie volta a me olhar, estou pronto para pedir desculpas pela acidez na minha resposta minutos atrás, porém, o sorriso travesso que ilumina seu rosto me faz recuar. Ela fica em pé em um pulo e estende a mão para mim. Hesito antes de segurá-la, tentando ignorar a intensidade do seu toque enquanto fico em pé de frente para ela.

— Eu adoro essa música — Vendo que eu continuo calado, ela continua: — *‘Will you still love me tomorrow?’* — Franzo a testa e nego com a cabeça. Sophie revira os olhos. — Você não conhece? — Nego mais uma vez e sua risada ecoa em meus ouvidos. — É um clássico. É linda! — Ela está sorrindo e não consigo desviar os olhos dos seus. — Dance comigo — Sua mão aperta a minha enquanto a outra repousa em meu ombro. Seus olhos nunca deixam os meus, ainda que tímidos e vacilantes e eu me pergunto até onde ela já foi com um homem?

Até onde ela está disposta a ir comigo?

Afasto esse pensamento no mesmo instante em que ele surge. Não há lugar nenhum para irmos.

— Eu sou péssimo, Sophie. Não sei... — Paro de falar quando ela, ignorando o meu protesto, aproxima-se ainda mais.

— Apenas dance comigo, Adam — A voz dela está mais baixa, mais pausada e o breve toque de seu hálito quente na minha pele, bem próximo da minha orelha, faz com que algo despenque em meu estômago.

Minhas mãos ganham vida própria.

Puxo-a para perto pela cintura e ela solta um gemido baixo, quase abafado que reverbera por cada parte do meu corpo. Aperto a mão que ela segura com mais força. Ela está tremendo na mesma proporção em que meu coração está acelerado. As laterais dos nossos rostos se encontram e o perfume inebriante dos seus cabelos penetra nas minhas narinas. Ele provavelmente penetra além. Sophie está conseguindo chegar aonde ninguém mais chegou.

Levo minhas mãos até o meio das suas costas, lentamente, e o arrepio que percorre seu corpo, reflete no meu. Nossos corpos estão tão próximos que tenho a impressão de que nem o ar é capaz de passar entre eles.

Meus olhos encontram a lua cheia que brilha forte no céu escuro e estrelado. Eu não menti quando disse que não havia prestado atenção na lua. Até agora. Desconfio que não encontraria uma lua tão bonita quanto essa em nenhuma parte do mundo. Então me dou conta de que não é a lua. É Sophie. Ela transforma tudo.

É por puro instinto ou, pelo menos, é isso o que eu estou me obrigando a pensar. Ou talvez seja apenas o prazer de tê-la em meus braços. Seguro seu rosto entre as minhas mãos e o deixo bem próximo do meu. Seus olhos se arregalaram e, por um momento, penso que ela vai se afastar. Mas a intensidade com a qual ela me olha faz meu desejo aumentar ainda mais. Eu só preciso sentir o gosto dela. Apenas uma vez.

Sophie, Sophie... Você vai acabar comigo.

Suas mãos sobem pelas minhas costas de uma forma urgente até pararem na minha nuca. E

é com a mesma urgência que ela me puxa para seus lábios. Há um breve segundo de clareza entre o momento em que seus lábios tocam os meus e minhas mãos a apertam com mais força.

Um breve momento que diz: PARE AGORA!

Mas eu já não sou capaz de controlar o que estou sentindo, ainda mais agora que provei o quanto seu gosto é bom. Doce e divino.

E então eu sinto a dor.

Sinto o vazio e algo se quebrando dentro do meu peito, talvez o meu coração. Cogito me afastar, porém, seus braços envolvem meu pescoço e seus pés saem do chão quando envolvo sua cintura com mais força.

Eu já não consigo pensar. As pessoas que dançam e cantam ao nosso redor desaparecem, a música parece distante e não há mais ninguém nesse gramado além de nós dois, da sua língua buscando a minha e do calor que emana de seu corpo e aquece cada parte esquecida do meu.

E a lua cheia.

Mas eu não posso ignorar a dor forte, pungente, lembrando-me do quanto eu posso me ferir ainda mais.

Há muito tempo eu parei de pensar nos sentimentos de quem quer que fosse. Eu preciso pensar em mim, mesmo que isso signifique magoá-la. Eu tenho que me preservar. Preciso me afastar dela ainda que minha vontade seja ficar. Ainda que meu desejo de torná-la minha seja mais forte. E eu a desejo tanto, com todo o meu coração. E acho que isso é o que mais me assusta:

O meu coração...

— Adam... — Ela murmura contra meus lábios antes de mordê-lo suavemente. Seguro seu rosto mais uma vez. Eu preciso afastá-la. Preciso dizer a ela o quanto eu estou envolvido e o quanto isso me assusta. Preciso que ela entenda que eu não posso me entregar, não agora, principalmente agora que todos os meus pensamentos pertencem a ela. Porém, quando olho dentro dos seus olhos, as únicas palavras que saem da minha boca não poderiam tê-la ferido mais.

— Eu não consigo... Eu... — Ela me encara com uma pequena ruga entre as sobrancelhas e, antes de me afastar, vejo lágrimas brilhando em seus olhos. Abro a boca para dizer o quanto eu sinto muito, mas acho que isso não fará diferença agora. Eu já havia ido longe demais. Dou as costas para ela e caminho a passos largos para a rua.

Arrependo-me no segundo seguinte, mas quando me viro na sua direção, ela não está mais lá. Apenas a colcha azul e a garrafa de vinho que nem chegamos a tomar.

— Eu sinto muito, Sophie — Murmuro para o nada, torcendo para que ela possa me ouvir.

“Mudaram as estações
nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente”
(Cássia Eler - Por Enquanto/1990)

Adam

— Adam? O que você está...? — Não espero que ela termine a frase. Empurro a porta, jogo minha mochila no chão e invado a sua casa. Primeiro vou até os armários da cozinha, abro todas as portas, mas não encontro nada além de comida enlatada, biscoitos e dezenas de pacotes de batata frita. Sempre achei que a minha irmã pararia com esse vício quando ficasse adulta, mas pelo jeito, não é bem assim.

— Você tem alguma bebida? — Abro a geladeira e lá dentro só tem leite e suco de laranja. Fecho a porta e vou até a sala de jantar.

— O que você está fazendo aqui a essa hora?

— Eu preciso beber alguma coisa! — Estou começando a ficar desesperado.

— Você não estava no Canadá? O que aconteceu para você se materializar em Beaufort e...?

— Pelo amor de Deus, Ellen! Eu preciso beber alguma coisa! — Dessa vez eu grito e isso faz com que ela se cale. Segundos depois, ela volta com uma garrafa de tequila em uma mão e um pequeno copo na outra. Pego os dois, encho o copo e bebo rapidamente. Começo a andar de um lado para o outro, mas não consigo apagar aquilo da minha cabeça. Volto até a mesa, encho o copo mais uma vez e bebo tudo em um gole só.

— Você atropelou alguém?

Nego.

— Você cometeu algum crime internacional e está fugindo?

— Não — Levo as mãos à nuca e fecho os olhos. *Deus do céu!* Eu vou ter pesadelos com aquilo até o dia da minha morte.

— Você engravidou alguma garota?

— *O quê? Não!*

— Então pare de andar de um lado para o outro feito um maluco e me diga o que aconteceu! São cinco horas da manhã, pelo amor de Deus!

Deixo que meu corpo caia no sofá e afundo o rosto nas mãos.

— Adam!

— Eu acabei de... — Começo a falar sem encará-la. — Eu fui até a nossa casa, quer dizer, a casa da mamãe, e então eu... — Olho para ela com o cenho franzido. — Eu não vou conseguir dizer isso em voz alta.

Fico em pé outra vez e antes que eu comece a andar de um lado para o outro, ela me segura pelos ombros.

— O que aconteceu?

— A mamãe estava... Eu cheguei de viagem agora e usei a chave que fica escondida no vaso para entrar. A casa estava escura e... *Droga, Ellen!* Eu achei que ela estivesse dormindo. Mas ela não estava, ela... Ela e-estava...

— Pare de gaguejar e fale logo! Ela está bem?

— Eu ouvi um barulho dentro do quarto dela enquanto passava pelo corredor e...

— E...? — Ela ergue as duas sobrancelhas. Já está ficando impaciente também.

— Eu peguei a mamãe fazendo... — Engulo em seco e em seguida limpo a garganta. — Você sabe.

— Não, eu não... — Ela leva as duas mãos à boca. — *Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!* — E então, ela começa a gargalhar.

— Não ria desse jeito! — Aponto o dedo em riste para ela. — Eu acabo de sofrer o maior trauma da minha vida. Você não pode rir desse jeito! — Mas dizer isso só a faz rir ainda mais.

— Desculpa, mas... Eu não... — Ela está quase se dobrando de tanto rir.

— Tio Adam? — Robert entra na sala coçando os olhos e passa alguns segundos encarando a mãe. — O que ela tem? — Sussurra vindo na minha direção.

— Ela só está sendo a sua mãe.

Ele ri e me cumprimenta com um toque de mão seguido de um abraço apertado.

— Você está muito grande.

— Eu tenho quase nove anos.

Bagunço seu cabelo extremamente loiro, como o de Ellen quando criança.

— Robert — Chama Ellen recuperando o fôlego e estalando os dedos. — Volte para a cama, ainda está escuro e eu preciso conversar com o tio Adam.

— Tudo bem, mas fale baixo. Sua risada me acordou.

— O que você acabou de dizer? — Ela coloca as duas mãos na cintura e o encara com a sua expressão séria. Robert dá um meio sorriso e balança a cabeça. — Ele tem alguma razão — Digo.

— Sim, eu tenho — Completa Robert, encarando a mãe de volta. Seu sorriso é ainda maior o que nos faz rir também. — Boa noite, tio Adam — Ele começa a se arrastar pelo corredor, mas volta-se para mim outra vez. — Você não vai embora de novo, vai?

— Eu prometo que quando você acordar, estarei aqui.

— Que bom — Fala já de costas para mim. — Eu aprendi umas jogadas novas e queria te mostrar.

Antes que eu responda, ele já some pelo corredor.

— Venha — Ellen indica a cozinha com a cabeça. — Vou preparar um café para nós.

Sento-me em um banco alto e ela liga a cafeteira elétrica e, enquanto o café é preparado,

senta-se em um banco de frente para mim.

— A mamãe estava mesmo...? É... — Ela apoia a testa na palma das mãos e balança a cabeça. Quando volta a me encarar está com a testa franzida. — Eles estavam sem roupa?

— Cale a boca, Ellen! — Ela abre a boca mais uma vez, mas não espero o que ela tem para dizer. Vou até a garrafa de tequila outra vez e bebo mais uma dose.

O que será que vai acontecer se eu colocar um pouco de tequila dentro do meu café?

— Se eu tivesse visto o que você viu... — Ela solta um assovio.

— Nós podemos falar de outra coisa? Por favor?

— Mas você não quer saber quem é o namorado dela?

— Namorado?

— Sim — Enquanto volto para o meu banco ela vai até a cafeteira. — A mamãe está namorando.

— Namorando?

— É! Quando você tem um namorado você está namorando e... — Prefiro ignorar seu comentário idiota. — Na verdade eles estão morando juntos.

— *Mas que porra é...?* Desde quando?

Ela fica pensativa por alguns instantes.

— Eu não sei. Quatro ou cinco meses.

— E por que ninguém me contou? — Meu sangue parece estar fervendo e correndo rápido dentro das veias.

— Porque você estava viajando pelo mundo e depois — Ela coloca uma caneca fumegante de café na minha frente. —, mamãe ficou com medo da sua reação.

— Qualquer reação seria melhor do que a cena que eu presenciei hoje, você não acha?

— Acho, mas... — Ela cospe um pouco do café que tinha acabado de beber sobre a bancada. — Só de imaginar a cena eu começo a rir. Desculpe!

— Quem é esse namorado?

— Você não o viu? Não falou com eles?

— Você acha que depois do que eu vi, ficaria lá para me apresentar?

— Eles te viram? — Concordo enquanto bebo um longo gole do meu café e ele parece bem mais amargo do que antes. — O nome dele é Anthony, eles se conheceram quando a mamãe foi para Miami com...

— Miami? Ela nunca saiu de Beaufort.

— Mas um dia ela resolveu sair e foi ótimo.

— Ela ainda está depressiva?

— Depressiva? — Ela arregala os dois olhos na minha direção. — Você ainda acredita que a mamãe é depressiva, Adam? Por favor! Nenhuma pessoa com depressão tem um topete tão grande e tão loiro como o dela. Nem as unhas tão bem feitas. A mamãe nunca teve depressão, ela só precisava de atenção. Era assim quando o papai estava vivo e depois, quando ele

morreu, ela precisava descarregar em alguém. E nós dois sabemos que eu nunca dei bola para as cenas dela então, acabou sobrando para você. — Ela balança a cabeça. — Você nunca deveria ter abandonado a faculdade.

— Isso já faz muito tempo.

— Mas você nunca superou totalmente, não é?

Engulo em seco e concordo com ela.

— Enfim, Anthony é viúvo, não tem filhos, é dono de uma empresa de construção e adora viajar. Ele é uma boa pessoa e mamãe está realmente feliz. Sem contar que a minha vida voltou ao normal.

Franzo a testa para ela.

— Mamãe estava me deixando louca. Desde que você foi embora ela me ligava dez vezes por dia porque precisava de carona para ir ao salão ou comprar alguma coisa.

— Ela não dirige mais?

— É claro que dirige! Ela só estava sendo ela mesma — Ela bebe um pouco do seu café. — Ah! Eles vão passar aqui amanhã antes de ir para a Itália.

— Itália?

— Como eu disse, Anthony adora de viajar.

— Só me acorde quando eles partirem.

— Não seja infantil, Adam.

— Eu vi a nossa mãe sem roupa e... Meu Deus! — Bato com as duas mãos na testa três vezes. — Eu nunca mais vou me esquecer daquilo.

— É claro que vai — Por que ela tem que rir tanto? Solto o ar com força e mudo de assunto.

— Onde está Peter?

— Wilmington. Depois que você resolveu fazer mochilão pelo mundo, nós estamos nos desdobrando com as duas lojas — Ela pisca para mim e sorri. — Eu estou brincando. Está tudo perfeito. Ele tem que ir para lá pelo menos uma vez por mês para supervisionar tudo, mas nós temos um gerente maravilhoso e isso ajuda muito.

— Que bom, assim eu fico mais tranquilo em ir até lá e pedir um emprego.

— Você está falando sério?

Cruzo as mãos atrás da nuca.

— Eu não sei.

— Por que você voltou? Você me disse que estava pensando em ficar no Canadá por alguns meses.

— Eu disse — Fico em pé e beijo o topo de sua cabeça. — Mas a vida sempre se encarrega de mudar meus planos — Ela me encara com um sorriso carinhoso. — Será que eu posso ficar com vocês por um tempo?

— Claro! Tem a edícula ao lado da piscina. Você pode se instalar lá.

— Obrigado. Não estou muito a fim de ficar sozinho e também não quero ter que morar com mamãe e o namorado dela.

— E a sua casa?

— Aquela casa era para quando eu me casasse e eu não me casei. Não quero morar lá. Eu vou alugar ou vender, não sei ainda.

— Ela tem alguma coisa a ver com a sua volta?

— Elena?

— Quem mais?

— Não — Mas pela maneira como ela me olha, eu sei que ela não está acreditando. Ellen nunca deixará de odiar Elena e acho que eu nunca saberei o motivo.

— Você tem certeza de que está bem?

— Tenho — Mas eu não estou bem e Ellen sabe disso, assim como sabe que eu não quero conversar, não nesse momento. Eu me esparramo no sofá e coloco uma almofada no rosto. — Acho que por enquanto vou ficar aqui. Estou exausto.

“Baby eu me sinto louca
Acordada a noite toda, a noite toda e todos os dias
Eu te dei algo, mas você não me deu nada
O que está acontecendo comigo?”
(Taylor Swift e Zain Malik - I Don't Wanna Live Forever/2017)

Sophie

Abro os olhos desejando que tudo tenha sido apenas um sonho ruim, mas os lenços de papel jogados ao lado da cama, a dor de cabeça infernal e a súbita falta de ar quando tento inspirar lembram-me de que é tudo real.

Ele realmente fez aquilo.

Ele havia me tomado em seus braços e dito apenas com um olhar o quanto me queria e então, no momento seguinte, ele havia me deixado.

Por quê?

O que eu tinha feito de errado?

Já tinha repassado o nosso dia inteiro até aquele momento e me lembro apenas do quanto estávamos nos divertindo. Lembro-me claramente do calor da sua pele na minha quando nossos braços se tocaram de forma íntima e quase provocativa durante o almoço. Lembro-me do sorriso bobo em seu rosto sempre que eu dizia algo engraçado ou falava demais. Lembro-me do seu braço envolvendo meu ombro e me puxando para perto do seu corpo enquanto caminhávamos até o carro. Será que foi tudo coisa da minha cabeça?

Será que eu estava vendo apenas o que queria ver?

Não! Ele estava sentindo aquilo!

Eu sei que estava...

Lágrimas já estão rolando pelo meu rosto e molhando todo o meu travesseiro.

Por que ele fez com que eu me apaixonasse por ele se não queria ficar comigo?

Eu devia ter notado antes. Devia ter me afastado enquanto ainda me restava um pouco de sanidade, mas parece que eu perdia completamente o senso de juízo quando estava com ele.

E agora ele não está mais aqui e eu não consigo deixar de pensar que talvez Elena seja o problema e acho que isso dói ainda mais. Afinal de contas, ele quase se casou com ela e com certeza a amou muito.

Talvez ainda a ame.

Meu peito quase explode nesse momento. E ainda há quem diga que se apaixonar é bom.
Há!

Jogo meu edredom com força no chão, chutando-o quando ele enrosca nos meus pés e corro para o banheiro, tropeçando em algo no meio do caminho.

Deprimente.

Essa é a palavra que define o meu reflexo no espelho. Ainda estou usando o jeans escuro da noite anterior e minha camisa branca está completamente amarrotada. Noto com muito desagrado que eu uso uma sandália só.

Desde quando eu não tiro a roupa para dormir?

Desde quando eu durmo de sapatos?

Meu cabelo está terrivelmente bagunçado e meus olhos completamente borrados de preto. Há também borrões do rímel em minha testa e nas minhas bochechas.

Ele acabou com você, Sophie Marshall!

E foi a última vez...

Eu não vou permitir que ele parta o meu coração outra vez...

Deixo que as lágrimas venham.

Choro até perder o fôlego e até meu corpo não ter mais forças para se manter em pé.

Choro até meus joelhos cederem.

Choro deitada no chão frio do banheiro até o restante do rímel borrar o dorso da minha mão e até eu achar que não conseguirei mais parar.

Choro até me sentir exausta.

E então, respiro fundo, fico em pé novamente e entro no banho de roupa e tudo. Não é apenas o corpo que eu preciso lavar. Preciso tirar o cheiro dele das minhas narinas.

Preciso que a água leve embora todas as lembranças e tudo o que eu sinto.

Preciso tirá-lo de dentro de mim.



Enrolo meu corpo no roupão branco e felpudo que está jogado sobre a cadeira do closet e levo a minha enorme mala rosa para o quarto. Começo a jogar roupas dentro dela feito uma louca. Não tenho a mínima ideia do que eu realmente vou usar, por isso, o guarda-roupa inteiro me parece a melhor solução.

Três batidas leves à porta chamam a minha atenção.

— Posso entrar?

Viro-me para trás e vejo Daniel com a porta entreaberta, esperando pela minha resposta.

— Claro.

Seus olhos me fitam curiosos, especialmente meu rosto e depois a minha mala.

— Você vai viajar?

— Vou.

— O que aconteceu? — Ele está segurando meus ombros, acariciando-os com o polegar de uma maneira gentil e tranquilizadora.

— Nada, eu só... — Olho para baixo quando o nó na minha garganta me impede de falar. Respiro fundo e volto a encará-lo. — Eu vou para Milão.

— Milão?

— E depois Londres e Paris — Franzo a testa confusa. — Londres primeiro e depois

Milão, não sei— Balanço a cabeça e me afasto. Vou até o banheiro, pego alguns produtos de beleza e maquiagem de que eu possa precisar tendo plena consciência de que eu estou deixando metade para trás, porém isso é o que menos importa. Eu comprarei mais se precisar. Nesse momento, eu só preciso sair da cidade.

— Fashion Week? — Pergunta assim que entro no quarto, deixando que dois potes de creme para o corpo caiam no chão. Apenas aquiesço e ele faz o mesmo. — Você disse que não queria enfrentar toda aquela maratona de desfiles esse ano.

— Mudei de ideia.

— De repente?

— Hum-hum.

— E por quê?

— Por que o quê?

— Por que você mudou de ideia?

— Não sei, apenas acordei com vontade de ir — Não quero encará-lo. Ele saberia no mesmo instante que eu estou mentindo. Para falar a verdade, tenho certeza de que ele sabe que eu estou mentindo, mas não vai me forçar a dizer nada se eu não quiser. — Por que você está aqui tão cedo? — Prefiro mudar de assunto.

— Bom — Ele caminha até a beirada da cama e se senta. — Não é tão cedo assim, já passa das onze.

— Sério? — Pergunto consultando as horas no meu celular. 11:03, nenhuma mensagem dele, nenhuma ligação perdida. Nada.

— Eu trouxe Matt para dar uma volta enquanto Elena trabalha no Galpão.

— Ah! Estou doida para dar uns apertões nele.

— Quando você viaja?

— Hoje à noite, se eu conseguir encontrar uma passagem.

— Precisa de carona para o aeroporto?

— Mas é claro! — Ele pisca para mim e me puxa para um abraço. E é nesse instante que eu não consigo mais conter as lágrimas ou ignorar o nó na minha garganta. Por um momento ele não diz nada, apenas me abraça e afaga as minhas costas e a minha nuca de uma forma que só ele sabe fazer. Em um ritmo lento, até que, finalmente, me acalmo.

— O que aconteceu?

Dou de ombros, limpando o nariz na manga do meu roupão e me sento na cama pesadamente. Ele se senta ao meu lado.

— Você acha que um coração partido demora muito tempo para cicatrizar?

Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas não diz nada. Seus olhos estão cheios de compaixão.

— Eu não sei, amor.

Assinto enxugando o rosto com as mãos. Ele passa o braço pelas minhas costas, puxando-me para mais perto.

— É por isso que você vai viajar?

— Talvez.

— Você pode se abrir comigo.

— Eu sei.

Fico encarando-o por alguns segundos e, em seguida, deito a cabeça em seu ombro. Por um momento, penso que posso me abrir com ele. Não! Eu não posso! É claro que eu não posso! Daniel não precisa saber que eu estou completamente apaixonada pelo ex-namorado da sua mulher, que, por acaso, não está nem um pouco apaixonado por mim. E que ontem à noite, enquanto eu lhe entregava o meu coração ele o partia ao meio. Meu irmão já o odeia bastante e sem motivo, não preciso que ele tenha um.

— Você vai viajar sozinha?

— Vou.

— Aquela sua assistente de cabelo azul não vai com você esse ano?

— O nome dela é Phoebe e o cabelo dela não é mais azul. Depois, eu acabei de me decidir. Sem contar que ela é o meu braço direito e com as duas lojas abertas, preciso dela aqui.

— Eu não sei se viajar sozinha seja uma boa ideia, Sophie.

— Sério? — Pergunto rindo, levantando o rosto para encará-lo, porém seu rosto permanece sério.

— Eu já estive em Milão, em Londres e em Paris, sei bem como essas cidades funcionam e o tipo de gente que você pode encontrar por lá.

— Você só pode estar brincando.

— Não, eu não estou. Pode ser perigoso.

— Eu já estive nesses lugares, Daniel...

— Sempre com alguém. Você nunca viajou sozinha.

— Pelo que eu sei, Elena estava viajando sozinha quando você a conheceu.

— Verdade, mas é diferente.

— Diferente?

— Elena não era a minha irmã.

— Eu não sou mais uma garotinha, sabia?

— É claro que é! — Aquele sorriso debochado está surgindo em seus lábios. Dou um soco de leve em seu ombro.

— Não sou! — Sinto o peso das lágrimas em meus olhos outra vez. Daniel me encara em silêncio por alguns segundos. — Às vezes eu ainda queria ser.

— Você quer que eu encha de porrada quem fez isso com você?

— Se você fizer isso meu coração vai parar de doer? — Eu tento manter um pouco de humor, mas sou descoberta pelas lágrimas e pela voz estrangulada. Ele nega, acariciando meus cabelos com uma das mãos. — Então não.

Daniel sorri ternamente e beija a minha testa.

— Você tem certeza de que vai viajar nesse estado?

— Tenho — Respiro fundo. — Eu vou me encontrar com Rocco, você se lembra dele?

— Aquele estilista italiano?

— Ele mesmo. E quem sabe eu não encontro o meu príncipe encantado nessa viagem?

— O quê?

— Ele pode ser inglês ou francês. Já pensou se eu encontro meu príncipe em Paris e...

— Desfaça essa mala agora — Rindo, ele aponta para a mala bagunçada sobre a cama e eu caio na gargalhada. Mas eu sei que no fundo ele gostaria que eu fizesse isso mesmo. Para ele e Owen eu nunca vou estar crescida o suficiente para arranjar um namorado.

— Saia daqui, Daniel! — Fico em pé e o puxo pela mão. — Assim que eu terminar aqui desço para ficar um pouco com Matt.

— Quer almoçar comigo?

— Quero.

— Esteja pronta em meia hora. Vamos encontrar Elena no Galpão.



— Oi, meu amor! — Assim que entramos no escritório, Elena vem correndo e pega Matt do meu colo. — Não faz nem duas horas que papai me deixou aqui e eu já estou morrendo de saudade de você — Ela fala ao mesmo tempo em que esfrega seu nariz nos cabelos negros e arrepiados de Matt.

— Eu também estava morrendo de saudade de você, amor — Daniel entra logo atrás de mim e a beija no canto dos lábios. Se eu visse essa cena ontem, teria achado linda. Hoje, acho uma tremenda exibição de mau gosto para alguém que está com o coração partido. Reviro os olhos e me sento na poltrona vermelha no canto da sala.

— Você está bem, Sophie? — Elena inclina o rosto para o lado e fica esperando pela minha resposta. Apenas dou de ombros e pego meu celular dentro da bolsa. Ainda não há mensagens. Nada. Jess entra logo depois.

— Sophie! — Ela me dá um beijo, vira as costas e começa a caminhar na direção de Daniel, mas se volta para mim outra vez. — Você está bem? — Pergunta quase sussurrando. Será que está na minha cara que eu estou destruída por dentro? Lembro-me do meu reflexo no espelho quando acordei e chego a conclusão de que as coisas não devem ter melhorado muito desde então.

Meu Deus!

Eu nem passei maquiagem hoje!

— Hum-hum — Murmuro sem vontade.

Ela assente, beija meu irmão rapidamente e depois vai até Elena.

— Você não acha que é muito cedo para voltar ao trabalho? — Pergunta para Elena enquanto ela amamenta Matt.

— Eu só precisava separar uns projetos para levar para casa. E você? O que está fazendo aqui em um domingo?

— Vim buscar meu celular que esqueci ontem. E já que você está aqui... — Ela abre a bolsa e tira um molho de chaves de dentro dela. — Adam passou na minha casa ontem à noite... — Meus ouvidos ficam atentos no mesmo segundo. Olho de Elena para Jess tentando decifrar a reação delas enquanto falam de Adam, porém, elas parecem tão confusas e surpresas quanto eu. — Ele pediu para que eu entregasse as chaves da sua casa a você e disse que te ligaria depois para agradecer.

— Ele foi embora?

— Parece que sim — Jess dá de ombros. — Disse que não podia ficar aqui agora e estava meio... Eu não sei. Ele me pareceu arrasado.

— Será que aconteceu alguma coisa em Beaufort?

— Eu acho que não ou nós ficaríamos sabendo. Eu bem que tentei fazê-lo entrar e se abrir comigo, mas ele não quis.

— Adam foi embora? — Pergunta Daniel. Jess olha para ele e anui. — Mas veja só que ótima notícia! — Agora ele está girando a cadeira de um lado para o outro, sorrindo de orelha a orelha. — O que foi? — Pergunta quando nós três o encaramos.

Jess revira os olhos e então olha para mim.

— Ele falou alguma coisa para você, Sophie?

— O quê? — Fico encarando-a confusa. De canto de olho consigo ver que Daniel e Elena estão me encarando também. — Não, ele...

— Você e Adam têm passado bastante tempo juntos, eu pensei que...

— Espere aí! — Daniel fica em pé rapidamente e dá um passo na minha direção. — Que história é essa de você estar passando um tempo junto com Adam? — Há uma acidez em sua voz que eu ainda não conheço.

— E-eu não... Eu... — Começo a gaguejar sem parar enquanto encaro aqueles três pares de olhos curiosos.

— Você está tendo alguma coisa com Adam? — Não consigo desviar os olhos da veia saltada na testa de Daniel.

— N-não!

— É ele?

— É ele o quê? — Pergunta Elena, mas Daniel sequer olha para ela. Ele está encarando a mim.

Ele fecha os olhos por um segundo e esfrega a testa com uma das mãos.

— Você não está indo viajar por causa dele, está? — E seus olhos imploram para que eu diga que não.

Meu coração também.

Se Daniel souber o que Adam fez comigo, vai acabar com ele.

— Não, e-eu...

— Pare de gaguejar, Sophie! — Ele se aproxima ainda mais e sinto que respiro com certa dificuldade.

— Daniel! — Elena o repreende e ele olha na sua direção.

Então as lágrimas vêm outra vez. Limpo os olhos rapidamente, engulo o nó que se forma na minha garganta — com muita dificuldade — e respiro fundo. Daniel volta a me encarar. Arqueia as sobrancelhas e abre os braços. Entendo que ele está esperando por uma resposta.

— Não! — Falo com a voz mais firme que consigo. — Eu só estava sendo educada.

— Você não mentiria sobre isso? Mentiria?

— Claro que não.

Ele assente e volta a se sentar sem tirar os olhos dos meus.

— Melhor assim.

O alarme no meu celular começa a tocar e olho confusa para a tela. Não me lembro de tê-lo programado para isso, mas então vejo que eu o programei há uma semana. Nós tínhamos um encontro hoje: Um jogo de futebol no MetLife. Faço um grande esforço para engolir outro nó que se forma em minha garganta, mas ele parece ser enorme. A dor no meu peito me deixa sem ar e preciso, de alguma maneira, conter as lágrimas que começam a se formar em meus olhos. Aponto para o celular, fingindo que alguém está me ligando e saio da sala no mesmo instante em que as lágrimas explodem em meus olhos.

Eu jurei que não choraria mais por ele. Mas enquanto jurava, não imaginei que a dor seria tão grande.

Nem tão profunda.

Nem tão devastadora.

“Só sabe que estava bem quando está se sentindo pra baixo
Só odeia a estrada quando está com saudade de casa
Só sabe que a ama quando a deixar ir
E você a deixa ir”
(Passenger - Let Her Go/2012)

Adam

Eu sempre achei que esse lugar fosse o meu porto seguro. Desde a adolescência, era para cá que eu vinha quando algo me incomodava. Era aqui que eu me escondia quando não suportava ficar em casa depois da morte do meu pai. Foi aqui que eu passei boa parte dos meus dias depois que Elena foi embora. Eu me sentia completo, mesmo aqui em cima, mesmo quando não vestia o uniforme e entrava em campo. Sempre que eu me sentava aqui, era capaz de sentir a adrenalina correndo nas minhas veias. Sentia as ranhuras do couro, o peso da bola de futebol em minhas mãos e a euforia que tomava conta do meu corpo sempre que a torcida gritava.

Aqui era a minha casa.

E aqui eu esquecia tudo.

Mas hoje, sentado na velha e tão familiar arquibancada do colégio, onde passei os melhores anos da minha vida, sinto que tudo está fora de lugar. Se eu fechar os olhos, não é a torcida ou o time correndo para entrar em campo que eu vejo.

É Sophie.

Eu só vejo Sophie.

Bebo o restante da minha cerveja e, imediatamente, abro outra. Sinto necessidade de me anestesiarem. Não aguento me lembrar da angústia dentro dos olhos dela.

Mas que merda eu fui fazer?

Bebo metade da cerveja em um único gole.

— Eu trouxe mais para o caso de suas cervejas não serem o suficiente.

Peter se senta ao meu lado e coloca dois fardos de *Budweiser* entre nós. Sem dizer mais nada, ele abre uma cerveja e brindamos no ar. Continuamos em silêncio por mais três garrafas.

Antes de ser meu cunhado, Peter sempre fora o meu melhor amigo. Ele, mais do que ninguém, sabe pelo que eu havia passado quando abandonei a faculdade, o futebol e os meus sonhos. Se não fosse por ele, eu não teria conseguido me levantar depois que Elena foi embora. Eu tenho profunda admiração por ele, principalmente por ele ser tão apaixonado e dedicado à minha irmã mesmo depois de tudo o que ele teve que abrir mão.

— Ellen está grávida — Ele corta o silêncio. Olho na sua direção, porém ele ainda encara o campo verde à nossa frente. — Ela me contou ontem — Agora ele está olhando para mim. Um pequeno sorriso desponta em seu rosto.

— Cara — Dou um soco de leve em seu ombro. — Parabéns!

Ele assente desenhando o rótulo da sua cerveja com o indicador.

— Você está bem? — Pergunto quando ele entorna metade da cerveja de uma vez só e limpa a boca com as costas das mãos.

— Estou. Eu só... — Ele dá de ombros. — É a primeira vez que eu me sento aqui depois que abandonei o futebol — Sua voz está levemente arrastada depois de quatro cervejas. — Eu sinto saudade daquela época, do sangue fervendo nas nossas veias.

Assinto, abrindo mais uma garrafa.

— Robert entrou para o time titular da escola.

— Sêrio?

— Aquele garoto vai longe, Adam. Ele é louco por futebol e vai ser o melhor *Receiver* desse país. Não vou deixá-lo abandonar tudo como nós fizemos.

— Nós não tivemos escolha, Peter.

— Você teve — Ele me encara sério por alguns segundos e, depois de abrir mais uma cerveja, volta a olhar para frente. — Ellen me contou que estava grávida no mesmo dia em que eu fui aceito em Princeton.

— Eu me lembro desse dia.

— Eu quase surtei.

— Você surtou, cara — Rio, lembrando-me de como a notícia havia mexido com ele. — Você ficou bêbado por duas semanas inteiras.

— Eu tinha acabado de fazer dezoito anos. Estava prestes a sair daqui, jogar futebol na faculdade, quem sabe entrar para a liga profissional... — Ele dá de ombros e bebe mais um pouco da sua cerveja. — Era o meu sonho, Adam. Eu tinha todo o direito de surtar.

— É claro que tinha.

— Mas sabe de uma coisa? — Nego, bebendo mais um pouco de cerveja. — Eu amava o futebol. Ele era a minha vida, até Robert olhar para mim pela primeira vez. No dia em que ele nasceu eu ainda cogitava a ideia de deixá-los para trás e ir atrás do meu sonho e...

— Você pensou em abandonar a minha irmã com um bebê recém-nascido? — Pergunto com a voz levemente alterada.

— Talvez eu tenha pensado — Ele dá de ombros. — Eu estava passando por Norfolk quando você me ligou dizendo que Ellen havia entrado em trabalho de parto.

— Você estava indo embora? — Não consigo acreditar no que ele está me contando.

— Cale a boca, Adam! Eu estou tentando concluir meu pensamento!

— Como você pode fazer isso?

— Mas eu não fiz nada! Eu voltei, coloquei uma aliança no dedo dela e estou aqui até hoje! Porque por mais que eu amasse o futebol, eu amava muito mais a sua irmã. Nada faria sentido sem Ellen.

Ele dá um longo gole na sua cerveja e fita o nada por muito tempo. Talvez tenha sido apenas cinco minutos. Não sei. As cervejas já estão começando a fazer efeito.

— Por que você está me contando isso agora?

— Porque eu estou bêbado — Dá de ombros e solta uma risada exagerada. — Na verdade não é só por isso.

— Por que então?

Mas ao invés de responder a minha pergunta ele me lança outra.

— Por que você está aqui se deprimindo ao invés de estar com a garota que conquistou seu coração?

— *O quê?*

— Eu conheço você, Adam. Vi o quanto você se apaixonou por Elena e o que você passou quando ela te deixou. Mas eu nunca vi você tão perdido quanto agora — Mais um longo gole na cerveja. — Você está rodando o mundo desde que deixou Beaufort no início do ano. Eu vi as fotos, as mulheres, os lugares pelo qual você passou. Você estava diferente, mais vivo. Então eu te pergunto mais uma vez. O que você está fazendo nessa *porra* de estádio?

Entorno todo o líquido da minha garrafa e balanço a cabeça, ainda tentando negar o sentimento que carrego em meu peito.

— Eu não sei — Respondo com a voz baixa e angustiada.

— Então pare de se atormentar e descubra.

— Eu só não quero ter que passar por tudo outra vez.

— E quem é que sabe o que vai acontecer amanhã? — Sua voz está ligeiramente mais alta e engrolada. Efeito do álcool em nossas veias. Logo estaremos rindo de qualquer coisa. — Se eu soubesse que não usar camisinha acabaria com meu sonho de jogar futebol, eu teria feito diferente? É claro que sim! Mas eu não teria Robert, não teria uma família linda e... — Ele balança a cabeça e sorri rapidamente. — Você nunca vai saber se não tentar.

— Eu estou apaixonado por ela.

— Então é isso — Ele fica em pé com dificuldade, busca equilíbrio por alguns segundos, arruma os óculos de grau e me encara com a testa franzida. — Levante a bunda daí e vá atrás dessa garota.

Concordo com ele, fico em pé com a mesma dificuldade ou mais.

— Obrigado, Peter.

— Tanto faz.



— Bom dia!

— Cala a boca, Ellen, pelo amor de Deus — Aperto minhas têmporas com força, tentando fazer essa dor de cabeça maldita desaparecer. Até o som da minha própria voz me incomoda.

— *Uau!* Vai ser uma ressaca daquelas. Pegue — Ela coloca uma caneca fumegante de café na minha frente, vai até a geladeira e volta com um copo de água gelada e dois comprimidos de *Advil*. — O que vocês beberam ontem? Peter disse que só vai sair da cama no Natal.

Não consigo deixar de rir.

Depois de muitas garrafas de cerveja no estádio, fomos até o *Clawson's* e, depois de mais de uma dezena de garrafas, fomos discretamente expulsos do lugar. Contudo, ao invés de

irmos para casa, resolvemos beber todas no *Backstreet Pub* e acho que isso é tudo o que eu lembro.

— Eu acho que em algum momento bebemos Vodka, mas eu não tenho tanta certeza — *Ou eram margaritas?* Engulo os comprimidos com a água e em seguida bebo um longo gole do meu café.

Ela se senta à minha frente e também bebe um pouco do seu café.

— Brian trouxe vocês para casa de viatura.

— Viatura? — Ela faz que sim com a cabeça e tenho certeza de que está mordendo a parte interna das bochechas para não rir. — Nós fomos presos?

— *Não!* — Ela joga a cabeça para traz e solta uma gargalhada. Tão alta e estridente que tenho a impressão de que minha cabeça está sendo perfurada. — Brian estava tão bêbado quanto vocês. Ele disse que vocês não tinham condições de dirigir e, como é um homem da lei, trouxe vocês para casa a salvo.

— Onde ficou o carro do Peter?

— Eu tentei entender o que o Brian disse, mas *Santo Deus!* Ele nem conseguia falar direito.

— Eu não consigo me lembrar de nada — *Porra!* Acho que não fico bêbado assim desde que... Eu nunca fiquei tão bêbado assim. *Ah, Sophie!* Você está mesmo acabando comigo.

— Seria estranho se você se lembrasse. Vocês mal conseguiam parar em pé.

Sinto meus ombros encolherem e Ellen sorri.

— Eu só pedi para Peter ir atrás de você e saber o que aquela vaca tinha feito para que você se...

— Ei! — Espalmo as duas mãos no ar e fecho os olhos quando sinto outra forte pontada na cabeça. — Primeiro, fale baixo, por favor. Minha cabeça está realmente me matando. Segundo: De que vaca você está falando? — Ela arqueia as sobrancelhas e fica me fitando com aquela expressão que diz que eu já deveria saber de quem ela está falando. — Você precisa parar de chamá-la assim.

— Mas é isso o que ela é! Uma grande vaca! Olhe só para você!

— Elena não é uma vaca, Ellen. Depois, ela não tem nada a ver com o que está acontecendo comigo.

— Sério?

Ignoro a ironia em sua voz, bebo mais um pouco do meu café e respondo a sua pergunta com outra.

— Por que você a odeia tanto?

— Por quê? — Ela parece bastante ofendida com a minha pergunta. — Eu nunca odiei Elena, eu... — Franzo a testa confuso. — Eu odiava o que ela tinha com você. Odiava o quanto você se conectava a ela e fazia tudo por ela e... Puta merda, Adam! — Ela dá um soco forte no balcão e grita. Sinto como se um martelo gigante estivesse dentro da minha cabeça, martelando tudo dentro dela ou então, um gigante faz isso com um martelo gigante e...

Mas que merda eu estou pensando?

Devo estar bêbado ainda.

— Você era o meu irmão mais velho, meu melhor amigo até ela entrar na sua vida.

— Você está tentando me dizer que sentia ciúme? — Mordo a parte interna das bochechas para não rir.

— Ciúme? É claro que não! Eu... — Ela dá de ombros, um pouco constrangida e em seguida espalma as duas mãos no ar. — Okay, talvez tenha sido ciúme.

— Vocês brigaram no portão da escola por causa de ciúme?

— Até hoje eu não sei por que nós brigamos.

— Elena disse a mesma coisa.

— Ela era muito mimadinha.

— Ela disse que você era irritantemente egoísta — Tento imitar a voz de Elena na época e a careta que ela fazia sempre que falava de Ellen. — Agora compreendo porque ela disse isso.

Ela revira os olhos.

— Ellen — Estico a mão sobre o balcão e sorrio para ela que me encara com um ar desconfiado por alguns segundos, antes de segurar a minha mão. — Você sempre vai ser a minha preferida.

Ela sorri e concorda com um discreto gesto de cabeça.

— Mas não era só isso — Ela bebe um gole do seu café e depois me encara. — Ela prendeu você nessa cidade.

— Do que você está falando? — Pergunto confuso.

— Você teve a chance de ir embora, Adam. Você poderia ter ido embora com ela logo que ela se formou e então, ela veio com essa ideia idiota de se casar e...

— Eu a pedi em casamento.

— E ela aceitou! Ela tinha o dever de arrastar você daqui! Você merecia muito mais do que a vida em Beaufort.

— Elena quis sair daqui o tempo inteiro. Eu nunca quis.

— O quê? — Ela franze a testa e me encara bastante confusa.

— Foi por isso que ela fugiu da igreja, ela... — Endireito-me no banco. — Ela tentou me dizer isso, Ellen, muitas vezes, mas eu passei tempo demais acreditando nos devaneios da mamãe.

— A mamãe — Ela para de falar e fica girando a caneca nas mãos. — Eu juro que tento não sentir raiva dela por tudo o que ela fez com você, mas não consigo.

— Já passou.

— Passou mesmo? Porque eu ainda consigo ver as marcas cada vez que olho dentro dos seus olhos. Ela destruiu seus sonhos, Adam.

— Não era pra ser.

— É claro que era! Você era o melhor *quarterback* dessa cidade. Você foi aceito em Duke, Cornell, em Yale. As universidades disputaram você e...

— Nosso pai morreu.

— Mas você não! — Solto o ar com força e ela para de falar. — Desculpe é que... Eu estou grávida, Peter te contou, não contou? — Faço que sim com a cabeça. — Às vezes eu acho que estou ficando louca, desculpe por tocar nesse assunto outra vez.

Concordo com ela e encaro o café dentro da minha caneca. Ela tem razão. As marcas vão estar dentro de mim para sempre.

— O que aconteceu com você?

— Não foi nada.

— Não minta para mim, Adam. Eu conheço você!

— Por que você está gritando? — Debruço minha cabeça sobre o braço estendido e fecho os olhos quando a cozinha começa a rodar.

— Você está aqui há um mês e parece um zumbi andando pela casa. Não fala com ninguém. Eu nem sei por que você voltou para cá — Ela aperta mais a minha mão. — Nem mesmo quando Elena foi embora eu vi você assim.

Sorrio e levanto a cabeça devagar.

— Eu conheci uma garota.

— Durante a viagem?

— De certa forma, sim — Ela solta minha mão e apoia os cotovelos sobre o balcão. Está sorrindo de um jeito debochado.

— E o que aconteceu?

— Eu parti o coração dela.

— Não?

— Sim.

— O que aconteceu com aquele cara apaixonado que comprava flores e chocolates para as garotas? — Abro a boca para dizer em que parte do caminho ele havia ficado, mas Ellen sabe onde foi e nunca perde a oportunidade de falar sobre isso. — Você já reparou como Elena está sempre presente na sua vida? Mesmo quando você se apaixona por outra pessoa ela está aí... — Aponta para o meu peito. — Feito um fantasma, rondando e rondando e... Você não consegue ser feliz por causa dela? É isso o que você está tentando me dizer?

— Não? — Nem eu sei mais o que estou dizendo. Minha cabeça está girando demais para acompanhar tudo o que sai da sua boca.

— Você ainda é apaixonado por ela! — Ela debruça a cabeça sobre o balcão e consigo respirar por alguns segundos. O silêncio é tudo o que eu preciso agora, contudo, Ellen parece não conhecer essa palavra, muito menos o significado dela. Compreendo isso quando ela me encara outra vez. — Você ainda ama a Elena?

— Não! Elena não tem nada a ver com o que eu estou sentindo.

— Você tem certeza disso?

Concordo e bebo um longo gole do meu café, ponderando as palavras que direi a seguir.

— Bom, talvez ela tenha, mas não da forma como você está pensando.

— Adam!

— Se você der mais um grito eu juro por Deus que não falo mais com você — Murmuro, massageando as têmporas.

— Desculpa — Murmura de volta com má vontade, cruzando os braços na frente do corpo.
— Vamos falar sobre a garota. Qual é o nome dela?

— Sophie — Meus lábios se curvam para cima, involuntariamente. Sinto meu coração disparando no peito. O som do nome dela nos meus lábios faz o sangue correr mais rápido nas minhas veias. Desde o primeiro dia, é isso o que Sophie me faz sentir.

— Sophie — Ela está com o queixo apoiado nas mãos. — Ela é francesa? Você a conheceu em Paris?

— Não, ela é americana e mora em Nova York.

— Você estava em Nova York? — Ela inclina a cabeça para o lado e cerra os olhos. Fica com aquela cara estranha que faz sempre que está pensando.

— O bebê da Elena nasceu há... — Faço as contas rapidamente na minha cabeça. — Um mês, eu acho.

— Ela teve um bebê? Sério?

— E se casou também.

Sua boca se abre umas duas vezes, mas ela a fecha. Depois de alguns segundos em silêncio ela abana as duas mãos no ar.

— Fico feliz por ela — Ela pisca para mim e dou uma risada. — Ou não. Agora continue, quero saber o que essa garota fez para você ficar assim.

— Não foi a garota, Ellen — Levanto-me para encher a caneca mais uma vez. — Fui eu — Volto para o banco e bebomais um pouco de café. — Ela se apaixonou por mim e eu... Eu não sei, eu... — *Eu o quê?*

— Ei... — Mais uma vez ela está segurando as minhas mãos.

— Sophie é tão intensa, tão diferente — Encaro nossas mãos por alguns segundos. — Ela é tão perfeita.

Os olhos de Ellen brilham e um sorriso surge em seu rosto.

— E você se apaixonou por ela, não foi?

Assinto.

— E o que te impede de ficar com ela já que Elena não está mais no caminho.

— Ela é cunhada da Elena e...

— PUTA QUE O PARIU! — Ela solta a minha mão abruptamente e leva as duas mãos espalmadas ao ar. — *O quê?!*

— Deus do céu, meu amor — Peter entra na cozinha descabelado e cambaleando, apertando a cabeça com as duas mãos e vai até a cafeteira. — Você grita demais.

— Você ouviu o que ele acabou de dizer?

— Na verdade, o seu grito meio que ofuscou tudo, então *não* — Ela dá um forte tapa em

seu ombro quando ele se senta ao seu lado. — *Ai!*

— Como você deixou isso acontecer? — Ela fala e gesticula sem parar e, em algum momento, eu deixo de escutá-la. Peter ajeita os óculos e limpa o café que Ellen, sem querer o fez derrubar sobre o balcão. — Adam! Eu estou falando com você!

Peter se levanta e, sorratamente, vem se sentar ao meu lado quando ela derruba seu café outra vez.

— Deixe ele falar, meu amor — A voz de Peter parece mais arrastada do que ontem à noite.

— Eu estou esperando que ele fale alguma coisa!

— Se você não parar de gritar, ele não vai conseguir.

— Desculpe — Ela cruza os braços na frente do corpo. Abro a boca para começar a contar como toda essa merda se desenvolveu, mas Ellen não deixa. — Você dormiu com a cidade inteira depois de ser largado no altar, provavelmente repetiu isso durante suas viagens e continua fazendo aqui, como...

—Do que você está falando?

— Você tem trazido garotas para o quarto todas as noites, não se faça de desentendido.

— Elas não são nada discretas — Peter completa rindo.

— Ainda bem que Robert está no acampamento — Ela agita as duas mãos no ar. — Enfim, o que eu quero saber é: Por que você resolveu se apaixonar justamente pela cunhada da sua ex-namorada?

— *O quê?!* — Peter engasga com o café e me encara com um sorriso estranho no rosto. — Cara... Você não me disse isso ontem. Ou disse?

— Eu não quis me apaixonar por ela, e não é porque ela é a irmã do marido da Elena, mas porque eu não... — Balanço a cabeça e encaro a pedra marrom da bancada. — Eu não queria me envolver com ninguém ou me apaixonar. Eu não...

— Ele está com medo.

Peter está olhando fixamente para o café dentro da sua caneca como se alguma coisa ou alguém pudesse sair de lá a qualquer momento.

— Eu não estou com medo.

— Está — Ele ajeita os óculos outra vez. — Você disse isso ontem, eu acho.

— Eu não disse isso.

— Disse — Ele franze o cenho e fica encarando o teto por alguns segundos. — Sim, você disse. Brian contou que o divórcio dele foi muito complicado e doloroso e eu disse que sofri muito quando Jessica terminou comigo e...

— Jessica? — Ellen desce do banco e vem até nós — Pelo amor de Deus, Peter! Você e Jessica?

— Sim — Ele parece verdadeiramente ofendido com o tom de ironia na voz dela.

— Quando você se envolveu com Jessica? — Pergunto achando graça e ele aperta os lábios para não rir.

— Foi antes de vocês se mudarem para Beaufort — Ele bebe um gole do seu café antes de continuar. — Eu era apaixonado por ela desde a pré-escola. E depois do nosso primeiro e único beijo quando eu estava no oitavo ano, ela disse que queria ser apenas minha amiga e eu percebi que não gostava tanto dela assim.

Ele dá de ombros.

— Você está falando sério? — Ellen pergunta arqueando as sobrancelhas.

— É claro que eu estou. Eu passei o colégio inteiro apaixonado por ela e quando ficou claro que não aconteceria mais nada entre nós e que o que eu sentia não era amor de verdade, foi como se tivessem arrancado uma parte minha.

— Você ainda está bêbado? Ou doente? — Ela toca a testa dele com a palma da mão.

— Não! Eu estou falando muito sério — Ele está rindo. Somente Peter seria capaz de dizer tanta besteira justamente no momento em que Ellen começa a perder o controle. Acho que essa é a conexão dos dois, é isso que faz o casamento deles tão feliz.

— Você sabe que o colégio inteiro era apaixonado por Jessica. Aliás, se eu fosse um garoto naquela época também teria me apaixonado por ela.

— *O quê?!—* Perguntamos ao mesmo tempo.

— Ela era a garota mais linda do colégio, não era? Os garotos ficavam doidos quando ela passava pelo corredor.

— Isso é verdade — Peter concorda com ela e leva um forte soco no ombro. — Mas ninguém se comparava a você, meu amor. — Ele envolve a sua cintura e a puxa para perto dele. Ellen aperta ainda mais seus braços enquanto apoia as costas em seu peito.

— Vocês realmente se beijaram? — Pergunto curioso. Jessica nunca falou nada sobre isso, muito menos Peter.

— Foi só um selinho enquanto brincávamos daquela brincadeira idiota da garrafa.

— Ah! Chega de falar de Jessica! Vamos voltar à Sophie — Diz Ellen.

— Isso! Sophie — Acrescenta Peter.

— Do que você tem tanto medo? — Ellen está com a voz estranhamente baixa e calma.

— Não é medo — Começo hesitante. — Eu só fico me perguntando o que vai acontecer se não der certo.

— E a resposta para isso está aqui? Em Beaufort?

— Não, mas...

— Então vá atrás dela!

— Eu não consigo.

— Ontem você disse que iria.

— Ontem estava bêbado.

— Pare com isso. É claro que você consegue! — A voz de Ellen parece cada vez mais aguda e irritante.

— Eu já passei pelo final de um relacionamento, Ellen. E eu ainda me lembro do quanto

aquilo me destruiu. Eu não quero ter que passar por tudo outra vez e prefiro que Sophie não sofra por causa dos meus erros. Porque de um jeito ou de outro eu vou magoá-la ainda mais e eu sequer consigo pensar nisso.

Ela se desprende dos braços de Peter e se posta entre as minhas pernas.

— Adam — Diz segurando meu rosto entre as mãos. —, você sabe o quanto eu amo você, não sabe? — Concordo com ela. — E você também sabe o quanto está agindo como um idiota? — Tento argumentar, mas ela não deixa que eu continue. — Levar uma garota diferente para a cama toda noite não vai preencher esse vazio.

Suas mãos deixam meu rosto e seguram meus ombros com força.

— Você vai entrar em um avião, vai atrás dela e vai dizer tudo o que está sentindo. Você vai viver esse amor e se no final não der nada certo, você vai seguir em frente como sempre fez. É assim que a vida funciona, Adam! Relacionamentos começam e terminam o tempo todo e ninguém morre por causa disso...

— Algumas pessoas cometem suicídio.

— Cala a boca, Peter! Vá ligar para uma companhia aérea enquanto eu arrumo as malas de Adam e você... — Ela aponta o dedo para mim. — Ligue para ela! Agora!

“Eu disse que não ligaria
Mas estou um pouco bêbado e preciso de você agora
E não sei como sobreviver
Eu só preciso de você agora”
(Lady Antebellum - Need You Now / 2010)

Sophie

— ‘Nunca mais atender’ está te ligando outra vez — Fala Rocco, um talentosíssimo estilista italiano com cerca de cinquenta anos. Pelo menos é o que eu acho, devido ao cabelo completamente branco e as rugas ao redor dos olhos. Ele, no entanto, nunca revela a sua idade.

Rocco alterna seu olhar desconfiado entre a tela brilhante do celular e meus olhos aflitos.
— Este número está te ligando desde chegamos em *Navigli*.

— Eu sei — Bebo mais um longo gole do meu vinho e desvio o olhar.

— Por que você não atende?

— Por quê? — Viro meu rosto na sua direção no mesmo instante em que a tela do celular fica escura. — Porque ele partiu meu coração, só por isso!

— O que ele fez para você ficar tão chateada?

— Ele me abandonou no meio de um parque de Nova York logo depois do nosso primeiro beijo.

— Ele fez isso?

Aquiesço, bebendo todo o vinho da minha taça. Ele ergue a garrafa vazia para o garçom que prontamente traz outra. A segunda.

— Eu achei que ele estava apaixonado por mim.

— Ele deveria se apaixonar por você.

— Mas pelo visto eu não sou boa o bastante para ele.

— Você é linda, Sophie — Ele segura a minha mão e acaricia o dorso dela com o polegar.

— Obrigada, Rocco, mas você é gay. Acho que a sua opinião não vai ajudar minha autoestima melhorar.

— Eu precisava tentar.

Rimos, enquanto o garçom enche nossas taças.

— Você não quer nem saber o que ele tem a dizer? Você é uma garota, pelo amor de Deus! Garotas são as pessoas mais curiosas que eu conheço.

— Meu coração está despedaçado, Rocco — Ignoro as lágrimas que ardem em meus olhos e bebo mais um longo gole do meu vinho. — Não estou preparada para ouvir a voz dele agora.

— Então vamos falar sobre a nossa próxima semana em Paris!

— Ah, Paris! — Fecho os olhos pensando em como será bom voltar para lá.

— O desfile de...

O celular começa a tocar mais uma vez e ele para de falar. Nossos olhares se voltam para a tela no mesmo instante.

NUNCA MAIS ATENDER

— Ele é bem insistente.

— Acho melhor eu desligar.

— Ou atender — Suas grossas sobrancelhas se arqueiam e um sorriso estampa seu rosto bronzeado. — Se você quiser posso atender para você.

— *Não!* Vamos apenas ignorar esse celular e falar sobre o desfile da *Versace*. Acho que nunca vi vestidos tão lindos na coleção.

— Eu achei incrível, mas...

Sorvo todo o conteúdo da minha taça enquanto ele fala, e confesso que não ouço uma palavra que sai da sua boca. Apesar de o meu corpo estar começando a relaxar por causa do vinho, minha cabeça ainda está a mil. E tudo o que eu consigo pensar é naquele incrível par de olhos azuis.

— Sophie?

— Hum? — Ele está achando graça. — Desculpe, Rocco — Peço choramingando. — Eu não consigo deixar de pensar nele — Pronto! As lágrimas começam a rolar e eu não sou capaz de controlar os soluços. Rocco estende um lenço vermelho para mim e faz uma careta quando assoo o nariz nele — Ele partiu meu coração e eu não... Não... — Eu pareço uma louca chorando no meio de um bistrô lotado de pessoas em *Navigli*. — Desculpe.

Meu celular vibra mais uma vez.

Encaro a tela por um bom tempo até que, em um momento de extrema loucura, fico em pé, agarro o celular e o atiro no canal. Somente quando o barulho do aparelho se chocando contra a água chega aos meus ouvidos é que me dou conta da *merda* que eu acabo de fazer. Rocco me encara chocado, com os olhos arregalados e as duas mãos na boca. Alguns clientes do local me encaram com o mesmo olhar assustado. Outros parecem rir do meu estado deplorável. Sento-me novamente e afundo o rosto nas mãos.

— Como ele vai conseguir falar comigo agora? — Seguro o lenço com força e o aperto contra a boca, tentando ofuscar os soluços que estão ainda mais descontrolados

— Mas eu achei que você não quisesse falar com ele...

Encaro-o com a testa franzida. Rocco parece estar se divertindo com a minha confusão.

— Eu não quero falar com ele, não quero! — Sou enfática. — Mas eu ainda quero que ele queira falar comigo — Choramingo, e ele ri me entregando a taça cheia de vinho.

“As palavras para dizer
A estrada para pegar
Para achar um caminho de volta para o seu coração”
(Backstreet Boys - Back To Your Heart/1999)

Sophie

— Miu-Miu arrasou como sempre — Margot, uma modelo, estilista e blogueira de moda que conheci dois dias atrás, gesticula sem parar, extremamente animada para alguém que está em uma maratona de desfiles há três semanas.

— Mas nada como o desfile da Hermes ontem — Fala Rocco.

— Eu estou tão animada com todos esses estilistas famosos que preciso beber um bom vinho! — Margot agora está saltitando ao nosso redor. — Vamos até o *Moulin Rouge*! Beber, assistir a um belo espetáculo e celebrar a amizade e a noite de Paris! — Ela dá um gritinho e bate palmas no ar. Algumas pessoas que passam por nós olham com curiosidade para a garota de cabelos cor de rosa que parece estar dançando em frente à entrada do Carrossel do Louvre. Bom, ela está mesmo dançando.

— E a bela Sophia nos acompanhará esta noite? — Pergunta Marco, um estilista espanhol metido à italiano e extremamente desagradável. Contudo, tem um talento incrível para desenhar bolsas com material reciclável e isso o faz ganhar pontos comigo.

— Eu acho que não — Eu estou absurdamente cansada. Pela primeira vez em anos, tudo o que eu quero é tirar esses malditos sapatos de salto, entrar na imensa banheira do hotel, ouvir Norah Jones e desfrutar de uma ou duas taças de vinho.

Sozinha.

— Paris é mágica, Sophie, e a noite está perfeita. Olhe para o céu — Rocco olha para cima e nós três o acompanhamos. — Olhem para essa lua!

O céu está realmente magnífico. Milhares de estrelas brilham ao redor de uma lua cheia incrível. Respiro fundo e começo a caminhar sozinha. Olhar a lua me lembra de Adam e não posso deixar de pensar se ele estaria observando-a de algum lugar. Balanço a cabeça e me obrigo a parar de pensar nele.

— *Sophia! Dove vai sola, amore mio?* — Marco me alcança, pega a minha mão e a beija demoradamente, passa pelo meu punho, beija próximo ao meu cotovelo e começa a subir um pouco mais. Mas antes que ele beije qualquer outra parte do meu braço novamente, consigo puxar a minha mão e acertar um soco em seu ombro.

— O que foi isso? — Odeio o sorriso debochado que ele me lança enquanto esfrega o local onde eu o acertei.

— Primeiro, meu nome não é Sophia, é Sophie! — Aponto o dedo para ele e tento ignorar aquela piscadela horrorosa. — Segundo, se você me der mais uma cantada ou me tocar eu juro por Deus que enfio meu salto na sua cabeça!

— Eu adoro mulheres bravas.

Bufo e torno a caminhar. Margot e Rocco já estão ao meu lado.

— Pare com isso, Marco! Você é muito desagradável quando quer — Margot intervém.

— E quando não quer também — Completo, mas não consigo deixar de sorrir. Ele é um perfeito cafajeste, mas me faz rir o tempo todo com suas investidas e seu sotaque forçado.

— Só estou feliz que você vai se juntar ao grupo.

— Tire esse sorriso do rosto, Marco. Sophie não é para você — Passo meu braço pelo de Rocco e começamos a caminhar na direção da Pirâmide do Louvre, deixando Margot e Marco para trás. E eu tenho quase certeza de que ele está dando em cima dela. — Eu não gosto de garotas, querida, mas sei falar grosso se precisar. Pode ficar tranquila, esse espanhol não faz mal a ninguém. E — Ele me lança uma piscadela, quase em tom conspiratório. —, ele é gay, só não descobriu ainda.

Olho para ele com os olhos arregalados e ele concorda com um sorriso e um leve balançar de cabeça.

— Agora me diga o que te deixou tão para baixo? Foi a lua?

Volto meus olhos para o chão e chuto uma pedrinha imaginária.

— Eu acho que meu coração ainda está partido — Dou de ombros, um pouco envergonhada.

— Mais um motivo para você sair e se divertir. Deixe para consertar esse coraçãozinho em casa.

— Você promete que não vai me deixar beber demais e começar a chorar?

— Eu posso tentar, minha querida. Mas nós sabemos que mulheres bêbadas não são muito controladas.

Levo uma mão ao peito e finjo estar magoada.

— Você já sabe o que vai fazer quando voltar para casa?

— Seguir em frente.

— Você deveria procurá-lo.

— Para quê? Para ouvi-lo dizer que não quer ficar comigo? Não, obrigada. Eu já chorei demais por causa dele.

— Talvez ele diga que se arrependeu.

— Acho que não vou correr esse risco.

— Você é quem sabe — Ele empina o nariz e sorri. — Mas ele parece ter entrado no seu coração de vez.

— E eu vou arrancá-lo a qualquer custo.

— Não subestime o amor, Sophie.

— Eu não estou...

E então, a minha voz desaparece.

Minhas pernas travam.

Meu coração dispara e sinto o ar fugindo dos meus pulmões.

Não é possível!

Adam está parado próximo ao Arco do Triunfo do Carrossel.

Há um misto de alegria e confusão em seu rosto. Seu olhar é intenso, porém receoso. Ouço Rocco sussurrar algo quando percebe que eu estou parada feito uma estátua no meio do caminho. Tento falar alguma coisa, mas um bolo se forma em minha garganta. Viro meu rosto para ele, tentando fazê-lo compreender apenas com meu olhar o que está acontecendo. Meu rosto deve estar muito aflito, pois imediatamente ele entende do que se trata. Um ‘*Oh*’ escapa de seus lábios quando ele olha para Adam e para mim novamente.

— Ele está mesmo aqui? — Sua voz é apenas um sussurro e um sorriso bobo dança em seus lábios. Assinto sentindo as pernas bambearem.

— O que eu faço? — Sussurro de volta.

— Conserte seu coração.

Ele beija meu rosto, murmura que eu devo usar camisinha— o que me faz soltar uma risada nervosa — e vai embora junto com Marco e Margot. Ainda fico olhando para os três caminhando em silêncio na direção do rio Sena e cogito a ideia de correr atrás deles.

Respiro fundo e volto a olhar para Adam.

— Oi — Fala quando está a apenas dois passos de distância. Mantém uma mão no bolso da calça e a outra na nuca. Continuo olhando-o, esperando que ele diga mais alguma coisa, porém, ele se cala. Não me olha mais, só encara o chão. Meu corpo começa a tremer e sinto minhas mãos ficando frias e pegajosas.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto com a voz tão firme que até eu me surpreendo.

— Eu precisava falar com você e...

— E o quê? — Respiro fundo tentando me controlar quando a minha voz se altera.

— Eu sinto muito.

— Você sente muito? Você veio até Paris para me dizer que sente muito?

— Por favor, deixe-me...

Espalmo as duas mãos no ar e ele para de falar.

— Você sente muito pelo que exatamente? Pela humilhação que me fez passar naquela noite?

— Sophie... — Ele dá um passo na minha direção e recuo quase que mecanicamente.

— Ou você sente muito por ter me feito acreditar que você estava apaixonado por mim?

— Você precisa escutar o que eu tenho a dizer — Sua voz parece agoniada. Por um momento penso em ceder, mas a raiva que venho sentindo todos esses dias explode em palavras.

—*Não!* Eu não preciso! — Cruzo os braços na frente do corpo como se quisesse me proteger dele. — Eu esperei que você fizesse isso naquela noite. Esperei que você me procurasse no dia seguinte. Você nem se deu ao trabalho!

— Você não sabe o que está dizendo. Você não sabe o quanto...

— E eu não quero saber! — Grito, exasperada e algumas pessoas que caminham por nós, olham-nos com curiosidade. — Você teve a chance de fazer isso e o que você fez? Arrumou as malas e desapareceu! Você fez com que eu me apaixonasse por você, Adam! E então me deixou sozinha naquele maldito parque, justamente quando eu pensei que... — Minha voz está entrecortada e as palavras saem aos tropeços. — Você me fez acreditar que talvez fosse você e... — Aponto para ele com a mão e noto que tremo mais do que um minuto atrás. Balanço a cabeça e obrigo que as lágrimas desapareçam. Eu não vou chorar na sua frente.

Ele me fita com a testa franzida e os olhos aflitos. Aperta os lábios com força e tenho a impressão de que está travando uma enorme batalha. É nesse momento que eu perco o controle.

Avanço na sua direção e o empurro com toda a minha força.

— Diga alguma coisa, droga! — Grito quase descontrolada e o empurro mais uma vez. Seus olhos se arregalam e ele perde um pouco do equilíbrio, dando um passo para trás. — Você não disse que veio até aqui porque precisava falar comigo? — Continuo gritando, ignorando todos os olhares curiosos. Ignorando as lágrimas que correm livremente pelo meu rosto. — Diga alguma coisa, Adam! — Ameaço empurrá-lo mais uma vez, mas ele agarra meus pulsos com força e grita tão alto que sinto o sangue fugindo do meu rosto.

— O que você quer que eu diga? Você quer que eu diga o quanto eu estou apaixonado por você? — Meu coração começa a bater tão rápido que eu tenho a impressão de que ele está saindo do lugar. — Eu estou completamente apaixonado por você, Sophie! Desde o primeiro dia, eu só consigo pensar em você... — Seus ombros sobem e descem rapidamente, acompanhando o ritmo acelerado de sua respiração. E quando volta a falar, já não grita mais, contudo, não posso ignorar a intensidade com que as palavras saem de sua boca e como elas me atingem na mesma proporção. Ele aperta meus pulsos com força, puxando-me para mais perto. — Você quer que eu diga o quanto fiquei apavorado quando me dei conta de que a minha vida estava em suas mãos? Eu ainda estou, Sophie. Eu ainda tenho medo de que isso não acabe bem para mim porque eu já estive no fundo do poço e eu não quero voltar para lá... — Seu rosto está vermelho e tenho a nítida impressão de que algumas lágrimas brilham em seus olhos. Engulo em seco quando uma de suas mãos agarra meu queixo com força. — Você quer que eu diga que não fiquei com você naquela noite porque eu tinha certeza de que... Eu sabia que se fizesse amor com você não seria mais capaz de deixá-la partir e isso me atormentava mais do que você pode imaginar, porque eu não sabia que... Se isso não desse certo, eu não... — Sua voz falha por um momento. — Eu não saberia como seguir em frente.

— Adam... — Balbucio, mas ele não deixa que eu continue. Aproxima ainda mais seu rosto do meu e quando fala, não são os meus olhos que ele encara, é a minha boca. E há um brilho diferente e um desejo pulsante no seu olhar. Sua voz está rouca e controlada e há uma ansiedade desconhecida por detrás dela.

— Você quer que eu diga que você não sai da minha cabeça e que por mais que eu tente me convencer do contrário, eu não sei ficar sem você? Eu vim aqui porque eu precisava te entregar

meu coração, Sophie... — Suas mãos envolvem meu rosto e ele aproxima ainda mais seus lábios dos meus. Fecho os olhos quando sinto o calor da sua boca na minha. — Ele é seu desde o primeiro dia.

É com urgência que ele me beija. Com sofreguidão. Suas mãos apertam meu rosto com força e sua língua exige a minha. Quando abro a boca, envolvendo sua cintura com meus braços, ele geme e me puxa para mais perto, tentando desafiar qualquer tipo de lei da física.

— Eu não via a hora de te beijar outra vez — A voz dele, rouca e sussurrada contra a minha boca, faz meu corpo inteiro se arrepiar. — Eu senti tanto a sua falta... — Sussurra entre um beijo e outro. — Tanto — Deixo um gemido escapar e ele me aperta ainda mais.— Vamos sair daqui — Isso não é uma pergunta e quando dou por mim, já estou sendo puxada pela mão. Adam para algumas vezes para me beijar e, cada vez que ele faz isso, sinto meu coração acelerando cada vez mais. Em menos de cinco minutos, estamos entrando em uma pequena rua.

— Onde nós...? — Ele não me deixa terminar. Arrasta-me para dentro de um hotel, diz alguma coisa em francês para alguém na recepção e me puxa para o elevador.

— Sua boca é ainda melhor do que eu me lembrava.

Ah, meu Deus!

Eu estou com as costas coladas na parede do elevador. Com uma mão, ele segura meu rosto e com a outra, puxa uma de minhas pernas para cima, cravando os dedos na pele da minha coxa. Eu estou prestes a perder os sentidos. Estou tão envolvida que nem noto quando as portas do elevador se abrem.

Suas mãos são rápidas ao destrancar a porta e eu não consigo deixar de pensar no que elas podem fazer comigo.

Eu já havia sido beijada algumas vezes, mas nunca desse jeito. Nunca com essa intensidade. Nunca com essa paixão. Adam parece me possuir por inteiro. Quando ele me beija, todos os meus sentidos ficam mais aguçados, todas as sensações se intensificam e nada mais tem importância.

Eu sou dele.

Completamente dele.

— Sophie — Cada vez que ele geme o meu nome, sinto uma corrente elétrica percorrendo meu corpo. Seus braços fortes envolvem minha cintura e ele me empurra contra a parede. Antes que eu possa protestar, já estou sentada sobre um aparador ou algo parecido com isso. Minhas pernas envolvem seu quadril, puxando-o para mim. Ele está excitado. Sinto sua ereção através do grosso tecido da sua calça jeans e isso me deixa completamente sem fôlego. E assustada. Um frenesi toma conta do meu corpo quando sinto seus lábios quentes beijando meu pescoço, especialmente aquele pequeno espaço, logo abaixo do lóbulo da minha orelha. Esse simples toque é capaz de me levar à loucura.

— Adam... — Gemo indo de encontro à sua boca, ansiosa por mais. Busco a sua língua e exploro cada canto de sua boca com voracidade. Tenho certeza de que eu também nunca beijei ninguém assim.

— Você me deixa louco, Sophie — Seus dentes mordem meu lábio inferior com força e suas mãos me puxam para junto dele. Quando ele movimenta o quadril, esfregando-se em mim, sinto uma onda de calor reverberando por todo o meu corpo. Seus gemidos quase me fazem entrar em combustão.

— Você precisa... — *Precisa o quê?* Todos os meus pensamentos se dissipam quando sinto suas mãos subindo pelo meu corpo e seus dedos roçando o limite dos meus seios. *Deus do céu!* Ele vai me fazer perder os sentidos. — Adam... — Chamo contra seus lábios famintos. — Você precisa parar, por favor... Oh! — Meu pescoço pende para trás quando seu polegar roça meu mamilo através do fino tecido da minha camiseta.

Eu estou perdida.

Coloco as mãos em seus ombros, mas não consigo me mover quando seus lábios encontram os meus outra vez, exigindo cada vez mais.

E mal posso esperar para ser encontrada...

Recobre os sentidos, Sophie!

— Eu preciso que você pare.

— Eu não consigo, querida.

Ele agarra meu rosto com força e me beija mais uma vez. Meu quadril vai de encontro ao seu e me surpreendo por fazer isso. É como se meu corpo ganhasse vida própria quando estou junto dele. Como se ele soubesse exatamente o que fazer.

Tão natural quanto respirar.

Ele geme na minha boca e esse som faz meu desejo aumentar a um nível que ultrapassa qualquer limite que eu havia imposto.

Ele me desestabiliza.

Porém, ele precisa parar. Eu o quero, com todas as minhas forças. Eu o quero completamente dentro de mim, mas ele precisa saber antes.

E se eu não souber o que fazer? E se ele não gostar?

— Adam, por favor — Coloco o dedo indicador entre nossos lábios e seus olhos, tão intensos e escuros, encontram os meus. Parecem duas imensas bolas de fogo prestes a me queimar. Sua respiração está arrastada e irregular, tanto quanto a minha. Apoio a minha testa na sua e sinto que pequenas gotas de suor se formam nela. Suas mãos sobem pelos meus braços de uma forma gentil e carinhosa até pararem em meu pescoço. Seus polegares acariciam a pele do meu rosto, lentamente. Preciso fechar os olhos por alguns segundos. Mesmo esse toque sutil é capaz de arrancar o chão sob meus pés.

— O que aconteceu? — Sua boca está muito próxima da minha e cada vez que ele mexe os lábios, eles roçam nos meus.

— Eu não... — Começo, mas vacilo no segundo seguinte. Ele vai me achar uma idiota por isso. Eu já tenho vinte e quatro anos. Ele é experiente e vai me achar uma completa idiota.

— O que, querida?

— Eu não... Nunca... — Engulo em seco, e em seguida respiro fundo, buscando ar e

coragem. Ele me encara ansioso. — Eu sou virgem.

Eu esperava por qualquer reação dele, até mesmo uma crise de riso, menos o choque que passa pelo seu rosto. É como se o sangue tivesse deixado seu rosto. Sinto meus olhos ardendo quando ele se afasta e deixa os braços caírem ao lado do seu corpo, visivelmente assustado.

Abro a boca para dizer que eu estou apenas contando porque quero que ele saiba e que tome cuidado. E acho que quero dizer que, por mais que eu o deseje, por mais que as minhas mãos estejam coçando de vontade de arrancar sua camisa e beijar seu peito nu, estou morrendo de medo e, como toda garota, quero que a minha primeira vez seja especial.

Mas não digo nada. Fico em silêncio quando ele levanta uma mão e faz sinal para que eu espere um pouco. Ele parece estar respirando com mais dificuldade enquanto passa a mão pela nuca com força, como se quisesse arrancar alguma coisa de lá.

— Você disse o quê? — Seus olhos estão levemente arregalados. Mais uma vez não consigo falar. — Virgem? Sério? — Pergunta incrédulo.

Assinto, olhando para o chão e enxugando algumas lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Não quero que ele me veja chorar nesse momento.

— Eu nunca achei que você fosse virgem — Levanto o rosto e o encontro com a testa franzida. Isso faz com que eu mude completamente de atitude. Sinto meu rosto ficando vermelho e um leve tremor nas mãos.

— Por quê?

Ele dá um passo na minha direção.

— Você é tão... Extrovertida e...

— E o que, Adam? — Minha voz aumenta consideravelmente.

— Ei! — Ele espalma as duas mãos no ar, como quem pede para que eu me acalme. Um pequeno sorriso desponta em seu rosto. — Eu não estou pensando o que você acha que eu estou pensando, okay?

— E o que exatamente você está pensando?

Continuo encarando-o, esperando por uma resposta, mas ela não vem. Adam se aproxima lentamente e segura meu rosto entre as mãos.

— No quanto você é maravilhosa — Roça seus lábios nos meus e sinto que posso flutuar. — Estou pensando no quanto eu desejo você. *Porra*, Sophie?! Virgem? — Apesar do palavrão e de suas palavras terem saído com um pouco mais de urgência, a excitação por detrás da pergunta faz um comichão se espalhar pelo meu corpo. — Por que nunca aconteceu antes?

— Porque ninguém nunca fez meu coração bater desse jeito.

— Que jeito? — Ele fecha os olhos e roça sua boca na minha. Exalo pesadamente porque, até mesmo esse pequeno gesto, faz todos os pelos do meu corpo se eriçarem. Esqueço-me completamente como falar. — Como seu coração está batendo, Sophie? — Seguro uma de suas mãos e a levo até o meu peito. Seus olhos brilham quando ele sente as batidas do meu coração.

— Desse jeito — Sussurro timidamente.

Sua boca está próxima da minha. Tão próxima que seu hálito quente faz cócegas em minha pele.

— Você é tão linda... — Sua boca está passeando pelo meu rosto, ora roçando em meu queixo ora roçando em minha bochecha. Na minha boca outra vez. — E tão especial que...

— Tinha que ser você, Adam. Por isso nunca aconteceu antes.

— Você não tem ideia do que isso faz comigo, Sophie — Um discreto sorriso ilumina seu rosto e sinto o ar fugindo dos meus pulmões. — Isso só me faz te querer ainda mais — Ele mantém os olhos fechados. Seus polegares desenhavam pequenos círculos em meu rosto e meu coração bate cada vez mais rápido.

— Saber que você será o primeiro te deixa mais excitado?

Ele assente, sugando meu lábio.

— Mas saber que eu serei o único... — Seus olhos se fixam nos meus e sinto que se ele continuar me olhando dessa maneira, vou derreter em seus braços. Sua boca roça na minha mais uma vez, mas ele não me beija. Vai até o meu ouvido e murmura com a voz rouca e excitada: — Eu prometo que a sua primeira vez será inesquecível.

*“Hoje à noite você é completamente meu
Você me deu seu amor tão suavemente
Hoje à noite a luz do amor está em seus olhos”
(Amy Winehouse - Will You Still Love Me Tomorrow?/)*

Adam

Carrego Sophie em meu colo e a coloco deitada sobre a enorme cama de casal ao lado da janela. Ela parece nervosa e ansiosa e isso me faz desejá-la ainda mais.

Levanto sua perna direita e retiro o sapato de salto alto preto. Beijo seus pés repetidas vezes e, com as pontas dos dedos, acaricio do seu tornozelo até o meio da sua panturrilha. Ela é extremamente sensível nessa região e eu mal posso esperar para descobrir onde mais. Coloco sua perna sobre a cama novamente e pego a outra. Ela se agarra ao lençol quando inicio todo o processo de beijar e acariciar a sua pele.

Puxo-a pelas mãos até que ela fique sentada. Seu pescoço e parte do seu rosto começam a ganhar aquele tom avermelhado que me faz perder a cabeça. Preciso me controlar para não arrancar sua roupa de uma vez e me enterrar dentro dela, mas eu prometi que seria inesquecível e eu estou disposto a cumprir a minha promessa.

Eu quero matá-la de prazer.

Lentamente, seguro a barra de sua camiseta e a puxo para cima. Respiro fundo e fecho os olhos por um segundo quando me deparo com sua pele imaculada e arrepiada bem diante de mim. Ela está sem sutiã e todos os músculos do meu corpo se contraem, inclusive alguns que eu nem sabia ter.

— Você é linda, Sophie — Sussurro, aproximando meu rosto do seu. Jogo sua camiseta no chão e não hesito em tocar seus seios e acariciá-los. Sua boca se abre e um gemido dengoso escapa dela. Beijo seus lábios macios e suas mãos agarraram meu pescoço com força, puxando-me para cima dela.

Sua pele parece estar entrando em combustão e isso faz meu desejo aumentar cada vez mais. Com as mãos trêmulas ela puxa a minha camiseta para cima, apenas para deslizar as unhas por meu peito. Deixo um gemido escapar quando ela desce até o meu quadril e o puxa de encontro ao seu.

— Me mostre como fazer, Adam — Sua voz ganha um tom rouco e excitado e eu não consigo deixar de pensar que quero ouvi-la dizendo meu nome assim. Sempre.

— Ah, Sophie! — Pressiono minha ereção sobre ela, que geme em resposta, arqueando as costas e cravando as unhas em um ponto estranhamente sensível nas minhas costas. Tão sensível que meu corpo inteiro se arrepia em resposta. Movimento meu quadril mais uma vez e ela sobe o seu ao meu encontro.

— Adam...

— Eu não vou... — A frase fica presa na minha garganta. Mas a sensação continua viva,

intensa e absurdamente prazerosa.

Eu não vou aguentar.

Não quando ela se mexe desse jeito.

Não quando meu nome está em seus lábios.

Preciso usar todo o meu autocontrole, se é que ainda existe algum, para sair de cima dela. Antes que ela possa protestar, puxo a sua saia para baixo e, rapidamente, abaixo-me para beijar a sua barriga e morder o fino tecido de sua calcinha. Arranco minha camiseta de uma vez e quase destruo a renda de sua calcinha quando a puxo com força. Ela se senta rapidamente e começa a desafivelar meu cinto ao mesmo tempo em que beija meu abdômen. São beijos nervosos e inexperientes, mas especialmente excitantes.

Quando ela consegue desabotoar a minha calça, não pensa duas vezes e arranca a minha cueca junto, Chuto-as longe e não posso deixar de notar seus olhos arregalados para a minha ereção. Seguro seu queixo e a faço olhar para mim. Ela está mordendo o lábio inferior e há um brilho diferente dentro dos seus olhos.

Debruço-me sobre ela até encontrar sua boca quente e receptiva. Delicadamente, empurro seu corpo para trás até que ela esteja deitada outra vez. Traço uma trilha de beijos em seu rosto e pescoço, morderisco e lambo seus seios, um de cada vez. Ela também é extremamente sensível nessa região. Tão sensível que tenho a impressão de que ela pode explodir na minha boca.

Ainda não, Sophie.

Continuo o caminho de beijos. Passo pela sua barriga e chego até o ponto quente entre suas coxas.

Ajoelho-me no chão e, enquanto acaricio suas coxas, beijo-a bem aqui, nesse ponto que a faz perder o controle. Levanto os olhos rapidamente e vejo quando ela leva as mãos aos cabelos, gemendo e chamando meu nome.

Ela está tão pronta.

Interrompo os beijos e ouço um gemido quase frustrado. Subo até seu seio e o tomo para mim. Minha língua explora seu mamilo intumescido enquanto eu deslizo dois dedos dentro dela. Subo um pouco mais, mordo seu pescoço, logo abaixo do lóbulo de sua orelha e ela arfa, agarrando-se ao meu pescoço.

Sua boca faminta busca a minha, cheia de desejo e desespero.

— Adam... Isso é... Ah!

— Eu sei, querida — Concordo ofegante. Seu corpo começa a tremer sob o meu e eu sei que ela está quase no limite. Diminuo o ritmo dos meus dedos e aumento a intensidade do beijo. Quando ela chega ao orgasmo, acho que não vou mais conseguir me conter.

É uma verdadeira definição de paraíso.

Pego uma camisinha dentro da gaveta da pequena cômoda ao lado da cama e, enquanto a coloco, observo seu corpo lânguido ganhando vida novamente.

Deito sobre ela, tomando cuidado para não deixar que meu corpo pese sobre o seu. Deixo que meu pênis toque a sua entrada, e ela me recebe prontamente, erguendo o quadril de

encontro ao meu.

— Eu vou penetrar você agora, tudo bem?

— Hum-hum — Seus olhos se fecham por um segundo quando começo a penetrá-la, lentamente. Observo seu rosto em busca de algum sinal de dor, algo que me diga que eu devo parar, porém, só consigo ver desejo em seus olhos castanhos.

— Está doendo?

— Só um pouco, mas é uma dor diferente. Eu não sei... *Oh!*— Forço um pouquinho mais e ela geme, jogando a cabeça para trás. Paro com medo de machucá-la, mas sou surpreendido por suas pernas ao redor da minha cintura, puxando-me para ela.

— Eu quero sentir você por inteiro, Adam.

Um gemido gutural escapa da minha garganta quando ela morde meu lábio inferior e rebola sob mim. Perco completamente o controle e começo a me movimentar com mais força, cada vez mais rápido, cada vez mais fundo. Cada vez mais me perco no som dos seus gemidos e no gosto doce de seus beijos. E ela acompanha meu ritmo. Não há mais medo nem pudor. Ela é minha. Só minha e é a mulher mais incrível desse mundo.

— Eu não quero que isso acabe, nunca — Sussurro na sua boca quando um dos orgasmos mais avassaladores que já senti, toma conta do meu corpo. Ela se desmancha em meus braços, tremendo e chegando ao limite do prazer mais uma vez.

Encosto minha testa na sua e mantenho os olhos fechados. Mesmo assim, sei que ela me encara. Não ouço nada além dos nossos corações acelerados e da nossa respiração pesada. Lentamente, tudo começou a voltar ao normal. Abro os olhos e encontro seus olhos risonhos e brilhantes. Beijo a ponta de seu nariz e seus lábios, apertando seu rosto entre as mãos.

— Agora você é minha.

— Completamente.

*“Deitado perto de você
Sentindo o seu coração batendo
E imaginando o que você está sonhando
“Imaginando se sou eu quem você está vendo...”
(Aerosmith - I don't want to miss a thing /1998)*

Sophie

— Bom dia, querida — Sinto calafrios percorrendo meu corpo quando seu hálito quente toca a pele do meu pescoço, bem naquele ponto, logo abaixo da minha orelha. Ainda de bruços, sinto seus dedos passeando preguiçosamente pela minha coluna, subindo e descendo em um ritmo lento e, ao mesmo tempo, tão intenso que sinto meu ventre se contraindo.

Abro os olhos com relutância. Uma pequena fresta de luz atravessa a janela de vidro ao lado da cama. Ainda está amanhecendo. Adam me fita com os olhos brilhantes e um pequeno sorriso no canto da boca. Sorrio de volta e fecho os olhos novamente. Agora, seus dedos desenham pequenos círculos na base da minha coluna.

— Você fica linda quando está dormindo.

Ele sussurra bem próximo à minha boca, roçando seus lábios nos meus.

— Eu poderia passar a manhã inteira apenas ouvindo a sua respiração... — Abro os olhos quando ele se aconchega ainda mais. O contato do seu peito nu contra o meu braço faz meu corpo todo ficar alerta. — Mas eu tenho outros planos.

— Você disse que não fazia planos — Murmuro, virando-me de frente para ele, colando meu corpo ao seu. Ele geme baixo quando envolvo seu quadril com uma perna, puxando-o para mim. Sua mão desliza do meu joelho até o meu quadril, cravando os dedos na minha pele.

— Com você, eu faço — Ele morde meus lábios com força e o suga. Meu corpo parece estar entrando em combustão. É muita coisa para assimilar. A intensidade do seu beijo, o calor da sua pele contra a minha, o toque urgente das suas mãos em cada parte do meu corpo... Ele realmente me faz perder os sentidos.

Seguro seu rosto entre as mãos e ele rola sobre mim, apoiando-se nos cotovelos. Sua ereção roça entre minhas coxas. Seus gemidos contra a minha boca fazem meu desejo aumentar cada vez mais. Seus lábios quentes alcançam o lóbulo da minha orelha, descem pelo meu pescoço e volta, lentamente, mordiscando e lambendo a minha pele.

— Adam... — Gemo, fechando os olhos e jogando a cabeça para trás.

— Você está dolorida? — Pergunta na minha boca, passando a língua no meu lábio inferior.

— Um pouco — Desço minhas mãos pelas suas costas, passando as unhas por sua pele até chegar às suas nádegas.

— Eu estou louco para estar dentro de você outra vez — Sua voz rouca e excitada faz meu

corpo inteiro se contrair. Abro os olhos e subo meu quadril de encontro ao seu.

— Eu sou sua, Adam — Um gemido primitivo escapa de seu peito. Sua boca exige a minha e sua língua me possui.

Completamente.



Eu devo te adormecido em algum momento depois de fazermos amor. Lembro-me claramente dos nossos corpos chegando ao orgasmo, primeiro eu e logo depois, Adam. Estávamos perfeitamente conectados e a sintonia era tão perfeita que eu tinha certeza de que nascemos para ficar juntos.

Ele está deitado de barriga para cima e eu apoio a cabeça em seu peito. Sinto seus dedos subindo e descendo pelo meu braço em um ritmo lento e tranquilizador, mas ainda assim, um leve arrepio percorre toda a extensão da minha coluna, fazendo-me contrair o corpo, involuntariamente.

Aconchego-me ainda mais em seu peito e o aperto com força. Sinto seus lábios quentes tocando meus cabelos.

— Bom dia outra vez, querida.

Espreguiço-me demoradamente e fico de barriga para baixo, encarando esses olhos azuis e brilhantes que parecem sorrir para mim. Estico um pouco meu pescoço e beijo o seu queixo.

— Promete que vai me acordar assim todos os dias?

Um largo sorriso surge em seu rosto.

— Eu prometo.

— Como você sabia onde eu estava? — Lembro-me da pergunta que gostaria de ter feito ontem à noite, mas devido às circunstâncias — maravilhosas circunstâncias — acabei deixando para lá.

Ele coloca um braço embaixo da cabeça.

— Depois de ligar mil vezes para você e não ter nenhuma resposta, eu...

— Eu não quis te atender, desculpe — Peço timidamente, franzindo a testa. — Quer dizer eu quis. *Muito*. Mas você... — Solto o ar um pouco frustrada. — Você me magoou tanto que eu...

— Não diga mais isso — Sua voz está angustiada quando ele se apoia em um cotovelo e acaricia meu rosto com as pontas dos dedos. — Eu me odeio pelo que fiz você passar, Sophie. Eu nunca tive a intenção de fazer aquilo. Eu só... — Um sorriso fraco ameaça surgir em seu rosto. Fraco e triste. Ele desvia os olhos e solta o ar. Sua testa está franzida quando ele volta a me encarar. — Eu fiquei com medo da intensidade dos meus sentimentos por você.

— Você não parecia apaixonado por mim naquela noite.

Dessa vez, ele sorri e esfrega o seu nariz no meu.

— Você vai me achar louco se eu disser que penso em você desde que nos encontramos naquele restaurante japonês quando Elena ainda estava grávida?

Sinto o meu coração batendo tão forte e tão rápido que eu tenho certeza de que ele pode

escutar. Talvez alguém do outro lado da cidade esteja escutando-o agora.

— Sêrio?

Ele assente, ainda acariciando meu nariz com o seu.

— Seu rosto me perturbou algumas noites e isso era tão frustrante porque eu não sabia nada sobre você. Apenas seu nome.

Beijo seus lábios de uma forma carinhosa e lenta.

Seus dedos acariciam a minha pele, agora da minha nuca até o meio das minhas costas, subindo e descendo.

— Eu fui até Nova York e sua assistente disse que você estava aqui. Eu só precisei entrar em um avião e descobrir em qual desfile você estava, o que não foi nada fácil. Mas, quando eu ouvi alguma coisa sobre Miu-Miu, não tive mais dúvidas. Eles são os melhores sapatos do mundo, não são?

Sorrio surpresa por ele se lembrar desse detalhe. Isso é uma coisa que homens não prestam atenção.

— São — Respondo entre uma risada. — Que bom que você me encontrou — Sussurro e ele me puxa para seu peito, apertando meu corpo contra o dele.

— E eu nunca mais vou te perder.

— Então, quais são os planos para hoje?

— Beijar você o dia todo? — Ele fica de lado, mantendo-me em seus braços.

— Tentador... — Minhas palavras são engolidas por seus lábios famintos.

— Mas — Ele abandona minha boca por alguns instantes, porém a mantém tão próxima que eu ainda sinto seus lábios tocando os meus enquanto fala. —, nós precisamos comer alguma coisa.

Olho para ele com a testa franzida e ele ri. É somente nesse momento que eu sinto meu estômago roncar. Eu não como nada desde o almoço de ontem.

— Comer alguma coisa seria ótimo.

Ele concorda comigo, beija meus lábios demoradamente e me arrasta até o chuveiro.



— Eu preciso ir até o meu hotel e trocar de roupa.

— Nós passamos por lá no caminho até o *Haut Marais*.

— O que é isso? — Ele para de amarrar o tênis e levanta o rosto para mim. Seus lábios parecem querer se curvar para cima e uma pequena ruga se forma ao redor de seus olhos. Termino de fechar minha quinta pulseira e o encaro com as duas mãos na cintura. — O que foi?

— Você está brincando, não está?

— Não! Eu realmente não sei o que é *Haut Marais* — Tento falar com meu francês precário.

Ele fica em pé e caminha até mim com um sorriso torto e perfeito nos lábios.

— Eu achei que você já conhecesse Paris.

— E conheço.

Ele segura meu rosto e beija a minha boca rapidamente.

— Eu acho que não. Venha — Puxando-me pela mão, ele me arrasta para a porta. — Eu vou te mostrar o que é estar em Paris de verdade.

— Você já chamou o táxi? Eu não ouvi você ligando para... — Adam estanca na porta do elevador e me segura pelos ombros. Ele está rindo alto.

— Táxi? — Suas risadas não cessam e se eu não estivesse completamente apaixonada por ele, o teria mandado à merda. Contudo, só consigo rir junto com ele. — Você nunca mais andarás de táxi em Paris — Abro a boca para questioná-lo, mas apenas com um olhar ele me faz ficar quieta. — Nós vamos de metrô.

— Metrô?

Ele concorda e entramos no elevador.

— Você nunca andou de metrô em Paris?

— Eu nunca andei de metrô em Nova York — Minha voz sai ligeiramente estrangulada e um tipo de pavor começa a tomar conta do meu corpo. — Eu nunca andei de metrô em lugar nenhum! — Meus lábios se curvam para cima em um sorriso nervoso. Tudo o que eu não preciso agora é de uma crise de risadas histéricas e nervosas. Adam abre a boca para dizer alguma coisa, mas a fecha no segundo seguinte. Sem tirar os olhos dos meus e envolve a minha cintura com seus braços fortes. Sinto aquele choque eletrizante percorrendo todo o meu corpo outra vez. Fecho os olhos quando sinto a sua boca se aproximando da minha, mas ele para de repente.

— Você está gelada.

Gelada? Tenho a impressão de que estou pisando em brasa. Meu coração parece querer saltar para fora do peito. Levo a mão à testa e sinto que pequenas gotas de suor estão se formando.

— Sophie? Você está pálida.

Com certeza eu estou...

— Adam, eu não... Eu, nunca... Nunca...

— O quê? — Seus olhos me fitam curiosos.

— Eu tenho pavor de andar de metrô. Não sei por que, eu... — Dou de ombros, balanço a cabeça nervosamente e solto o ar com força, tentando me acalmar. — Eu me lembro de ter chegado até uma estação quando era criança e... Aquele lugar me deixou sufocada. Não tinha ar lá embaixo e... Todas aquelas pessoas ao meu redor. Eu não conseguia respirar.

As portas do elevador se abrem e ele me puxa de uma forma carinhosa até o pequeno saguão do hotel.

— Eu não consegui entrar. Minha mãe disse que pensou que eu fosse desmaiar.

Ele sorri ternamente e acaricia meus cabelos, colocando uma mecha rebelde da minha franja atrás da minha orelha.

— Eu cuido de você.

— Eu não vou conseguir.

— Apenas tente — Com as costas da mão, ele acaricia meu rosto de um jeito que me enche de calma. Seus olhos me enchem de coragem e me dão uma incrível sensação de que com ele eu serei capaz de fazer qualquer coisa. Eu acho... — Se você não conseguir, pegamos um táxi, okay?

Assinto e puxo o ar com força. Acho que, inconscientemente, tento encher meus pulmões antes que eu seja tragada por aquele buraco.

— Agora, me diga em que hotel você está hospedada?

— *Marignan Champs-Élisées*.

— Sério?

— Hum-hum. Você conhece?

— Conheço.

— Já se hospedou lá? É incrível, não é?

— Eu trabalhei lá durante um mês, eu acho — Vendo a confusão estampada em meu rosto ele continua: — Como você acha que eu conseguia me manter durante as viagens?

— Nunca pensei sobre isso.

— Porque você nunca fez mochilão — Estreito os olhos quando percebo que ele está me provocando. — Ficar hospedado em um hotel cinco estrelas estava completamente fora de questão.

Dou de ombros, timidamente.

Ele balança a cabeça mais uma vez, tira o celular da mochila, fica encarando a tela por alguns segundos antes de me puxar para a rua. Em silêncio — porque eu não consigo falar — apenas pensar o que me espera e para onde estamos indo.

Quando chegamos à entrada de uma estação de metrô, paro no primeiro degrau da escada e puxo sua mão. Aperto os lábios e nego com a cabeça freneticamente. Posso jurar que lágrimas se formam em meus olhos. Porém, Adam não hesita em me puxar para dentro desse túnel escuro e caótico.

Centenas de pessoas passam por nós apressadamente, de várias etnias. E eu tenho a impressão de estar ouvindo vários tipos de línguas sendo faladas ao mesmo tempo. Ou então, é apenas o meu ouvido me traindo porque nesse momento, ele está zunindo. E isso me deixa completamente tonta e nervosa. *Muito nervosa*. Preciso controlar o impulso de me sentar no chão, fechar os olhos e colocar a cabeça entre as pernas.

Eu estou com falta de ar.

Adam parece não se importar com nada e está super à vontade no meio de toda essa bagunça. Tranquilamente compra as passagens em uma dessas máquinas, usando apenas uma mão. Porque a outra, eu não me atrevo a soltar. Depois de alguns passos e muitas trombadas, ele para no meio do caminho e fica olhando para todos os mapas coloridos nas paredes enquanto tenta se localizar. Eu não entendo nada. Minha visão está turva demais para eu tentar

entender qualquer coisa. Eu jamais seria capaz de me encontrar nesse lugar. Acho que não saberia chegar até a saída sozinha. Agarro seu braço com mais força, cravando as unhas nele. Estou com medo de me perder. Estou apavorada com a ideia de desmaiar no meio de todo esse caos. Nem vejo quando passamos pela catraca e atravessamos as portas do metrô. Dentro do vagão, com a mão esquerda, ele agarra uma alça que desce do teto e, com a outra, puxa-me para junto dele. Seus dedos acariciam a minha nuca em um ritmo lento e tranquilizante.

— Respire — Sussurra em meu ouvido. — Bem devagar.

Começo a puxar o ar pelo nariz e soltar pela boca enquanto Adam me mantém colada ao seu corpo de uma forma protetora. Quando atravessamos a porta do metrô, ele me diz que a viagem durou apenas quinze minutos. Para mim, foram horas intermináveis.

— Não foi tão difícil, foi? — Assim que saímos da estação e alcançamos a rua, sinto que o ar começa a entrar nos meus pulmões outra vez.

Engulo em seco e ele ri. Eu devo estar, no mínimo, pálida. Minha boca está seca e meu rosto úmido e pegajoso.

— Foi aterrorizante — Sussurro com a voz embargada e ele me abraça.

— Na próxima vez, será mais fácil.

— Próxima vez? — Minha voz está mais estrangulada do que eu imaginava. — *Não!* — Só de me imaginar dentro daquele buraco duas vezes no mesmo dia, já sinto o ar ficando rarefeito.

— Nós vamos rodar a cidade, querida. De táxi não tem graça — Ele dá de ombros e cerra os olhos. Tenho certeza de que ele está tentando se desculpar. — Vem aqui.

Mais uma vez começo a buscar o ar feito louca, olhando para todos os lados. Suas mãos seguram meu rosto, seus olhos buscam os meus.

— Desculpa — Peço. — Você deve me achar uma garota boba e mimada. — Desvio os olhos, mas ele me faz olhá-lo outra vez.

— Eu acho você uma garota linda e encantadora — Seus polegares desenham círculos em meu rosto e só isso, somente esse toque, é capaz de dissipar todo o pavor que eu estou sentindo nesse momento. Ou pelo menos parte dele. Na verdade, eu ainda estou apavorada, minhas mãos frias comprovam isso, mas se ele me segurar desse jeito acho que eu aguento o metrô mais uma vez. — Eu disse que ia cuidar de você.

— Eu sei.

Com um pequeno gesto de cabeça ele concorda comigo e beija a minha testa demoradamente. Depois, também beija as minhas têmporas e a ponta do meu nariz. Desliza os lábios macios pela minha boca, deposita um beijo quente no meu queixo e nas minhas bochechas. Fecho os olhos quando ele esfrega o nariz no meu, aquecendo a minha pele com seu hálito de hortelã e... Adam.

Ser beijada por ele é como ser tocada por um fio desencapado. Ondas de choque percorrem cada músculo do meu corpo, cada célula se agita, o sangue corre forte e rápido.

Eu perco a capacidade de pensar.

Ser beijada por Adam me tira o chão.

E eu adoro me sentir assim.

— Está se sentindo melhor? — Sua voz baixa e rouca no meu ouvido me desperta. Aquiesço ainda de olhos fechados e quando os abro encontro lindos olhos azuis sorrindo para mim. — Seu hotel fica no próximo quarteirão. — Eu ainda estou sem fala quando balanço a cabeça, concordando com o que ele havia acabado de dizer, algo sobre o meu hotel, eu acho. Ele entrelaça sua mão na minha e, sem pressa, começamos a caminhar pela *Champs-Élysées*.



— Você quer subir comigo ou... — Pergunto já no saguão do hotel.

— Não, eu vou te esperar aqui no saguão — Seus lábios quentes tocam minha orelha e sinto minhas pernas perderem as forças. — Estar com você próximo a uma cama é muito perigoso.

Aperto a sua cintura com mais força.

— Vai logo antes que eu perca a cabeça.

— Hum-hum — Balbucio quando ele mordisca o lóbulo da minha orelha e depois me encara com esses olhos de fogo.

— Coloque um sapato confortável e leve uma troca de roupa — Olho para ele desconfiada. — Você é quase uma mochileira agora. Precisa estar preparada.

Trinta minutos depois eu estou de volta carregando uma bolsa de couro nas mãos. Pequena o suficiente para que eu possa carregá-la pelas ruas de Paris e grande o suficiente para caber não apenas uma troca de roupa, e sim quatro, além das minhas maquiagens, alguns cremes e dois pares de sapato. Somente assim eu estou completamente segura. Ele ri quando dou de ombros e paro à sua frente. Seus olhos descem pelo meu corpo.

A princípio, tenho a impressão de que ele vai despir o vestido de algodão branco e curto que eu uso apenas com a intensidade de seu olhar. Porém, quando eles param na minha bota marrom de cano baixo e saltos não tão baixos assim, seus olhos se voltam até os meus. Há uma pequena ruga no canto de cada um deles e seus lábios se curvam para cima.

— Isso é um sapato confortável?

Olho para as botas *Manolo*, mexo os pés tentando provar que sim. Elas são extremamente confortáveis e o encaro outra vez.

— Foi o melhor que consegui — Dou de ombros e ele me enlaça pela cintura.

— Você é uma peça rara, Sophie.

Concordo piscando para ele que retribui com um beijo que me deixa completamente sem fôlego. Alguém pigarreia ao nosso lado, outro alguém solta uma risada abafada seguida de uma tosse fingida, mas Adam parece estar alheio ao que acontece a nossa volta.

E eu também.



A primeira vez que eu estive em Paris foi logo depois do meu terceiro aniversário. Eu não me lembro de nada, mas as fotos estão lá para provar. Foi uma viagem de férias com a família inteira. Duas semanas em Paris, uma semana em *Saint Tropez* e um breve passeio por Londres.

Depois disso, eu estive aqui mais uma dezena de vezes e, apesar de achar a cidade mais encantadora a cada viagem, nada se compara ao que eu estou vivendo agora. Os prédios antigos e gastos pelo tempo parecem mais coloridos. As ruas estão absurdamente mais charmosas e tudo parece ainda mais apaixonante do que já era. Talvez seja Adam o responsável por toda essa transformação. Mas não é só isso. Ele está me mostrando uma Paris completamente desconhecida até agora.

Não há todos aqueles turistas andando ao nosso redor. Há música e o sotaque carregado dos parisienses que, em minha opinião, enfeitam o famoso Mercado *Les Enfants Rouge*.

— Eu não acredito que nunca vim até aqui — Falo parando em frente à uma pequena e charmosa loja de vinhos.

— Venha — Puxando-me pela mão, ele me leva até um aconchegante restaurante no final do mercado e acomodamo-nos em uma pequena mesa redonda. — Posso pedir para você? Eu comi muito aqui e conheço o que o cardápio tem de melhor.

— Eu acredito em você.

Apoio o queixo nas mãos e fico observando-o ir até o senhor de meia idade do outro lado do pequeno trailer e fazer o pedido em francês. Não posso deixar de pensar em como isso é sexy. *Muito sexy*.

— Você fala um francês perfeito — Comento assim que ele se senta na minha frente e me entrega uma garrafa de cerveja. Brindamos rapidamente e bebemos ao mesmo tempo. — Quanto tempo você ficou por aqui?

— Quase dois meses.

Solto o ar assoviando.

— Eu não conseguiria essa fluência em tão pouco tempo.

Ele se inclina para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa e me fita com o olhar brilhante e sedutor. Um sorriso torto se insinua em seus lábios e eu não consigo desviar os olhos da sua boca.

— Digamos que eu sou muito bom com línguas.

Pisco para ele e concordo, achando graça no duplo sentido das suas palavras. Ele mantém os olhos em mim até que alguém o chama no balcão e ele se levanta para pegar a nossa comida.

— O que é tudo isso?

— Você vai comer o melhor sanduíche de toda a França — Ele morde um dos sanduíches com vontade. Muita vontade.

— Adam — Aponto para o prato sobre a nossa mesa. — Tem três sanduíches aqui. E são enormes!

— Eu sei — Sua boca está muito cheia, mas ele continua falando mesmo assim. — Mas eles são muito bons e... — Para de falar para engolir e isso me faz rir. — São duas horas da tarde. Eu não como nada desde ontem!

— Claro — Pego um dos sanduíches e dou uma mordida. — Meu Deus! Isso é... — Não

encontro a palavra certa para descrever essa delícia.

Ele pisca para mim, assentindo.

— *Chez Alain* é muito famoso por aqui.

— Como eu nunca ouvi falar desse lugar?

— Porque você se hospeda em hotéis cinco estrelas e anda de táxi.

Ele sorri quando diz isso, limpa a minha bochecha com um guardanapo de papel e, com mais três mordidas apenas acaba com seu sanduíche. Rapidamente, pega o outro e começa a comer. Para onde vai toda essa comida? Adam não é magro. Todos os seus músculos são bastante definidos, mas de uma forma natural. Tão natural que... Sinto um frio na barriga só de lembrar do seu abdômen desenhado e dos braços fortes e musculosos ao redor do meu corpo e...

— Sophie?

— Hum?

— Você está bem?

— Sim, por quê?

— Porque você parou de comer e está me encarando de um jeito estranho.

Olho para as minhas mãos e percebo que estou segurando o sanduíche na metade do caminho.

— Eu não... — Balanço a cabeça um pouco sem graça por estar pensando todas essas coisas e volto a comer, porém duas mordidas depois, desisto. — Eu não aguento mais — Coloco metade do meu sanduíche sobre a bandeja e Adam assente enquanto termina de mastigar o restante do seu. Ele me olha com uma ruga entre as sobrancelhas e um sorriso tímido surge no canto de sua boca. — Vai fundo — Aponto para o sanduíche e ele o pega no mesmo instante. Não consigo segurar uma risada.

“Tudo o que você tem que fazer
É fechar os olhos e estender as mãos
E me tocar, me abraçar, não me deixar partir jamais...”
(Extreme - More Than Words /1990)

Adam

— Espere! — Ela para abruptamente no meio da ponte. — Essa aqui é a ponte *Marie*, não é?

Aquiesço.

— Nós precisamos nos beijar sobre a ponte.

— Precisamos? — Pergunto achando graça.

— Diz a lenda que os casais apaixonados devem fazer um pedido enquanto passam pela ponte e se beijar, assim... — Ela envolve meu pescoço com seus braços. — O pedido vai se realizar.

Seguro sua cintura e trago seu corpo para o meu.

— Você sabe que essa lenda é para quem passa de barco por sob a ponte, não sabe?

— Sério? — Ela parece ligeiramente desapontada.

— Hum-hum.

— Bom — Ela me beija, pressionando seus lábios com força nos meus. Depois morde meu queixo tão suavemente que sinto que estou sendo acariciado. E então ela beija meu rosto até que sua boca chega à minha orelha. — Acho que acabamos de criar uma nova lenda.

— O que você pediu? — Pergunto contra seus lábios.

— Você.

— Você já me tem, Sophie.

— Para sempre — Sussurra de volta e mordisca meu lábio inferior.

— Para sempre é pouco tempo para nós.

Ela abre o seu maior sorriso e eu a rodopio no ar.



— Adam...

— Vai me dizer que você também nunca veio aqui? — Ela nega, apertando os lábios. — Inacreditável.

— Pois é.

— Você é uma péssima viajante — Ela faz um biquinho e finge estar decepcionada.

— Sim, eu sou.

— Bom — Aponto para frente, quase fazendo uma reverência. — Seja bem-vinda à *La Javelle Quai*.

— É como estar em um terraço à beira do *Sena*.

— Exatamente.

O sol vai embora no instante em que terminamos nossa primeira garrafa de vinho. Sophie está rindo alto de alguma coisa que eu disse, mas não consigo me lembrar o que é. Só consigo prestar atenção no seu rosto perfeito e pensar no quanto sou sortudo por ela ser minha.

Alguém começa a dedilhar um violão no palco e em instantes, *More than words* começa a tocar. Sophie fecha os olhos e seu corpo começa a se balançar de um lado para o outro, lentamente.

Ela para de rir, mas seus lábios continuam curvados para cima. Seus cabelos estão caídos em ondas sobre ombros, emoldurando seu rosto perfeito.

Desvio o olhar apenas por um momento.

Olho para a lua cheia que está incrivelmente brilhante.

E linda... E perfeita...

Assim como Sophie...

— O que foi? — Seus olhos se abrem e meu coração martela dentro do peito. — Por que você está me olhando assim?

— Eu amo você.

As palavras simplesmente saem.

Sua boca forma um ‘o’ e seu pescoço começa a ficar vermelho. É engraçado como o rubor vai subindo lentamente até chegar às suas bochechas.

— O que você...? — Suas sobrancelhas estão franzidas e há uma ruguinha nova entre elas. Uma pequena — e linda — ruguinha de surpresa. — Você o quê? — Ela pigarreia e volta a falar com os olhos brilhantes e emocionados. — O que você acabou de dizer?

— Eu disse que amo você.

— Você me a-ama?

— Muito.

— V-você me ama muito? — Acho graça do quanto ela está tentando se conter para não gaguejar e do sorriso tímido que começa a se formar no canto de sua boca.

Aquiesço e vou até ela. Ajoelho-me à sua frente e, quando ela me olha, ainda ruborizada e com uma pequena lágrima rolando por sua face, sinto meu coração batendo cada vez mais rápido. Mais forte.

Mais apaixonado...

Seguro seu queixo com o polegar e o indicador.

— Eu te amo com todo o meu coração.

— Adam...

Beijo sua boca ternamente.

— Dança comigo?

— Você disse que não sabia dançar — Sua voz está mais contida e deliciosamente rouca.

Concordo com ela.

— Não sei mesmo, mas quero fazer isso com você — Sophie segura a minha mão e fica em pé.

— Essa música... — Ela para de falar quando envolvo sua cintura com um braço e seguro sua mão direita com a minha mão esquerda. Faço questão de roçar minha boca em seu rosto e meu nariz no seu enquanto nossos corpos balançam no ritmo da música. — Eu adoro essa música. Você gosta?

— Hum-hum — Murmuro e toco seu lábio inferior com a ponta da minha língua. — Eu gosto mais de você.

— Essa pode ser a nossa música?

— Pode... — Murmuro contra seus lábios e ela sorri outra vez. *Deus do céu!* Eu sou apaixonado por seu sorriso. Daria tudo para sempre vê-la sorrindo assim todos os dias. Faria qualquer coisa. Qualquer... E então eu me lembro da sua lista.— Vamos para a Grécia.

— *O quê?!*

Ela segura meus ombros com as duas mãos e me afasta para poder olhar dentro dos meus olhos.

— Vamos voltar para o hotel, pegar somente as roupas de que vamos precisar e vamos para a Grécia.

— Não! Eu não posso ir para a Grécia assim, de repente.

— Por que não?

— Porque eu preciso arrumar as malas com calma, preciso pensar aonde vou me hospedar e que tipo de roupa vou levar... — Ela dispara a falar sem parar, gesticulando no ar com as duas mãos. — Eu preciso ver o clima antes e...

Seguro seu rosto entre as mãos e a beijo para que ela pare de falar. Sophie também segura meu rosto entre as mãos e corresponde o beijo. Quando a solto, ela está sem fôlego.

— Pare de pensar — Sussurro ainda perto da sua boca. — É a sua chance de viajar sem rumo, quer dizer, mais ou menos sem rumo já que sabemos para onde estamos indo.

— Tipo um mochilão? — Seus lábios começam a se curvar para cima. Quando balanço a cabeça de um lado para o outro, indicando que será quase isso, seu sorriso se amplia e seus braços envolvem meu pescoço. — Mas eu não tenho uma mochila — Sua testa está franzida e ela parece realmente preocupada. — E eu não tenho um tênis, nem nada sem salto e... — Seus braços se afrouxam e quando ela ameaça me soltar, envolvo sua cintura com força e a puxo para mim outra vez.

— Tenho certeza de que podemos resolver isso.

— Como? Já é de madrugada, e eu...

Meus lábios encontram o seu outra vez.

— É uma ótima maneira de me fazer ficar quieta.

— É, sim... Continue falando — Murmuro entre um beijo e outro.

— Adam?

— Hum?

— Você vai mesmo me levar para a Grécia?

— Assim que você parar de falar.

— Eu preciso avisar a minha família que vou ficar por aqui mais um tempo.

— Nós podemos fazer isso.

— Meus irmãos vão surtar.

— Vão — Ela não para, mesmo quando estou apertando-a contra meu corpo e mordiscando o canto de sua boca.

— Daniel surtou quando fiquei três dias sem telefone depois de atirá-lo nas águas do canal em *Navigli*.

— Eu imagino — Aperto a sua cintura e mordisco seu lábio inferior.

— Não, você não imagina. Ele disse que estava prestes a pegar um voo pra cá. Ele e Owen.

— É? — Beijo os cantos da sua boca algumas vezes.

Ela assente. Seus olhos estão fixos nos meus e eles parecem estar sorrindo para mim.

— Eu vou parar de falar agora.

— Okay.

— Seria cômico se eles... — Encosto minha testa na sua e começo a rir. Ela para de falar.

— O que foi?

— Você não fica quieta — Murmuro buscando a sua boca outra vez.

— Desculpe. Mas, às vezes, quando eu fico ansiosa, eu fico assim... E não...

— Sophie?

— O quê?

— Você precisa parar de falar.

— Okay.

— Okay — Repito esfregando minha boca na sua.

— Mas eu preciso te falar só mais uma coisa.

— Não, não precisa — Beijo-a outra vez.

— Preciso, sim — Ela sorri e me beija de volta.

— O quê? — Fecho os olhos quando ela deixa a minha boca e fica na ponta dos pés até que seus lábios tocam a minha orelha.

— Eu também amo você. Muito.



— Por que nós não podemos levar todas as malas? — Sophie me encara com as duas mãos na cintura e uma ruga profunda entre as sobrancelhas. É realmente engraçado ver o quanto isso é frustrante para ela.

— Porque nós não vamos conseguir carregar tudo isso — Volto a olhar para a tela do meu celular. Estou a exatos trinta minutos procurando passagens aéreas baratas enquanto ela discute comigo, com as malas, com as roupas e com ela mesma.

— Mas são apenas duas malas!

— Duas malas enormes!

— Mas eu não posso escolher somente algumas peças de roupa! Eu não consigo! — Ela começa a remexer nas roupas que estão jogadas sobre a cama. — Eu posso precisar dessa camisa verde ou dessa branca ou... E se eu precisar usar salto alto durante um jantar ou... — Pego meu cartão de crédito dentro da carteira e começo a finalizar a compra. O voo sai em quatro horas. Ainda precisamos ir até o meu hotel e pegar o restante das minhas roupas e chegar até o aeroporto de metrô. Isso quer dizer que preciso ter o máximo de cuidado com ela durante o percurso. — Adam! Eu estou falando com você! — Eu me levanto da poltrona, vou até ela e a seguro pelos ombros.

— Coloque todas as suas roupas dentro das malas e...

— Sério? — Seu rosto se ilumina.

— Sério. Mas só porque eu comprei apenas passagens de ida. Será mais fácil deixarmos todas as malas no depósito de algum hotel que nos hospedarmos na Grécia. Pelo menos até decidirmos para onde vamos depois.

— E eu posso pegá-las sempre que precisar?

— Não!

— Mas...

— Eu disse não.

— Por que não? — Ela cruza os braços na frente do corpo e faz um lindo beicinho e, somente por isso, eu quase cedo ao seu pedido. Adoro quando ela faz beicinho. Coloco o dedo indicador em seu lábio inferior e o puxo para baixo de uma maneira suave, traçando o desenho perfeito de sua boca logo em seguida. Suas pálpebras se fecham. Inclino o rosto na direção de seu ouvido e ela estremece.

— Você tem cinco minutos.

Seus olhos encontram os meus e sua boca se fecha em uma linha fina quando percebe que eu não respondo a sua pergunta.

— Eu odeio você! — Diz se afastando.

— Você disse que me amava há pouco tempo.

— Mas nesse momento eu odeio — Ela começa a jogar as roupas de qualquer jeito em qualquer mala.

— Você vai gostar de viajar desse jeito — Abraço-a pela cintura e pressiono meu peito em suas costas.

— Como seu eu...? — Viro-a de frente para mim e faço-a se calar com a minha boca.

— Eu prometo — Sussurro e a beijo outra vez. Aquiesço para ela que imita o meu gesto.

— Eu amo você outra vez.

— Eu sei.

*“Pegue minha mão, pegue minha vida inteira também
“Pois eu não consigo evitar me apaixonar por você”
(Elvis Presley - Can't Help Falling In Love /1961)*

Sophie

— Eu acho que nunca vi nada tão lindo em toda a minha vida — Digo olhando para um céu incrivelmente laranja. Tenho a impressão de que estou ouvindo o sol se apagando quando ele toca o mar mediterrâneo à nossa frente.

— Dizem que é o pôr do sol mais bonito do mundo — Adam está sentado em uma cadeira bem atrás de mim e seu hálito quente toca a pele do meu pescoço enquanto ele fala. Um de seus braços envolve meu peito e seus dedos passeiam pelo meu braço.

— Você já tinha visto isso? — Recosto a cabeça em seu peito e ele me aperta ainda mais.

— Já, mas hoje ele está particularmente mais bonito.

— Sêrio?

— Hum-hum — Sua boca roça a minha orelha e depois o meu pescoço. — Você está aqui — Meus lábios se curvam para cima.

— Obrigada — Paro de olhar para o céu apenas por um instante e giro meu corpo na cadeira, até que minha boca encontre a sua. Beijo-o terna e demoradamente. — Obrigada por me trazer aqui... — Beijo-o mais uma vez. — Obrigada por essa viagem incrível — Envolvero seu pescoço com meus braços. — Por me ensinar a usar uma mala pequena e um tênis confortável.

— De nada — Ele levanta a aba do seu boné apenas para arrumar o cabelo e volta a colocá-lo. — Para onde você quer ir agora?

— Não sei.

— Nenhuma outra cidade para riscar da sua lista?

— Eu escrevi essa lista há tanto... — Bato com o dedo indicador no queixo e finjo pensar sobre isso. — Eu acho que tem um lugar que você deveria me levar.

— É? E que lugar é esse?

Resvalo meus lábios nos seus e mordo delicadamente seu lábio inferior. Beijo seu queixo e sigo uma trilha de beijos até chegar à sua orelha.

— Para o quarto

— *Uau!* — A surpresa em seu rosto me faz rir.

— Eu quero fazer amor com você enquanto olhamos para essa vista pela última vez.

Adam coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e brinca com minhas sobrancelhas, deslizando o dedo indicador por ela em um ritmo lento e, ao mesmo tempo, intenso. Sei o que ele está fazendo. Apenas me provocando. Fecho os olhos e deixo que ele faça isso. Deixo que ele toque minha boca com a sua e deslize seus lábios quentes sobre os

meus.

Deixo que sua respiração se misture a minha e que seu nariz deslize pelo meu rosto.

Deixo que seu dente mordisque o lóbulo da minha orelha e suas mãos apertem meu quadril com força.

Deixo que seus olhos em chamas encontrem os meus...

Deixo que ele me tome para ele.

Lembro-me de sua mão puxando a minha e de algum dinheiro sendo jogado sobre a mesa do pequeno e aconchegante restaurante da ilha de *Oia* — o meu lugar preferido no mundo inteiro.

Lembro-me de atravessarmos a multidão que se aglomerava na ilha para ver o pôr do sol. Lembro-me de ser puxada com força para o saguão do pequeno hotel onde estamos hospedados há dois dias.

Lembro-me de ser atirada na cama e do peso do seu corpo sobre o meu.

Lembro-me de ser amada até o sol dar lugar à lua cheia...

Até o sol nascer outra vez.



— Eu não acredito que temos que ir embora amanhã — Estamos deitados de barriga para baixo na beira da praia de *Navagio*. Mesmo que eu viva mil anos, jamais conhecerei um lugar tão incrível quanto esse. A água é absurdamente azul. O azul mais azul que eu já vi. Agora compreendo o que Adam disse sobre eu ter que ver com meus próprios olhos. A areia branca faz um contraste perfeito com a água e o verde da ilha à nossa volta. Nada se compara a esse paraíso — Nós podemos levar a Grécia para Nova York? Ou essa ilha?

— Nós podemos ficar aqui — Seu rosto se inclina na minha direção e ele beija a ponta do meu nariz. Seu cheiro misturado à maresia faz minhas células se agitarem. — Podemos morar dentro daquele navio — Ele aponta para os restos de um navio contrabandista que naufragou na ilha na década de oitenta.

— Acho que não — Torço o nariz e ele sorri. — Nós podemos alugar uma casinha branca de janelas azuis em Antiparos.

— Nós podemos fazer o que você quiser.

Deito de barriga para cima, sentindo a areia fofa e quentinha sob as minhas costas. Adam também se vira e apoia as mãos abaixo da cabeça. É impossível manter os olhos abertos nessa posição, pois o sol está nos cegando mesmo sendo apenas dez horas da manhã.

— Algumas noivas neuróticas estão me esperando em Nova York.

— Você pode criar lindos vestidos aqui e enviar para elas.

— Não — Respondo achando graça. — Eu preciso olhar para elas e ouvir suas histórias. Só assim consigo criar o vestido perfeito.

— Você pode pedir para elas enviarem uma foto.

Viro meu rosto para ele que se apoia em um cotovelo e, com a outra mão, fica brincando com a areia, enquanto as ondas quebram bem próximo dos nossos pés.

— Por que você está...? — Mas ele me interrompe.

— Você tem tempo para conhecer mais um lugar? — Há um V profundo entre suas sobrancelhas. — Antes de voltar para todas essas noivas?

Apoio-me em um cotovelo também e desenho pequenos círculos na sua mão, sem tirar meus olhos dos seus.

— É algum lugar especial?

Ele assente.

— Beaufort — Seus olhos encontram os meus e não sei se vejo dúvida ou ansiedade dentro deles.

— Você quer me levar para conhecer a sua família? — Estou tentando conter um sorriso bobo, mas meus lábios já estão se curvando para cima.

— Eu quero que você conheça toda a minha vida.

“Baby
Você é meu anjo, venha e me salve esta noite
Você é meu anjo, venha e deixe tudo bem...”
(Aerosmith - Angel / 1987)

Sophie

— Esse era o seu quarto?

— Não, essa é a casa da minha irmã.

— Por que nós não vamos para a sua casa, então? — Ele me olha rapidamente. — Você tem uma casa, não tem?

— Tenho, mas não há nada lá além de um sofá velho.

— Você morava lá?

— Não.

— Não?

— Eu ia morar lá com a Elena depois do casamento e... — Ele arranca o tênis e as meias, ajeita a aba do boné e me encara com a testa franzida. — Eu vendi tudo antes de viajar.

— Ah... E nós não podemos ficar na casa da sua mãe?

— A minha mãe está no meio de algum cruzeiro extravagante, em algum lugar do mundo com o namorado.

— E nós não podemos ficar por lá? Só nós dois? — Levanto as duas sobrancelhas quando seus olhos se voltam para mim.

Ele está abrindo a minha mala e arrancando todas as roupas sujas de dentro dela. Um enorme monte se forma no chão aos seus pés.

— Não. Eleonor deve aparecer por lá. Pelo menos nessa edícula nós vamos ter um pouco de paz.

— Quem é Eleonor?

— Ela é um tipo de empregada, governanta, secretária e melhor amiga da minha mãe. Mas Ellen e eu a chamamos apenas de louca.

— Por quê?

— Porque ela é... Completamente louca.

Ele deixa uma risada escapar e balança a cabeça.

— Quer dizer que eu não vou conhecer a sua mãe dessa vez?

— Você deveria ficar grata por isso — Ele me lança uma piscadela e eu atiro um travesseiro na sua cabeça. — Ela é meio má às vezes.

— Sério?

— Vai por mim — Ele abre a sua mochila e começa a arrancar as roupas de dentro dela

também.

— Você acha que ela seria má comigo?

Ele dá de ombros.

— É meio difícil dizer isso porque nunca sei como está o seu humor.

Assinto, mesmo que ele não esteja olhando para mim nesse momento.

— Onde está a sua irmã?

— Wilmington. Ela disse que chega amanhã bem cedo.

— E será que ela vai gostar de mim? — Ele enfia a mão no fundo da minha nova mochila e responde sem olhar para mim.

— É claro que vai, mas esteja preparada. Ellen é intensa demais.

— O que você quer dizer com intensa demais? — Pergunto pausadamente.

— Você vai ver.

— Bom, você acabou de me assustar — Passo o dedo sobre a cômoda de madeira escura e uma fina camada de pó suja os meus dedos. Sento-me na cama e observo Adam separar roupas claras de roupas escuras.

Ele sabe mesmo lavar roupa.

Faço uma anotação mental de pedir para Susanne me ensinar a fazer isso.

— Tem um violão aqui — Aponto para o instrumento encostado na parede ao lado da cabeceira de uma antiga cama de solteiro.

— Tem, sim — Ele tira algumas roupas amassadas da enorme mochila preta e as joga no chão junto com as minhas.

— Você toca?

— Não mais.

— Por quê?

— Porque não.

— E por que ele está aqui se essa não é a casa em que você cresceu?

— Porque eu... — Seus olhos me encontram apenas por um segundo e uma ruga na sua testa me diz que ele está confuso. — Eu não sei. Talvez Ellen o tenha trazido para cá. Sei lá. Parece que Robert está aprendendo a tocar — Ele dá de ombros outra vez.

— Robert é...?

— Filho de Ellen e Peter. Meu sobrinho.

— Hum... Você simplesmente parou de tocar ou...?

Ele para de remexer na mochila e me olha com um sorriso enviesado.

— Mulher — Ele puxa a aba do boné para baixo. — Você faz muitas perguntas.

Apoio-me nos cotovelos e finjo estar indignada.

— Você acabou de me chamar de mulher? — Seu sorriso fica maior quando ele assente e joga a mochila no chão. — Você me chamou de mulher! Que tipo de gíria é essa?

— Deve ser coisa do meio-oeste.

— Ah — Ele se inclina na minha direção. Apoia um joelho na cama e coloca a mão ao lado da minha cabeça. Sinto um já conhecido e agradável frio na barriga, mas então me dou conta do que ele acabou de dizer. — Espere! — Coloco as duas mãos em seu peito. — Meio-oeste? — Ele assente outra vez. — Eu pensei que você fosse de Beaufort.

Seu rosto está tão perto do meu que sinto meu corpo derretendo. Minhas mãos caem ao lado do meu corpo e seu nariz roça com delicadeza na minha bochecha.

— Eu me mudei para cá quando tinha dezesseis anos. Eu sou de Illinois — Seu nariz está roçando o meu agora e seu hálito quente toca meus lábios. É difícil falar ou raciocinar quando ele está tão perto de mim. — Crystal Lake — Diz antes de me beijar. Mas o que ele acaba de dizer faz um gritinho escapar da minha boca. Encaro-o com os olhos arregalados

— Crystal Lake? Sério?

— Sim...

— A cidade do Jason? — Ele faz que sim com a cabeça e vira o boné para trás. Seus olhos parecem ainda mais azuis. — Sério? — Pergunto outra vez.

— Eu e Ellen nunca conseguimos ir a um acampamento quando éramos crianças.

— Por quê?

— Porque nós morríamos de medo do Jason aparecer no meio da noite.

— Ah, meu Deus! — Cubro a boca com as mãos e caio na gargalhada.

— Não ria desse jeito, Sophie. As crianças da minha escola ficavam apavoradas quando os pais as obrigavam a ir para algum acampamento — Rio um pouco mais e ele ri comigo e só consigo pensar em como seu rosto é ainda mais perfeito. Sinto quando ele solta um pouco o peso do seu corpo sobre o meu e acaricia meu cabelo com uma das suas mãos.

Nossos lábios se tocam apenas por um segundo.

— Toque uma música para mim — Peço e beijo seus lábios. Ele nega. — Por favor?

— Não faça beicinho, Sophie.

— Só uma música.

— Eu não aguento quando você faz esse beicinho — Seu dedo indicador acaricia meus lábios e aproveito sua deixa para provocá-lo ainda mais.

— *Umazinha...*

Ele suspira e se afasta. Penso que ele não vai fazer o que eu quero, mas me surpreendo quando ele pega o violão e se senta ao meu lado.

— Faz tanto tempo que eu não faço isso que... — Ele dedilha as cordas do violão e olha para mim apenas por um segundo antes de se voltar para o violão outra vez. E então, a mágica começa. Adam não está apenas tocando para mim, ele está cantando e *caramba!* Ele canta muito.

Ele canta Angel.

*“Estou sozinho, eu não sei se consigo encarar a noite
Estou em lágrimas e o choro é por sua causa
Eu quero o seu amor, vamos quebrar a parede entre nós...”*

E ele canta para mim. Não porque eu pedi para que ele fizesse isso. Ele canta porque é nisso que ele acredita.

É isso o que eu sou para ele...

É isso o que ele sente por mim...

Seus olhos se focam nos meus e há um brilho diferente dentro deles. Lágrimas se formam nos meus e meu lábio inferior treme. Calafrios sobem e descem pela minha coluna.

Minha respiração fica irregular.

Sua voz fica mais grave e mais intensa no refrão.

“Você é meu anjo, venha e me salve esta noite

Você é meu anjo, venha e deixe tudo bem...”

Inspiro profundamente e enxugo meu rosto com as pontas dos dedos quando minha boca começa a se curvar para cima.

“Você é o motivo que eu vivo...

Você é o motivo que eu morro”

Fecho os olhos e deixo que sua voz preencha o quarto.

Preencha meus ouvidos...

Deixo que sua voz alcance o meu coração...

Quando a música para, permaneço com os olhos fechados e levo as duas mãos ao peito. As batidas do meu coração estão fora de controle.

Ouçó quando ele coloca o violão no chão e sinto o calor de suas mãos fortes tocando a pele molhada do meu rosto. Sinto seu nariz acariciando o meu. Sinto seus lábios macios acariciando os meus e sua língua quente deslizando para dentro da minha boca.

Eu sinto tudo...

Lentamente, uma de suas mãos desliza pelas minhas costas até encontrar o meu quadril, puxa-me para frente e sem deixar a minha boca, coloca-me deitada sobre a cama.

Seu cheiro aguçá todos os meus sentidos.

Abro os olhos quando sinto seu hálito quente tocando a minha pele. Seus olhos estão escuros, cheios de desejo. Um gemido escapa da minha boca e ele mordisca meu queixo e meu lábio inferior. Sua mão desce pelo meu rosto, passa pelo meu pescoço e se demora no meu seio. Arqueio as costas e coloco os dois braços acima da cabeça quando seu quadril pressiona o meu bem devagar.

Uma...

Duas...

Três vezes...

Até que a nossa respiração se intensifica.

Até que nossas mãos virem uma coisa só e nossas roupas sejam atiradas ao longe.

Até que nosso suor se misture.

Até que nossos corpos assumam o controle de tudo.

Até que Adam desliza para dentro de mim e me ama até eu achar que sou capaz de flutuar.

Adam me ama até o mundo parar.



— Você tem uma voz maravilhosa — Estou deitada sobre seu peito nu e seus dedos acariciam a pele do meu ombro, preguiçosamente.

— Não tenho, não — Sinto seus lábios tocando meus cabelos.

— Tem, sim. Se eu soubesse desse talento antes poderíamos ter feito dinheiro pela Europa. Seu peito se sacode por causa da sua risada.

— De onde você tirou isso?

Fico de barriga para baixo e apoio o queixo em uma mão para poder ver seu rosto.

— Acho que *Angel* tem que ser a nossa música.

— O que aconteceu com *More than words*?

— Ela vai ser a segunda ‘nossa música’. Na verdade, a terceira.

— Qual é a outra?

— *Will you still love me tomorrow*?

— Sim, eu vou.

— O quê?

— Eu ainda vou te amar amanhã — Ele responde ao título da música, provocando-me, deslizando seus lábios nos meus. — Eu ainda vou te amar amanhã e depois de amanhã... E depois. E depois e... — Não consigo conter um sorriso bobo. Bobo e apaixonado. — Todos os dias.

Ele toca meu rosto com a ponta dos dedos. Fecho os olhos apenas por um segundo.

— Que bom — Sussurro. — Porque eu nem posso imaginar a minha vida sem você. — Ele assente e resvala seus lábios nos meus.

— Para sempre — Sussurra de volta.

— Para sempre — Repito sem emitir som e ele me beija mais uma vez. — Por que você parou de tocar? — Pergunto curiosa quando ele se afasta.

Ele inspira profundamente e franze a testa antes de responder.

— Eu não sei. Acho que depois que o meu pai morreu muitas coisas deixaram de fazer sentido.

— Ele tocava também?

— O tempo todo.

— Talvez você encontre algum sentido agora.

Adam se apoia em um cotovelo e beija a ponta do meu nariz.

— Acho que eu já encontrei.

— Então toque mais, por favor.

— Toco — Minha boca começa a se curvar em um sorriso. — Mas eu tenho uma condição. — Ele toca a ponta do meu nariz com o dedo indicador para em seguida, desliza-lo pela minha boca, queixo e pescoço.

— O quê?

— Você está me devendo *S'mores*.

— E você está me devendo um encontro — Devolvo sem pestanejar.

— Eu te levei para a Grécia, comemos frutos do mar assistindo ao melhor pôr do sol do mundo. Acho que tenho alguns créditos.

Seus olhos e boca estão sorrindo para mim e preciso concordar com ele.

— Você está certo — Fico em pé e envolvo meu corpo com o lençol cinza que está jogado no chão. — Você acende a fogueira e eu preparo os *S'mores*.

— Precisamos de uma fogueira?

— Se você vai comer *S'mores*, tem que comer direito — Ele ainda está sentado na cama, sorrindo para mim. Estreito os olhos e o encaro com a cabeça inclinada. — Você por acaso não está com medo de que o Jason apareça no seu quintal e... *Ai!* — Não consigo terminar a frase. Adam me agarra pela cintura e me joga de costas na cama, pairando seu corpo sobre o meu.

— Cala a boca — Diz rindo e sou obrigada a ficar quieta quando sua boca pressiona a minha.



Entro na cozinha vestindo uma calça *legging* preta e um moletom cinza que peguei nas coisas de Adam. Ele deve ser pelo menos três números maior do que o meu, mas é quentinho e tem o cheiro dele.

O café da manhã está servido na ilha de mármore da cozinha e o cheiro de bacon faz meu estômago roncar.

Olho ao redor procurando por Adam, mas não há ninguém ali. Vou até a geladeira, pego uma garrafa de suco de laranja e, quando fecho a porta e me viro, meu coração quase salta pela boca.

— Bom dia! — A mulher loira parada à minha frente me encara da cabeça aos pés, especialmente os meus pés que estão cobertos por um par de meias cor de rosa com estampas de girafa.

— Meu Deus! — Digo apoiando uma mão a geladeira. — Você me assustou.

— Você deve ser Sophie.

— Sim, e você é a...

— Ellen — Ela não me deixa completar a frase. — Pode se sentar que eu já vou servir seus ovos.

Balanço a cabeça e me acomodo em um banco alto.

— Onde o Adam está?

— Jogando futebol com Robert e Peter — Ela olha para o relógio na parede atrás de mim enquanto coloca os ovos mexidos em um prato. — Eles devem chegar daqui a pouco mortos de fome. Você quer café?

— Não, eu...

— Eu acabei de fazer.

— Eu não bebo café, não... — Paro de falar quando ela me dá as costas e vai até uma porta de vidro ao lado da porta da lavanderia. Volta segundos depois com uma caixa de *froot loops* na mão e se senta de frente para mim.

— Robert adora esse cereal colorido — Ela despeja uma quantidade generosa dentro de uma tigela e, em seguida, despeja o leite. — Eu também. Achei que quando eu crescesse deixaria de comer essas coisas, mas não consigo. Elas parecem ainda mais gostosas agora.

Ela é realmente intensa demais.

— E eu estou grávida.

— Ah! Parabéns! — Digo sorrindo e faço uma anotação mental de enfiar o salto do meu *Channel* preto na cabeça de Adam. Como ele não me contou uma coisa dessas? Ellen está me encarando séria e por um momento não sei o que dizer. — Não é parabéns? — Pergunto constrangida demais para um sábado de manhã.

— Você ama o meu irmão?

— *O quê?* — Quase engasgo com o pedaço de bacon que acabei de colocar na boca. — Eu...

— Adam já sofreu demais, você deve conhecer a história dele com a... — Ela balança a colher no ar.

— Elena...?

— Sim, Elena — Seu rosto parece se contorcer só de ouvir o nome dela.

— Ele me contou — Eu juro que a hora em que ele passar pela porta da cozinha vou atirar qualquer coisa pesada na cabeça dele.

— Os ovos estão bons?

— Estão, sim... É... — Coloco minha primeira garfada na boca. — Estão deliciosos.

Ela assente.

— Por que você disse que não bebe café mesmo?

— Eu fico agitada demais.

Não que você tenha me deixado responder antes.

— Meu pai disse que não devemos confiar em alguém que não bebe café.

Abro a boca para perguntar o que ela quer dizer com isso, mas desisto. Não sei se quero continuar a ter essa conversa. A ruga no meio da sua testa está ficando cada vez mais funda.

Eu vou matar o Adam!

— Deixe-me explicar uma coisa para você — Ellen solta a colher dentro da tigela e apoia os cotovelos na bancada. Engulo em seco quando ela começa a falar. — Se você sequer pensar em abandoná-lo no altar ou partir o coração dele de alguma maneira eu arranco esse cabelo perfeito da sua cabeça. Você me ouviu?

— Hum-hum.

— Ótimo — Ela desce do banco, vai até a pia e enche uma chaleira de água. — Você gosta de chá?

— G-gosto...

— Bom dia, querida — Adam surge na cozinha completamente suado. O short de moletom cinza que ele está usando exibe manchas escuras de suor e sua camiseta branca está colada no seu corpo. Tão colada que posso ver os gomos do seu abdômen. Por um milésimo de segundo, esqueço que estou brava com ele. Com o boné virado para trás parece mais um garoto voltando do treino da escola. Ele se aproxima, apoia uma mão no balcão e aperta a minha coxa com a outra. — Estava com saudade de você — Seu nariz desliza pelo meu rosto e sua boca toca de leve o lóbulo da minha orelha. Viro meu rosto na sua direção e ele percebe que tem alguma coisa errada. — O quê...? — Ele suspira e se volta para Ellen. — O que você disse para ela?

— Eu? Nada! — Ela coloca uma mão no peito e se finge de ofendida. — Nós só conversamos, não é, Sophie?

— Conversamos? — Fecho os olhos quando percebo que não afirmei isso.

— Ela ameaçou arrancar o seu cabelo? — Adam está olhando para a irmã que está de costas para nós,enchendo uma caneca de chá. Assinto e ele abaixa a cabeça rindo.

— Eu só estava me certificando — Ela dá de ombros e me entrega o chá. — Ela é quase perfeita.

— Quase? — Questiona Adam. — Ela é perfeita demais.

— Ela não bebe café!

— Quem não bebe café?

Um homem alto e forte entra na cozinha tão suado quanto Adam. Eles estão usando bonés com o mesmo tom de azul desbotado. Parece que usar boné virado para trás é normal por aqui. O garoto que entra em seguida também está usando um boné, mas o seu é de um branco bem encardido. Seu cabelo loiro escapa pelas laterais e suas bochechas estão vermelhas. Os olhos exibem o mesmo tom de azul de Adam e Ellen, aliás, a semelhança com Ellen chega a ser desconcertante.

— Ele não parou de falar de você — O garoto aponta para Adam e vem até mim. — Parece até um mariquinha.

— O que você acabou de dizer? — Pergunta Peter, pelo menos acho que esse é o seu nome porque ele está tentando beijar o rosto de Ellen e ela tenta se esquivar por causa do suor, então acho que esse é o marido dela.

— Isso de ficar falando de garotas é um saco! Garotas são um saco!

— Você vai mudar de opinião logo — Diz Peter quando consegue beijar Ellen e leva um soco no braço. Mas ela está bem sorridente para alguém que está brava.

Robert fica me encarando com curiosidade até que me estende a mão.

— Mas ele tem razão, você é mesmo muito bonita.

Não consigo conter a minha risada, Adam e Peter também não. De canto de olho, vejo Ellen balançar a cabeça enquanto tenta abafar um sorriso.

— Eu sou o Robert.

— Prazer, Robert. Eu sou a Sophie, mas parece que você já sabe tudo sobre mim.

Ele faz que sim com a cabeça e ameaça pegar um pão com passas, mas Ellen dá um leve tapa no seu braço.

— Vá já lavar essas mãos!

— *Droga!*

— Não fale assim com a sua mãe! — Adam dá um peteleco na sua cabeça.

— Ai! — Ele resmunga, ameaça sair, porém volta rapidamente, dá um salto e arranca o boné de Adam. Antes mesmo que ele perceba, Robert já deixou a cozinha.

— E eu sou Peter — Ele estende a mão para mim. — O único adulto dentro dessa cozinha. Ellen revira os olhos.

— É um prazer conhecer você, Peter.

Ele solta a minha mão e estende o braço para a jarra com suco de laranja sobre a mesa.

— Nem pensar! — Grita Ellen do fogão. — Vão lavar essas mãos nojentas vocês também. E não demorem porque eu estou morrendo de fome.



— Ei — Diz Peter depois de terminar sua segunda caneca de café. — Eu me esqueci completamente de te falar que uma família de Raleigh fez uma proposta para comprar a sua casa.

— E é boa?

— É ótima! — Ellen fica mais ereta na cadeira. — Você deveria fechar esse negócio logo.

— Vou fazer isso.

— Você não vai mais morar aqui? — Robert parece arrasado.

— Não — Adam bagunça o cabelo do sobrinho e rouba seu boné de volta. — Eu vou ficar em Nova York agora.

Tento conter um sorriso bobo, mas meus lábios se curvam para cima.

— E eu posso te visitar nas férias?

— É claro que pode.

— E nós podemos assistir a um jogo dos Jets?

— Com certeza!

— E um jogo de baseball também?

— Podemos.

— Legal! — Ele fica em pé, abraça Adam rapidamente e sai em disparada para o quintal.

— E o que você vai fazer em Nova York? — Pergunta Ellen. — Você vai precisar de um trabalho, certo?

— Eu queria mesmo falar com vocês sobre isso — Adam bebe um pouco do seu café. — Eu estou pensando em abrir uma filial da McQueen.

— Em Nova York?

— Não, Ellen! Em Marte! É claro que é em Nova York.

Ela o fuzila com os olhos, mas acaba sorrindo em seguida.

— Eu dei uma olhada nas finanças com Peter quando estive aqui no mês passado e acho que temos capital para isso, mas eu não quero fazer nada sem o consentimento de vocês dois.

— Nós já conversamos sobre isso, Adam — Diz Peter. — Você tem todo o meu apoio e o de Ellen também. Sem contar que isso vai ser um enorme passo. Uma terceira loja em Nova York? Acho que nós nunca sonhamos com isso.

— Papai sonhava — Diz Adam e Ellen o encara com os olhos marejados. — Ele sempre falava disso atrás daquele balcão em Crystal Lake. Você se lembra?

Ellen assente para Adam. Ela abre a boca para dizer alguma coisa, mas a fecha quando uma bola de basquete bate na porta da cozinha e o vidro treme. Ela se levanta bufando, abre a porta e dá um grito tão estridente que sinto meu ouvido zunir.

O momento havia passado. A tristeza também.

— Robert! Se você não parar com essa bola agora vou te deixar de castigo até você completar 40 anos!

— Mas, mãe... — Ele ainda tenta argumentar, mas ela grita outra vez.

— Agora!

Ouçõ a bola quicar no chão com força mais uma vez e depois mais uma, e mais outra até parar completamente. Olho para Adam e Peter, mas os dois parecem alheios ao que acaba de acontecer.

— A energia desse garoto não acaba nunca — Resmunga Ellen enquanto se senta no banco outra vez. — Tomara que esse bebê seja uma menina — Diz apontando para a barriga que quase não aparece.

— Se ela for como você quando criança, você está bem ferrada — Fala Adam.

Ellen balança a cabeça e coloca mais café na sua caneca.

— Talvez se você bebesse menos café e... — Minha voz some e paro de falar quando Peter e Adam me encaram com os olhos cerrados. Ambos estão pedindo em silêncio para que eu me cale e compreendo o motivo.

— Então você vai realmente se mudar para Nova York? — Peter cruza os braços na frente do corpo e encara Adam com um sorriso enviesado.

— Eu preciso estar onde a minha mulher está — Adam envolve meu ombro com um braço e me puxa para perto dele.

— Posso te pedir uma coisa? — Pergunto.

— O que você quiser, querida.

— Nunca mais me chame de mulher — Levanto uma sobrancelha e ele me encara por alguns segundos antes de cair na gargalhada.

Isto não é irônico? ... Você não acha?
[...]
Quem teria imaginado... Isto acontece'
(Alanis Morissette - *Ironie*/1995)

Sophie

— Sophie! Você voltou!

— Acabei de chegar — Jess me abraça tão apertado que sinto falta de ar. — Não imaginei que você estivesse com tanta saudade.

— Na verdade, não é bem saudade — Ela enrosca o braço no meu e me puxa para o meio do Galpão. — Eu preciso que você desenhe meu vestido de noiva.

— É claro — Reviro os olhos, mas não consigo deixar de sorrir. — E eu achando que você gostava de mim de verdade.

— Ah! Eu amo você, Sophie, mas... — Ela me abraça outra vez. — *Quarterback?*

— O quê? — Pergunto sentindo meu corpo ficando rígido.

— Você está de volta também! — Ela me solta e vai até Adam.

— Oi, Jess — Os dois se abraçam. Ele apenas dá de ombros e a abraça de volta. Adam me lança uma piscadela enquanto ela ainda está de costas para mim e sinto meu corpo se arrepiar.

— Não é uma enorme coincidência vocês dois voltarem para Nova York ao mesmo tempo? — Ela se solta e olha para mim, e depois para ele.

— Na verdade, não foi ao mesmo tempo, n-nós... — Quando eu começo a gaguejar, Adam me interrompe e começa a contar a história que combinamos no carro a caminho de Nova York. Como ele resolveu ficar aqui de vez, achou melhor viajarmos no carro dele ao invés de pegarmos um avião.

— Acabamos de nos encontrar aqui na frente — Jess continua nos encarando com os cantos dos lábios curvados para cima.

— Vocês não estavam juntos esse tempo todo?

Negamos ao mesmo tempo com um gesto de cabeça.

— Eu passei aqui pra falar com a Elena... — Começa Adam. — Ela está aqui?

— Está — Fico lívida quando escuto a voz de Daniel atrás de nós. *O que ele está fazendo aqui hoje?* — Posso saber por que você quer falar com ela? — Adam continua de costas para Daniel, mas de canto de olho vejo que ele está balançando a cabeça e coçando a nuca. Viro-me rapidamente. Daniel está com os braços cruzados na frente do corpo e seus olhos estão semicerrados. Ele está com raiva, mas sua expressão se suaviza assim que nota a minha presença. — Sophie — Diz quase aliviado.

— Oi! — Dou um passo hesitante na sua direção e o abraço apertado. — Apesar de você ser um chato a maioria das vezes eu quase morri de saudade.

Afasto-me, porém mantenho as mãos em seus ombros. Ele sorri por um momento, mas rapidamente seus olhos se voltam para Adam. O sorriso desaparece e tenho a impressão de que aquela veia está começando a pulsar na sua testa. Se eu tinha alguma intenção de contar a ele qualquer coisa sobre Adam, acabo de perceber que hoje não é uma boa ideia.

— Não sabia que você tinha voltado.

— Acabam... É... Hum... Acabei de chegar.

— Acabou de chegar? Junto com o Adam? — Ele cruza os braços outra vez. De canto de olho vejo que Adam o está encarando de volta. Seus braços também estão cruzados na frente do corpo.

Isso não vai dar certo.

Tenho quase certeza de que ouço Jess contendo uma risada.

— *Não!* — Controlo a minha voz que já está mais estridente do que o normal. — Não, nós nos encontramos aqui... É... Ali fora — Aponto para a porta e vejo Daniel consentir com um discreto gesto de cabeça. Então seus olhos se voltam para Adam e sinto minhas pernas perderem as forças.

Isso não vai dar certo de jeito nenhum!

— Tive a impressão de ouvi-lo perguntando pela minha mulher.

Jessica não consegue mais se conter e solta uma gargalhada. Daniel franze a testa e a encara com sua expressão mais séria. Adam e eu olhamos para trás e ela tampa a boca com uma mão enquanto pede desculpas com a outra.

— Desculpe, mas é que... — Ela abana a mão no ar. — Não é nada. Eu vou preparar um café para nós.

— Então, você falou... — Daniel começa outra vez, mas é interrompido quando Elena surge no topo da escada.

— Sophie! — Ela se aproxima com um sorriso radiante. — Que saudade de você! — Ela me abraça da maneira que pode, pois está carregando um Matt gorducho e adormecido nos braços.

— Ele está enorme — Sussurro enquanto me inclino para frente e beijo suas bochechinhas rosadas. — Posso pegá-lo no colo e apertá-lo até que ele fique sem ar?

— Se você prometer que ele vai só ficar sem ar e não acordar, pode — Ela dá uma risada cansada e noto que há olheiras escuras ao redor de seus olhos. — Ele não dorme nunca, eu não durmo nunca... — Seus olhos se voltam para Daniel. — Seu irmão não dorme nunca.

— Nós tivemos que ficar andando de carro com ele por mais de uma hora até que ele dormisse — Sussurra Daniel.

— E por que vocês estão aqui? — Pergunto curiosa e achando graça.

— Nós estávamos dormindo lá no meu escritório — É Elena quem responde. E o mais impressionante é que ela diz isso com um enorme sorriso. Daniel dá um passo à frente e percebo que ele está bastante abatido. Do mesmo jeito que ficava quando estava de ressaca. — Nossa! É horrível dizer isso em voz alta. Parece que somos pais horrorosos.

Meu irmão beija sua têmpora carinhosamente.

— Você não seria uma mãe horrorosa nem se quisesse.

O sorriso de Elena é genuíno e apaixonado. Ela esfrega o nariz no queixo de Daniel, deixa um beijinho ali e volta a olhar para mim e, somente agora, parece notar a presença de Adam.

— Adam? O que você está...? — Seus olhos se voltam para mim e depois para ele, para mim de novo e para Jessica que está cantarolando do outro lado do balcão enquanto finge preparar o café sem notar que estamos parados à sua frente.

Jessica sabe.

— Elena — Ele coloca a mão no seu ombro e a beija no rosto rapidamente. Daniel pigarreia ao meu lado.

Eu engulo em seco.

— De volta ao caos?

— Não tive escolha. — Um discreto sorriso parece surgir no canto direito de seu rosto quando seus olhos encontram os meus. Tento desviar o rosto de uma forma atrapalhada. Elena assente olhando para mim. Tem um sorrisinho no seu rosto também.

— Jura?

Adam faz que sim com a cabeça e coça a nuca.

Daniel bufa.

— Vocês e Sophie chegaram juntos? — Ela sabe.

Será que ela sabe mesmo?

— Não — Daniel responde mal-humorado.

— Onde estão as suas malas, Sophie? — Viro-me para Jess que sorri para mim de uma forma irritante. — Você disse que chegou agora e está sem mala nenhuma — Ela dá de ombros e isso é mais irritante ainda. — Só fiquei curiosa porque você é a rainha das malas e...

— Ela estava brigando com duas malas enormes na porta de entrada quando eu cheguei. Só ofereci o meu porta-mala.

— Você veio de carro? — Pergunta Elena um pouco empolgada.

— Sim.

— Isso quer dizer que você vai ficar por aqui de vez?

— Exatamente. E eu preciso de um lugar para ficar.

— Minha casa no *Brooklyn* está esperando por você.

— Foi por isso que vim até aqui, mas eu quero pagar pelo aluguel.

— Não seja bobo, Adam.

— Eu faço questão.

— Mas você não precisa se preocupar com isso.

— Eu só aceito se pagar.

— Eu acho que...

— Muito bem! — Interrompe Daniel. — Ele quer pagar pelo aluguel então deixe que ele

pague! — Elena o encara com a testa franzida e quando está prestes a dizer alguma coisa, Matt começa a chorar. — *Droga! Droga! Droga!* — Resmunga com a voz ligeiramente embargada. Daniel balança a cabeça e aperta a base do nariz com o indicador e o polegar.

— Sua vez — Meu irmão pega Matt no colo e o aninha de uma forma gentil e carinhosa. Matt não para de chorar de imediato, mas para de agitar os bracinhos e as pernas de forma frenética.

— Eu vou pegar a minha bolsa lá em cima e a chave para o Adam.

Ele assente. Dou um passo hesitante na sua direção.

— Ele parece ficar bem tranquilo no seu colo — Acaricio os cabelos negros do meu sobrinho e não consigo segurar uma risada quando ele volta a chorar fazendo caretas incríveis. — Que mau humor.

— Você ainda não viu nada — Daniel está sorrindo de verdade — Janta comigo hoje? Com *agente*, quero dizer.

— Claro.

— Só você.

Ele lança um olhar para Adam e compreendo muito bem o que essas palavras querem dizer.

Assinto e engulo em seco torcendo para que meu pescoço não esteja ruborizando.

É, Sophie! Vai ser muito difícil Daniel compreender tudo isso.

*“Alguém me disse tempos atrás
Que há uma calmaria antes da tempestade”
(Creedence Clearwater Revival - Have You Ever Seen The Rain/1970)*

Sophie

— Eu preciso ir para casa — Digo me espreguiçando.

— Não — Adam me agarra pela cintura e me puxa para junto do seu corpo nu outra vez. — São duas horas da manhã. Eu não vou permitir que você saia dessa cama hoje.

— Meu pai vai me matar se eu não voltar para casa.

— Então ligue para ele ou envie uma mensagem dizendo que você vai ficar aqui... — Ele beija meu pescoço demoradamente e meu corpo inteiro se arrepia. — Comigo.

— Eu adoraria, mas não posso — Seus braços se afrouxam e ele deita de barriga para cima, apoiando um braço sob a cabeça.

— Nós precisamos parar com isso.

— Eu sei.

— Sophie, **já faz sete meses, nós** somos adultos. Tenho a impressão de que estamos sempre nos escondendo.

— Na verdade, nós estamos sempre nos escondendo — Digo tentando fazê-lo rir, mas ele apenas me encara com um olhar cansado e talvez zangado. *Droga!* Desvio os olhos e fico encarando o teto branco acima de nós. Eu sei que ele está certo, mas só de pensar em contar a Daniel que estou namorando Adam chego a sentir palpitações. Owen e meu pai não serão um problema tão grande, mas ainda assim, tenho meus motivos para desconfiar. Owen é super tranquilo, mas às vezes a chatice dele me surpreende.

— Eu não quero mais ter que ficar em casa quando você tem que sair com sua família ou precisa jantar na casa do seu irmão.

— Você sempre me acompanha, sempre está junto comigo.

— Mas eu nunca sou seu namorado e isso é ridículo! — A voz dele começa a se alterar. — É ridículo passar o dia todo com você e não poder te tocar. Você... — Ele esfrega os olhos e solta o ar com força. — Até agora eu aceitei sua decisão de manter segredo, mas eu estou cansado disso.

— Eu sei.

— Se você sabe por que não conta tudo logo ou me deixa fazer isso?

— Porque eu... Eu... Quando eu tinha quinze anos comecei a namorar um garoto mais velho. Ele era irmão de uma amiga e tinha dezoito anos... — Adam está me encarando com a testa encrespada. Com certeza está me achando louca por começar a contar isso de repente. —

Jeff. Era esse o nome dele. Nós namoramos escondido por três meses mais ou menos, e então, ele desapareceu por um fim de semana inteiro. Na segunda-feira, quando eu estava saindo do colégio, ao invés de encontrá-lo na saída, como ele sempre fazia, encontrei Daniel e Owen plantados em frente ao portão com os braços cruzados na frente do corpo.

— E seu namorado?

— Ele surgiu na esquina segundos depois e antes que ele tivesse tempo de dizer qualquer coisa, Daniel acertou um soco no olho dele e Owen disse que tinha avisado para ele ficar longe. Para sempre. Enfim... — Digo apoiando-me em um cotovelo. — No dia seguinte, Jeff me disse que meus irmãos eram loucos, terminou tudo comigo e foi fazer intercâmbio na Austrália. Eu nunca mais o vi e nunca mais namorei ninguém na escola porque a notícia se espalhou e todos os garotos tinham medo dos meus irmãos.

— Que babaca.

— Sim, eles são. É por isso que eu...

— Não estou falando dos seus irmãos. Estou falando desse tal de Jeff — Olho para ele com a testa franzida. — Ele desistiu de você muito fácil. Eu jamais faria isso — Não consigo disfarçar o sorriso de satisfação que começa a se formar em meus lábios. Adam se apoia em um cotovelo, fica de frente para mim e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Eu bati no Peter quando ele começou a namorar Ellen.

— Não acredito que você fez isso!

— Ele era o meu melhor amigo. Namorar a irmã de alguém é desrespeitar o código.

— Que código?

— O código entre irmãos — Ele me olha com um sorriso enviesado. — Nós não podemos pegar a irmã de um amigo. Nem a ex. A prima pode, mas a irmã e a ex jamais.

— Ah, meu Deus! — Digo rindo e jogando a cabeça para trás. — Você está falando sério?

— Muito.

— Vocês são todos iguais.

— Eu entendo o que eles sentem em relação a você. Irmãs precisam que a coloquemos na linha — Reviro os olhos. — Mas isso não justifica o que estamos fazendo.

— Eu sei. Eu só preciso de... — Ele me interrompe.

— De mais tempo. Eu sei! Você sempre diz a mesma coisa.

— Adam, não fique bravo comigo.

— Eu não estou bravo, eu... — Ele bufá e leva a mão esquerda até a nuca, coça a pele por alguns segundos enquanto encara além do meu ombro. Cogito olhar para trás e ver o que ele encara, mas sua voz me traz de volta. Seus olhos estão mais escuros. — Na verdade, eu estou muito bravo com você!

E pelo tom da sua voz percebo que ele está mesmo.

Solto o ar com força e acaricio seu rosto.

— Amanhã. Prometo que amanhã falo com os dois.

— E com o seu pai.

— E com o meu pai.

— Podemos fazer isso depois do café da manhã.

— Não, não podemos — Respondo rapidamente. — Eu vou falar com eles sozinha.

— Não, não vai.

— Eu não quero ter que falar com eles enquanto me preocupo se alguém vai ou não voar no meu pescoço.

— Seu pai não vai voar no meu pescoço — Um sorriso presunçoso ilumina seu rosto. — Ele gosta muito de mim se você quer saber.

— Como você é convencido — Estreito os olhos e seu sorriso aumenta. — Okay, você vai comigo até a casa dos meus pais, mas eu cuido dos meus irmãos sozinha.

— Eu não acho...

Sento-me na cama, cobrindo meu corpo com o lençol e dou uma busca rápida pelo quarto. Encontro meu celular caído no chão ao lado das minhas roupas. Estico-me até alcançá-lo e digito uma mensagem para a minha mãe. Digo apenas que vou ficar na casa de Phoebe por causa do horário. Ela vai ouvir a mensagem imediatamente porque está acostumada às chamadas no meio da noite e vai avisar meu pai que deve estar andando de um lado para o outro na biblioteca enquanto finge não se preocupar com a minha demora.

Jogo o celular no chão mais uma vez e volto a me enroscar em seus braços.

— Você vai ficar aqui?

— E é bom que tenha panquecas no café da manhã.

— Acho que eu posso te dar algo melhor no café da manhã.

— Hum... — Envolvero seu quadril com uma perna e sinto calafrios quando ele acaricia a minha coxa com as pontas dos dedos. — Eu posso me acostumar com isso.

— Aperto-o ainda mais contra meu corpo.

— Que bom, porque eu vou fazer você desejar nunca sair dessa cama.



— Santo Deus! — Exclama meu pai depois de beber um pouco do seu suco de laranja. — Eu achei que vocês não fossem me contar nunca.

— O quê? — Olho para ele e depois para a minha mãe. Os dois estão sorrindo. — Vocês sabiam?

— É claro que sabíamos, Sophie — Diz minha mãe. — Você fica diferente sempre que Adam está por perto. Fica mais sorridente. Na verdade, radiante é a palavra certa.

— E seu pescoço fica vermelho — Meu pai gesticula para seu próprio pescoço e depois para o meu. — Como agora — Tento esconder o rubor na minha pele, cobrindo meu pescoço com as duas mãos. Sinto a mão de Adam apertando meu joelho por debaixo da toalha. — Desde criança ela fica assim. Basta ficar ansiosa ou nervosa por causa de alguma coisa que o rubor aparece.

— Eu percebi — Adam responde para meu pai antes de se virar para mim e sorrir. Deito

minha cabeça em seu ombro e minha mãe me lança uma piscadela.

— E quando ela mente... — Continua minha mãe. — Tem uma veia bem pequena que começa a saltar sob o seu olho direito — Ela aponta para o meu olho. — Você já percebeu? — Adam nega. — E ela gagueja.

— Muito.

Meu pai concorda com ela e os três começam a rir.

— Okay! — Espalmo as duas mãos no ar. — Parem de acabar comigo na frente do meu namorado. Desse jeito ele vai ficar assustado! Por que vocês não podem simplesmente dizer que eu sou uma princesa e que eu acordo extremamente de bom humor e...

— Isso eu já sei, querida — Adam envolve o encosto da minha cadeira com seu braço e deixa que seus dedos passem pelo meu ombro preguiçosamente.

— Como assim você já sabe? — Meu pai encara Adam com a testa franzida. — Vocês já...? — Ele aponta para nós dois, balança a cabeça e recosta na cadeira. Não parece bravo. Acho que decepcionado é a palavra certa, mas também não tenho certeza. Minha mãe estende o braço e pega a sua mão.

— John, querido — Ele vira o rosto na sua direção. — Sophie cresceu.

— Eu sei, eu sei. É que isso... Tem coisas que eu não preciso saber, certo?

— Certo — Respondo tentando conter o riso.

— Bom, eu gosto de você, Adam. Fico feliz por Sophie ter escolhido você.

— Eu não disse que ele gostava de mim? — Adam murmura alto o suficiente para que todos ouçam.

— Mas...

— Ah, não, pai! Não comece com seu discurso, por favor. Eu já vou ter que ouvir tudo de Owen e Daniel quando eu contar para eles.

— Seus irmãos ainda não sabem? — Mamãe me encara com um sorriso travesso.

— Não sabemos o quê?

Tenho medo de erguer os olhos quando ouço a voz de Owen. Ele está parado atrás da minha mãe e de frente para mim. Caroline está sorrindo ao seu lado e prestes a pular em meu pescoço. Ela já sabe. Owen está sério e uma veia começa a pular com força em seu pescoço. Eu definitivamente odeio essas veias saltadas nos corpos dos meus irmãos.

— Sua irmã está nos contando sobre Adam — Meu pai diz calmamente.

— Contando o quê?

— Eles estão namorando. Mas você já sabia, não é?

Ele nega, sem tirar os olhos da mão que Adam ainda mantém em meu ombro.

— Como eu poderia saber se ninguém me contou — A acidez na sua voz chega a ser palpável.

— Ah, Owen! Pelo amor de Deus! — Caroline coloca as duas mãos na cintura. — Você está se saindo um péssimo irmão mais velho. — Ele olha para ela com a testa franzida. — Seu radar deve estar começando a falhar. Jura que você não percebeu nada? — Seus olhos se

voltam para mim mais uma vez.

— Vocês estão namorando? — Só a voz dele me deixa tensa.

— Estamos — Adam responde a sua pergunta e fica em pé. Eu tento acompanhá-lo, mas minhas pernas não me obedecem.

— Eu não perguntei para você.

— Owen, não comece — Caroline o repreende, mas ele parece não ouvir.

— Vocês estão namorando? É isso o que eu acabei de ouvir?

— Sim, nós estamos namorando — Fico em pé também.

— Mas quê...? — Ele passa as mãos pelos cabelos e respira fundo. — Mas que *porra* é essa? Desde...?

— Owen Theodore Marshall — Minha mãe fica em pé e o encara com as duas mãos na cintura. Sempre que ela nos chamava pelo nome completo quando éramos crianças, sabíamos que estávamos em apuros. Acho que por um momento Owen volta no tempo. — Que modos são esses? Você sabe que eu detesto palavrões!

— Desculpe, mãe, mas é que isso... Essa... — Ele praticamente grita quando volta a olhar para nós. — Há quanto tempo?

— Sete meses.

— Sete meses? — Assinto e ele faz o mesmo. — Vocês vão permitir isso?

— O quê? — Pergunta minha mãe. — Você acha mesmo que vamos dizer para a sua irmã não namorar?

— Claro! — Ele abre os braços frustrado.

— Sua irmã já é bem grandinha, filho — Fala meu pai enquanto dobra seu jornal e o coloca de volta sobre a mesa.

— Pare com isso, Owen! Você está agindo como um idiota! — Caroline o repreende mais uma vez e ele a encara surpreso.

— O quê? Esse cara está pegando a minha irmã bem debaixo do...

— Eu não estou pegando ninguém! — A voz de Adam está mais alta, porém, totalmente controlada.

— E como você chama isso? — Owen dá a volta na mesa e antes que possamos registrar o que está prestes a acontecer, ele agarra Adam pela gola da camiseta. — Você está se escondendo esse tempo todo por quê?!

Ele começa a empurrar Adam para o meio da sala enquanto tentamos separar os dois.

— Owen! Pare com isso! *Agora!* — Nossa mãe puxa-o pela barra da camisa, mas ele parece não ouvir. — Owen! Pare!

— Parem com isso, vocês dois! — Grito agarrando o braço de Adam. Sei que ele não vai bater em Owen, mas ele é pelo menos uma cabeça mais alto que ele e também é mais forte. Preciso evitar que algo aconteça. — Parem!

— Owen! — Meu pai, de algum jeito, coloca-se entre os dois e os empurra para cantos opostos. — Pare com isso!

— Ela está...

— Sim, ela está namorando e você vai parar de agir feito um adolescente ciumento.

— Eu acho melhor nós irmos embora — Adam está ofegante atrás de mim. Concordo com ele.

— Não! — Grita Owen. — Ninguém vai sair daqui.

— Nós não vamos conseguir conversar desse... — Adam tenta dizer alguma coisa, mas para quando Owen ameaça pegá-lo pelo pescoço outra vez.

— Owen! — Grito, mas ele não dá trégua. Meu pai entra na frente dele outra vez enquanto eu empurro Adam. — *Pare! Pare ago...!*

— Eu estou grávida! — Caroline grita o mais alto que pode e todos congelam. Um sorriso radiante surge no seu rosto. — Eu estou grávida!

— O quê? — Owen vira na sua direção.

— Grávida? — Pergunto ao mesmo tempo em que papai e mamãe ofegam e olham para ela. Mamãe leva as duas mãos à boca e já vejo lágrimas em seus olhos. Papai está rindo feito um avô babão.

— Eu estou grávida! — Ele gira nos calcanhares e assegura pelos ombros. Seu sorriso desaparece na hora. — Eu ia te contar quando chegássemos em casa. Ou enquanto comíamos os ovos mexidos que seu pai sempre prepara no café da manhã... — Ela inclina o pescoço para olhar para meu pai. — Será que o senhor pode fazer ovos mexidos para mim? Acho que estou com desejo — Meu pai assente achando graça. Carol está sorrindo, mas quando volta a olhar para Owen fica séria outra vez. — Eu queria te fazer uma surpresa, mas de repente você começou a agir feito um verdadeiro idiota e eu não sabia o que fazer para que você parasse!

— Você disse que está grávida? — Ela faz que sim com a cabeça freneticamente. O sorriso volta ao seu rosto e ele parece ainda maior. Owen a envolve em um abraço apertado e a rodopia no ar.

Ameaço ir até ela e abraçá-la. Eu quero ir até ela e abraçá-la e dizer que estou muito feliz por eles, mas ouço Adam soltar o ar com força ao meu lado e me lembro de toda a confusão que se instalou nessa sala um minuto atrás.

— Adam, eu sinto muito. Não sei o que... — Ele morde o lábio inferior, ergue uma mão e balança a cabeça. Paro de falar porque sei que é isso o que esse gesto quer dizer.

— Você está bem, Adam?

— Estou, senhora Marshall. Desculpe por...

— Por me chamar de senhora? Sim, eu desculpo — Adam assente e sorri. — Apenas Olivia, por favor.

— Bom — Diz meu pai. —, acho que vou preparar alguns ovos para essa mocinha aqui — Ele toca a ponta do nariz de Caroline. — Adam... — Olhamos para ele ao mesmo tempo —, bem-vindo à nossa família.

— *Pfff...* — Owen coça o queixo e cruza os braços na frente do corpo.

— Pare com isso, querido — Minha mãe dá três tapinhas em seu ombro. — Não seja idiota — Ela diz baixo, porém, é alto o suficiente para que todos ouçam.
— Obrigado, senhor Marshall.

Acho graça quando meu pai não o corrige. Ele odeia que o chamem de senhor, mas parece que essa regra não se aplica a Adam. Mamãe passa o braço pela cintura de meu pai e os dois vão abraçados para a cozinha.

— Eu vou com vocês! — Diz Caroline depois de beijar o rosto de Owen. — E vocês... — Aponta para os dois. — Comportem-se!

— Ela está grávida — Owen aponta com o polegar para trás. O sorriso que estampa seu rosto é tão grande que tenho a impressão de que seu rosto se partirá ao meio.

— Parabéns — Resmunga Adam e se senta no sofá. Sento-me ao seu lado e acaricio seu rosto com o dorso da mão.

— Então... — Levo um susto quando percebo que Owen está sentado na mesa de centro, bem à nossa frente. — Adam? — Ele pergunta mais uma vez com um sorriso surgindo no canto direito da sua boca. — Você está namorando o Adam? O ex-namorado da mulher do seu irmão?

Adam ameaça dizer alguma coisa, mas fecha a boca quando Owen começa a rir. Ficamos encarando-o sem saber qual **é** o motivo de tanta graça.

— Eu estou começando a achar que você é realmente louco — Digo revirando os olhos.

— Seu irmão ainda não sabe? — Ele coloca o tornozelo sobre o joelho e me encara com aquele sorriso irônico. — Seu outro irmão, o preferido.

— Não seja idiota, Owen! — Cruzo as mãos na frente do corpo.

— Eu não sei por que todas vocês decidiram me chamar de idiota hoje.

— Porque hoje você está se superando — Tento me manter séria, mas não consigo deixar de sorrir. — Você sempre foi o mais controlado de todos nós, o que tem de errado com você?

— Essa coisa de ser controlado não se aplica quando o assunto é você.

— Você nunca bateu em ninguém. Isso é algo que Daniel faria.

— Eu sei, mas é que... — Ele aperta a base do nariz por alguns segundos e depois passa a mão pelo cabelo. — Eu acho que perdi a cabeça, só isso.

— Só isso — Murmuro cruzando os braços na frente do corpo. — Vocês dois sempre perdem a cabeça. E eu odeio essa mania que vocês **têm** de se meter na minha vida.

— Você é a nossa irmã! Nós precisávamos defender você.

— Defender? Você só defende alguém que está em perigo e eu nunca estive em perigo. Só quando vocês estavam por perto.

— Isso não é verdade.

— Você e Daniel, até mesmo Matt acabaram com todas as minhas chances no colégio.

— Quem é Matt? — Pergunta Adam curioso.

— Matt era o melhor amigo do Daniel, que acabou virando parte da família e se achava meu irmão também.

— Ele morreu em um acidente de carro alguns anos atrás — Completa Owen.

— É uma história longa — Digo pousando a mão em seu joelho. — Um dia eu te conto. — Viro-me para Owen outra vez. — Eu tive que ir ao baile de formatura sozinha porque ninguém queria convidar a irmã de dois loucos.

— Eu me ofereci para ser o seu par.

— Ah! Eu nunca te agradei por isso? — O meu sarcasmo faz Owen rir.

— O baile de formatura foi demais, eu sei.

— Não foi só o baile, Owen! Foi tudo! Quando é que vocês vão perceber que eu não sou mais uma garotinha? Eu cresci!

Ele me encara por um, dois, três segundos, respira fundo e então, assente.

— Desculpe, Sophie.

— Não é para mim que você deve desculpas — Aponto com a cabeça para Adam. Owen faz que não com a cabeça. Encaro-o com a testa franzida. — Eu não posso pedir desculpas para ele.

— Por que não?

— Porque isso é...

— Não tem problema, querida — Adam toca a minha mão e a aperta com força.

— Espera! Não me diga que isso também faz parte do código? — Os dois assentem ao mesmo tempo. Reviro os olhos e apoio a cabeça no encosto do sofá.

— Quando você vai contar para ele?

— Para quem?

— Daniel.

— Hoje — Fecho a boca quando Adam responde no meu lugar. Aperto os lábios com força.

— Hoje — Repito encarando o chão.

— Eu adoraria ver a cara dele quando você contar.

— Mas não vai — Digo com raiva quando ele começa a rir outra vez.

— Quem sabe? — Ele fica em pé. — Eu vou até a cozinha ver como está a minha linda esposa grávida — Mas quando chega ao meio da sala de jantar, vira-se para nós outra vez e aponta o dedo em riste para Adam. — Se você pensar em sair da linha ou fizer qualquer coisa que machuque a minha irmã, eu acabo com você.

— Eu não faria isso — Adam se empertiga no sofá e fala coma voz séria. — Eu sou louco por ela.

— Melhor que seja — Ele coloca as mãos nos bolsos da calça e nos deixa a sós.

— Você disse que Owen era inofensivo — Olho para ele e aperto os lábios mais uma vez. — Você mentiu para mim.

— Não, eu não menti. Eu apenas omiti o fato de que Owen é um pouco... — Balanço a cabeça de um lado para o outro enquanto procuro pela palavra certa. — Instável?

— Instável? — Fico aliviada quando percebo que ele não está bravo comigo.

— Eu sinto muito por toda essa confusão. Por isso eu queria falar com eles sozinha — Viro de lado no sofá e me sento sobre meu calcanhar. — Você disse que é louco por mim.

— Disse — Seu dedo indicador desenha as minhas sobrancelhas. — Eu sou completamente louco por você. Pensei que você já soubesse disso.

— Eu sei — Acaricio seu rosto com as costas da mão. — Mas eu acho que não me canso de ouvir.

— Sabe pelo que mais eu sou louco?

Nego.

— Ovos mexidos.

— Ovos mexidos? — Encaro-o achando graça.

— Será que seu pai pode fazer alguns para mim?

— Acho que sim — Beijo sua boca rapidamente e o puxo pela mão.— Venha ver como essa família se comporta na cozinha.

“Quem um dia irá dizer que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer
Que não existe razão?”
(Legião Urbana - Eduardo e Mônica/1986)

Sophie

— Sophie? — Assim que as portas do elevador se abrem vejo Daniel vindo na minha direção com uma ruga de preocupação profunda na testa. Estaco no meio do caminho, considerando a ideia de dar meia volta e desaparecer. Não é um bom momento para isso. Nunca será.

Droga!

Ele vai me matar!

— Aconteceu alguma coisa?

— Não — Respondo abraçando-o e não sei bem porque faço isso. Minhas mãos estão suadas e começo a apertá-las de uma maneira quase frenética. Eu não vou dizer nada. Não vou dizer nada. Sou capaz de inventar uma desculpa qualquer. Ele não vai perceber e será como se nada tivesse acontecido.

— Okay — Sinto suas mãos em meus ombros e só então me dou conta de quão nervosa estou. — Você está agindo de uma maneira estranha.

Respiro fundo e fecho os olhos por alguns segundos. Quando tento falar, sinto o quanto a minha boca está seca. Sinto gotas de suor se formando em minha testa. *Deus do céu!* Acho que vou ter um ataque cardíaco.

— Eu só queria... Eu...

— Você está bem?

— Estou, eu só... — *Não, eu não estou nada bem.*

— Vem aqui — Ele segura minhas mãos e me puxa para o sofá. — O que está acontecendo?

— Nada — Dou de ombros e desvio os olhos, mas ele não permite. Segura meu queixo e me faz olhar para ele. Há momentos em que eu odeio a nossa cumplicidade. Odeio a maneira protetora como ele me olha, enxergando muito além. E eu me odeio por estar prestes a partir seu coração.

— Você acabou de sair daqui e está claro que aconteceu alguma coisa. Você está... Você está tremendo? — Pergunta tocando meus braços.

Tremendo?

Acho que vou mesmo ter um ataque.

— Elena está aqui? — Pergunto aflita e de repente, estou sem coragem de olhar para ela também.

— Está colocando Matt para dormir.

Aquiesço e me levanto quando fica impossível ficar parada. Começo a andar de um lado para o outro.

Como vou dizer isso a ele?

Como vou dizer isso a ele?

— Chega, Sophie! — Sua voz grave e levemente exaltada me faz parar. — Você vai furar o tapete se continuar andando desse jeito com esses saltos. E isso já está me dando nos nervos! O que aconteceu?

É agora!

Respiro fundo tentando encontrar um pouco de coragem em algum lugar dentro de mim ou até mesmo dentro dessa sala. Caminho até o sofá, lenta e hesitantemente e me sento ao seu lado. Seus olhos se movem sem parar, impacientes, esperando que eu diga alguma coisa.

Pego suas mãos e abro a boca para começar o discurso que venho ensaiando há quase sete meses, porém as palavras não saem. Solto suas mãos e começo a tamborilar na minha perna em uma tentativa frustrada de me acalmar. Solto meu cabelo, prendo-o novamente e quando ele ameaça abrir a boca, começo a falar. Bem, quase isso.

— Eu queria falar com você e com Elena juntos. Será que ela vai demorar? — Talvez ela me dê um pouco mais de segurança.

Se ele tentar me matar ela não vai permitir, certo?

— E por que você não falou mais cedo?

— Porque eu não consegui, okay? — Ergo a voz consideravelmente. — Eu conheci uma pessoa — Digo antes que perca a coragem que ainda não encontrei.

— O quê? — Sua voz é calma, mas eu o conheço bem o suficiente para notar o quanto ele está se controlando. — Você está agindo dessa maneira porque conheceu uma pessoa?

— É, eu...

— Você está namorando? — Não há mais calma alguma na sua voz. E ele nem imagina o que está por vir. Começo a chamar Elena mentalmente e se ela não aparecer em dez segundos vou correr até o elevador e desaparecer. — Quem é ele?

Droga! Ele já sabe!

— Daniel? Promete que você não vai...

— Quem é ele? — Repete com os punhos cerrados ao lado do corpo e aquela veia saltada na testa.

Como ele descobriu?

— Não foi premeditado, eu nem sei o que estou sentindo ainda e... Quer dizer, eu sei o que eu estou sentindo, mas... — Quando ele fecha os olhos paro de falar. Eu preciso sair daqui. Se eu for agora talvez consiga uma passagem para a Suécia antes que ele me alcance.

— Quem, Sophie?

— Adam — Falo baixo torcendo para que ele não tenha ouvido.

— O que você...? Eu acho que não ouvi direito.

Você pode dizer Alan. Alan, não Adam!

Ele não vai perceber e vai ficar tudo bem!

Mas não posso mais fazer isso! Eu prometi a Adam que falaria com ele hoje. Eu vou até o final e ele vai ter que entender!

— Nós estamos saindo há alguns meses e...

— Alguns meses? — Ele praticamente rosna e nunca o ouvi falando assim comigo.

— Desde que Matt nasceu.

— Você está saindo com ele há sete meses? É isso?

— Sim.

— Eu não posso acreditar nisso!

— Daniel?

— Eu perguntei se estava acontecendo alguma coisa entre vocês, Sophie! Logo depois que você o trouxe aqui pela primeira vez. Você se lembra disso?

— Sim, eu...

— E você disse que não! Você disse que eu estava louco!

— Eu sei, mas deixe eu explicar...

— Ele disse que não tinha nada com você! — Ele vai arrancar o cabelo com as mãos. — Como eu fui idiota!

— Mas naquela época não estava acontecendo nada, nós estávamos só...

— *Não!* — Ele se levanta bruscamente e em segundos está segurando uma garrafa de uísque em uma mão e um copo na outra. Ele deixa o líquido âmbar cair dentro do copo e o bebe em um único gole. Será que se eu pedir um pouco ele vai negar? — Eu não quero ouvir! Isso é mentira, não é?

— Eu me apaixonei! — Fico em pé e começo a caminhar na sua direção, mas antes que eu consiga alcançá-lo ele dá meia volta e vaiem direção à cozinha.

— Eu não vou ouvir mais nada!

— Ouvir o quê?

Elena surge no corredor e também entra na cozinha. Sinto meu coração martelando no peito. Não sei se eu quero que ela esteja aqui nesse momento.

— Nada — Daniel responde, apoiando as duas mãos no balcão e mantendo a cabeça baixa. Será que ele vai ter um ataque bem agora? Lágrimas enchem meus olhos.

— Daniel, vamos conversar, por favor? — Aproximo-me, hesitante, mas prefiro não tocá-lo. Elena também se aproxima segurando um enorme copo de água nas mãos.

— O que está acontecendo aqui? Por que você está chorando, Sophie? — Seus olhos parecem preocupados.

— Não estou, eu só...

— Conte para ela, Sophie! — Daniel fica com o corpo ereto e praticamente cospe as palavras.

— Contar o quê? — Elena alterna os olhares entre nós.

— Sophie está namorando! — Daniel responde antes que eu tenha tempo de responder.

— Deixe-a falar, Daniel! Qual é o seu problema?

— O problema é o namorado dela! — Ele abre os braços frustrado, irritado... Arrasado?

Ele nunca mais vai falar comigo.

— Você por um acaso está tendo algum tipo de crise de ciúme porque sua irmã está namorando? — Ela o encara com uma sobrelheira arqueada por alguns segundos e ele se cala. Ela realmente conseguiu colocá-lo nos trilhos. Daniel olha para mim, mas antes que ele tenha tempo de contestar o que o olhar fulminante de Elena diz, ela olha para mim. — Quem é esse namorado misterioso?

— Adam — Respondo rapidamente e com a voz tão baixa que não sei se ela está realmente me ouvindo. Seus olhos se arregalam no mesmo instante, e toda a água que ela acaba de beber jorra de sua boca molhando toda a parte da frente da camiseta de Daniel. Abro a boca para dizer que estou indo embora, que eu preciso ficar sozinha, mas desisto quando ela cai na gargalhada.

O que tem de tão engraçado aqui?

— Elena? — Daniel chama, mas ela não é capaz de responder. Passa a rir ainda mais alto. Meus olhos se enchem de lágrimas e fico sem entender que tipo de reação é essa.

— Ah, meu Deus! Desculpe! — Ela consegue falar depois de uma eternidade, vai até a gaveta da cozinha, pega um guardanapo de pano e o joga para Daniel e somente depois de respirar fundo e se acalmar, continua: — Desculpe, eu não sei o que deu em mim, mas é que... Bom, essa situação é um pouco estranha.

— Você também acha que é errado? — Pergunto apoiando-me no balcão. Estou me sentindo fraca.

— É claro que é errado! — Grita Daniel, exasperado e olhamos para ele ao mesmo tempo.

— Não! É claro que não! — Elena vem até mim. — Não é errado. Estranho sim, errado não.

— Ele é o seu ex-namorado — Olho para o piso branco e ela me segura pelos ombros, fazendo-me erguer os olhos.

— Ele é meu amigo.

— Querem saber de uma coisa? — Daniel fala já saindo da cozinha. — Eu tenho que ler cinquenta páginas de um relatório e não tenho tempo para toda essa *merda*!

— Daniel! — Elena o adverte, mas dessa vez ele não olha para ela. Encara a mim com os olhos cheios de raiva e se perde pelo corredor.

— Ele me odeia — Choramingo assim que ficamos sozinhas e deixo que todas as lágrimas que tentei conter até agora rolem pelo meu rosto. Preciso me apoiar no banco para que meu corpo não despenque no chão.

— Vem aqui — Sinto um braço de Elena passando pela minha cintura e me levando até o sofá. Quando me sento, ela vai até o bar e volta com uma dose generosa de vodka. — Minha avó sempre me dava uísque quando eu estava prestes a ter um ataque de nervos, mas acho que

você prefere vodka.

Concordo enxugando os olhos e bebo todo o líquido, sem pestanejar. Ela enche o copo mais uma vez.

— Depois coloco você em um táxi.

Olho para ela que segura a garrafa na mão e exhibe um sorriso divertido nos lábios.

— Obrigada — Devolvo o copo a ela e nego quando ela fez menção de encher novamente. Ela se senta ao meu lado e cruza a pernas.

— Você e Adam? Sério?

— U-hum.

— Desde quando?

— Desde que Matt nasceu — Minha voz está bem mais baixa e constrangida.

— Nossa, eu... — Ela começa hesitante, mas em seguida sorri para mim, quase achando graça da situação. — Aquele dia que você o convidou para vir aqui, vocês já...?

— Não! Quer dizer — Dou de ombros. — Mais ou menos. Eu não sei exatamente como começou, mas depois que o vi no hospital, no dia em que Matt nasceu... — Solto o ar e dou uma risada nervosa. — Eu não conseguia deixar de pensar nele.

— Eu bem que desconfiei — Ela me lança uma piscadela. — Como vocês conseguiram se esconder por tanto tempo?

— Nós não nos escondemos. É só que... Adam surtou no início, partiu meu coração e deixou Nova York.

Ela estreita os olhos.

— Você foi a causa da partida dele?

— Talvez — Sorrio lembrando-me do nosso reencontro em Paris. — Ele até tentou manter-se longe, mas o fato é que nós já estávamos apaixonados.

— Foi Adam quem te levou para a Grécia?

Concordo com um gesto de cabeça.

— Ah, Sophie! — Há um sorriso cúmplice estampando seu rosto. Ela me puxa para um abraço e quando me solta estou com os olhos cheios de lágrimas. — Adam é uma das pessoas mais incríveis que eu conheço. E uma das mais importantes da minha vida. Eu fico muito feliz sabendo que ele encontrou alguém como você.

— Ele é maravilhoso, Elena.

Ela concorda.

É claro que ela concorda. Não consigo esconder uma pontada de ciúme. Ela deve ter percebido.

— O que foi?

— Nada, é que... — Começo, constrangida. — Acho que no fundo Daniel tem razão.

— Sobre o quê? — Seus olhos se estreitam, ligeiramente.

— Ele é o seu ex e...

— Não comece com isso você também, Sophie!

— Mas é verdade! Elena, eu sei que você ama o meu irmão e também sei que é com ele que você quer passar o resto da sua vida, mas Adam é seu ex-namorado. Você quase se casou com ele e também tem o fato de que ele foi muito apaixonado por você e em algum momento, você também se apaixonou por ele. Se você disser que eu tenho que me separar dele por causa disso e por causa de tudo o que vocês viveram eu vou entender. E também tem o código. Eu juro que se você disser que...

— Sophie! — Ela segura meus ombros, fazendo com que eu me cale. Só então percebo que estou sem respirar. — Pare de falar um pouco, pelo amor de Deus. Você está me deixando tonta.

— Será que eu posso...? — Não continuo a frase, aponto para a garrafa de vodka sobre a mesa de centro e ela concorda. Encho o copo e sorvo todo o líquido mais uma vez. Ele desce queimando a minha garganta e pela primeira vez, desde que pisei nessa sala, sinto que começo a relaxar.

— Às vezes eu tenho a impressão de que você e Jess foram separadas na maternidade.

Ela toca a ponta do meu nariz com o dedo indicador, fazendo-me sorrir.

— Sophie, antes de qualquer coisa você precisa me dizer que código é esse.

— O código! Você não conhece?

Ela nega com a cabeça tentando conter um sorriso.

— O código diz que não devemos sair com o ex-namorado das nossas melhores amigas. Nunca!

Elena abre a boca para dizer alguma coisa, mas a fecha no segundo seguinte. Abaixa a cabeça, coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e volta a me encarar com a testa franzida e um sorriso engraçado.

— Você jura que existe um código?

— Sim — Mas ao mesmo tempo em que respondo estou negando com a cabeça.— Eu não sei. Adam e Owen disseram algo sobre isso.

Ela balança as duas mãos no ar e entendo que eu devo ficar quieta.

— Eu quero que você pare de se preocupar com o que eu vou pensar. Eu quero que você seja feliz, Sophie. Viva esse amor. Você merece e Adam também.

— Tem certeza?

— É claro que eu tenho! E esqueça o que o seu irmão vai pensar também.

— Daniel — Solto o ar frustrada. — Ele nunca mais vai querer falar comigo!

— É claro que vai!

— Não — Nego, sentindo que lágrimas já se formam em meus olhos. — Eu achei que ele fosse aceitar quando eu dissesse que estava apaixonada. Eu achei que ele me ouviria e... Ele vai me odiar.

Levo as mãos ao rosto e começo a chorar outra vez. Cogito a ideia de pedir mais uma dose de vodka para Elena, mas já estou tonta o suficiente.

— Ele só está confuso — Sinto uma mão afagando minhas costas. — E está tendo uma crise de ciúme daquelas.

— E ainda tem o fato de que o meu namorado é o...

— Adam — Antes mesmo que eu complete a frase ela me corrige. Só consigo concordar com ela, um pouco constrangida.

— Adam queria vir aqui falar com vocês desde o início, mas eu o proibi. Tinha medo de que Daniel não aprovasse. O que claramente é verdade. Eu tinha certeza de que Daniel o atiraria pela janela.

— Não seja tão dramática, Sophie.

— Dramática? — Levanto as duas mãos no ar. — Owen quase arrancou a cabeça de Adam hoje de manhã quando nos viu juntos. Literalmente. Imagine só o que Daniel faria?

— Owen? Sério?

Ela cai na gargalhada mais uma vez. Olho para ela com os olhos cerrados.

— Desculpe — Pede depois de se recompor. — Mas é que isso não combina com Owen. — Ela segura minhas mãos e começa a falar calmamente. — Sophie, Daniel não vai atirar ninguém pela janela, pode ficar tranquila.

Balanço a cabeça, negando. Eu não tenho tanta certeza disso.

— Ele vai me odiar para sempre, Elena e eu não vou saber conviver com isso. Não vou!

— Pare de dizer essas coisas. É claro que ele não vai te odiar.

— Eu preciso falar com ele! — Faço menção de me levantar, mas ela me segura pelos ombros.

— Agora não é o melhor momento, você sabe. O humor dele deve estar insuportável. Vocês vão acabar brigando — Ela pisca para mim e me lança um sorriso conspiratório.

— Você está certa.

— Depois eu falo com ele.

— Obrigada, Elena.

Ela apenas pisca para mim e então, um sorriso travesso surge em seus lábios.

— Você conheceu a megera da mãe dele?

— *O quê?* — Pergunto surpresa com essa revelação.

— Ela é uma megera loira com o maior topete que você vai ver na vida.

— Ah, meu Deus! — Coloco as duas mãos na boca, mas o som da minha gargalhada ecoa pelo apartamento. — Ela estava viajando com o namorado e...

— Namorado? — Aperto os lábios e faço que sim com a cabeça. — Coitado desse homem.

— Você está me assustando.

— Barbara não é uma pessoa má — Ela balança a cabeça de um lado para o outro. Parece estar pensando sobre o que acabou de dizer. — Eu estou mentindo. Ela é má, Sophie. Muito má.

Abro a boca para perguntar o que ela quer dizer com isso, mas acho que não tenho

coragem. Falar sobre isso significa falar sobre o relacionamento que Elena teve com Adam e com a família dele e, por mais que esse assunto esteja muito bem resolvido dentro da minha cabeça e do meu coração, não quero saber. Mas parece que Elena quer falar.

— Ela me odiava. No início, eu achei que era porque ela não gostava de mim, mas no fundo, acho que ela não gosta de ninguém — Rapidamente ela se corrige. — De ninguém que possa levar Adam para longe dela. Sua futura sogra é o drama em pessoa. Se precisar, ensino você a fazer cara de paisagem.

— Cara de paisagem? — Franzo a testa e inclino a cabeça para o lado. *O que é cara de paisagem?*

— Quando você conhecê-la vai entender.

— Obrigada por me dizer isso — Puxo o ar com força e fico em pé. Ela me acompanha percebendo a ironia na minha voz.

— Desculpa, mas talvez ela tenha se tornado uma pessoa melhor.

— Talvez. Melhor eu ir embora.

— Eu vou descer com você e esperar até que George consiga um táxi — Ela passa o braço pelo meu e entramos juntas no elevador. — Ei! Acabei de ter uma ideia!

— E isso é bom? — Olho para ela com a testa franzida, achando graça da sua empolgação.

— Venham jantar aqui amanhã. Você e Adam.

— Sério?

— É claro que é sério!

— Você bebeu vodka também?

Ela ri e eu a acompanho.

— George, querido! Você pode chamar um táxi para mim, por favor? — Peço para o concierge de cabelo branco e gravata borboleta, assim que as portas do elevador se abrem no saguão.

— Perfeitamente, senhorita.

— Vejo você amanhã, Sophie, às oito — Ainda penso em negar, mas não posso mais continuar fugindo feito uma adolescente. Eu já sou maior de idade e encontrei o homem da minha vida. Daniel precisa aceitar!

— Combinado.

*“Não desistirei de nós
Mesmo que os céus fiquem violentos”
(Jason Mraz - I Won't Give Up/2012)*

Adam

— *Merda* — Murmuro assim que as portas do elevador se abrem. Sophie aperta mais a minha mão.

Daniel está parado no meio da sala ao lado de Owen. Os dois estão com os braços cruzados na frente do corpo encarando-nos com expressões sérias.

— Nenhum olho roxo? — Daniel murmura para o irmão com a voz estranhamente controlada, sem tirar os olhos dos meus. Owen dá de ombros.

— Nosso pai não deixou.

— Você nunca foi bom nisso.

— Cala a boca.

— Calem a boca, vocês dois! — Diz Caroline aproximando-se de nós. — Como você está?

— Ela coloca as duas mãos em meus ombros e me encara com um sorriso divertido.

— Estou bem.

— Que bom. Eu estava tão entretida com aqueles ovos mexidos ontem que nem consegui conversar com vocês. — Ela abraça Sophie e beija seu rosto carinhosamente.

— Eu sinto muito, Adam. Não sei o que deu em Owen ontem.

— Não tem problema.

Olho por cima do seu ombro e vejo Owen revirando os olhos. Daniel não está mais lá.

— Sete meses, hã? — Levo um susto quando ouço a sua voz. Daniel está parado ao meu lado. — Vocês dois... — Ele faz um sinal para mim e depois para Sophie. — Parece que vocês estão saindo há sete meses.

— Nós não estamos saindo. Estamos... — Ele me interrompe e sua voz parece levemente alterada. Não sei se ele está realmente ansioso para acertar um soco na minha cara ou está fazendo isso apenas porque quer.

— Namorando. Sophie me disse isso ontem.

— Pare com isso, Daniel! — Pede Sophie, dando a volta e se colocando entre nós.

— Eu só quero conversar com ele. Não é para isso que estamos aqui?

— É, é para isso que estamos aqui. Mas se vocês dois vão continuar com essas caras de babacas nós vamos embora.

Sou obrigado a olhar para o chão porque a surpresa no rosto de Daniel e Owen chega a ser hilária. Caroline e Elena soltam uma gargalhada sonora e Elena, que estava bebendo um pouco de suco de laranja, engasga e acaba cuspidando tudo no chão.

— Qual é o seu problema? — Daniel pergunta para ela que apenas dá de ombros.

— Nossa! Eu não sei — Ela vai para a cozinha balançando a cabeça. Caroline a segue.

— Sophie! — Grita Elena. — Venha ver o que Matt está fazendo.

Ela olha para mim e depois para os irmãos.

— Pode ir, irmãzinha — Diz Daniel com aquele meio sorriso irônico e irritante no rosto. — Nós só vamos beber alguma coisa e conversar um pouco, não é *quarterback*? — Ele me dá dois tapinhas camaradas no ombro — não tão camaradas assim — e me encara até que eu concorde com ele.

Viro-me para Sophie, seguro seu rosto entre as mãos e beijo a sua testa, demoradamente. Ouço Daniel inspirar profundamente atrás de mim.

— Está tudo bem, querida.

— Tem certeza?

— É claro que ele tem, Sophie — Diz Owen do sofá, onde já está sentado confortavelmente.

Ela ainda resiste por alguns segundos, mas quando faço que sim com a cabeça ela parece relaxar. Porém, antes de nos deixar, vai até Daniel e o segura pelos ombros.

— Eu o amo, Daniel — Ele franze a testa, mas seu olhar se suaviza logo em seguida. Ela está de costas para mim, mas tenho certeza de que está fazendo beicinho. — Não faça nenhuma besteira, por favor? — Um pouco consternado, Daniel assente para ela, que repete o gesto antes de seguir para a cozinha.

Com as mãos nos bolsos da calça, sigo Daniel até a sala de estar e me sento no sofá de couro preto bem de frente para Owen. Ele está com os braços estendidos e apoiados no encosto do sofá e me encara com um sorriso divertido.

Será que eles são realmente loucos?

— Você bebe uísque? — Levanto os olhos para Daniel e cogito a ideia de dizer que não, que prefiro cerveja, mas ele já está balançando um copo com pelo menos três dedos de uísque dentro na minha frente.

— Claro — Pego o copo de sua mão e bebo um pequeno gole. Não consigo evitar fazer uma careta quando o líquido desce queimando a minha garganta. Ele entrega um copo para o irmão e se senta ao lado dele. Durante trezentos e sessenta e sete segundos — não sei por que estou contando — permanecemos em um silêncio perturbador até que Daniel inclina o corpo para frente e apoia os cotovelos nos joelhos.

— Primeiro de tudo, você precisa saber que eu não gosto de você — Abro a boca para dizer sei lá o quê, mas o dedo em riste que ele aponta para mim me faz ficar quieto. — Eu acho que deixei isso bem claro todas as vezes que nos vimos — Concordo depois de beber mais um gole da minha bebida e dessa vez ela parece descer mais fácil. — E o engraçado é que mesmo assim você continuou frequentando a minha casa, a casa da minha mãe... — Ele recosta no sofá, coloca a borda do copo na boca e, depois de inclinar a cabeça para trás, bebe todo o líquido. — Você passou o dia de Ação de Graças com a nossa família.

— O Natal e o Ano Novo também — Digo em parte para provocá-lo. — Você estava em Paris com Elena e Matt. Foi bem mais tranquilo para a Sophie — *E para mim também.*

Esconder nosso relacionamento da família Marshall não foi nada fácil, mas quando Daniel estava por perto tudo ficava ainda mais complicado. Ele seguia Sophie com o olhar por todos os lados.

— Eu não acredito que nosso pai não deixou você quebrar a cara dele ontem! — Ele aponta para mim e Owen dá de ombros outra vez depois de colocar o copo vazio sobre a pequena mesa de madeira ao lado do sofá.

Eles são loucos de verdade.

— Daniel — Apoio meus cotovelos nos joelhos e giro meu copo quase vazio nas mãos. — Eu queria contar para vocês desde o começo. Desde que nós voltamos de viagem, mas...

— E ainda tem isso! — Ele se levanta rapidamente, vai até o bar e enche seu copo outra vez e permanece de costas por alguns instantes. — Vocês viajaram juntos — Vira-se para mim outra vez. — Quando ela foi para Paris, vocês... Foi por sua causa que ela viajou? — Engulo em seco. — Você sabia que ela saiu daqui chorando?

— Aquilo foi um mal-entendido e...

— Um mal-entendido? — Acho que eu nunca vou saber quando ele está falando sério ou não.

— Eu não sabia o que fazer quando percebi que estava apaixonado por ela.

— Então você simplesmente partiu o coração dela e foi embora?

— Sabe — Resolvo ser irônico também. —, você fez algo parecido com Elena pelo que eu me lembre.

Owen solta uma gargalhada e Daniel o encara com os olhos injetados.

— Você mereceu — Diz, ainda rindo.

— De que lado você está?

— Lado?

— Nossa irmã está apaixonada pelo Adam! Esse Adam! — Daniel aponta para mim, mas não me olha. Continua olhando para o irmão, frustrado.

— Eu não me importo que ele seja o namorado dela — Diz Owen e Daniel deixa uma risada escapar. Uma risada estranha. — O quê? — Pergunta para o irmão. — O cara é gente boa.

— Gente boa — Repete Daniel e vira todo o uísque que está em seu copo.

— E Sophie cresceu. Nós não podemos continuar intimidando qualquer um que se aproxime dela.

— Eu não me sentiria intimidado — Coloco meu copo vazio sobre a mesa de centro. Daniel me encara por alguns instantes. Aquela veia está pulsando na sua testa com vigor. — Eu amo a Sophie e não vou me afastar dela. Não mais.

Daniel consente e, depois de encarar o copo vazio por alguns segundos, volta a olhar para mim.

— Eu posso não aceitar esse namoro — Encaro-o com uma sobancelha arqueada. — Sophie costuma me ouvir, você já deveria fazer disso — Nego e percebo que ele aperta o maxilar. — Eu posso ameaçar quebrar a sua cara, aliás... — Ele fica em pé e dá dois passos na minha direção. — Eu posso quebrar a sua cara agora mesmo.

— Você não faria isso. Sophie ficaria magoada — Apoio os cotovelos nos joelhos e cruzo as mãos. — Você já deveria saber disso.

Daniel assente e percebo que o canto direito de sua boca se curva para cima, mas eu não sei dizer se ele está quase sorrindo ou é algum um tipo de tique. Até agora estou tentando entender se ele está falando sério ou está apenas me testando.

— Não me provoque *quarterback*.

— Nós só estamos conversando, não é?

— Daniel — Owen chama, mas ele não se vira. Aponta o dedo para mim e diminui o espaço entre nós. Tanto, que preciso olhar para cima para encará-lo.

— Se você fizer qualquer coisa que possa magoá-la, se você partir o coração de Sophie mais uma vez... — A veia na sua testa parece prestes a explodir. — Eu acabo com você. Eu juro por Deus que acabo com você. — Engulo em seco porque tenho certeza de que ele está falando sério. Muito sério. Também sei que ele adoraria fazer isso. — Eu vou ficar de olho em você.

E antes que eu diga qualquer coisa, ele deixa a sala.

—Não ligue para o que ele acabou de dizer. Ele só está sendo idiota — Owen está se levantando e um sorriso está se formando em seu rosto. Penso em perguntar se idiota quer dizer a maneira como ele também agiu ontem, mas acho melhor ficar quieto. — Porém, eu ficaria atento se fosse você. Ele vai adorar partir sua cara.

Ele me deixa sozinho e Sophie se joga no sofá ao meu lado. Seus olhos estão brilhando de ansiedade.

— O que eles disseram?

— Seus irmãos são loucos — Ela revira os olhos.

— Eu já sabia disso.

— Não! Eles são realmente loucos. Loucos de pedra.

— Eles te ameaçaram?

— Nunca me deixe partir seu coração, por favor.

*“Eu ateei fogo na chuva
Vi a chuva cair enquanto eu tocava seu rosto
Bem, o fogo queimava enquanto eu chorava”
(Adele - Set Fire To The Rain/2011)*

Adam

— Bom dia, querida — Traço uma trilha de beijos na sua coluna, da nuca até a base, e ela se contorce preguiçosamente sob meus lábios.

— Ainda é tão cedo — Murmura virando de barriga para cima e me presenteia com uma visão perfeita. E linda. Nunca me canso do seu corpo nu na minha cama, principalmente de manhã quando ela está levemente descabelada. — Hoje é meu aniversário!

Seus olhos brilham e eu começo a rir.

— Eu sei. E eu tenho uma surpresa para você.

Ela se apoia nos cotovelos.

— O que é?

— É uma surpresa.

— Eu detesto surpresas!

— Você detesta não saber das coisas.

— Isso é verdade.

Avanço sobre ela e seguro seu rosto com uma mão. Beijar Sophie de manhã é uma das melhores partes do meu dia. Seu beijo é preguiçoso, doce e incrivelmente saboroso.

— Feliz Aniversário — Sussurro e a beijo outra vez. Sophie envolve meu pescoço e me puxa para ela. Nossos corpos nus se encontram. Meu quadril pressiona o seu e me sinto incendiar no mesmo instante.

— Desde que eu conheci você meus aniversários são ainda mais especiais.

— Eu sei — Toco seu pescoço com a ponta da minha língua e ela se contorce. Sua perna direita envolve meu quadril e seu pé gelado, de alguma maneira, aquece a minha pele. Somente Sophie é capaz de me fazer sentir isso.

— Você acredita que nós já estamos juntos há cinco anos?

Assinto e mordisco seu colo, seu ombro, passo meus lábios pelo seu seio e subo até o pescoço. Mordisco seu queixo até encontrar a sua boca.

— Na verdade, nós estamos juntos há 1.666 dias... — Olho para o celular sobre o criado-mudo rapidamente e volta a me encarar com os olhos brilhantes e carregados de emoção. — Quatro horas, alguns minutos e muitos, muitos segundos... Os melhores segundos da minha vida.

— Você...? — Seus olhos parecem ligeiramente marejados. — Você contou os dias? — Seus lábios formam um ‘oh’ e preciso beijá-la. Preciso sentir sua boca quente na minha.

— Desde aquele dia no hospital — Mordo seu lábio inferior e seu corpo se contorce sob o meu. — Desde o dia em que meu coração bateu por você pela primeira vez... — Beijo a ponta do seu nariz, a sua testa e sua boca outra vez. — Você é o meu tudo, Sophie. Todos os dias, todas as horas... — Suas mãos agarram meu pescoço. Suas pernas abraçam meu quadril. Sua boca reivindica a minha e seus olhos encontram os meus. — Todos os minutos e os segundos dos meus dias — Uma lágrima escorre pelo seu rosto e a beijo antes que ela passe pela sua bochecha. — Eu só penso em você.

— Eu amo você.

— Não mais do que eu amo você, querida.



— Adam?

Ela me chama com a voz preguiçosa. Adoro quando ela me chama assim depois de fazermos amor.

— Hum?

Beijo o topo da sua cabeça e seu corpo se aconchega ainda mais em meu peito.

— Acho que já estou pronta para receber a minha surpresa.

Não consigo me controlar e acabo caindo na risada. Só mesmo Sophie para acabar com um momento tão tranquilo e torná-lo ainda melhor. Ela levanta o rosto para mim. Beijo sua boca rapidamente.

— Vamos para o banho primeiro — Seguro a sua mão e a arrasto para fora da cama.

— Minha surpresa está lá?

— Não, mas tenho certeza de que posso te surpreender debaixo daquele chuveiro.



— Você quer compartilhar comigo o motivo de todo esse silêncio? — Desde que deixamos o *Brooklyn Bridge Park*, e até mesmo um pouco antes disso, um silêncio incômodo e sufocante paira sobre nós. Sophie está estranha. O sorriso que ela manteve no rosto durante o dia todo, deu lugar a essa ruga na sua testa e a vermelhidão em seu pescoço que, a cada segundo, fica ainda mais intensa.

Ela não responde. Torce as mãos que mantêm sobre o colo, três vezes, dá de ombros e continua olhando para fora.

A chuva incessante que começou a cair cerca de cinco minutos atrás parece ganhar mais força à medida que o carro avança pela *Brooklyn Bridge*. Os trovões ecoam a todo instante e os clarões no céu me dizem que essa tempestade vai demorar muito para passar. Eu assisti a previsão do tempo hoje de manhã. Nunca faço isso, mas queria que o aniversário dela fosse perfeito, por isso, fiz tudo o que pude e me precavi com as tempestades que, segundo a meteorologista ruiva e de voz anasalada, cairia em quase todo o estado de Nova York na tarde de hoje. O que ela não previu, e pelo jeito nem eu, é a tempestade que está prestes a cair dentro do carro, assim que Sophie começar a falar.

Eu só preciso esperar pela explosão. E não demora muito para acontecer.

— Você me deu uma pulseira — É apenas um sussurro, baixo e controlado e acho que é isso o que me deixa um pouco mais apreensivo. Eu sempre espero pela explosão. Pelo grito. — Uma pulseira — Ela solta o ar pesadamente e deixa que uma risada nervosa e eu diria até um pouco histérica, escapar. — Uma pulseira! — Sua voz começa a se alterar.

A tempestade vai começar a cair.

Aperto o volante com mais força e arrisco uma pequena olhadela na sua direção. Seus olhos me fitam com uma mistura de raiva e mágoa. Uma lágrima escorre pelo seu rosto e, quando ela a enxuga, outra surge com uma velocidade absurda. Sinto meu coração acelerar, completamente fora de compasso. Ainda me pergunto o que eu fiz para deixá-la nesse estado.

— Olha... — Começo hesitante, sem saber exatamente por onde começar. — O que tem de errado com a pulseira?

Uma pergunta razoável. Eu acho.

— Nada, a pulseira é linda, Adam! Todos aqueles corações e os diamantes minúsculos e... — Ela está chorando com mais força agora e a minha vontade é parar o carro, puxá-la para o meu colo e arrancar dela o que quer que a esteja deixando triste. Porém, há uma voz idiota gritando o motivo: *VOCÊ! VOCÊ! VOCÊ!* Mas eu a ignoro e continuo fazendo perguntas idiotas.

— Então o que aconteceu?

— VOCÊ ACONTECEU! — Olho para ela assustado. Durante nossas discussões, ela sempre perde o controle em determinado momento, sua voz sempre se altera, mas nunca como agora. Seu corpo parece vibrar, tamanha é a sua fúria. Ameaço pedir para que ela se explique melhor, contudo, acho melhor não dizer nada. Pelo menos por enquanto. Sophie leva as duas mãos às têmporas e começa a massageá-las sem parar. — Você me deu uma pulseira, Adam!

— Você já disse isso!

— Por que você é tão idiota? — Não prevejo o soco que ela me acerta no ombro. E dói para valer. Ela pode ser uma mulher pequena e delicada, mas tem uma força absurda, especialmente em situações como essa.

— Mas... Que *merda!* Dá para dizer o que está acontecendo e parar com toda essa cena! — E então, quando acabo de dizer tudo isso com a voz alterada, eu me dou conta do que se trata tudo isso.

O silêncio, as lágrimas, a raiva.

Eu realmente sou muito idiota.

— Você quer saber o que está acontecendo? — Ela está gesticulando sem parar, ora agitando as mãos no ar ora enxugando as lágrimas e limpando o nariz com a manga de sua camisa. — Você me levou para um piquenique no *Brooklyn Bridge Park*. Talvez você não se lembre, mas foi lá que você me beijou pela primeira vez — Quero dizer a ela que eu não esqueceria isso nem em um milhão de anos, mas acho que ela não me escutaria. — Você colocou ‘*Angel*’ para tocar. Nossa música. *Nossa!* E pediu que eu dançasse com você. E eu dancei! Eu fechei os olhos e desejei que aquilo nunca acabasse e você disse que me amava e que... E... Você disse que se dependesse de você não acabaria nunca. E então, quando eu

achava que esse tinha sido o melhor aniversário da minha vida, você tirou uma caixinha preta do bolso da jaqueta e eu... — Sua voz falha, uma, duas, três vezes. Ameaço tocar seu rosto com as costas da mão, mas ela a empurra.

— Sophie, eu sei o que você está...

— Não! — Mais um grito. Mais lágrimas. — Você não sabe! Se você soubesse qualquer coisa, certamente saberia que eu esperava ver um anel dentro daquela maldita caixinha preta e não uma pulseira! Se você soubesse de alguma coisa, você saberia que o meu sonho é me casar vestida de branco em uma praia paradisíaca em uma noite de lua cheia. Você saberia disso, Adam! — Ela despeja as palavras de uma vez só, sem respirar e, a cada segundo, seu pescoço e parte do seu rosto ficam mais vermelhos e aquele vinco na sua testa mais profundo. A cada segundo, sinto o peso no meu estômago aumentar. Os nós dos meus dedos estão brancos e, se eu usar mais um pouco da minha força, tenho a impressão de que o volante sairá em minhas mãos. — Se você soubesse de tudo isso, você teria me dado um anel de presente ao invés de uma pulseira. Você teria se ajoelhado aos meus pés e teria me...

— CHEGA! — Soco o volante com toda a minha força e freio o carro bruscamente. Tão bruscamente que o corpo de Sophie ricocheteia no banco. Meu corpo inteiro está tremendo. Ela finalmente consegue me tirar do sério. Eu entendo tudo isso. Entendo os sonhos dela, mas espero que ela entenda o motivo que me fez comprar uma pulseira e não um anel. Puxo o ar com força e aperto a base do meu nariz, tentando acalmar qualquer impulso de gritar com ela do mesmo jeito que ela está gritando comigo. Soco mais uma vez o volante e ouço a porta do carro se abrir. Antes que eu tenha qualquer tipo de reação, Sophie salta para fora do carro e começa a andar a passos largos na direção contrária à que estamos indo.

— Sophie! — Saio do carro a contragosto. Odeio tomar chuva. Odeio sentir meus pés encharcados dentro do sapato. Especialmente em dias frios como o de hoje. — Volte aqui!

Ela sequer olha para trás.

— *Tire o carro daí, seu idiota!* — Alguém tem a coragem de abrir o vidro e gritar comigo. Outro carro buzina. E mais outro, enquanto eu avanço pela chuva.

— Você está louca? — Grito quando a alcanço e seguro seu cotovelo com firmeza, virando-a para mim. Nossas roupas estão encharcadas e seu cabelo já não suporta a água que cai sem parar. É tanta água caindo do céu que eu tenho a impressão de que estamos nos afogando. — O que deu em você? Está frio, você está tremendo e meu carro está prestes a ser arrastado por outro. Então, pare de bancar a garotinha mimada e entre no carro. AGORA!

— NÃO! — Ela grita de volta. Solto seu braço e levo as duas mãos à nuca.

— *PORRA*, Sophie! — Tento organizar todos os meus pensamentos. Se é que eu consigo pensar em alguma coisa nesse momento, exceto que ela está me deixando maluco e não é no bom sentido. — O que mais você quer? — Minha voz continua alta, porém está angustiada. Eu sabia que esse dia chegaria, só não esperava que fosse hoje.

— Eu quero me casar! — Ela abre os dois braços e, em seguida, deixa que eles caiam pesadamente ao lado do corpo. — Eu quero me casar com você!

— Eu não posso me casar! — A dor e o susto que vejo no seu rosto faz meu coração se

partir ao meio, mas tenho certeza de que não está mais partido do que o dela.

— O que você...? — Um trovão ofusca a sua voz. — Você não quer se casar comigo? É isso o que você está dizendo?

— *Não!* Eu não disse isso!

— Foi exatamente isso o que você disse!

— Eu não...! — Respiro fundo mais uma vez quando percebo que estou prestes a perder o controle novamente. Sophie realmente tem o dom de me fazer perder a cabeça. — Eu não posso fazer isso outra vez! Eu já criei essa expectativa, já quis me casar e...

— PARE!

— Eu amo você, Sophie.

— NÃO! Não diga que você me ama depois de despejar tudo isso em cima de mim. Não diga que você me ama quando o que te impede de se casar comigo é um romance e um casamento que não aconteceu! Não se atreva...

— Sim, eu me atrevo! — Avanço na sua direção, tão rápido que ela sequer tem tempo de se esquivar. Seguro seu rosto entre as mãos, reivindicando seus olhos. — Nós já temos tudo, Sophie. Nós moramos praticamente juntos, você passa mais tempo no *Brooklyn* comigo do que na sua própria casa. Você tem todo o meu amor, querida. Tudo o que eu sou. O que mais você quer?

Seus olhos me encaram aflitos e lágrimas se misturam a chuva que parece diminuir gradativamente. Ela abre a boca duas vezes, mas não diz nada. Fecha os olhos e me encara outra vez.

— Eu quero me casar — É quase uma súplica. Deixo que meus braços caiam, derrotados, ao lado do meu corpo e dou um passo para trás. — Agora me deixe sozinha, por favor.

— Eu não vou fazer isso outra vez — Murmuro dando as costas para ela e caminhando na direção do carro.

— Aonde você vai? — Ouço a sua voz estridente atrás de mim. Ela só pode estar brincando comigo. — ADAM?!

— O QUÊ?! — Abro a porta do carro bruscamente e me viro para ela.

— Aonde. Você. Vai? — Pergunta entredentes.

— Você não quer ficar sozinha? É exatamente isso o que eu estou fazendo!

— Você não pode... Você... Quer saber? Vá para o inferno! — Ela me dá as costas e começa a andar outra vez.

— Ótimo!

Eu deveria ir atrás dela, Deveria arrastá-la para dentro do carro e conversar com ela quando estivéssemos mais calmos. Eu deveria dizer a ela que sim, eu morria de medo de ser abandonado outra vez e que me sentia um merda por causa disso. Eu deveria dizer que, por ela, eu seria capaz de enfrentar esse fantasma, apenas porque a amo demais. Eu deveria dizer que me casaria com ela, mas ao invés disso, entro no carro e dou partida sem olhar pelo retrovisor.



Duas horas e cinco cervejas depois— ou seis — a dor e a tristeza que estampam o rosto dela não deixam meus pensamentos. Seu choro e suas palavras continuam ecoando dentro da minha cabeça.

Eu quero me casar!

Eu quero me casar com você!

Eu estou zozinho, completamente zozinho e isso não é efeito da cerveja. É o efeito Sophie em minha vida. É a maneira como ela havia derrubado qualquer barreira que eu havia erguido ao redor do meu coração. Ela havia se infiltrado, não só no meu coração, mas na minha alma.

Por que eu sempre faço tudo errado quando o assunto é ela?

Acabo de abrir mais uma cerveja quando ouço batidas à porta.

É ela!

Tem que ser ela!

Levanto-me rapidamente e abro a porta esperando encontrá-la tímida do outro lado, contudo, não estou esperando pelo soco certo no meu rosto. Tão certo e tão forte que caio de costas no tapete da sala de estar. Demoro alguns segundos para registrar o que está acontecendo e, antes que eu consiga me esquivar ou me defender, sou golpeado novamente, dessa vez no queixo.

Eu devo ter apagado por alguns segundos. Completamente desorientado, acordo com Daniel me puxando para cima pela gola da minha camisa. Seu rosto está tão próximo que consigo ver aquela veia saltada na sua testa ou eu estou tonto demais e não estou enxergando direito.

— Eu disse que quebraria a sua cara se você partisse o coração de Sophie, não disse? — Puxo o ar com força esperando por mais. — Como você é idiota! — Ele me solta abruptamente e vai se sentar no sofá. Coloca os pés cruzados sobre a mesa de centro e abre uma cerveja.

— *Ai...* — Resmungo quando tento me levantar e percebo que não consigo fazer isso agora. Levo a mão ao lado direito do meu rosto que lateja. Puxo a cerveja que deixei aberta enquanto abria a porta, mas ao invés de tomá-la, coloco-a no local onde seu punho havia me acertado primeiro. O vidro gelado traz um alívio momentâneo.

— Ela me ligou chorando, no meio de uma tempestade e não quis me contar o que havia acontecido — Ele bebe um longo gole da sua cerveja antes de continuar falando. — Então, eu fiquei me perguntando quem teria deixado a minha irmã no meio da rua naquele estado. Será que você saberia me responder? — Odeio a ironia dele. Odeio muito! Mas nesse momento, eu mereço tudo isso. Mereço cada soco, mereço a sua ironia e o seu sarcasmo.

— Eu estraguei tudo — Quase me arrastando, vou até a poltrona de frente para ele, me sento e bebo mais da metade da minha garrafa.

— Não me diga! — Ele bebe mais um pouco da sua cerveja. — E ao invés de consertar, sabe-se lá qual tenha sido o seu erro, você está aqui enchendo a cara e se lamentando.

Balanço a cabeça e deixo uma risada escapar.

— Como se você fosse fazer algo melhor do que isso.

Suas sobrancelhas se unem, ele ameaça dizer alguma coisa enquanto aponta o dedo para mim, mas no final, acaba concordando comigo.

— Você tem razão. Mas eu não estou aqui para falar de mim.

Deixá-lo sem graça, mesmo que por um segundo, faz meus lábios se curvarem para cima.

— Você acha que ela vai me ouvir hoje? Você conhece a sua irmã.

Ele arqueia as sobrancelhas e depois de balançar a cabeça de um lado para o outro, ponderando o que eu havia acabado de dizer, concorda comigo mais uma vez, recostando no sofá e bebendo um pouco mais.

— Ela não vai, você tem razão. Mas isso não quer dizer que você não deva tentar!

— Bom, eu acho que minha situação no momento não é das melhores.

— Não mesmo.

— Você precisava bater com tanta força? — Levo a mão ao queixo e tenho a sensação de que meu maxilar está deslocado.

— Eu não usei nem metade da minha força.

— Eu acredito em você — Murmuro colocando a garrafa no meu queixo, mas ela não está gelada o suficiente. Daniel vai até a cozinha e volta, segundos depois, com um pacote de brócolis congelado nas mãos.

— Acredite também quando eu digo que terei o maior prazer em fazer isso outra vez — Ele arremessa o pacote na minha direção e volta a se sentar. — Eu estava começando a gostar de você, *quarterback*.

— Não me diga — Começo a resmungar, mas sinto que sou golpeado outra vez quando coloco o pacote congelado no meu queixo. — *Droga!*

— É verdade. Vocês estão juntos há quanto tempo? Dois anos?

— Cinco.

— Tudo isso?

— Hum-hum — É melhor do que falar.

— Que desperdício — Ele se inclina para frente e começa a arrancar o rótulo da sua cerveja enquanto fala. — Sabe? Sophie é apaixonada por você, infelizmente — Ele revira os olhos e solta o ar de um jeito sarcástico que somente ele é capaz de fazer. — Eu juro que eu tentei fazer com que ela mudasse de ideia, mas aí ela veio com aquela coisa de '*Nós estamos apaixonados*' e '*Eu não escolhi, aconteceu*' e *blá-blá-blá*. Bom, eu acreditei nisso e acreditei que você era um cara decente e que realmente a amava...

— Eu a amo! — Grito e me arrependo no segundo seguinte.

Será que ele quebrou meu maxilar?

— Então eu vou fazer a pergunta mais uma vez! — Ele está começando a se alterar e confesso que depois das cervejas e desses dois golpes, o tom de voz que ele está usando começa a me assustar. — Por que você a abandonou no meio de uma tempestade?

— Eu não a abandonei. Eu apenas fiz o que ela me pediu — Eu preciso me defender antes que ele avance na minha direção outra vez.

— E o que ela pediu exatamente?

— Que eu a deixasse sozinha e...

— *O quê?! —* Ele está em pé e me encarando com os olhos arregalados. Aquela veia está pulando na sua testa. Agora eu tenho certeza. — E você foi embora? Você simplesmente foi embora?

— Fui, eu...

— Era pra você fazer o contrário! Você...? — Ele volta a se sentar e entorna toda a sua cerveja. Faço o mesmo, desejando que todo esse álcool anestesia a dor que eu sinto no rosto. Até a minha cabeça está latejando. — Eu demorei muito para aprender isso, mas quando uma mulher diz que quer que você vá embora você não deve ir.

— E por que elas não dizem o que querem?

— Porque elas são mulheres e só isso já explica tudo.

— Ela me tira completamente do sério — Falo baixo. Derrubo a minha garrafa vazia no chão e tento alcançar outra cheia, mas não consigo. Daniel abre uma para mim e me entrega.

— Sophie tira todo mundo do sério, mas isso não justifica o que você fez.

— Não — Concordo com ele e bebo um pouco mais. Outro longo gole. — Ela quer se casar — Solto sem pensar e com certeza é o álcool fazendo efeito. Se eu estivesse são, jamais teria essa conversa com meu cunhado. Ou quase cunhado. Principalmente com esse cunhado.

Ele me encara com a testa franzida durante alguns segundos e dá um longo gole na sua cerveja antes de apoiar os cotovelos nos joelhos e me encarar com os olhos semicerrados.

— E qual é o problema? — Dou de ombros e quase seco a minha garrafa em um único gole. — Esse foi o motivo da briga?

Aquiesço e bebo o restante. Dessa vez, fico em pé e pego mais uma cerveja eu mesmo. Já estou com o equilíbrio abalado e ter apanhado alguns minutos atrás não está me ajudando.

— O que você fez para ela?

— Eu disse apenas a verdade — Sento-me outra vez. — Ou parte dela já que ela não me deixou explicar.

— Que verdade?

— Eu não quero falar sobre isso com você.

— Você vai falar sobre isso comigo, *quarterback!* E sabe por quê? Porque eu passei mais de uma hora tentando fazer a minha irmã parar de chorar por sua causa, então sim, nós vamos falar sobre isso! — Ele assume aquele tom sério outra vez. Se ele me acertar um soco nesse momento, eu não acordarei tão cedo. É a única coisa em que eu consigo pensar. E em Sophie, claro. E no quanto a fiz chorar e no quanto eu me odeio por isso.

— Eu não quero ter que passar por tudo outra vez! O casamento, aquela coisa ridícula sobre vestir um terno e esperar pela noiva no altar sem saber se ela vai ou não entrar na igreja! — Minha voz aumenta alguns decibéis.

— Mas que *porra* é essa?

— E antes que você interprete mal o que eu acabei de dizer, isso não tem nada a ver com

Elena ou com o que aconteceu no nosso... — Corrijo-me rapidamente. — Não foi uma experiência agradável para mim.

— Você disse isso a ela?

— Disse, eu precisava que ela...

— Você é um completo idiota! — Ele está andando de um lado para o outro, puxando os cabelos com uma mão.— Você... — Ele volta até o sofá, abre outra cerveja e dá um longo gole antes de me encarar com o cenho franzido. — Você realmente tem ideia do tamanho da *merda* que você fez?

— Eu tenho...

Ele me interrompe com a voz alta e furiosa.

— Não, *quarterback*! Você não tem! Você não imagina o quanto isso vai ficar martelando na cabeça de Sophie.

— Eu não... — Ele me interrompe outra vez.

— Ela sonha com esse dia desde quando ela era apenas uma garotinha. Eu me casei com ela, Owen se casou com ela. Todos nós nos casamos com ela, até mesmo o nosso cachorro fez o papel de noivo uma vez. E sabe por quê? Por que ela sempre quis encontrar o amor da vida dela e se casar. É uma pena que esse alguém seja você — E o sarcasmo está sempre presente, até mesmo quando ele fala sério. — Ela desenha vestidos de noiva, pelo amor de Deus! É claro que ela quer se casar. É claro que ela quer viver toda essa porcaria de contos de fadas porque Sophie é assim! Uma princesa! Qualquer idiota é capaz de enxergar isso, mesmo que não a conheça, mas você pelo visto se supera!

— Eu não achei que ela fosse ficar tão chateada.

— Chateada? — Ele bufa. — Chateada? Ela está descontrolada! Eu sabia, desde o começo, que esse relacionamento não acabaria bem.

— Nosso relacionamento não acabou, Daniel!

— Não?

— Não, *porra*! Eu sou louco por ela. Completamente louco por ela — E se eu tivesse bebido mais uma garrafa de cerveja, com certeza, estaria chorando na frente dele.

— Então eu vou dizer o que você vai fazer — Aponta o dedo em riste na minha direção. — E preste bem atenção porque se você a magoar mais uma vez, eu...

— Eu já sei!

— Não, você não sabe! Se você pensar em partir o coração dela mais uma vez, eu juro por Deus que mando você de volta para a Carolina do Norte em coma.

Engulo em seco e espero que ele continue.

— Você vai comprar um maldito anel, vai encher essa casa de velas e pétalas de rosa. Vai abrir um vinho francês e preparar um jantar especial e vai pedi-la em casamento, de joelhos. Porque ela sonhou com isso a vida inteira! Você conseguiu entender?

— Sim!

— Conseguiu mesmo?

Bebo o restante da minha garrafa enquanto concordo com ele.

— Ótimo! — Ele seca sua garrafa e cruza os pés sobre a mesa mais uma vez. —Agora levante a bunda dessa poltrona e vá buscar mais cerveja na geladeira porque o que tinha aqui já acabou.

“Tenho que te achar, dizer que preciso de você
E te dizer que eu escolhi você
Conte-me seus segredos, faça-me suas perguntas
Oh, vamos voltar pro começo”
(Coldplay - The Scientist/2002)

Sophie

Maldita foto idiota!

Onde eu estava com a cabeça quando me levantei da cama, tomei um banho demorado, coloquei meu vestido preto e lindo da *Versace* e vim nessa exposição idiota sobre o Amor? Amor! Esse sentimento idiota que algum idiota sem ter nada melhor para fazer da vida inventou.

Amor...

Eu só posso estar fora do meu juízo.

— Essa foto é linda, não é? — Jess para ao meu lado e fica admirando o casal de idosos namorando em um banco no *Central Park*.

— Hum-hum — Murmuro enquanto sorvo o restante da minha taça de champanhe. — Lindo — Imediatamente troco minha taça vazia por uma cheia. É a segunda. Ou terceira não consigo me lembrar. Pelo menos, o champanhe está por toda a parte.

— Você está bem? — Ela está com a testa franzida e com as mãos na cintura, esperando por uma resposta.

— Estou ótima — Mais um longo gole e começo a sentir meus músculos relaxarem e parte da minha tensão se dissipar.

— Você viu a foto que Elena tirou de você e Adam? Aliás, onde ele está? Eu não o vi...

— Eu não sei onde ele está — Interrompo rapidamente, antes que ela comece a falar sem parar.

— Adam não veio com você? — Richard beija o topo da minha cabeça e se posta ao lado de Jess, beijando seu rosto de uma forma carinhosa. Fecho os olhos para tentar ignorar essa cena tão fofa e tão desagradável. Deus do céu, eu estou ficando insuportável. — Eu queria falar com ele sobre o jogo de amanhã.

— Se você quer tanto falar com ele por que não liga para ele ou vai até lá? Você sabe o caminho, não sabe? — Bebo o restante da minha taça e a deposito sobre uma pequena mesa alta e redonda. Olho rapidamente ao redor e não encontro nenhum garçom, ameaço sair de perto deles e procurar por um quando Owen chega trazendo uma taça cheia nas mãos.

— Ei! — Protesta quando pego a taça e bebo quase todo o líquido de uma vez só. — Vai com calma, mocinha! O que tem de errado com você? — Ele tira a taça da minha mão.

— Não tem nada de errado comigo — *Ou tem tudo.*

— Onde está seu namorado?

— Não sei.

— Sophie! — Caroline chega saltitando ao meu lado. — Você viu a sua foto com Adam? Dá para ver os corações explodindo entre vocês! — Ela envolve o pescoço de Owen com os dois braços. — Nossa foto está linda, não é amor? — Ele assente. — Mas a de vocês...*Nossa!* Está perfeita. Vocês deveriam usá-la no casamento!— *Casamento*. Sinto o ar fugindo dos meus pulmões. — Onde está o Adam por falar nisso? Eu estou aqui gesticulando e falando como se ele estivesse...

— Mas que *merda!* — Deixo que as palavras saiam da minha boca. — Por acaso tem um letreiro na minha testa dizendo que tenho informações sobre Adam? Eu não sei onde ele está, *okay?* Não sei! Agora me deixem em paz, por favor! — Derrubo duas ou três taças da bandeja de um garçom enquanto tento pegar mais uma e, quando dou as costas para eles, dou de cara com Elena.

A última pessoa que eu gostaria de ver hoje.

Eu sei que não devo me sentir assim, mas não consigo evitar a sensação de que ela sempre está entre nós. Sinto-me ridícula por ter ciúme ou sequer por pensar que Adam ainda nutre algum tipo de sentimento por ela. Porém, o champanhe já está começando a fazer efeito e eu já estou sem dormir há mais de vinte e quatro horas. Péssima combinação.

— Você está bem? — Ela segura meus ombros, delicadamente e sinto que lágrimas começam a arder em meus olhos.

— Eu estou, só... — Minha voz falha e eu tento passar por ela, mas não consigo. — Elena, por favor, eu não quero conversar agora, especialmente com você. — Não digo isso com raiva, sequer altero a minha voz, mas a acidez nas minhas palavras entrega o quanto eu estou irritada com ela. Ela percebe, mas não se intimida.

— Vem aqui — Ela tira a taça da minha mão, entrega para alguém atrás de mim e me puxa para fora da sala de exposições. — Agora me diga o que está acontecendo entre você e Adam...

— Eu não quero falar sobre Adam com você.

— Sophie, sou eu. Nós sempre conversamos.

— Eu sei, é que...

Droga!

Odeio essas lágrimas teimosas. Inspiro e expiro algumas vezes, tentando não chorar, mas não consigo. Elena apenas me abraça e acaricia as minhas costas até eu conseguir me acalmar.

— Desculpe, eu...

— Está tudo bem — Com os polegares, ela limpa o rímel que mancha meu rosto e sorri para mim, ternamente. — O que aconteceu para você ficar assim?

— Adam, ele não... — Dou de ombros, constrangida. — Ele não quer se casar comigo — Fungo e limpo o nariz em um guardanapo de papel que ela me entregou segundos atrás.

— Por quê?

— Por sua causa.

— *O quê?! —* Sua voz sai alta e um grupo que passa por nós, olha-nos com curiosidade. Uma risada histérica escapa de sua boca. — O quê? — Repete, dessa vez, com a voz mais controlada. — Que absurdo é esse?

— Não é absurdo, ele não... — Solto o ar, exausta. — Ele disse que já passou por isso uma vez e que não consegue fazer de novo.

— Ah, *merda!*

— Eu disse que você era o motivo.

— Eu não sou o motivo, Sophie.

— Claro que é! Você não se casou com ele, então, sim, você é o motivo desse trauma.

— Se eu tivesse me casado com Adam, eu não estaria aqui agora. Não estaria casada com seu irmão — Ela segura meus ombros mais uma vez. — Se eu tivesse me casado com ele, vocês sequer teriam se conhecido.

— Eu sei, é que...

— Se você sabe, pare de criar histórias na sua cabeça. Adam ama você, ele só está apavorado com a ideia do casamento, só isso.

— Ele nem se importou com os meus sentimentos.

— Tenho certeza de que ele não fez por mal. Ele é homem e homens fazem esse tipo de coisa o tempo todo.

Nós duas rimos.

—Fale com ele.

— Ele não quer falar comigo.

— Você ligou para ele depois do que aconteceu?

Nego, timidamente, apertando o guardanapo nas mãos.

— E ele também não ligou para você? — Nego mais uma vez. — Sabe que todo esse orgulho não vai te levar a lugar algum, não sabe?

— Sei.

— Daniel me contou sobre ele ter deixado você debaixo daquela tempestade dois dias atrás.

— Eu imaginei que ele contaria.

— E você também imaginou que ele iria até a casa de Adam saber o que ele havia feito para você?

— O quê? — Pergunto aflita. — Sério?

— Sério.

— Deus do céu — Esfrego a palma da mão na testa. — Ele deve ter acabado com ele!

— Ele está vivo — Ela ri outra vez. — Eu liguei para ele assim que Daniel chegou em casa um pouco bêbado. Adam parecia mais bêbado ainda e disse simplesmente que não queria falar com ninguém naquele momento e desligou o telefone na minha cara.

— Eles beberam juntos?

— Parece que sim. Você tinha que ligar justamente para o Daniel?

— Meu celular parou de funcionar por causa de toda aquela chuva. Quando eu parei em um telefone público para ligar para alguém me resgatar, adivinhe? Eu não era capaz de lembrar o número de ninguém, somente o de Daniel.

— Não sei por que isso ainda me surpreende — Ela me lança uma piscadela e sorri.— Sophie, eu conheço o Adam há muito tempo. Ele não é capaz de amar pela metade e ele é completamente louco por você.

— Ele me disse isso — Falo timidamente.

— Eu sei que disse. Agora pare de se atormentar com toda essa confusão e vá falar com ele.

— E se ele não quiser falar comigo?

— Você sabe que ele quer.

Inspiro o ar profundamente e assinto.

— Sim, ele quer,

— Agora, vá! Tenho certeza de que ele está esperando você.

— Obrigada, Elena — Abraço-a rapidamente, corro até a chapelaria, visto meu casaco pelo caminho e, enquanto chamo um táxi, tento controlar toda essa ansiedade que domina cada parte do meu corpo.

*“Quantas garotas no mundo
podem fazer eu me sentir desse jeito?
Baby, eu nunca pretendo descobrir
Quanto mais eu olho, mais encontro as razões
Você é o amor da minha vida”
(Jason Derulo - Marry Me/2003)*

Adam

Sinto meus lábios se curvando para cima quando vejo Sophie parada em frente à porta de casa. Ela está ansiosa e exhibe um leve rubor na face. Pode ser por causa do vento frio que corta o início de noite, mas eu sei bem que isso é apenas o reflexo de seu nervosismo.

Ameaço pegar sua mão e puxá-la para o meu peito. A única coisa que eu desejo é sentir seu gosto e o cheiro doce dos seus cabelos. Mas, quando ela abre a boca, acho que é melhor deixá-la falar. Encosto a lateral do meu corpo no batente da porta e cruzo os braços, tentando me aquecer.

— Eu quero muito, muito me casar — Ela fecha os olhos por um instante e coloca toda a sua emoção nessas palavras. — Eu sempre sonhei com isso, desde criança. Eu sempre sonhei em me casar usando um vestido branco que eu mesma desenharia e... — Ela puxa o ar com força e volta a falar com a voz menos firme. — Eu sentia, ainda sinto meu coração acelerar só de pensar na emoção que eu causaria ao homem da minha vida quando ele me visse... — Ela vacila e seus olhos ficam marejados, mas ela não desiste. Limpa os olhos e sorri timidamente. — Eu sempre imaginei que eu seria pedida em casamento como naqueles contos de fadas idiotas. Com velas e pétalas de rosas. Eu achava que isso era tão importante até...

— Sophie...

— Mas eu não me importo mais! — Ela me interrompe, dando um passo a frente. — Eu não me importo com o vestido branco ou com a festa, quer dizer, eu me importo. É claro que eu me importo, mas se não for com você que sentido tem? — Seguro seus ombros, delicadamente. — O que eu quero dizer é que eu abro mão de tudo se isso significar estar com você. Eu quero ficar com você, Adam, não me importa como. Não importa se o nosso casamento será em uma praia, no meio da rua ou se... Se não nos casarmos. Eu não me importo! Porque eu amo você! Eu amo você e só isso importa...

Levo minhas mãos até seu rosto e deixo que elas escorreguem até o seu pescoço. Acaricio seus lábios com meus polegares enquanto esfrego meu nariz no seu.

— Eu quero te mostrar uma coisa — Peço com a voz baixa e toco sua boca com a minha delicadamente. Ela aquiesce. Beijo sua testa e a puxo para dentro.

— Oh, meu Deus!

“E eu não posso acreditar que sou seu homem
E eu te beijo porque eu posso
O que quer que venha no nosso caminho
Nós enfrentaremos
E você sabe que é isso que nosso amor pode fazer”
(Michael Bublé - Everything/2007)

Sophie

Levo as duas mãos à boca enquanto admiro tudo ao meu redor, absorvendo todo o encantamento desse momento mágico. Sorrisos escapam em meio às minhas lágrimas.

Pequenas velas brancas estão acesas sobre a água, em diferentes tipos de potes de vidro. Elas estão por toda a parte. Nos degraus da escada, ao lado da porta de entrada, sobre a mesa de centro e ao lado do sofá. Completam a decoração da mesa de jantar e seguem até a cozinha. Centenas de pétalas de rosa estão sobre o chão, formando um tapete vermelho e perfumado.

— Adam, você vai... — Paro de falar quando *‘More than words’* começa a tocar. Viro-me para trás, procurando por ele e o encontro ajoelhado, segurando uma pequena caixinha de veludo preto em uma das mãos.

— Sim, Sophie — Sua voz está baixa e insegura. — Eu vou fazer isso.

— Ah, meu Deus! Eu... — Preciso me controlar para não cair no choro outra vez. Ele abre a boca para começar seu discurso, mas o interrompo apontando para a caixinha que ele aperta com força nas mãos. — Tem um anel aí dentro, não é?

— Tem.

— Porque se tiver uma pulseira, eu juro...

— Fique quieta, Sophie! — Pede sorrindo, mas ainda assim, consigo notar o quanto ele está nervoso. — Não me interrompa, por favor. Ou eu não vou conseguir terminar.

Concordo com ele com movimentos frenéticos de cabeça. Ele puxa o ar com força.

— Eu quero me casar com você, Sophie. Quando eu disse que não queria eu fui... Eu fui um idiota.

— Foi... Desculpe — Peço depois que ele me adverte com apenas um olhar.

— Eu sinto muito por ter feito você passar por isso, muito mesmo... — Abro a boca outra vez e quase me chuto internamente por interromper mais uma vez um momento tão mágico quanto esse. — *Shh!* — Murmuro mais um pedido de desculpas. — Certo, eu... Eu não sei viver sem você, querida — Seus olhos se estreitam e sua voz fica mais baixa e incrivelmente mais intensa. — Todas as manhãs, quando eu abro os olhos, a única coisa que eu desejo ver é você. Desejo ouvir a sua voz manhosa quando não quer sair da cama ou seu sorriso preguiçoso quando finalmente abre os olhos e encontra os meus. É a melhor parte do meu dia, então sim, eu quero me casar com você porque quando a manhã acaba, eu só quero ouvir as suas histórias

durante o almoço e rir com você durante o jantar — Prendo o ar quando um soluço ameaça irromper da minha garganta. — Eu quero me casar com você porque você preenche todos os segundos do meu dia, até mesmo quando eu adormeço, sonho com você — Sua mão encontra a minha e ele a leva até seus lábios quentes e macios e beija todos os nós dos meus dedos, sem tirar os olhos dos meus. — Eu sou seu e você é minha — Já não sou capaz de conter as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Nunca imaginei que meu coração pudesse bater tão forte. Nunca imaginei que borboletas pudessem voar tão alto. — Você é a mulher da minha vida, Sophie e eu amo você, então... — Ele abre a pequena caixa, pega o anel, uma linda aliança de platina, com um diamante solitário em forma de coração e estende para mim. O anel mais lindo que eu já vi em toda a minha vida. — Sophie, querida, você ainda quer se casar comigo?

Ajoelho-me na sua frente, seguro seu rosto entre as mãos e beijo seus lábios macios, ternamente.

— É o que eu mais quero — Sussurro e ele solta o ar, deixando um pequeno sorriso de alívio escapar de sua boca. Com cuidado e com os olhos brilhantes ele desliza o anel pelo meu dedo. Estendo o braço à frente e, por um momento, fico encarando aquela joia brilhante.

— Tiffany.

— O quê? — Desvio os olhos para o rosto de Adam.

— O anel. É da Tiffany.

— Eu sei — Respondo sorrindo e ele me puxa pela cintura.

— É claro que você sabe — Ele sorri de volta, mas logo seu sorriso desaparece, seus olhos se escurecem e um brilho diferente passa em seu rosto. Meu corpo entende o que esse olhar quer.

— Eu preciso fazer amor com você — Essa voz rouca contra os meus lábios me deixa fora de controle. — Eu quero tirar a sua roupa, bem devagar... — Uma mordida de leve no meu lábio inferior. — Quero beijar cada parte do seu corpo nu, Sophie... — Sua voz falha próxima à minha orelha e seus lábios quentes começam a deslizar por um lado do meu pescoço. Eles passam pelo colo e sobem pelo outro lado, mordiscando e lambendo de leve a minha pele arrepiada até chegar ao meu queixo. Solto um arquejo quando, com as mãos espalmadas em minhas costas, ele puxa meu quadril de encontro ao seu. Adoro sentir o quanto ele me deseja. — Você não imagina o quanto você mexe comigo.

— Por que você não me mostra? — Sugo seu lábio sem tirar meus olhos dos seus. Um gemido gutural escapa de seu peito enquanto ele segura meu rosto com força e me beija com urgência. Fundindo nossas bocas. E então, no segundo seguinte, suas mãos estão nas minhas costas, pressionando meu quadril, segurando minha nuca com uma mão enquanto a outra levanta a barra do meu vestido e toca a pele da minha coxa.

Elas estão por toda a parte, exigentes.

Ansiosas.

— Adam... — Deixo que seu nome escape dos meus lábios quando sinto o calor da sua mão espalmada sobre o tecido da minha calcinha.

— Diga outra vez — Pede com a voz urgente e extremamente excitada.

— O quê? — Envolver seu pescoço com meus braços e jogar a cabeça para trás, arfando com o toque macio de seus lábios quentes em meu pescoço.

— Meu nome — Seus olhos estão escuros quando o encaro. — Diga meu nome mais uma vez — Ele pede entre um beijo e uma leve mordida nos meus lábios. — A sua voz assim... — Mais um beijo. — Baixa... — Uma mordida. — Excitada... — Sua língua macia busca pela minha. — A sua voz me deixa louco, querida.

Ele não tem nem ideia do que a voz dele está fazendo comigo agora.

— Ah... — Gemo alto, quase descontrolada quando ele desliza seus dedos para dentro da minha calcinha.

— Diga, Sophie — É um pedido urgente. Suas mãos me abandonam e sinto sua ereção me pressionando com força. Muita força.

— Adam... — É mais um grunhido, mas é o suficiente para que ele solte um gemido primário, selvagem e extremamente excitante. Sinto como se estivesse caindo, caindo e caindo... E seus braços quentes estão me puxando para ele. Exigindo cada vez mais e mais e mais... — Deus do céu! Adam... — Mais um gemido, dessa vez mais forte quando ele me deita no chão e pressiona seu corpo sobre o meu. Levo meus braços até o alto da cabeça e arqueio as costas desejando apenas que ele continue me beijando, me desejando, me possuindo com sua boca, com sua língua, com seu corpo forte.

Ele arranca a camiseta e a imagem do seu peito nu faz meu coração bater tão forte que tenho a impressão de que ele está tentando furar meu peito. Adoro olhar seu peitoral perfeitamente desenhado. Adoro tocá-lo com minhas mãos e sentir seus músculos se contraindo. Sento-me rapidamente e estico os braços na sua direção, mas ele é mais rápido ao arrancar meu vestido. Um longo suspiro escapa de seus lábios quando meus seios ficam expostos.

— Você assim... — Meu vestido é lançado para algum lugar dentro desse cômodo e, com a ponta dos dedos, ele toca meus mamilos já intumescidos. Ele não termina a frase e não precisa. Seu toque diz tudo o que ele sente.

Lentamente, ele me deita outra vez. Começa uma trilha de beijos por todo o meu corpo. Fecho os olhos e me deixo levar por todas aquelas sensações que me fazem voar cada vez mais alto. Minha calcinha é arrancada de uma forma lenta e torturante, deslizando pela minha pele até ser esquecida sobre o chão. Seus dedos parecem queimar a minha pele.

— Adam, eu... *Ah, meu Deus!* — Está difícil controlar meus gemidos, principalmente quando ele acaricia a minha panturrilha e beija meus pés.

Com uma rapidez fora do normal, ele se livra da calça e da sua cueca e meus olhos são guiados até a sua ereção. Ele se inclina para frente, apoia as mãos ao lado da minha cabeça e fica me encarando cheio de desejo enquanto sua ereção roça entre as minhas coxas. Uma incrível sensação se espalha pelo meu corpo e então, tudo o que eu consigo pensar é senti-lo dentro de mim.

Sinto que ele se apoia nos cotovelos e aproxima ainda mais seu corpo do meu. Mesmo que

nossos peitos ainda não se toquem, sinto o calor que emana dele. Deslizo minhas mãos pelas suas costas, da base da sua lombar até o meio dela, naquele ponto extremamente sensível entre as escápulas. Tão sensível que seu corpo se contrai, sua boca alcança a minha e ele me penetra com tanta rapidez e tanta força que deixo um grito escapar.

Sua testa está colada na minha e seus olhos azuis e lascivos não deixam os meus. Suas mãos agarram-se ao meu rosto e seu quadril se move rápido, forte, urgente, me penetrando cada vez mais fundo. Meu quadril se move sob o seu corpo, exigindo que ele se enterre ainda mais... *Ainda mais*. Agarro sua nuca e o puxo para a minha boca.

— *Sophie, Sophie, Sophie...* — Ele encosta a lateral do seu rosto no meu e murmura meu nome de forma quase incoerente. Suas mãos encontram as minhas. Nossos dedos entrelaçados parecem ser uma coisa só.

Nossos corpos movimentam-se em uma sintonia perfeita. Eu sou dele. Ele é meu. E nada mais importa. Seus olhos estão nos meus outra vez e a intensidade com que ele me olha, faz algo se agitar no meu ventre.

— Você está... *Ah!* — Ele deixa escapar contra a minha boca e assume um ritmo mais lento, mas de alguma forma é ainda mais profundo. Pressionando meu quadril com tanta força que sinto meu corpo afundando no tapete. — Você está perto? — Consegue perguntar, fechando os olhos com força. — Eu quero gozar com você, querida, mas eu... *Porra, Sophie!* — Escapa de seus lábios quando subo meu quadril de encontro ao seu e o aperto com mais força. — Desse jeito eu não vou aguentar.

Não consigo responder. Eu tento, mas quando abro a boca para responder a sua pergunta, apenas um gemido alto sai dela.

O ritmo se intensifica e todos os nossos sentidos parecem estar conectados. Os mesmos barulhos escapam de nossas bocas. Os mesmos tremores tomam conta de nossos corpos. A minha reação é a reação dele. Nossa respiração parece ser uma só, forte, pesada e completamente fora de controle.

Eu sou dele e ele é meu!

Aperto suas mãos com mais força, cravando as unhas na sua pele.

Ele morde meu lábio.

Eu explodo e ele explode comigo. E é como se dezenas de fios desencapados estivessem tocando a nossa pele. É como ser atirada de um penhasco.

É como chegar às nuvens.



Estamos enroscados sobre o tapete da sala, envoltos por pétalas de rosas. Completamente nus. Metade das velas já se apagou e as chamas tremeluzentes que restam dão um brilho especial ao ambiente. Sinto seus lábios quentes nos meus cabelos e fecho os olhos com a sensação que esse toque me causa. Fico de barriga para baixo e apoio o queixo em seu peito. Adam exhibe um sorriso bobo no rosto. Seus dedos acariciam meus cabelos sem parar, ora colocando-o atrás da minha orelha ora enroscando o dedo em uma mecha.

— Você sabia que eu viria até aqui?

— Não.

— Mas você preparou tudo isso e...

— No momento em que você bateu à porta, eu estava rezando para que a casa não pegasse fogo enquanto ia até o Galpão e te arrastava para cá — Meus lábios se curvam para cima e me inclino para beijá-lo, mas minha mão desliza pelo tapete e acabo perdendo um pouco do equilíbrio. Ele geme quando esbarro meu rosto no seu.

— *Ai...* — Deixa escapar e só então me dou conta do hematoma logo abaixo do seu queixo.

— Desculpe — Peço tocando o local e depois o pequeno corte sob seu olho direito. Há um enorme hematoma ali também. Como eu não notei isso quando cheguei? — Eu sinto muito por isso.

— Eu mereci.

— Mereceu — Mordo o canto interno da bochecha para não rir, mas não consigo evitar. — Eu não achei que Daniel fosse vir até aqui.

— Ele veio e cumpriu a promessa de quebrar a minha cara.

— Ele deve ter ficado muito feliz — Aperto os lábios tentando não rir outra vez. É em vão. — Desculpe por estar rindo.

— Da próxima vez não ligue para nenhum dos seus irmãos, por favor.

— Próxima vez? — Cerro os olhos e ele ri.

Suas mãos agarram meu rosto com força e, em um rompante, ele me beija, girando nossos corpos até que ele paire sobre o meu. Seu nariz roçando no meu.

— Eu prometo nunca mais partir seu coração, Sophie Marshall.

— Eu acredito em você — Não emito nenhum som, apenas mexo os lábios e um largo sorriso estampa seu rosto.

— Eu te amo tanto, sabia?

— Não — Provoco-o. — Você pode dizer outra vez?

— Eu te amo, te amo, te amo — Murmura entre um beijo e outro até ficar em pé e desaparecer pela escada.

— Aonde você vai? — Mas ele não responde.

Envolvo meu corpo na pequena manta vermelha que está jogada sobre o sofá. Segundos depois ele está na minha frente, vestindo uma bermuda caqui e segurando uma caixinha de veludo preto nas mãos, maior do que a anterior.

Olho para ele com a testa franzida enquanto ele se senta ao meu lado.

— Não é uma pulseira — Diz, estendendo a caixa para mim.

— Acho que você nunca mais vai me dar uma pulseira — Provoco-o.

— Acho que não — Ele pisca para mim e um sorriso enviesado surge em seu rosto.

Pego a caixa da sua mão, acaricio o veludo macio por alguns segundos e depois destravo o pequeno fecho dourado.

— Adam? — Olho para ele, para a caixa e depois para ele outra vez. — O que é isso?

— Isso — Ele pega a chave que está dentro da caixa e a levanta entre nós antes de colocá-la na palma da minha mão. — Isso é a chave da nossa casa.

— Nossa casa? — Engulo em seco sem saber sobre o que ele está falando, mas ao mesmo tempo um tipo de euforia toma conta do meu corpo inteiro. — Eu já tenho a chave daqui e...

Ele nega com um leve gesto de cabeça e eu me calo. Aproxima-se ainda mais e me puxa para o seu colo, envolvendo seu quadril com minhas pernas.

— Aquele dia no carro você disse que eu não sabia de nada e talvez eu não tenha percebido o óbvio, mas... — Sua boca desliza pelo meu pescoço, passa pelo meu ombro, orelha, bochecha até parar a centímetros dos meus lábios. — Eu vi o quanto você se apaixonou por aquele apartamento no SoHo e...

— Espera! — Seguro seus ombros com força e me afasto para olhar bem dentro dos seus olhos. — Você está dizendo que essa chave é daquele apartamento?

— Estou.

— Daquele apartamento? — Minha voz está estridente demais até mesmo para os meus ouvidos. Adam apenas anui enquanto sorri para mim. — Mas não estava à venda, eu liguei para o corretor várias e várias vezes e ele disse que um casal havia chegado na nossa frente e... — Paro de falar quando ele coloca o dedo indicador nos meus lábios.

— Eu pedi para que ele mentisse para você até que eu conseguisse finalizar o negócio.

— Você...? — Minhas palavras desaparecem.

— Eu comprei o apartamento para nós.

— Para nós? — Minha voz está entrecortada e meus olhos cheios de lágrimas. — Você comprou o apartamento para nós?

— E está no seu nome.

— Adam... — Um arquejo escapa de meus lábios. Olho para a pequena chave em minhas mãos e depois para seus imensos olhos azuis que, eu tenho certeza, são capazes de enxergar além de mim. — Por que você...? — Puxo o ar com força, buscando as palavras que se perdem em algum lugar na minha cabeça. — Por que ele está no meu nome?

— Porque aquele apartamento... — Ele pega a chave da minha mão, coloca dentro da caixa outra vez e a deixa sobre o tapete. Suas mãos envolvem meu rosto com delicadeza. — O apartamento era o seu verdadeiro presente de aniversário. A surpresa que eu havia preparado. Eu estava te levando para lá quando você... — Ele para de falar por alguns segundos, franze a testa e inclina a cabeça para o lado, como faz sempre que precisa se concentrar em alguma coisa. — Surto.

— Ah, meu Deus... — As lágrimas começam a rolar pelo meu rosto feito uma cascata. Meu coração martela tanto no peito que eu tenho a impressão de que ele pode explodir...

Explodir de felicidade.

De amor.

Envolvo seu pescoço com meus braços no mesmo instante em que ele desliza as mãos pelas minhas costas, parando na minha cintura e me puxando para mais perto. Meus olhos estão

fechados enquanto eu tento controlar as lágrimas, mas eu sinto a intensidade de seu olhar em mim.

— Eu espero que todas essas lágrimas sejam de alegria.

Sinto meus lábios se curvando para cima. O *timing* dele é perfeito, principalmente quando precisa me fazer sorrir.

— É claro que são de alegria, seu bobo. Eu só não esperava.

— Não esperava o quê? Ganhar um apartamento? — Esse sorriso torto está me causando arrepios pelo corpo todo, mesmo depois de todos esses anos.

— Bom, isso também, mas é que você ... Você não queria se casar. Por que você...?

Ele segura meu pescoço com as mãos e passa a acariciar meu rosto e meus lábios com os polegares.

— Eu não queria ter que passar pela cerimônia, Sophie, mas eu nunca disse que não queria passar o resto da minha vida com você.

Abaixo o rosto quando um soluço atravessa a minha garganta outra vez. O tempo todo ele estava pensando em mim. Eu estou envergonhada por ter sequer pensado que ele não me amava o suficiente para querer se casar comigo.

— Querida...

— Desculpe, Adam — Levanto o rosto lentamente e o encaro com a visão turva. As lágrimas não param de escorrer.

— Você está me pedindo desculpa? — Seus lábios se curvam para cima. — Do que você está falando? Fui eu quem te magoou.

— Aquela cena no carro... — Fungo e enxugo o nariz na manta vermelha. — Você já estava pensando em tudo e eu...

— Eu não estava pensando em tudo — Sua voz está mais baixa e ainda mais intensa. — Eu deveria ter te pedido em casamento naquele dia, eu deveria ter te pedido em casamento na primeira vez que te vi, Sophie. Não importa o quanto casar seja assustador para mim — Ele revira os olhos, achando graça das próprias palavras. — Eu só quero fazer você feliz.

— Você já me faz feliz.

— E eu quero fazer muito mais.

*“E agora está claro como esta promessa
Que estamos fazendo
Dois reflexos em um
Porque é como se você fosse o meu espelho...
Você é, você é o amor da minha vida”
(Justin Timberlake - Mirrors / 2013)*

Adam

— Ela está linda! — Engulo em seco e assinto para Ellen, ou pelo menos acho que faço isso.

— Querido, se ela fugir...

— Mamãe! — Ellen a repreende e eu engulo em seco.

— O que foi?

— O que foi? — Viro-me para ela e repito a sua pergunta com a voz mais baixa que consigo, carregada de nervosismo. — Eu nunca entendi se a senhora torcia para que Elena fugisse ou não. Se a odiava por ter aceitado se casar comigo ou porque tinha fugido.

— Eu só achava que ela não era a garota certa para você. Nunca foi.

— Eu estou ouvindo, Barbara — Cantarola Elena ao lado de Ellen. Parece que depois de todos esses anos, elas se descobriram amigas. Estão de braços dados encarando a minha mãe.

— Foi exatamente por isso que eu falei.

— Mamãe... — Peço esfregando a nuca. Estou nervoso demais para aguentar seus devaneios. — Agora não.

— Eu até que gosto dessa garota que você escolheu — Ela faz de propósito. Ela sempre faz de propósito.

— Essa garota se chama Sophie — Digo com a voz baixa e o mais controlada que consigo. — Pare de falar dela dessa maneira, por favor! Em cinco anos, a senhora só a viu duas vezes e em nenhuma delas fez questão de ser simpática. Apenas pare!

— Adam! — Ela leva uma mão ao peito e finge estar profundamente magoada.

— A senhora mereceu — Retruca Ellen sorrindo.

Bufo e passo as mãos pelo cabelo. Murmuro um pedido de desculpas para Anthony e ele faz um gesto com a mão de que não tem importância. Ele ama a minha mãe e deve amar seu jeito arrogante também. Não posso culpá-lo por isso. Apesar de tudo, ela é a minha mãe. E eu a amo também.

Sophie escolheu se casar no Brasil. Em um pequeno pedaço de paraíso chamado Arraial d'Ajuda, na Bahia. Ela preparou o casamento dos seus sonhos em apenas sete meses. Desenhou o próprio vestido e pensou em cada detalhe, como uma noite com lua cheia. Acho que nunca vi

uma lua como a de hoje. Sinto meus lábios se curvando para cima só de imaginar Sophie caminhando até o pequeno altar improvisado na areia. Ela vai ficar radiante.

O altar.

Então me dou conta de onde estou outra vez.

Estou em pé há cerca de dez minutos, mas se alguém me disser que estou aqui há dez horas ou dez meses esperando por ela, eu acredito. Meu coração está prestes a sair pela boca e eu posso garantir, não é de emoção.

Eu estou apavorado.

Gotículas de suor se formam em minha testa e o ar fica cada vez mais escasso. Olho para os lados, com a esperança de que mais alguém esteja tendo um mini infarto, mas parece que eu sou o único a sofrer desse mal.

Limpo a garganta e afundo ainda mais meus pés descalços na areia fofa da praia. Mantenho os olhos fixos em uma pequena conchinha branca como se ela pudesse me ajudar a ficar em pé.

— Eu acho que preciso me sentar — Digo puxando o ar com força e levo uma mão ao pescoço, tentando a qualquer custo não sufocar.

— Relaxe, *quarterback* — Daniel bate nas minhas costas com uma mão e com a outra, me entrega um pequeno copo com um líquido âmbar dentro. — Ela não vai fugir. Deveria, mas não vai.

Engulo em seco mais uma vez, pego o copo de sua mão e bebo tudo em um único gole. É uísque, ou pelo menos eu acho que é. Há dias em que eu não consigo sentir o gosto de nada.

— Adam! Você precisa se acalmar — Jess está me chacoalhando pelos ombros e parece estar se divertindo as minhas custas. — Você não imagina o quanto ela está maravilhosa.

— Aqui — Owen me entrega mais um copo de uísque e mais uma vez, bebo tudo sem pestanejar.

— Parem com isso ou ele vai desmaiar antes do casamento — Reclama Caroline. Ela pega o copo da minha mão e me entrega um maior cheio de água gelada. — Beba isso agora e respire, pelo amor de Deus! Você está me deixando nervosa.

— Se você continuar assim vai ter um ataque cardíaco — Peter está parado na minha frente ajeitando os óculos e rindo da minha cara. — Seria muito azar passar pela mesma situação duas vezes — Olho para ele com a testa franzida. — O que não deixaria de ser engraçado.

— Pare com isso, Peter! — Elena dá um peteleco na cabeça dele e me segura pelos ombros. — Ela não vai fugir. Até porque, se ela fizer isso eu acabo com vocês dois. — Encaro-a confuso. — Olhe só para mim! Eu infringi todas as regras para poder viajar grávida de quase oito meses. Do quarto filho!

Ela consegue me fazer sorrir.

— Não fique preocupado, querido — Tia Ellis toca meu rosto rapidamente. — Sophie não foge. Nunca.

Então ‘Angie’ começa a tocar e ao mesmo tempo, dezenas de fotos nossas passam em um telão posicionado atrás de mim, o que me obriga a dar as costas para o pequeno portal repleto

de flores brancas por onde Sophie vai entrar.

São fotos da nossa infância e adolescência, fotos com nossos amigos, de viagens que fizemos sozinhos e viagens que fizemos juntos. Fotos nossas desde o nosso primeiro encontro até agora, até... Viro-me para o portal rapidamente quando percebo que não estou mais olhando para uma fotografia. Olho para um vídeo onde Sophie aparece vestida de noiva e *Deus do céu!* Ela é a noiva mais linda do mundo. Se eu tinha alguma dúvida de que ela realmente é a mulher da minha vida — o que eu não tinha — ela se dissipa no instante em que nossos olhos se encontram.

Se eu pudesse fazer um pedido hoje, pediria para que ela fosse a minha mulher para sempre e sempre. Em todas as nossas vidas. Porque não consigo sequer imaginar viver sem Sophie. Tenho certeza de que o mundo não sobreviveria sem o seu sorriso.



— Esse lugar é perfeito, não é? — Sophie olha para mim e enrosca mais suas pernas nas minhas.

— Muito perfeito — Respondo e encho sua testa de beijos.

— Acho que eu ficaria aqui para sempre — Ela se vira e cola as costas no meu peito. Todas as manhãs, desde que chegamos à essa pequena pousada na beira do mar há três semanas, Sophie passa pelo menos meia hora observando as ondas quebrando à frente. Como um ritual.

Envolvo seu corpo com meus braços e a aperto contra mim.

— Esse lugar parece mágico.

— Eu amo você — Beijo sua nuca e começo o meu ritual: Beijar seu pescoço e todas as partes do seu corpo até fazermos amor.

— Foi uma boa escolha fazer o casamento aqui, não foi?

— Foi, sim — Beijo sua orelha e passo a língua naquele ponto de seu pescoço. Sophie geme e fico extasiado por ainda fazê-la sentir a mesma coisa. Continuo beijando seu pescoço, ombro. Seu braço.

— Adam...

— O quê? — Pergunto sem interromper os beijos. — Ainda não é o momento de parar... — Beijo seu ombro outra vez e continuo subindo. — Não está na hora de parar com os beijos.

Ouçõ sua risada e outro gemido quando mordo o lóbulo de sua orelha.

— Eu não quero que você pare — Ela para de olhar o mar e fica de frente para mim.

— Que bom — Beijo seu queixo, sua bochecha, seu nariz, sua testa e paro bem próximo à sua boca. — Porque eu quero beijar você todos os segundos do meu dia. — Mordo seu lábio inferior e ela segura meu rosto entre as mãos. — Por que você parou de olhar para o mar?

— Queria olhar para você — Seu hálito quente aquece todas as partes do meu corpo.

— Você está diferente hoje — Digo depois de morder seu lábio inferior. — Está mais... — Afasto meu rosto um pouco, apenas para olhar dentro dos seus olhos. — Eu não sei o que é, mas... — Olho-a com mais atenção. — Você está ainda mais bonita.

Como se isso fosse possível.

— Você pode fazer um favor para mim? — Pede com a voz melodiosa.

— Agora? — Pergunto apertando-a ainda mais contra meu corpo porque não quero me afastar dela. Agora não. Sophie apenas assente e um pequeno sorriso começa a se formar em seus lábios rosados. Até seus lábios parecem diferentes. — O que você precisa? — Minha pergunta é apenas um sussurro porque não consigo parar de beijá-la enquanto falo.

— Eu preciso que você vá até o banheiro e pegue aquela *nécessaire* vermelha que está sobre a pia. Tenho que te mostrar uma coisa.

— Mas isso não pode esperar? — Afundo o rosto em seu pescoço. — Eu quero tanto ficar aqui com você — Sophie sorri e me afasta. Ignoro seu pedido mudo para que eu pare e avanço sobre a sua boca. — Vamos ficar aqui? Só mais um pouquinho... — Murmuro entre um beijo e outro e ela retribui enquanto tenta se afastar e acha graça ao mesmo tempo.

— É muito importante — Diz segurando meu rosto entre as mãos. Seus olhos estão intensos e tenho a impressão de que nunca os vi tão brilhantes e felizes. — Por favor?

Beijo a ponta do seu nariz e faço o que ela pede. Levanto rapidamente e corro até o banheiro. Quero pegar a *nécessaire* logo e voltar correndo para os seus braços, porém, quando entro no banheiro, quase caio de joelhos. Meu reflexo no espelho não mostra toda a emoção que transborda dos meus olhos... Do meu coração.

— Sophie? — Chamo por ela, mas ela não responde. Dou um passo até o espelho, apenas para ter certeza de que meus olhos não estão me pregando uma peça. Eles não estão.

Engulo em seco e pego o teste de farmácia que está grudado no espelho com uma pequena fita vermelha. Fico encarando-o sem saber o que aquelas duas linhas azuis significam.

— Aí diz que você vai ser papai.

Viro-me para trás e encontro Sophie encostada no batente da porta. Apenas o lençol branco da cama envolve seu corpo.

— Você está...? — Olho para o teste e para ela novamente. — Isso é sério?

— É o que está dizendo aí.

— Eu vou ser pai?

— E eu vou ser mãe — Há um sorriso brincalhão dançando em seu rosto.

— Eu vou ser pai — Digo olhando para o teste mais uma vez. — Não consigo disfarçar meu sorriso bobo. Jogo o teste em algum lugar e a agarro pela cintura, levantando-a do chão. Sophie enterra o rosto na base do meu pescoço e sinto que algumas lágrimas molham a minha pele. Sinto que meus olhos também ficam úmidos e sinto que meu coração está prestes a explodir. — Eu te amo tanto, Sophie.

— Eu também te amo — Seus braços apertam ainda mais o meu pescoço. Beijo seus cabelos, sua orelha, seu rosto. Coloco-a no chão e seguro seu rosto entre minhas mãos. Ficamos nos encarando em silêncio enquanto lágrimas emocionadas escorrem de nossos olhos. Murmuro um '*obrigado*' antes de tocar seus lábios com os meus delicadamente.

— Espera — Peço esfregando meu nariz no seu.

— O quê?

— Nós podemos fazer amor? Quer dizer, você pode fazer amor? — Ela me encara com a testa franzida e consente enquanto começa a sorrir. — Graças a Deus — Pego-a no colo, levo até a cama e me deito sobre ela. — Eu quero me enterrar dentro de você até o sol nascer outra vez.

*“É tão particular o meu encontro quando é com você
O meu sorriso quando tem o teu pra acompanhar
As minhas histórias quando você para pra escutar
A minha vida quando tenho alguém pra chamar
De vida”*

(Anavitória - Singular/2015)

Adam

— Adam — A voz de Sophie me chama ao longe, baixa e tranquila.

— Hum?

— Você precisa acordar.

Abro apenas um olho e noto que ainda está escuro, bem escuro. Inspiro profundamente e volto a fechar os olhos.

— Ainda não.

— Mas eu preciso de você.

— Por quê?

— Esse bebê pode nascer a qualquer momento e nós ainda nem escolhemos um nome para ele.

— Sério? — Jogo minhas cobertas longe e me sento na cama frustrado, apertando as têmporas com força. Quando olho para ela a encontro sentada na cama, com dezenas de travesseiros nas costas, segurando um bloco de papel e uma caneta. — Você me acordou às...

— Olho rapidamente as horas no relógio ao lado da cama. — Três horas da manhã para escolher o nome do bebê?

Ela concorda como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

— Sophie, querida — Fico de joelhos na cama e seguro seus ombros com cuidado. — Eu estou exausto. Faz quatro noites que você me acorda de madrugada com desejo de comer as coisas mais bizarras que existem. Ontem você estava assando *cookies* às quatro horas da manhã e quase derrubou a cozinha e hoje, você quer escolher o nome do bebê?

— E se ele nascer amanhã? E se eu começar a sentir dores agora mesmo? Ele vai nascer e nós vamos chamá-lo de <bebê>? — Sua voz está ríspida e ao mesmo tempo nervosa. — E nós nem sabemos se é um menino ou uma menina e... E eu... — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Eu não consigo mais dormir, Adam! Eu estou ansiosa e fico uma pilha só de pensar que esse bebê vai sair daqui e depender de mim para sobreviver. Por que ele vai, não vai? E se eu não conseguir?

— Querida...

— Eu estou nervosa. Meus pés estão tão inchados que eu venho tendo dificuldade para andar, a minha cabeça está pesada e doendo e eu não consigo fazer mais nada. A minha mãe não vai fazer o meu parto porque diz ser emoção demais para um coração só! — Abro a boca

para dizer que Olivia está certa e, que depois do nascimento de Matt, ela não fez mais nenhum parto dos netos, mas prefiro me calar. Ela já está histérica demais. — E você...? Você... — Ela joga o bloco de papel e a caneta bruscamente sobre o edredom azul e cruza os braços na frente do corpo. — Você nem liga para nada! Você nem liga para mim!

— Eu só...

— Pode voltar a dormir! E desculpe por atrapalhar seu sono.

— Sophie... — Passo a mão pelos cabelos, frustrado.

— Boa noite, Adam! — Ela recosta a cabeça no travesseiro e fecha os olhos.

— Ei — Seguro seu queixo e me inclino para frente, tocando seus lábios com os meus. — Olhe para mim — Beijo-a com delicadeza e esfrego meu nariz no seu. — Abra os olhos, querida — Beijo seus olhos e um pequeno suspiro escapa de sua boca antes que ela olhe para mim. — Eu gosto muito de James... — Ela me encara com uma pequena ruguinha no canto dos olhos. — Era o nome do meu pai. Mas eu também gosto de Will e Joseph — Tirando o fato de que eu realmente penso em colocar o nome do meu pai no meu primeiro filho, todos esses são invenção. Eu estou simplesmente falando qualquer nome que surja na minha cabeça, apenas para que ela fique mais tranquila. — Porém, se for menino, poderíamos chamá-lo de Anakin ou Luke. Melhor ainda! Han Solo. O que você acha?

— Eu não...

— Mas sabe qual é o meu preferido? — Ela nega com um sorriso enviesado. — Chewbacca.

— Ah, meu Deus! — Ela joga a cabeça para trás e o som de sua risada preenche o ar, minha cabeça e cada parte do meu coração. Adoro quando ela ri. — E se for uma menina? Deveríamos chamá-la de princesa Leia?

— Eu gosto mais de Padmé.

Suas mãos envolvem meu rosto e sua boca encontra a minha.

— Eu amo você, sabia? — Concordo com um pequeno aceno de cabeça e ela imita meu gesto. — Ainda mais quando você faz isso.

— Isso o quê?

— Você sempre me faz esquecer tudo o que está me preocupando.

— Porque eu amo você.

— Desculpe te acordar, mas eu... — Ela dá de ombros timidamente.

— Tudo bem, Sophie — Beijo sua testa, pego o bloco que está jogado sobre a cama e me sento ao seu lado. — Vamos escolher um nome para esse bebê! — Pisco para ela. — Se for um menino, como você gostaria de chamá-lo?

— Eu fiquei muito emocionada quando você disse que gostaria de colocar o nome do seu pai, mas Chewbacca é tão mais bonito! — Seus olhos piscam algumas vezes e um pequeno sorriso desponta em seus lábios.

— Não é? — Provoco-a enquanto escrevo ‘Chewbacca’ na folha de papel amarelada. Ela franze a testa, negando veemente.

— É claro que não!

— *Droga!* — Murmuro baixinho e risco o nome, fingindo estar magoado. — James? — Enrugo a testa e sinto meu coração acelerando. Não pensei que dar o nome do meu pai para o meu filho fosse tão importante para mim. Também não sabia que estava tão ansioso para ouvir a sua resposta.

— James é perfeito.

Aquiesço e, sem emitir som, murmuro um ‘obrigado’.

— E se for uma menina?

— Eu nunca pensei em nomes de meninas. E você? — Ela abre um enorme sorriso e eu percebo que ela provavelmente tem uma lista gigante.

— Eu tenho vários, mas eu gosto muito de Ava.

— Ava — Testo o nome nos meus lábios.

— Mas pode ser outro se você quiser — Olho para as mãos que ela aperta sobre o colo. A ansiedade que ouvi na minha voz enquanto esperava pela sua resposta também está presente na sua.

— Ava McQueen — Testo mais uma vez. — É perfeito — Beijo seu rosto e esfrego meu nariz na sua bochecha. — Você não precisa ficar nervosa — Seus olhos ficam inundados de lágrimas. — Eu vou estar com você o tempo todo.

— Promete?

— Prometo.

"E acabou

*E estou afundando
Mas não estou desistindo
Estou apenas me rendendo''
(Never Let Me Go - Florence and Machine/2011)*

Sophie

— Adam — Chamo-o usando toda a minha força.

Sabe quando você está tendo o pior dos pesadelos e precisa gritar, mas sua voz não sai por mais que você se esforce? É exatamente assim que eu me sinto agora. Minha voz está presa na garganta e por mais que eu tente, não consigo me mover. Tem alguma coisa muito errada acontecendo comigo. Respiro fundo, ignorando a dor que sinto e tento mais uma vez. A mesma coisa.

Sento-me na cama com dificuldade, muita dificuldade, diga-se de passagem, e olho para Adam praticamente desmaiado ao meu lado. Chego a sentir raiva. Enquanto eu morro de dor ele dorme? Onde está a conexão? Onde está o sexto sentido? Soco seu ombro com força e ele salta na cama, sentando-se rapidamente.

— Você está louca? — Pergunta massageando o ombro.

— Eu estou morrendo! — Minha voz finalmente sai e ela está alta e estrangulada.

— O quê? — Ele me olha com os olhos assustados, mas seus lábios se curvam para cima quando se dá conta do que eu acabo de dizer. Ele me conhece bem o suficiente para saber que não é bem isso o que está acontecendo.

— Eu preciso de ajuda — Por que a minha voz está tão fraca?

— O que você está sentindo? — Ele segura meu rosto com as duas mãos, sorrindo e isso me deixa ainda mais irritada. Por que ele está sorrindo enquanto eu sinto lágrimas acumulando em meus olhos? Abro a boca para gritar com ele, mas uma forte dor nas minhas costas e na minha barriga me faz parar.

— *Ah, meu Deus!* — Arquejo e acho que estou sendo esfaqueada. — Por que a minha barriga está doendo tanto, Adam? — Choramingo.

— Sua barriga está doendo? — Ele fica alerta de repente.

— Muito, muito... *Aiii* — Agarro seus ombros com força e o encaro assustada. — Eu vou morrer!

— Você não vai morrer, você vai...

— Eu vou! — Falo entre soluços. — Eu vou, sim!

— Sophie — Ele seca minhas lágrimas com os polegares e busca meus olhos com os seus.
— O nosso bebê vai nascer.

— *O quê? Não!*

— Sim, ele vai!

— E você fala isso com essa calma? Você não imagina a dor que eu estou sentindo!

— Tem razão, eu não imagino, mas eu preciso ficar calmo. Você já está nervosa por nós dois.

— Adam... — Começo a chorar de maneira histérica, agarrada à minha barriga que mais parece uma pedra de tão dura. Levo as mãos até o seu rosto e o aperto de forma desesperada. — Ligue para a minha mãe, peça para ela vir aqui e me dar algum tipo de remédio, anestesia, qualquer coisa que me faça dormir até ela tirar essa criança... Por favor, ligue para ela! Eu não vou suportar essa dor e eu não vou conseguir sair daqui... Desse quarto... Dessa cama. Eu acho que vou morrer de verdade!

— Querida — Ele beija a minha testa carinhosamente quando começo a perder o controle. Quando tento negar ele me cala com um beijo rápido nos lábios. — Eu carrego você se for preciso — Consinto ao mesmo tempo em que um soluço escapa de minha garganta. — Eu vou vestir uma roupa e já volto aqui para pegar você, tudo bem?

— Hum-hum — Ele me beija mais uma vez e corre para o closet. Segundos depois está ao meu lado, ajudando-me a levantar. Coloca um casaco leve em minhas costas e passa um braço pela minha cintura.

— Podemos ir?

Assinto limpando meu nariz com as costas das mãos.

— Desculpe — Peço olhando para cima. E a calma em seu olhar faz mais lágrimas se formarem em meus olhos.

— Por que você está se desculpando?

— Por toda essa loucura. Eu acabei de entrar em trabalho de parto e já estou surtada desse jeito, imagine quando... *Ai! Ai, ai, ai, ai...* — Ele passa os braços ao redor do meu corpo e cola seu peito nas minhas costas. Fica com os lábios colados em meus cabelos até a contração passar.

— Não se preocupe, querida — Ele se coloca na minha frente e segura meu rosto entre suas mãos, acariciando-o com os polegares em um ritmo lento e tranquilizante. — Eu vou ajudar você a manter a calma.

— Eu amo você, sabia?

— Eu sei. E eu também amo você.



— É uma menina, querida! — Adam quase grita ao lado da médica. Parece eufórico. Ele está eufórico de verdade... eu acho. Estou tentando me conectar à esse momento, à euforia dele, mas algo me impede. Não ouço nada além do choro dela, da minha filha. Um choro agudo, sonoro e doce. Acho que consigo compreender o que Elena dizia sobre ‘o coração explodir de felicidade’. Porém, a sensação é tão distante. Eu me sinto tão vazia e desconectada de tudo isso. Abro a boca, sem saber o que dizer, mas não consigo encontrar a minha voz.

— É uma menina, Sophie! — Ouço minha mãe sussurrar em meu ouvido. — Uma linda menininha.

Concordo com um gesto de cabeça, ou eu acho que faço isso, ao mesmo tempo em que Adam a coloca em meu colo.

— Olhe só para ela — Ele para de falar um instante para me beijar, mas não me lembro de beijá-lo de volta. — Uma princesa, como você — Seus lábios encontram os meus mais uma vez, porém, tudo o que consigo fazer é fechar os olhos. Eles parecem chumbo. Eu preciso descansar. Preciso dormir. Mas há uma linda garotinha em meu colo e eu quero olhar para ela. Quero tocar a pontinha delicada de seu nariz, quero acariciar a ruguinha que se forma em sua testa enquanto ela me encara com esses olhinhos pequenos e inchados. Tenho a impressão de que ela já sabe quem eu sou. Mas meu braço não se move. É como se ele não estivesse mais preso ao meu corpo.

— Sophie? — Ouço minha mãe me chamando ao longe. Bem longe. O que é estranho porque ela está ao meu lado. Não está? Tento virar a cabeça para o lado, mas não consigo.

— Sophie? O que está acontecendo? — Não há mais ninguém em meu colo. Adam havia levado a minha garotinha ou talvez ela nunca tenha estado aqui. Talvez eu esteja apenas sonhando. É isso! Eu estou apenas sonhando. Abro os olhos com relutância e encontro Adam me encarando preocupado. Não para de perguntar o que está acontecendo comigo.

Eu estou bem, Adam...

— Sophie, abra os olhos.

Eles estão abertos, eu...

— Sophie? Não faça isso comigo!

Será que ele não está me ouvindo? Eu acabei de responder.

Por que você não está me ouvindo?

— Sophie, Olhe para mim, por favor!

O quê?

— Sophie!

Por que você está gritando tanto? Por que está me sacudindo desse jeito? Eu estou aqui! Estou falando com você, eu...

— Sophie! Abra os olhos! Abra os olhos, querida!

Adam... Por que ninguém me ouve? Por quê? Por que estão todos gritando? E esse bip insuportável? Eu só preciso dormir um pouco. Só um pouco, por favor? Eu preciso fechar os olhos apenas por um minuto e...

— NÃO! NÃO! Eu não vou sair! Sophie! Abra os olhos! SOPHIE!

E então, todo o silêncio de que eu precisava para descansar toma conta do quarto. Fecho os olhos e deixo que todo o cansaço que eu estou sentindo desde que... *Desde quando?*

O que eu estou fazendo aqui?

O que eu...? O quê...?

Adam? Adam?

Não me deixe aqui, por favor!

Está escuro e eu...

Está muito escuro...

Você prometeu...

“Não fale
[...]
Por favor pare de explicar
Não me diga porque isso machuca
Com a minha cabeça em minhas mãos
Eu me sento e choro”
(No Doubt - Don't Speak/1995)

Adam

— Sophie... — Chamo mais uma vez antes que a porta do quarto se feche. Olivia ainda tenta passar por uma enfermeira que a segura pelos ombros e pede para que ela se acalme.

— É a minha filha, Lauren! Saia da minha frente! AGORA!

— Por favor, doutora Marshall. A senhora precisa se acalmar.

— O que aconteceu? — Daniel está parado ao meu lado, tentando arrancar respostas de nós dois, tentando passar pela porta que parece trancada. Um segurança surge de algum lugar e se posta à nossa frente. Ninguém vai entrar. Ele repete a fala da enfermeira. Minha vida e meu coração estão dentro dessa sala fria. Eu preciso entrar, preciso segurar sua mão e dizer que está tudo bem. Preciso encontrar seus olhos castanhos e brilhantes.

Eu preciso dela.

Um soluço escapa da garganta de Olivia e se Daniel não a amparasse ela teria desmoronado no chão. John entra no corredor acompanhado de Elena e Scott. O primo de Sophie passa pelo segurança rapidamente e entra na sala e, menos de um segundo depois, Lucy também entra e eu nem vi de onde ela veio. John ampara Olivia em seus braços e Elena, mesmo sem entender o que está acontecendo, tenta acalmar Daniel que discute com o segurança. A tal enfermeira fala algo para ele que parece cada vez mais tenso enquanto eu me sento no chão frio do corredor e apoio a cabeça na parede.

Estou perdendo as forças.

Por mais que eu tente, não consigo respirar. O mais leve pensamento sobre perder Sophie me deixa tonto e completamente sem ar. Meus pulmões parecem queimar e meu peito arde tanto que tenho a impressão de que eu estou me afogando. Levo a mão ao pescoço e puxo a gola da minha camiseta para baixo enquanto puxo o ar com força.

Com a visão turva por causa de lágrimas ou porque meu cérebro gira tanto que não sou capaz de manter o foco, vejo Daniel se aproximando e sentando ao meu lado. Sua mão toca meu ombro rapidamente e ele murmura algo que não compreendo. Ficamos em silêncio encarando a porta branca enquanto a sala de espera e o corredor viram um aglomerado de pessoas perguntando o que havia acontecido.

Eu nunca entendi muito bem como essa família funciona. Eles respeitam ao máximo a privacidade de cada um, nunca chegam sem avisar, mas quando algo sai dos planos eles se

materializam na nossa frente em questão de minutos. Um dá suporte para o outro e agora, no pior momento da minha vida, todos eles estão aqui aguardando notícias.

E a porta continua fechada.

Ela se abre por alguns segundos, mas é sempre para alguém entrar ou sair correndo dela.

De repente, Elena está sentada entre nós. Uma mão está sobre o joelho de Daniel e a outra sobre o meu. Olho para ela de canto de olho e noto lágrimas brilhando em seus olhos enquanto ela mantém os olhos fixos na porta. Jess se senta do outro lado e deita a cabeça em meu ombro.

— Vai ficar tudo bem, *quarterback*.

Eu não sei quanto tempo se passa. Mas não me lembro de ter ido ao inferno e voltado tantas vezes em um único dia.

Quando a porta se abre, Scott e Lucy saem da sala um pouco abatidos e esgotados. Há um pouco de sangue no jaleco dela, mas ele já poderia estar assim antes e, de onde eu estou, posso jurar que eles estão chorando.

— O que aconteceu? — Ouço Olivia perguntar a eles. Eu quero ouvir o que eles dizem, mas tenho medo de saber a verdade. Não quero ouvi-los dizer o que aconteceu com Sophie. Meu coração bate tão rápido que eu tenho a impressão de que ele pode explodir a qualquer momento. Jess não sai do meu lado, continua sentada com as unhas cravadas na pele do meu braço. Elena e Daniel estão junto da família inteira.

Eles conversam baixo. Scott parece explicar o que aconteceu e eu vejo discretos gestos de cabeça quando todos parecem concordar com algo. Owen leva a mão a cabeça, desesperado e Caroline passa a acariciar suas costas, como se tentasse consolá-lo. Daniel se desvencilha de Elena e antes que ela consiga alcançá-lo ele empurra com o pé um pesado vaso que está em uma ponta da sala e ele se espatifa na parede do outro lado, porém, ninguém parece ter ouvido o barulho. Olivia continua amparada por John, mas ela parece chorar com mais força, mais tristeza. Impotente.

Jess fica em pé quando Richard vem na nossa direção. Ela me olha com os olhos tristes e cheios de lágrimas quando ele termina de contar a ela o que havia acontecido dentro daquela sala.

Enterro a cabeça nas mãos e deixo que meu coração exploda.

Eu não preciso mais dele.



Quando eu consigo me acalmar, Scott e Lucy se aproximam e me explicam exatamente o que havia acontecido.

Logo após o parto, a pressão arterial de Sophie subiu muito e muito rápido. E isso causou uma convulsão. Segundo Lucy, isso é mais normal do que imaginamos e pode acontecer de repente. Sophie teve uma gravidez tranquila, para os padrões dela. Ela nunca se queixou de dor, apenas reclamava o tempo todo do tamanho da barriga e da dificuldade que tinha para fazer coisas do cotidiano, mas sempre fazia isso com um sorriso no rosto.

Os médicos conseguiram reverter o quadro, conseguiram que a pressão voltasse ao normal

depois da terceira convulsão. Contudo, agora, ela está em coma induzido e uma máquina respira por ela porque ela não consegue fazer isso sozinha. ‘Por ora’ disse Lucy.

— Sua filha é linda, Adam, e ela está bem — Lucy está apertando a minha mão. Sinto-me péssimo por não ter perguntado por ela até agora, mas não consigo pensar em nada além de Sophie. Somente ela me preocupa. — Ela vai ficar no berçário por enquanto, mas você pode vê-la sempre que quiser. — Vendo que eu continuo calado ela solta a minha mão e dá dois tapinhas nela antes de se levantar.

— Sophie vai reagir, Adam. Acredite — Scott toca meu ombro rapidamente, Apenas concordo com ele sem saber o que pensar ou em que acreditar.

Por que o destino faz isso com *a gente*? Por que Deus, se é que realmente existe um, faz isso? Eu havia ido do céu ao inferno em menos de um segundo. Estava com nossa filha nos braços irradiando felicidade e agora, estou com o coração partido enquanto o amor da minha vida está presa a aparelhos para poder respirar.

Exatamente meia hora depois, a porta se abre novamente e uma maca surge no corredor. Sophie está deitada sobre ela, pálida e cheia de tubos. Há um tubo dentro de sua boca, talvez para ajudá-la a respirar e pelo menos dois ou três saindo de seus braços conectados a frascos enormes de soro ou algo do tipo. Ela não se parece em nada com a mulher cheia de vida que conheço. Parece tão frágil e impotente.

— Eu quero ficar com ela! — Falo angustiado quando a maca começa a avançar pelo corredor. Corro até ela e seguro a sua mão fria. Meu coração quase para. Ela não é a minha Sophie, penso quando olho para o seu rosto branco e para as olheiras escuras e profundas que circundam seus olhos.

Abra os olhos, meu amor! Abra os olhos!

É a única coisa em que consigo pensar enquanto acompanho o ritmo apressado dos médicos e enfermeiros que a levam para um outro lugar.

— Nós vamos acomodá-la na UTI e depois chamamos você, ok?

— Não!

— Adam! — Richard segura meu braço com força, fazendo-me parar. Scott se aproxima rapidamente.

— Nós vamos abrir uma UTI apenas para ela. Isso nunca acontece, mas Sophie é da família e tia Olivia é bem querida por aqui. Daqui a pouco você poderá entrar e ficar com ela o tempo que quiser. Agora, por favor, acalme-se e espere aqui.

Consternado levo as mãos à cabeça e em um momento de fúria, soco a parede com tanta força que tenho a impressão de que alguns ossos da minha mão se quebram.

— Vem aqui — Sinto duas mãos nas minhas costas. É Elena. — Vamos até o berçário enquanto isso — Tento negar, não quero olhar para ela. Ainda não. Não enquanto Sophie não estiver de volta. — Ela também precisa de você, Adam.

— Eu não consigo — Respondo entredentes, lutando ao máximo para afastar esse sentimento do meu peito, mas não consigo. — Eu não consigo nem pensar nela, Elena. Eu... —

Sinto lágrimas ardendo em meus olhos mais uma vez. Ela me encara com os olhos tristes, mas não argumenta. Aquiesce discretamente e me abraça.

— Quando você estiver preparado me avise, eu vou com você.

— Obrigado.

Ela me solta, porém mantém as mãos nos meus ombros.

— Eu não vou sair daqui. Jess também não.

Vejo quando ela se aproxima e concorda com o que Elena acaba de dizer.

— Ellen e Peter estão a caminho, acabei de falar com eles.

— Obrigado, Jess.

— Mas não consegui encontrar sua mãe.

— Ela deve estar na China — Faço um gesto qualquer com as mãos. Eu nem tenho ideia de onde ela possa estar agora.

— Se bem que eu acho que ela não te ajudaria em nada.

Mesmo com o coração estilhaçado, Jess consegue me arrancar um meio sorriso.

— Você está certa. Ela só me deixaria pior.

— Eu sei.

— Eu vou ficar com Daniel um pouco, Jess — Diz Elena. — Será que você...

— Pode ir — Ela responde e Jess beija minha mão rapidamente. — Nós vamos montar uma força tarefa aqui, *quarterback*. Ninguém sai desse hospital.

— Obrigado, Jess. Mas você está grávida, tem um filho te esperando em casa. Elena tem um monte de filhos. Vocês não podem abandonar tudo e...

— Nós não vamos embora, Adam. E já está resolvido. Você não ficará sozinho um minuto sequer. Sophie também não.

Dia 1

Dia 2

Dia 3

Dia 4

Dia 5

*“Feche seus olhos
E, por favor, não me deixe ir
Não, não, não me deixe ir agora”
(Simple Plan - Take My Hand/2008)*

Sophie

Dia 6

Eu tenho a impressão de que estou à beira de um precipício. Todos gritam meu nome, mas eu não consigo responder, não consigo sequer olhar para trás. Sempre que tento me virar, uma força maior me puxa para baixo.

Está tão escuro e tão frio.

Minhas mãos estão frias.

Eu não consigo me mexer.

Eu quero voltar, mas não sei para onde.

*“Se você sentir que está partindo
Não vou deixar você cair
Você nunca vai estar sozinha
Vou te segurar até a dor passar”
(Nickelback - Never Gonna Be Alone/2008)*

Adam

Dia 7

Já faz uma semana e Sophie continua dormindo.

Continua respirando através de aparelhos.

Segundo todos os exames que fizeram, as atividades cerebrais estão normais, porém ainda não dá para saber se haverá ou não algum tipo de sequelas. Só vamos ter certeza quando ela acordar. Mas ela não acorda. Permanece imóvel e cada vez menor nessa cama enorme.

— Adam — Sinto uma mão tocando meu ombro rapidamente. Olho para cima e encontro Owen parado ao meu lado. — Como ela está?

— Na mesma.

Ele assente, caminha até o outro lado da cama e senta-se na poltrona ao lado de Daniel. Eles estão aqui comigo há sete dias inteiros e estão tão exaustos quanto eu. Passamos dia e noite ao lado dela. O único alimento que eu consigo manter em meu estômago — se é que se pode chamá-lo de alimento — é o café.

Jess estava certa quando disse que havia uma força tarefa montada.

Eu não sei quem cuida de todas aquelas crianças, mas elas nunca ficam sozinhas. Nós também não. A família inteira havia montado um esquema de rodízio que eu não consigo entender direito, mas o quarto nunca fica com menos de três ou quatro pessoas ansiosas esperando por qualquer movimento.

Scott também está por aqui. Depois de uma noite inteira de plantão ele veio para cá e conseguiu se manter alerta até cinco minutos atrás. Agora, sentado no sofá de couro de frente para a cama, tira um cochilo com os braços cruzados na frente do corpo. Olivia e John saíram há meia hora. Há dois dias, uma loira chamada Anna passou por aqui e ficou horas falando com Sophie. Ela também conversou comigo por muito tempo, mas não sou capaz de me lembrar exatamente quem ela é. Só me lembro do seu nome. Ela também me disse que eu deveria fazer o mesmo, que eu deveria falar com Sophie o tempo todo e que ela me ouviria, mas eu não consigo fazer isso.

— Olá — Elena entra no quarto trazendo um pequeno embrulho rosa nos braços, acompanhada de Caroline e Lucy. — Ela veio se despedir do papai e da mamãe não é, princesa?

Olho para trás ao mesmo tempo em que ela começa a chorar. Elena se senta ao meu lado e estico o braço para pegá-la, mas recuo no instante seguinte. Não consigo olhar para ela sem me lembrar do que aconteceu a Sophie e isso acaba comigo. Eu sei que ela não tem culpa de nada. Eu sei que ela precisa que eu a cubra de amor. Sei também que Sophie me mataria se soubesse que mesmo tentando não desprezá-la, é exatamente isso o que eu venho fazendo.

— Eu vou levá-la para a minha casa, Adam — Lucy se aproxima e toca a sua cabecinha cheia de cabelos loiros. — Ela não pode continuar no hospital.

Apenas aquiesço sem esboçar nenhum tipo de sentimento.

— Ela precisa de um nome — Caroline se posta ao meu lado e também começa a acariciar os cabelinhos dela. — Vocês chegaram a conversar sobre isso? Não podemos continuar chamando-a de princesa, mesmo ela sendo uma.

— Sim — Respondo com uma enorme onda de tristeza tomando conta do meu peito. — Falamos sobre isso um dia antes do... — Preciso limpar a garganta e respirar fundo para que as lágrimas não venham. — Ava.

— Ava? É um lindo nome — Concordo, tentando me acostumar com o nome e com a sensação de tê-la em minha vida, mas não consigo me abrir. Meu coração parece estar fechado.

Fico em pé e começo a andar de um lado para o outro consternado até encostar na parede ao lado da porta. De onde eu estou posso observar a respiração tranquila de Sophie. Seu rosto parece um pouco encovado e essa palidez não desaparece. Foi necessário colocar um pequeno tubo em seu nariz para que ela possa se alimentar.

Ava está agora no colo de Lucy. Parece agitada mesmo para um bebê de sete dias. Sinto uma vontade absurda de aninhá-la em meu colo, mas há uma força maior me impedindo de fazer isso. Scott já está desperto e ao lado da cama. Faz algum tipo de anotação em seu *tablet* depois de consultar todos os monitores ligados à Sophie. Caroline está abaixada ao lado dela, falando algo em seu ouvido enquanto Owen continua sentado ao seu lado, segurando sua mão e acariciando-a. Elena está falando alguma coisa no ouvido de Daniel e ele apenas concorda com ela sem esboçar qualquer tipo de reação. Parece não ter forças ou vontade de se mover.

— Você precisa ir para casa, Adam.

Estou tão absorto olhando para todos os lados que não noto quando minha irmã entra no quarto e toca meu braço.

— O quê? — Olho para ela confuso.

— Você precisa ir para casa descansar um pouco

— Eu não consigo.

— Ellen está certa, Adam — Elena se aproxima e cruza os braços na frente do corpo. — Você precisa se alimentar e descansar. Faz uma semana que você está dentro desse quarto. Vocês três precisam sair daqui um pouco — Ela apontou para Daniel e Owen atrás dela. — Apenas por algumas horas. Só o tempo de tomarem um banho de verdade.

Desde que Sophie está no hospital temos usado o banheiro do quarto para tomar banho. Tenho certeza de que não podemos fazer isso, mas acho que as enfermeiras fingem não notar.

— Eu não posso deixá-la aqui sozinha.

— Eu vou ficar com ela. Caroline também e em breve Jess está chegando.

— Eu também vou ficar — Diz Ellen. — Se ela inspirar um pouco mais profundamente eu ligo para você. Prometo.

Continuo negando.

— Peter está lá embaixo esperando vocês. Ele vai levá-los para a casa de...

— Eu não vou sair daqui! — Falo alto, saindo de perto delas e indo até a poltrona onde eu estava alguns minutos antes. Agarro a mão de Sophie de uma maneira possessiva e desesperada. — Eu vou ficar aqui até ela acordar.

*“As lágrimas continuam caindo
Eu vejo seu rosto
E isso me faz prosseguir”
(Simple Plan - Take My Hand/2008)*

Sophie

Dia 8

Daniel está aqui. O tempo todo eu ouço o seu apelo. Ouço quando ele me pede para voltar. Ouço o desespero de Owen quando ele aperta a minha mão e sussurra em meu ouvido que eu preciso acordar.

Por que eles também não me ouvem?

Caroline está sempre falando alguma coisa e sua risada ecoa na minha cabeça e é tão forte e tão viva que sinto vontade de rir com ela. Mas então, a escuridão está de volta e sou arrastada para longe de tudo.

Por que Adam não está comigo?

Dia 9

“Porque nossos corações estão entrelaçados para sempre
E nosso amor nunca morrerá”
(Simple Plan - Take My Hand/2008)

Sophie

Dia 10

Jess fica o tempo todo dizendo que eu não posso ir embora e deixar Adam aqui. Mas eu não quero ir embora. *Por que eu iria embora?*

Meu corpo está pesado e minhas pernas não se movem.

A escuridão está aqui outra vez e sou arrastada para ela com força.

Scott sempre diz que eu estou bem. Que estou cada vez melhor.

Lucy está aqui também. Ela está...

Ela foi embora...

E estou sozinha outra vez...

Sozinha...

*“De joelhos, eu pedirei
Uma última chance para uma última dança
Porque com você, eu resistiria
A todo o inferno para segurar sua mão”
(Nickelback - Far Away/2005)*

Adam

Dia 11

— Como ela passou a noite? — Scott entra no quarto acompanhado de Lucy e mais outro médico. Pelo menos eu acho que ele é médico. Ele tem cara de médico, porém, está sem jaleco. Solto a mão de Sophie e esfrego o rosto com as mãos. Eu estou exausto.

— Imóvel — Respondo sem vontade.

Scott aquiesce e começa a examinar Sophie. Ele não é o médico dela, nem Lucy, nem tia Ellis ou Olivia. Uma equipe de neurologistas cuida do seu caso, porém, todos eles faziam exatamente os mesmos exames físicos todos os dias. Três vezes por dia.

— Adam — começa Lucy. — Esse é Alexandre Werneck, ele também é médico. — Olho para ela e depois para ele, mas não consigo esboçar nenhuma reação. Apenas um leve cumprimento com a cabeça. Eu acho. Às vezes tenho a impressão de que durmo com os olhos abertos. — Ele é do Brasil.

— Nós nos conhecemos há cinco anos em um congresso — Diz Scott depois de tirar o estetoscópio da orelha.

Continuo balançado a cabeça e o tal... Como é o nome dele mesmo? Enfim, ele vem até mim e estende a mão. Cumprimento-o no automático e volto a recostar na poltrona.

— Oi, Sophie — Lucy vai até o outro lado da cama e beija a testa de Sophie, depois, senta-se na poltrona vazia que Daniel ou Owen dividem e começa a falar com ela sobre Ava, como se ela pudesse ouvir ou responder alguma coisa. Levanto-me da minha poltrona e caminho até a janela, mas ao invés de olhar para a rua, continuo com o olhar fixo no rosto de Sophie. Fico esperando o esboço de um sorriso surgir em seu rosto a qualquer momento. Espero que ela abra os olhos e comece a falar sem parar e me faça rir. Fico esperando que ela fale tanto a ponto de me fazer pedi-la para ficar quieta apenas por um instante e então, ela daria um soco no meu ombro e continuaria falando. Eu espero por isso há onze dias.

Onze malditos dias.

As lágrimas que parecem fazer parte do meu dia e também da minha noite, começam a empoçar em meus olhos outra vez. Viro-me para a janela e apoio a testa no vidro. Olho para as pessoas caminhando nas ruas, algumas despreocupadas, outras correndo. Vejo um casal se abraçando do outro lado da rua e uma linda garotinha loira sentada sobre os ombros de um homem, suponho que ele seja o pai dela. Inspiro profundamente sentindo meu coração se

despedaçar ainda mais.

— Adam — Enxugo os olhos rapidamente e me viro. Lucy coloca as mãos nos meus ombros e sorri ternamente. Cruzo os braços no peito e espero que ela fale de Ava como faz todos os dias, porém, ela não o faz. — Nós vamos tirar o tubo hoje.

Franzo a testa para ela.

— Mas vocês disseram que ela não está respondendo e...

— Não da maneira como nós gostaríamos — Scott surge atrás dela segurando uma prancheta nas mãos. Além dele e daquele outro médico que eu não lembro o nome, a chefe da neurologia, doutora Parker, também está aqui. Ela deve ter entrado enquanto eu observava a rua.

— Como assim? — Pergunto olhando para Sophie imóvel na cama e para eles novamente. É a doutora Parker quem responde.

— Como nós conversamos há dois dias, Sophie está respirando sozinha desde que começamos a reduzir a sedação, o que é um ótimo sinal — Ela coloca as duas mãos nos bolsos do jaleco e dá um passo na minha direção. — Isso significa que ela está reagindo.

— Mas...? — Pergunto por que apesar de me agarrar a essa notícia, sei que tem um ‘mas’. Posso sentir isso pela maneira como eles me olham.

— Ela está sem nenhuma sedação há doze horas, contudo, além de ser capaz de respirar sozinha, ela ainda não deu nenhum sinal de que está acordando.

— Eu não estou... Eu não... — Sinto minha respiração acelerar e meu coração batendo de forma errática. Aperto a base do meu nariz com o indicador e o polegar e puxo o ar com força, mas parece que todo o ar do quarto se foi. — O que vocês querem dizer com isso?

— Queremos dizer que a Sophie... — Doutora Parker começa, mas Lucy levanta uma mão e ela para de falar. Ela se aproxima e pega a minha mão. Fica alguns segundos olhando para ela e então me olha com lágrimas nos olhos.

— Nós não sabemos porque Sophie não acorda — Sua voz falha e ela respira fundo para poder continuar falando. Sinto meu desespero aumentar a cada palavra. — Ela está bem e... As atividades e o fluxo de sangue no cérebro estão normais. Os exames indicam que ela está bem, mas ela não... — Ela nega com um gesto de cabeça e lágrimas rolam por seu rosto. Sinto algumas rolarem pelos meus.

— Ela pode não...? — Com a mão livre, enxugo o rosto. — Ela pode não acordar?

— Pode — Responde doutora Parker.

— *Não!* — Digo com a voz alterada.

— Adam, escute — Pede Scott, mas eu não quero escutá-lo.

— E vocês não podem fazer nada? Vocês vão tirar o tubo e deixá-la sem nada? E se ela não conseguir respirar? E se ela precisar dessa droga de aparelho outra vez e... Como eu vou saber que ela precisa de ajuda para respirar? Como se ela não...? Se ela continua... *Não!* — Afasto-me deles e volto para o lado dela. Agarro sua mão e a coloco em meu rosto. Não há calor emanando da sua pele. Beijo a palma de sua mão repetidas vezes e imploro silenciosamente

para que ela abra os olhos. — Eu não vou permitir que ela... — Sequer consigo pensar nessa possibilidade. — *Não!*

— Adam, isso não é uma opção. Sophie não pode continuar com esse tubo. A traqueia dela pode necrosar e... — Lucy para de falar e vem até mim. Encosta na beirada da cama e fica me encarando com os braços cruzados na frente do corpo. — Se fosse necessário nós faríamos uma traqueostomia para que ela continuasse recebendo oxigênio através do tubo, mas ela está respirando sozinha — Sua voz se eleva um pouco e olho para ela. — Tenha um pouco de fé. Sophie vai acordar. Só depende dela agora e eu tenho certeza de que ela não vai nos decepcionar.

Eu quero acreditar nela.

Eu preciso acreditar nela.

Mas cada vez que olho para Sophie sinto meu coração se desmanchando.

Sinto que ele não bate mais.

E sem coração, não há Sophie.

E sem Sophie eu não existo mais.

— Tudo vai dar certo, Adam — Diz Scott tocando meu ombro. — Bom, eu preciso me preparar para uma cirurgia. Os médicos virão dentro de algumas horas para retirar o tubo.— Ele dá um tapa solidário em meu ombro.

— Eu vou com você, Scott — Lucy beija a minha cabeça rapidamente. — Ava puxou a você. Nunca vi uma garotinha tão pequena mamar tanto. Ela cresceu muito desde que foi embora. Você precisa ver! — Ela está sorrindo de orelha a orelha. Tenho certeza de que está feliz por compartilhar isso comigo, e eu gostaria muito de sentir essa felicidade, mas não consigo sentir nada. Forço um sorriso e ela entende que não deve continuar falando. — Eu volto depois. — Diz e em seguida deixa o quarto junto com o irmão. De canto de olho vejo que a doutora Parker também vai embora. Por um momento penso que estou sozinho, mas então, vejo que aquele outro médico está se sentando na poltrona do outro lado da cama.

— Vocês estão juntos há quanto tempo?

— Seis anos — Respondo sem vontade.

— Sabe? Eu meio que já passei por isso — Ele aponta para Sophie, dá uma olhada nos aparelhos sobre a cabeceira da cama e volta a me olhar. — Eu dei uma olhada no prontuário dela quando cheguei — Quero perguntar o porquê, mas não sei o que tem de tão importante nisso. Aperto a mão de Sophie com mais força e começo a desenhar pequenos círculos no dorso dela. — Há dois anos minha irmã foi baleada... — Ele começa a falar e o olho com a testa enrugada. — O nome dela é Francine. Da minha irmã — Acrescenta quando vê que estou um pouco confuso. — Enfim, ela foi baleada e precisou ser intubada e... — Ele passa uma mão pelo cabelo. — Nós achamos que ela não aguentaria e aquilo nos consumia porque Francine estava começando a viver, a filhinha dela tinha apenas quatro meses e... — Ele para de falar mais uma vez e acho que falar sobre isso é bem difícil.

— Ela acordou? — Pergunto a única coisa que faz sentido para mim nesse momento. Eu preciso apenas de uma pequena faísca de esperança.

— Treze dias depois. Mas o caso dela era diferente — E então a faísca se apaga. — Ela não reagiu quando tiramos a sedação. Ela não era capaz de respirar sozinha e... — Um sorriso discreto e aliviado surge em seu rosto, como se ele estivesse vivendo aquilo outra vez. — Ela acordou quando estávamos prestes a levá-la para o centro cirúrgico para fazer a... — Ele aponta para a região do pescoço. — A traqueostomia.

Faço que sim e ele faz o mesmo.

— Cara, ela começou a respirar sozinha naquele momento e foi como... — Ele levantou o dedo indicador no ar, apontou para ela e depois apontou para mim. — Você precisa falar com ela. Ivan, o marido dela, falava com ela o tempo todo, dia e noite ele cantava para ela e pedia para ela voltar. Você precisa pedir para ela voltar.

Sua voz parece falhar, mas eu não tenho certeza. Ele engole em seco, fica em pé e enquanto caminha até o meu lado continua falando.

— Nós nunca poderemos afirmar que pacientes em coma são capazes de nos ouvir, mas eu acredito que ela precisa se agarrar a alguma coisa. A alguém — Ele dá um tapa no meu ombro, no mesmo lugar que Scott deu — Fale com ela.

Solto o ar com força e o ouço mexer na maçaneta da porta.

— Como é o seu nome mesmo? — Pergunto virando-me na sua direção.

— Pode me chamar de Alex — Aquiesço.

— Obrigado, Alex.

Ele mexe a cabeça apenas uma vez e sai do quarto.

Fico olhando para Sophie até os médicos chegarem.

Mas nenhuma palavra sai da minha boca.

*“E nosso amor nunca morrerá
Pegue minha mão esta noite
Pela última vez”
(Simple Plan - Take My Hand/2008)*

Sophie

Dia 12

Elena está me contando sobre uma linda princesa de olhos castanhos. Lembro-me vagamente de um narizinho perfeito, mas tudo parece um borrão dentro da minha cabeça. Por que a minha mãe chora tanto? Tenho a impressão de que consigo ouvir suas lágrimas caindo sempre que ela está por perto. Meu pai está quieto. Sinto a sua mão acariciando meus cabelos em um ritmo cadenciado e...

Dia 13

*“Mas é tarde demais
para voltar
Eu posso ver a escuridão
através das rachaduras”
(Noah Gundersen - Day Is Gone/2013)*

Sophie

Dia 14

Eu quero dizer a Adam que ainda estou aqui, mas não consigo ouvir a sua voz. Ele havia me deixado? Por que ele não ouve quando eu chamo por ele? Porque eu estou tão sozinha?

Tento abrir os olhos outra vez e tudo some.

Todos somem.

Não ouço nada.

Não sinto nada.

E então, estou à beira do precipício outra vez.

*“Volte, volte rápido
Não tire isso de mim
Porque você não sabe
O que isso significa para mim
Amor da minha vida”
(Queen - Love Of My Life/1975)*

Adam

Dia 15

— Nós nunca falamos sobre isso.

Eu estou sentado em uma poltrona ao lado da cama. Encaro o rosto pálido e imóvel de Sophie.

— Sobre o quê? — Pergunta Daniel enquanto massageia e movimenta os pés e pernas de Sophie, como a fisioterapeuta nos havia orientado alguns dias atrás.

— Sobre um de nós morrer.

— Ela não vai morrer, Adam.

Owen quase rosna do outro lado da cama, apertando a mão de Sophie com mais força.

— Nós não sabemos — Falo esgotado. Não consigo falar, sequer pensar sobre isso, porém não consigo afastar esses pensamentos. Dói demais e é muito difícil imaginar um mundo onde Sophie não esteja. — Eu estou com medo. Já faz quinze dias.

— Às vezes eu tenho vontade de sacudi-la até ela acordar — Owen está com os cotovelos apoiados nos joelhos. Balança a cabeça lentamente. — É o que ela teria feito.

Daniel e eu concordamos com ele.

— Outro dia, fiquei me lembrando sobre o caso de uma mulher que entrou em coma por causa de um acidente e, após dezesseis semanas, o marido precisou decidir se a levava para uma clínica e a deixava lá para... — Limpo a garganta sentindo aquele imenso nó se formando mais uma vez. Afasto todas as lágrimas e preciso respirar fundo antes de voltar a falar. — Ou a deixava... Ou... — Dou de ombros e de canto de olho vejo que ambos haviam entendido o que eu queria dizer. — Eu não seria capaz de tomar essa decisão.

Daniel vem até o meu lado, aperta meu ombro em um gesto solidário e se senta na beirada da cama. Apoia uma das mãos no joelho de Sophie e fica olhando para ela. Os olhos quase vidrados, perdido.

— Esse era o tipo de pergunta que eu faria a ela — Continuo ainda mais inconformado com a sua situação.

— E ela saberia exatamente o que responder — Diz Daniel.

— Por que ela sempre sabe o que dizer — Fala Owen, passando a mão pelos cabelos.

— Será que eu posso ficar a sós com ela um pouco, por favor? — Owen tenta negar, mas vejo quando Daniel faz um sinal para que ele o acompanhe. — Eu só preciso falar com ela.

E eu preciso fazer isso sozinho.



— Eu honestamente não sei por que você está fazendo isso comigo, querida — Levo sua mão até meus lábios e beijo seu dorso repetidas vezes enquanto a aperto entre as minhas em uma tentativa frustrada de aquecê-la. Mas sua mão está sempre tão fria. Seu corpo todo está tão frio. — Eu sinto tanto a sua falta. Tanto que chega a doer. Dói demais ver você nessa situação. Meu coração está despedaçado, Sophie. Não suporto mais esse silêncio. Eu estou sufocando sem você. Sinto como se não soubesse mais respirar e... — Um sorriso triste se forma em meus lábios. — Eu preciso lembrar ao meu coração constantemente de que ele precisa continuar batendo — Engulo em seco e, com o polegar, acaricio a pele seca de seus lábios antes tão macios. — Eu preciso tanto de você. Eu preciso sentir o seu toque na minha pele outra vez. Eu preciso de você, querida... Todos os dias. Eu sinto falta do gosto doce do seu beijo e do seu braço quente ao redor do meu pescoço. Eu sinto tanto a sua falta... — Acaricio sua testa e seus cabelos e só então noto o quanto a minha mão está tremendo. — Você está me ouvindo? Eu não sei se você consegue me ouvir. Eu queria que você me desse um sinal, Sophie. Eu comecei a rezar nos últimos dias, sabia? Não fazia isso há muito tempo, mas ultimamente, venho rezando para um Deus que eu nem sei se existe. Não consigo deixar de pensar que, se ele realmente existisse, se fosse tão bom e generoso como todos falam, você não estaria aqui... Deus não faria isso.

“Eu tenho uma coisa aqui para você...” — Pego meu celular no bolso de trás da calça e procuro por nossa música: *Will you still love me tomorrow?* — É a nossa música. A nossa terceira música — Sorrio, lembrando-me de todas as músicas que ela já disse ser nossa ao longo desses anos. — Você se lembra de quando a ouvimos pela primeira vez? Nós dançamos sobre o gramado do *Brooklyn Bridge Park*. Você se lembra? É claro que você se lembra. Basta eu fechar os olhos para sentir o calor da sua mão sobre a minha. “

Lágrimas começam a descer pelo meu rosto quando me dou conta de que talvez tenha chegado a hora de aceitar que ela não vai voltar. De que ela...

Não!

Não!

Não!...

Balanço a cabeça me negando a aceitar essa situação.

“Eu não posso aceitar isso, querida. Eu não posso ficar aqui sem você — Seguro sua mão com mais força. — Há dias venho formulando frases prontas na minha cabeça. Fico repetindo que, se for da sua vontade, que se você quiser partir eu vou entender. Mas quem eu estou querendo enganar? Eu não quero que você vá a lugar algum. Eu quero você comigo, Sophie. Eu quero você aqui para sempre. Eu não posso aceitar que você não estará mais comigo nas manhãs preguiçosas de domingo ou nas noites frias de inverno. Eu não posso viver sem o seu chocolate quente, sem seus *S'mores*, sem a sua risada e... E eu ainda nem te ensinei a

mergulhar. — Um soluço irrompe da minha garganta e me agarro ainda mais à sua mão. — Você não pode me deixar aqui, Sophie. Não pode — Suplico entre as lágrimas que embaçam a minha visão. Suplico entre os soluços que me impedem de falar. Eu apenas suplico. — Você não pode partir desse jeito e me deixar aqui. Você não pode deixar Ava sozinha... Eu dei a ela o nome que você escolheu. Ela é linda, querida. Tanto quanto você. “

Sinto meu coração se dilacerando dentro do peito cada vez que penso em Ava. Eu não fui ao berçário uma vez sequer enquanto ela esteve aqui. Era Elena ou Caroline que a traziam para mim e eu mal conseguia olhar para ela.

“Eu não tenho cuidado dela como deveria. Eu ainda estou tentando, Sophie, estou tentando com todas as minhas forças me apaixonar por ela, mas cada vez que seus olhinhos curiosos se voltam para mim, eu vejo você. E então eu me lembro de onde você está e eu não... Eu não consigo, querida... Eu não posso olhar para ela ainda e eu sinto tanto por isso... Tanto.”

Debruço a cabeça sobre a sua mão e deixo que todo o desespero que venho tentando controlar durante esses dias exploda em mais lágrimas.

“Volte para mim, Sophie — Peço angustiado enquanto seguro seu rosto com força entre as mãos. — Volte pra mim, querida. Por favor. Abra os olhos e... Apenas volte, Sophie. Eu não posso deixar você ir embora. Não posso. Você precisa voltar, por favor. Volte...”

Mas ela continua imóvel.

*“Você não pode simplesmente me deixar
Respire através de mim
Me faça real
Traga-me para a vida”
(Evanescence - Bring Me To Life/2003)*

Sophie

Ele está aqui.

Sinto a maciez da sua boca no dorso da minha mão sempre que ele a beija. Sinto o calor da sua pele na minha e a suavidade das suas carícias no meu braço. Sinto as lágrimas mornas sendo derramadas sobre mim.

Por que ele está chorando tanto?

— Volte para mim, Sophie.

Sinto suas mãos apertando minha mão com força.

— Volte para mim, querida. Por favor. Abra os olhos e...

Por que ele continua me pedindo para voltar? Eu estou aqui!

— Apenas volte, Sophie. Eu não posso deixar você ir embora. Não posso. Você precisa voltar, por favor. Volte...

Eu ainda estou aqui, Adam... Eu estou aqui.

É difícil me acostumar com a claridade. Fico encarando o teto impecavelmente branco até me dar conta de que estou em um quarto de hospital.

Por quê?

Tento mexer a mão direita, mas uma pontada próximo ao meu punho me faz parar. Tenho a sensação de que tem algo enfiado dentro da minha pele. Só então, reparo no enorme frasco de soro preso a um tubo transparente. Eu preciso me mexer, preciso desesperadamente mexer as pernas, mas elas parecem pesadas demais. Com dificuldade, consigo mexer os dedos dos pés e a sensação é de alívio.

Não consigo mover a mão esquerda. Sinto uma necessidade enorme de movê-la, mas parece que ela está presa sob algo muito pesado. Quando me viro para o lado, lentamente, entendo o que a prende a cama. Adam está debruçado sobre a minha mão, apertando-a com força.

Ainda o ouço me pedindo para voltar.

Abro a boca tentando chamá-lo, mas não há som. Minha garganta parece arranhada, seca. Inspiro profundamente e, usando toda a minha força, consigo balbuciar seu nome. Não é a minha voz, definitivamente não se parece em nada com ela. Ela está fraca, rouca e bastante arrastada, porém é forte o suficiente para fazê-lo olhar para mim.

— Adam...

Seu rosto está lívido e molhado quando ele levanta a cabeça e me encara com os olhos vermelhos e inchados.

— Sophie? — Sua voz soa ligeiramente contida e aliviada. — Sophie? — Repete já em pé com o rosto a poucos centímetros do meu. — Você...? — Seus olhos não deixam os meus e eles parecem não acreditar no que veem. A ruga de preocupação no canto dos seus olhos parece mais profunda. — Você voltou... — Grunhe com a voz embargada, segurando meu rosto com delicadeza. Seus polegares desenham pequenos círculos no meu rosto.

— Onde você estava? — Murmuro sentindo que lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. Ele me olha com a testa franzida. Levanto a mão com dificuldade, usando toda a minha força e toco seu queixo, sentindo a aspereza da sua barba por fazer. Ele estremece ao meu toque e fecha os olhos por um segundo. Quando tento recuar, ele coloca a sua mão sobre a minha e a mantém ali.

— Eu estive aqui o tempo todo — Ele se aproxima, deixando a boca muito próxima da minha, apenas roçando seus lábios nos meus. — É verdade? Você está realmente aqui?

Concordo, sentindo seu hálito quente tocando a minha pele.

Um pequeno sorriso surge em seu rosto. Ele não me beija. Senta-se ao meu lado na cama e deita a cabeça sobre meu peito. Por alguns minutos fica apenas ouvindo o meu coração e acariciando meu braço. Beijo o topo de sua cabeça e então ele começa a chorar. As lágrimas e os soluços vêm aos borbotões e suas mãos me apertam com mais força.

— Eu tive tanto medo, querida — Fala contra meu peito com a voz arrastada. Levo minhas mãos até as suas costas, lentamente. Começo a acariciá-lo em um ritmo cadenciado até que, finalmente, ele se acalma.

— Eu... — Começo com certa dificuldade. Minha garganta está arranhando, mas já está ficando mais fácil falar. — Eu tive um sonho estranho... Ouvia todos me chamando e eu não... — Limpo a garganta e respiro fundo. — Mas eu não ouvia você...

— Querida... — Ele levanta a cabeça e seus olhos encontram os meus, angustiados. E então me dou conta de que talvez não tenha sido um sonho. Há muito mais e eu estou começando a ficar com medo.

— Por que eu estou aqui?

— Você não se lembra?

Nego com um discreto gesto de cabeça. Com uma mão ele acaricia meus cabelos e com a outra aperta a minha mão com força.

— Nós tivemos um bebê.

Abro a boca para questioná-lo. O que ele está dizendo? Eu me lembraria se isso tivesse acontecido. Calmamente, levo uma mão até a barriga e noto que ela não está mais aqui. Sinto lágrimas ardendo em meus olhos e meu coração se acelera dentro do peito. Por que meu bebê não está mais dentro de mim?

— Eu não... — Um soluço escapa de minha garganta e irrompo em lágrimas. — O que você...?

— *Shh* — Ele se abaixa e roça seu nariz no meu.

— Eu não consigo me lembrar de nada, Adam... Eu...

— Você precisa se acalmar, querida.

— Está tudo bem com ele? — Pergunto apavorada. Sinto um aperto no peito.

Ele assente, acariciando meu rosto com as costas da mão, enxugando as lágrimas que não param de cair.

— É uma menina — Seus olhos brilham, emocionados.

— Uma menina? — Há um pouco de euforia e alívio na minha voz.

— Ela se chama Ava e é tão linda quanto você.

— Ava — Repito, experimentado o som do seu nome nos meus lábios. É perfeito. — Eu quero vê-la, Adam, traga-a para mim! Onde ela está? — Aperto seu braço com força, com toda a força que eu tenho nesse momento.

— Ela não está aqui, Lucy a levou para casa — A maneira como ele acaricia meus cabelos sugerem o quanto ele está nervoso e o quanto faz força para me manter calma.

— Lucy? — Pergunto confusa. — Por quê?

— Você não acordava e... — Encaro-o com a testa franzida.

— Eu estou acordada — Tento me sentar, mas me mexer está fora de cogitação. Não consigo fazer isso sozinha. — O que aconteceu, Adam?

— Você dormiu por duas semanas.

— O quê? — Minha voz sai quase inaudível. — Duas semanas? Como?

— Você entrou em coma, logo... Não, eles te induziram ao coma porque você teve algumas complicações e... — A voz dele falha e, quando volta a falar, está embargada. — Você não acordava e eu quase morri, Sophie. Cada vez que eu pensava que você não fosse mais acordar, eu... — Ele para a frase no meio e balança a cabeça. — Mas agora você está aqui — Seus lábios tocam os meus. É um beijo rápido, porém carregado de emoção. — Eu vou te contar tudo, mas agora... — Com o dedo indicador, ele acaricia a minha testa, passando pelo meu nariz, minha boca até parar no meu queixo. — Você precisa se acalmar.

— Traga-a para mim, por favor — Peço, choramingando. Eu preciso segurá-la em meus braços. — Por favor? — Há um tom de súplica na minha voz. Ainda sem saber o que realmente aconteceu logo após o parto, eu sei que tem uma princesa precisando de uma dose maior de amor. E eu estou pronta para dar todo o amor do mundo a ela.

Ele sorri ternamente e me beija mais uma vez antes de concordar com a cabeça.

— Que horas são? — Pergunto notando que o quarto está ligeiramente escuro e nenhuma luz atravessa a janela.

— Quase seis da manhã — Ele faz sinal para que eu me cale enquanto coloca o celular na orelha. — Thomas... Não, está tudo bem... Sim... Eu preciso que vocês tragam Ava até o hospital... Sophie acordou. — Sem se despedir, ele joga o celular sobre o criado-mudo e me encara com um sorriso bobo no rosto antes de apertar um botão logo acima da cabeceira da cama. Ele dá de ombros. — Você passou quinze dias dormindo, acho que os médicos

gostariam de saber...

Antes que ele termine a frase, a porta do quarto se abre estrondosamente.

— O que acontec...? — Daniel surge aos pés da cama e solta o ar com força quando percebe que estou acordada.

— Oi — Digo com a voz fraca e ele avança até se sentar ao meu lado.

— Sophie? — Nora, a enfermeira que me conhece desde quando eu era apenas uma garotinha, aparece logo atrás de Daniel. — Bem-vinda de volta, minha querida — Ela segura meu pulso enquanto observa todos os monitores ligados a mim. — Como você está se sentindo?

— Bem, eu acho.

Ela assente, verifica a minha pressão e anota alguma coisa no seu tablet.

— Eu vou avisar a doutora Campbell que você acordou.

Quando ela deixa o quarto, Daniel beija a minha testa e acaricia meus cabelos ao mesmo tempo.

— Nunca mais faça isso comigo, Sophie. Nunca mais, você me ouviu?

— Você sabe que eu não tive a intenção — Um sorriso surge em seu rosto e seus olhos parecem brilhar de emoção.

— Você está bem? Está sentindo alguma coisa?

— Eu estou bem.

— Tem certeza?

— Acho que sim — Ainda estou tentando perceber se há algo de errado com meu corpo, mas tudo parece perfeitamente normal.

— Eu senti muito a sua falta. Até mesmo das suas broncas, irmãzinha.

— Eu posso compensar esse tempo perdido — Ele ri alto e beija minha testa outra vez.

— Tenho certeza que sim.

— Ei — Owen se senta do outro lado da cama e segura a minha mão, beijando-a em seguida. — Eu estava com saudades.

Sorrio para ele notando lágrimas se formando em seus olhos.

— Você está chorando? — Ele nega, enxugando os olhos. Levo a mão até seu queixo e acaricio sua barba por fazer. Acho que nunca vi Owen de barba, nem tão descabelado. Olho para Daniel outra vez e noto que sua barba também está bem maior do que o habitual. Assim como a de Adam.

— Você está com uma cara péssima — Brinco e ele se abaixa na minha direção. Um imenso sorriso estampa seu rosto.

— É muito bom ouvir sua voz outra vez — Fala antes de beijar meu rosto.

— Eles não saíram daqui, Sophie — Caroline está ao lado de Owen. — Nós nos revezávamos o tempo todo, mas esses três aqui... — Ela faz um sinal indicando meus irmãos e Adam que está sentado próximo à minha cabeça, acariciando meus cabelos sem parar. — Não

deixaram você sozinha nem um minuto.

— Eu amo vocês — Falo tentando olhar para todos ao mesmo tempo.

— Eu não aguentava mais ver você nessa cama, Sophie — Carol se abaixa e beija meu rosto.

— Oi, Sophie.

A voz da minha mãe está embargada quando ela surge na minha frente. Estendo uma mão para ela que a segura com força, há medo e angústia em seu toque. Daniel deixa que ela se sente ao meu lado.

— Eu tive tanto medo de te perder, meu amor — Ela beija a minha mão repetidas vezes e, em seguida, beija a minha testa. — Eu não saberia o que fazer se algo acontecesse com você.

— Eu estou aqui, mãe — Acaricio o dorso da sua mão com meu polegar. — Eu ouvi você — Falo mais baixo e ela explode em lágrimas novamente, mas dessa vez, seu choro se mistura ao alívio que sente.

— Que bom que você está aqui, minha princesa — Papai se senta no mesmo lugar onde Owen estava e, depois de beijar meu rosto e minha testa demoradamente, aperta minha mão e fica acariciando-a. Em silêncio. E ele não precisa dizer nada. Sorrio para ele e as lágrimas que ele tentou conter até agora descem pelo seu rosto.

— Está tudo bem, pai — Murmuro e ele aquiesce, limpando os olhos com as costas das mãos.

Quando mamãe começa a contar o que havia acontecido, tenho a impressão de que ela está falando de outra pessoa. Eu não consigo me lembrar de nada do que aconteceu, nem mesmo do parto. Quer dizer, eu me lembro da dor e me lembro dos olhos de Adam quando ele me disse que tudo ficaria bem. Lembro-me com clareza do seu sorriso e da sua alegria quando a doutora Campbell anunciou que tivemos uma menina, mas não me lembro dela. Não me lembro dos olhos castanhos e brilhantes que minha mãe descreve tampouco da boquinha rosada e do cabelo loiro.

— Ela é uma princesa.

— Pensei que eu fosse a sua princesa, papai — Resmungo, fingindo estar magoada e ele pisca para mim, tocando a ponta do meu nariz.

— Eu tenho muitas princesas ao meu redor, mas você sempre será a minha favorita.

— Como está a minha paciente preferida?

— Pronta para que você tire todos esses tubos que estão enfiados em mim — Sorrio para Scott que relaxa e me dá seu maior e melhor sorriso.

— Eu senti muito a sua falta — Fala depois de beijar meu rosto ternamente.

— Eu não posso dizer o mesmo, já que não me lembro de muita coisa — Sussurro e ele dá uma gargalhada. — Mas eu me lembro que você é o meu primo favorito e que eu amo você.

— Eu também amo você, Sophie.

— E eu vou te amar ainda mais quando você começar a tirar essas coisas que... — Ele me interrompe.

— Vamos fazer alguns exames primeiro.

— Eu estou bem, Scott. Não preciso de exames.

— Isso quem decide somos nós — Ele pisca para a doutora Campbell que está parada ao seu lado. — Será que vocês podem nos dar licença?

— Eu não vou sair — Protesta Adam. — Não adianta insistir.

— Ele está com saudades, Scott — Digo timidamente e Scott concorda comigo. Adam se inclina para beijar o topo da minha cabeça.

— Morrendo de saudade, querida.

Scott e a doutora Campbell fazem um exame completo, mesmo depois de eu tê-los assegurado de que estava bem. E quando digo completo quero dizer isso mesmo. Exames de sangue, ultrassom e mais uma dezena deles. Todos os membros estão funcionando e eu sou capaz de respirar sem dificuldade, consigo me lembrar de todos eles e de tudo o que aconteceu até o nascimento de Ava, ou parte dele, e isso me deixa extremamente frustrada. Uma enfermeira sorridente tira o cateter que está conectado a minha bexiga e o outro que está no meu nariz. Tudo demora mais de duas horas, o que só faz a minha ansiedade aumentar ainda mais.

Elena chega logo depois de todo esse alvoroço e me ajuda a tomar um banho quente e relaxante. Fico o tempo todo sentada, pois ainda me sinto fraca. Jessica, grávida de seis meses, cuida do meu cabelo e é com muita dificuldade que ela consegue tirar todos os nós e prendê-lo em um rabo de cavalo.

Meu reflexo no espelho está assustador. Eu estou pálida e olheiras escuras e profundas circundam meus olhos. Os ossos da minha face estão mais salientes. A minha clavícula também. Quanto peso eu perdi? Mesmo assim, quando saímos do banheiro, Adam vem ao meu encontro, me pega no colo e diz que eu sou a mulher mais linda desse mundo.

— Conseguimos deixar todas as crianças na escola — Anuncia Paul assim que abre a porta do quarto acompanhado de Susanne, Jack, tia Ellis e tio Paul. — Rachel não gostou muito da ideia. Disse que já é grande o suficiente para participar de coisas de adultos — Ele balança a cabeça rindo e se abaixa para me cumprimentar com um beijo no rosto. — Bem-vinda de volta, Sophie.

Todos me cumprimentam com beijos carinhosos e afagos no rosto. Há muito a ser dito e eles falam o tempo todo, porém eu não consigo prestar atenção em nada. Só penso nela. Olho ansiosa para a porta quando ela se abre novamente, mas é apenas Richard.

— Por que eles estão demorando tanto? — Pergunto a Adam, mas antes que ele tenha tempo de responder, a porta se abre mais uma vez. Thomas entra e segura a porta para que Lucy entre também. Por um momento, não sou capaz de respirar.

Mesmo sem me lembrar do parto, do rostinho dela e da sensação de tê-la em meus braços, sinto meu coração crescendo dentro do peito a cada passo de Lucy, as batidas ficam mais fortes e mais aceleradas. Minhas mãos estão trêmulas quando ela coloca aquele pequeno pacotinho cor-de-rosa em meu colo. Abro a boca para agradecer Lucy e Thomas por terem cuidado dela até agora, mas as palavras ficam presas em minha garganta. Lucy beija meu rosto

e, compreendendo o meu silêncio, simplesmente se afasta. Sim, ela compreende o quanto sou grata por tudo.

Lágrimas descem pelo meu rosto livremente, contudo, eu não consigo deixar de sorrir enquanto olho para esse narizinho perfeito e para esses enormes olhos castanhos e brilhantes. Uma pequena ruguinha se forma em sua testa enquanto ela me fita de volta. Eu tenho certeza de que ela está prestes a chorar, mas quando toco sua mãozinha, ela se agarra ao meu dedo.

— Oi, meu amor — Sussurro, beijando a pontinha do seu nariz. Nesse momento, posso sentir o cheirinho mais delicioso que existe no mundo. Ela se aquieta e sorri de leve — pelo menos eu acho que ela está sorrindo — Então, deixo que uma risada escape quando noto que ela sabe quem eu sou. Que, apesar de tudo o que aconteceu, ela sabe quem eu sou.

— Nós vamos deixar vocês sozinhos — Alguém fala e, um a um, todos deixam o quarto. Apenas Adam fica.

— Ela é linda — Olho para Adam rapidamente. Sinto que meu amor aumenta a cada respiração, a cada batida dos nossos corações. Adam se senta ao meu lado e, hesitante, leva uma mão até os cabelinhos dourados de Ava. Ele está tremendo. Olho para ele e noto que chora em silêncio. — Adam... — Ele balança a cabeça, negando alguma coisa e apertando os olhos com força. Quando levanta o rosto para mim, seus olhos estão angustiados. Um vinco profundo marca a sua testa.

— Eu sinto muito, Sophie... Eu... — Com a outra mão, ele envolve meu ombro e me puxa para perto dele. Ele está chorando outra vez quando encosta a testa na lateral do meu rosto. — Eu não sabia o que fazer.

— O que você está dizendo? — Viro o rosto na sua direção e esfrego meu nariz no seu. — O que aconteceu? — Pergunto baixinho.

— Eu não fiquei com ela — Ele se afasta, enxuga as lágrimas de um jeito bruto e fica em pé ao lado da cama. — Eu não conseguia ficar perto dela.

— Mas ela não estava aqui e...

— Não, Sophie! — Sua mão está na sua nuca coçando e coçando sem parar. Ele parece estar prestes a perder o controle. — Eu não quis vê-la. Eu tentava me conectar a ela e amá-la, mas eu só conseguia pensar em você e no quanto nada mais faria sentido se você não acordasse... — O desespero na sua voz e nos seus olhos por admitir isso em voz alta faz algo se afundar no meu peito. Até agora, quando ele chorou, o único sentimento que ele me passou foi puro alívio por me ter de volta, mas agora, eu vejo toda a dor e a angústia pela qual ela havia passado. — Se você morresse, querida... — Ele interrompe a frase, balançando a cabeça.

— Vem aqui — Estendo uma mão para ele e, lentamente, ele se aproxima. — Sente-se aqui com *a gente*. — Ele aquiesce. Aperto a sua mão com força e a levo até meus lábios. Deposito dezenas de beijos no dorso dela e nos nós dos seus dedos. — Está tudo bem — Murmuro, soltando sua mão e tocando seu rosto com as pontas dos dedos.

— Não, não está. Eu deveria ter ficado com ela.

— Sim, você deveria. Você jamais deveria tê-la deixado sozinha. Ela precisava de amor. Eu tenho certeza de que ela foi extremamente amada por todos durante o tempo em que eu

estive aqui, mas ela precisava de você. Ela precisava do pai.

— Sophie... — Chama angustiado.

— Mas eu não posso culpar você por isso — Seguro sua nuca e o puxo para mim, deixando nossas bocas muito próximas uma da outra. — Você sabe o quanto eu amo você, não sabe? — Com um breve gesto de cabeça, ele concorda. — E eu sei o tamanho do seu amor por mim e por isso sou capaz de imaginar o quanto você deve ter sofrido enquanto eu dormia.

— Eu não fiz por mal...

— Eu sei.

— Meu coração partia ao meio cada vez que eu olhava para ela e eu não... — Ele engole em seco. — Eu não conseguia.

Assinto e beijo seus lábios ternamente. Adam fecha os olhos e permanece assim, mesmo quando eu me afasto. Deslizo minha mão até seu rosto e acaricio sua boca com meu polegar.

— Você pode segurá-la agora — Ele abre os olhos lentamente e eu posso jurar que há um tipo de tensão por trás daqueles olhos azuis. Eu faço que sim com a cabeça, incentivando-o. — Segure-a.

Ele engole em seco antes de se levantar e, hesitante a pega do meu colo. Uma risada de alívio escapa de seus lábios enquanto ele olha para ela com os olhos brilhantes de emoção. Então, Ava solta um grunhido baixo e Adam ri mais alto, assentindo para ela. Enxugo as lágrimas que descem lentamente pelo meu rosto e me pego sorrindo enquanto olho para os dois amores da minha vida.

— Ela está falando comigo — Adam vem até mim e se senta ao meu lado. — E ela está sorrindo. Olhe só! — Sua voz está ligeiramente embargada, e Ava, bom, as pessoas podem dizer que eu estou louca e que ela ainda é muito pequena, mas sim, eu tenho certeza de que ela está sorrindo. Levo minha mão até seu cabelinho. — Obrigado.

— Por que você está me agradecendo? — Meus olhos encontram os seus e eles parecem estar sorrindo para mim. Ele envolve meu ombro com um braço e me puxa para bem junto dele. Colando sua testa na minha.

— Por tudo — Diz roçado o nariz no meu. — Por ser você e... — Seu nariz agora roça na minha bochecha. — Por me amar e por me deixar amar você. Por me dar o melhor presente desse mundo.

Seus olhos descem até Ava e os meus fazem o mesmo. Ela está com os olhos fechados, agarrada ao meu dedo.

— Eu ouvi a música — Falo ainda olhando para ela.

— O quê?

— A música — Levanto o rosto para ele que me fita cheio de carinho. — Eu ficava ouvindo as vozes deles todo esse tempo, o choro, os sussurros. Mas eu não ouvia você e então, hoje eu ouvi a música... — Beijo a ponta de seu nariz ternamente. — A nossa música. A primeira. Ou terceira, não sei mais. Mas é a nossa música, não é? — Ele concorda, apertando ainda mais meu corpo com seu braço. — Eu ouvi você me chamando. Eu ouvi você e... —

Antes que eu diga qualquer coisa ele me beija, colando seus lábios macios nos meus com força, urgência e amor.

— Eu amo você, Sophie. Amo muito.

— Eu também amo você, Adam. E amo a nossa pequena família — Olho para Ava outra vez e ele faz o mesmo e, depois de me beijar mais uma vez, inclina-se para frente e beija a cabecinha de Ava.

— Eu também amo você, princesinha.

*“E podia estar tudo agora dando errado pra mim
Mas com você dá certo
Por isso não vá embora
Por isso não me deixe nunca nunca mais”
(Marisa Monte - Não Vá Embora/2000)*

Adam

— Finalmente ela dormiu. De onde uma garotinha de dois anos tira tanta energia? — Sophie parece não me ouvir enquanto enche as nossas taças com vinho. Na verdade, ela enche uma só. — Você não vai beber hoje?

— Hoje não.

— Mas você adora esse vinho — Encaro-a com a testa encrespada, tentando descobrir o que diabos está acontecendo com ela.

— Eu sei, eu só... — Sua voz falha e ela dá de ombros enquanto vai até a geladeira e pega uma garrafa de água. — Acho que eu não estou com vontade, só isso.

— Não está com vontade? — Mas ela não responde. — Sophie?

— Hum? — Ela para no meio do caminho e levanta o rosto para mim. A pele ao redor de seus olhos está ligeiramente rosada, como sempre fica quando ela chora. Seus olhos também estão inchados e tenho a impressão de que seu queixo treme levemente. Aproximo-me devagar, tiro a garrafa de sua mão e a coloco sobre a mesa.

— Você estava chorando? — Ela nega apertando os lábios e então desvia os olhos. Seguro seu rosto entre as mãos e faço com que ela olhe para mim. — O que aconteceu?

— N-nada, eu... — Ela está tentando manter a voz firme, mas falha terrivelmente. Aquela minúscula veia, se é que é mesmo uma veia, está pulando sem parar logo abaixo do seu olho direito. Por que ela está mentindo para mim? E por que ela está tremendo tanto? Abro a boca para perguntar outra vez o que está acontecendo, mas ela me interrompe, mudando de assunto abruptamente. — Eu fiz aqueles camarões que você adora — Ignoro seu sorriso forçado e aquiesço para ela. — E *S'mores* — Aquiesço mais uma vez, ponderando se devo arrancar dela agora o que está acontecendo ou esperar o jantar terminar, mas ela se decide por mim. — Vamos comer? — E desvencilhando-se das minhas mãos, vai se sentar no seu local habitual, próximo à enorme janela de vidro da sala de jantar.

Assinto para o nada, frustrado, porém compreendo que é necessário deixá-la falar apenas quando ela quiser. Caso contrário, acontecerá uma explosão. Não foi nada fácil aprender a lidar com isso, mas necessário para evitar discussões. Respiro fundo e sento-me de frente para ela.

O silêncio durante todo o jantar é ensurdecador. Sufocante, para ser mais preciso. Eu já vi Sophie triste, chateada, irritada e extremamente feliz, contudo, nunca a vi desse jeito. Ela parece estar apavorada, perdida em algum lugar enquanto empurra os camarões para todos os

lados do prato, brinca com os tomates, pica e amassava as batatas assadas até que acaba desistindo de comer quando eu ainda estou na metade do meu jantar.

Espero que ela diga alguma coisa, mas ela permanece quieta, tamborilando os dedos sobre a madeira da mesa. Espero mais um pouco quando ela ameaça abrir a boca por duas vezes, mas acaba fechando sem dizer nenhuma palavra. Mas quando uma lágrima ameaça escorrer pelo seu rosto, solto meus talheres no prato e seguro a sua mão.

— Agora chega — Seus olhos aflitos encontram os meus. — O que está acontecendo?

— Eu não... — Seus olhos se enchem de lágrimas e mesmo sem saber o que a perturba tanto, sinto meu coração se partindo ao meio. Odeio quando Sophie chora.

— Fale comigo — Peço, acariciando o dorso de sua mão com meu polegar. — Por favor?

Ela tenta falar por pelo menos três vezes. Abre a boca e a fecha no segundo seguinte. Aperto mais um pouco a sua mão e ela balança a cabeça, negando alguma coisa e, sem emitir som, murmura um pedido de desculpas. Franzo a testa para ela e então, ela fala. E nada poderia ter me preparado para isso.

— Eu estou grávida.

E sua voz está tão baixa e contida que, se meu coração não tivesse parado de bater e o sangue deixado de circular nas minhas veias, eu poderia jurar que meus ouvidos estão me traindo.

— Você o quê? — Não sou capaz de reconhecer a minha própria voz. Preciso soltar a sua mão antes que eu a esmague.

— Eu estou...

— Eu ouvi o que você disse! — Respiro fundo tentando me controlar. Mas eu não estou conseguindo. Minha voz já começa a se alterar e um leve tremor toma conta do meu corpo. — Você estava tomando anticoncepcional, não estava?

Ela engole em seco e demora alguns segundos para responder.

— Talvez eu tenha me esquecido de tomar um dia. Ou dois.

— Um dia ou dois — Murmuro para mim mesmo, sem tirar os olhos dela. Seu rosto está lívido e, quando ela engole em seco mais uma vez, entendo tudo. — Você está mentindo para mim.

— Não, eu...

— NÃO MINTA PARA MIM! — Soco a mesa com força, o que faz os talheres tilintar dentro dos pratos. A taça, que contém um resto de vinho, tomba sobre a toalha branca. — Você parou de tomar o remédio? — Rosno, aproximando meu rosto do seu. Suas mãos estão cruzadas no colo e ela olha fixamente para elas. Bato na mesa mais uma vez e uma taça vai ao chão. — OLHE PARA MIM, SOPHIE!

Seus olhos estão assustados quando encontram os meus e espessas lágrimas descem pela sua face. Seus ombros chacoalham enquanto ela tenta conter os soluços que ameaçam irromper de seu peito. Se meu coração não estivesse tão estilhaçado agora, se eu não estivesse com tanta raiva por ela ter estragado tudo, eu a pegaria no colo e acariciaria seus cabelos até ela se

acalmar.

— Responda a pergunta! — Rosno outra vez.

— Eu... Se eu dissesse para você que eu não...

— SIM OU NÃO?

— Não!

E ela continua mentindo...

Levanto da cadeira tão bruscamente que a derrubo no chão. Ela mantém os olhos fixos em algum ponto no chão enquanto eu ando até o meio da sala de jantar, tentando controlara angústia que se forma em meu peito e busco o ar a qualquer custo. Mas não há ar dentro desse apartamento. Não há explicação para o que ela fez. Volto à passos largos até a mesa e apoio as duas mãos com força na frente dela.

— Como você pode fazer isso comigo? — Eu não quero gritar com ela, mas estou entrando em parafuso. Na verdade, eu estou ficando apavorado. A simples ideia de imaginá-la deitada naquela cama, cheia de tubos e sem nenhuma perspectiva me deixa desesperado. — Nós tínhamos um acordo, Sophie! Nós dissemos que...

— Não! — Ela fica em pé abruptamente e me enfrenta. — Você fez esse acordo e me obrigou a aceitá-lo! Eu nunca disse que não queria ter mais filhos! — Afasto-me dela. Volto até o meio da sala e cruzo as mãos na nuca. Ela vem atrás de mim. — É você quem não quer ter mais filhos, Adam! Não eu!

— Você acha que é isso? — Seguro-a pelos ombros e aproximo meu rosto do seu. Eu preciso que, de alguma forma, ela entenda o que está acontecendo dentro de mim. — Você realmente acha que eu não quero ter mais filhos? Será que você não entende, Sophie?! — Ignoro suas lágrimas. Ignoro quando ela tenta se desvencilhar dos meus braços. — Eu quase morri quando você estava em coma. Eu morria um pouco todos os dias quando percebia que você continuava dormindo... — Eu estou gritando. — Eu morria só de pensar que talvez eu precisasse ficar sozinho caso você fosse embora! É claro que eu quero outros filhos! É claro que eu quero! Mas eu não posso passar por tudo aquilo outra vez. Eu não posso, Sophie... Não posso...

Solto seus braços abruptamente e deixo que meu corpo caia no sofá pesadamente e afundo o rosto nas mãos.

— Adam... — Sinto que ela se senta ao meu lado quando o sofá se move, porém não consigo olhar para ela.

— Agora não, Sophie. Eu não quero falar com você agora.

— Deixe que eu... — Mas antes que ela termine a frase, saio de casa batendo a porta com força.



— Tio Adam! — Nicole, que havia atendido o interfone, vem ao meu encontro e pula no meu colo. — Você não trouxe a Ava?

— Ela já está dormindo.

— Nicole! O que você está fazendo...? — Elena, grávida de seis meses, entra na sala toda afobada, mas para quando me vê. — Adam? — Pergunta surpresa. Nós combinamos alguma coisa? — Nego com um rápido gesto de cabeça. — Onde está Sophie?

— Em casa.

Ela inclina a cabeça para o lado e fica me encarando com as duas mãos na cintura. E quando assente, é porque percebe que alguma coisa está errada.

— Venha, Nicole!

— Mas eu não estou com sono — Ela choramanga e se agarra mais ao meu pescoço.

— E eu não estou com paciência — Elena não está brava nem irritada, mas há alguma coisa na sua voz que faz Nicole bufar, murmurar um *boa noite* sem graça e descer do meu colo.

— Isso não é justo, mamãe.

— O que não é justo?

— Eu ter que dormir quando não tenho sono.

— A vida não é muito justa, Nicole.

— Mas...

— Cama.

Ela bufa outra vez — exageradamente — e passa por Elena, arrastando os pés. Retardando ao máximo o momento de ir para a cama. Quando penso que tudo está resolvido, Amelia invade a sala agarrada à sua mamadeira e soltando gritinhos estridentes. Louise está em seu encalço. Daniel está atrás das duas.

— Ei! — Ele consegue colocá-la no ombro enquanto ela ri sem parar. Então ele me vê. — *Quarterback*? — Sua testa está franzida e sua voz desconfiada. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu precisava falar com alguém, mas... — Dou risada quando Nicole começa a correr pela sala e Daniel a segura pelo braço sem nem mesmo olhar para ela. — Acho que eu cheguei em uma péssima hora.

— Imagina — Elena pega Louise no colo e faz um gesto de desdém com a mão. — A hora de dormir é sempre um caos, mas resolvemos isso em cinco minutos.

— Nicole? — Matt chama do meio do corredor. Ele parece sonolento e meio desorientado enquanto esfrega os olhos. — Eu deixo você dormir no meu quarto se você prometer que vai parar de falar.

Ela corre para ele e ambos desaparecem pelo corredor. Daniel pega Louise do colo de Elena e vai atrás deles, mas se detém, voltando-se para mim.

— Está tudo bem com Sophie? — Concordo com um pequeno gesto de cabeça. — Eu devo bater em você outra vez?

— Não — Respondo rindo e ele aquiesce, desaparecendo em seguida.

— Tudo bem com você? — Elena vem na minha direção e me beija no rosto.

— Tudo, eu... Não, na verdade não.

— Você quer beber alguma coisa? Uísque? — Ela começa a andar até o bar e a sigo. — Eu

não sei por que tenho essa mania de oferecer uísque para as pessoas quando elas estão com algum problema, mas sempre me ajudava quando a minha avó me obrigava a tomar algumas doses. — Ela se vira para mim e me estende uma pequena dose. Penso em negar, mas eu preciso tentar me acalmar de alguma maneira. Quando seco o copo ela pergunta se eu quero mais, assinto, ela enche o copo mais uma vez e não hesito em bebê-lo.

— Problemas no paraíso? — Pergunta Daniel aproximando-se.

Estou encarando o copo vazio nas minhas mãos. Meu peito está queimando e sinto lágrimas se formando em meus olhos.

— Sophie está grávida.

— *O quê?! —* Pego a garrafa que Elena segura e me sirvo de mais uma dose. Daniel faz mesmo. Duas vezes. — Grávida? Você tem certeza? — Pergunta Daniel.

— Foi o que ela me disse — Respondo dando as costas para eles e indo me sentar no sofá. Daniel veio se sentar de frente para mim e Elena ao seu lado. Esfrego as mãos no rosto, tentando afastar o torpor que a notícia de Sophie me causou, mas está difícil. — Ela não podia fazer isso, não podia — Murmuro apoiando os cotovelos nos joelhos e encarando os dois.

— Eu achei que vocês tivessem resolvido que ela não engravidaria mais — Diz ele.

— Era o que eu pensava até meia hora atrás.

— E ela vai seguir com isso? Ela vai...?

— Daniel! — Elena o adverte com a voz bastante alterada. — Como você pode sequer pensar em uma coisa dessas?

— Eu não estou pensando, se você quer saber. Eu só... — Ele se levanta e vai até a janela com vista para o Central Park. — Eu não quis dizer isso, mas só consigo pensar no que aconteceu quando Ava nasceu.

Elena concorda com ele e, mesmo que ele não esteja olhando para mim, me pego fazendo o mesmo. Porque era só nisso que eu pensava enquanto dirigia para cá.

— Eu não vou suportar passar por tudo aquilo outra vez — Nego com a cabeça apertando a base do meu nariz com o polegar e o indicador.

— Só porque ela teve problemas da última vez não quer dizer que terá problemas novamente — Diz Elena quando Daniel volta a se sentar ao seu lado.

— E somente por esse motivo está tudo bem? — Pergunto com a voz ácida. — Há riscos e ela sabe disso.

— E é exatamente por sabermos disso que nós vamos tomar mais cuidado.

— Não, Elena — Daniel aponta o dedo para ela quando ela o encara. — Não adianta olhar para mim desse jeito.

Franzo a testa tentando entender o que é essa conversa estranha e praticamente silenciosa entre eles, mas resolvo que não tenho cabeça para isso. Quando ameaço me levantar e ir embora ou ir até um bar para beber até esquecer toda essa merda, Daniel volta a falar.

— Por que vocês não adotam uma criança?

— Nós conversamos sobre isso algumas vezes, mas nunca chegamos a um acordo. Ava

ainda é muito pequena e...

— Não é a mesma coisa — Murmura Elena com o olhar perdido. E então seus olhos encontram os meus e tenho a impressão de que eles estão marejados. — Eu não estou dizendo que a criança será menos filha de vocês, não é isso — Ela começa a se explicar. — Tenho certeza de que ela será tão amada quanto Ava é, mas Sophie precisa engravidar outra vez.

— Não, ela não precisa! Nós podemos adotar e tudo vai ficar bem.

— Não, Adam. Você não está entendendo — Ela olha de mim para Daniel. — Vocês dois não estão entendendo. Vocês não estão pensando em Sophie.

— É só o que nós estamos fazendo! — Fico em pé e abro os braços, exasperado. É só nela que eu penso. Somente nela.

— Não, não estão. Vocês estão pensando apenas em tudo o que vocês sentiram quando ela ficou em coma. Foi horrível e eu também não quero ter que passar por tudo aquilo outra vez, mas nós precisamos pensar e respeitar o que ela está sentindo — Nós dois a encaramos sem entender aonde ela quer chegar.— Sophie passou quinze dias em coma enquanto outras pessoas cuidavam de Ava. Ela não pode segurá-la nos braços e se emocionar quando via a filha pela primeira vez. Ela não pode amamentá-la e vocês não têm ideia de como essa sensação é maravilhosa. Ela ficou mais uma semana no hospital depois que acordou e via Ava apenas algumas horas por dia. Sophie precisa disso. E ela quer isso, Adam. Há meses em que ela não fala de outra coisa comigo, principalmente depois que eu engravidei outra vez. — Diz, apontando para a barriga.

— Ela estava planejando engravidar? — Pergunto confuso e, ao mesmo tempo, com raiva por ela ter pensado isso esse tempo todo.

Elena nega.

— Sophie estava planejando falar com você antes. Ela não queria atropelar tudo, mas estava morrendo de medo da sua reação.

— Merda — Deixo meu corpo cair no sofá outra vez. Pensar que posso causar esse tipo de sentimento em Sophie me deixa ainda pior.

— Eu tenho certeza de que, mesmo que ela tenha parado de tomar o remédio sem falar com você, a gravidez foi uma surpresa. Não faz nem dois meses.

— O quê? — Meus olhos estão queimando pelas lágrimas que começam a se formar.

— Ei! — Daniel para na minha frente e me entrega outra pequena dose. — Beba isso aqui e vá até lá resolver tudo isso.

— Eu não consigo falar com ela agora — E não é porque estou bravo com ela. Estou bravo comigo.

— Então arranje um jeito de conseguir.



Eu não consegui voltar para casa depois do que Elena disse. Estava me sentindo péssimo por ter tratado Sophie daquela maneira. Porém, estava ainda mais apavorado com o leve pensamento de vê-la imóvel em uma cama de hospital outra vez. Passei horas apenas dirigindo

pela cidade debaixo de uma chuva leve. Precisava pensar sobre tudo o que ela havia me dito e, principalmente, tentar controlar a raiva que estava sentindo por ela ter mentido para mim. Na verdade, acho que tentava controlar o medo que estava sentindo.

E ainda estou.

Todas as luzes do apartamento estão acesas. Os pratos sujos e o restante do nosso jantar ainda estão sobre a mesa. A taça quebrada continua no chão. O silêncio é quebrado quando piso sobre minúsculos cacos de vidro. Sophie não está na sala.

Caminho lentamente pelo corredor e paro em frente ao quarto de Ava. Entro quase sem respirar para não acordá-la, mas não a encontro na cama. Olho para a janela e percebo que a chuva está mais forte. Ela não dorme quando chove. Ela fica apavorada.

Vou até o nosso quarto esperando encontrar as duas na cama, mas ela também está vazia. Sinto um gosto amargo na boca e um calafrio percorrendo minha coluna. Estou prestes a ir até o closet quando ouço um trovão. O som é tão alto que sacode as janelas de vidro de todo o apartamento. É nesse momento que ouço o soluço abafado de Ava. Deixo o quarto e vou à passos largos até a sala de televisão.

Sophie está deitada com ela sobre um grosso edredom vermelho, de costas para a porta e, por causa do barulho da água batendo nos vidros, não percebe quando eu entro. Aproximo-me devagar e fico apenas observando as duas mulheres da minha vida.

Ava está toda encolhida e suas costas estão apoiadas no peito de Sophie. Seus ombrinhos chacoalham a cada soluço e percebo que Sophie acaricia seus cabelos loirinhos enquanto canta para ela tentando acalmá-la. Desde quando ela era apenas um bebê, somente Sophie era capaz de fazer isso. E é assim até hoje.

Tiro meu tênis e me deito ao seu lado. Ela nem se mexe quando colo meu peito em suas costas e envolvo as duas com meu braço. Sophie continua cantando e a respiração de Ava vai ficando cada vez mais lenta e profunda até adormecer completamente.

— Eu sinto muito, querida — Sussurro em seu ouvido e ela encolhe os ombros, porém permanece calada. Ela continua afagando os cabelos de Ava e o único som que ouço é do meu coração acelerado. — Eu sinto muito — Repito e deposito um beijo em sua nuca. — Eu sinto muito — Beijo seus cabelos e inspiro seu perfume doce. Ela continua sem dizer nada, mas sei que está chorando baixinho. — Sophie, por favor? — Peço quando não ouço mais as batidas do meu coração.

Ele para de bater quando Sophie está triste.

Ela continua calada.

Abro a boca para dizer mais uma vez que eu sinto muito, que eu jamais deveria ter falado com ela daquele jeito e que eu só fiz o que fiz porque fiquei apavorado na mesma proporção em que fiquei feliz.

Caramba! Ela está grávida!

Nós vamos ter outro filho!

Mas eu não digo nada. Fecho a minha boca e me aninho em seu pescoço quando ela pega a minha mão e beija os nós dos meus dedos, demoradamente.

Meu coração está batendo outra vez.



Desperto com um incômodo nas costelas. Abro apenas um olho e vejo que já amanheceu. Uma luz fraca atravessa as janelas de vidro e percebo que ainda chove, porém é uma chuva fina e constante. Minhas costelas incomodam outra vez e então para. Sonolento, percebo que ainda estou deitado sobre o carpete na mesma posição e Sophie está em meus braços. Estamos de conchinha e ela segura minha mão com força. Sinto o ar quente que sai de sua boca tocar a minha pele.

— *Ai...* — Gemo quando passo a sentir o mesmo incômodo das costelas no meu pescoço. Viro a cabeça e percebo que o ‘incômodo’ tem cabelo loiro e carrega uma boneca de pano nas mãos. Ava está sentada, sabe-se lá como, entre meu ombro e minha orelha. E não para de pular. — Ei, princesa — Ameaço me virar, mas Sophie aperta mais a minha mão.

— *Acoda*, papai — Ela continua pulando e cantarolando. — *Acodaaa! Papaiiii! Acodaaa!* — Não satisfeita, ela fica em pé, vira-se de frente para mim e começa a bater em meu rosto com suas mãozinhas gorduchas. — *Acoda! Tô com fome!* — Fala impaciente e eu começo a rir. Sophie resmunga alguma coisa e então se vira de frente para mim. Com os olhos fechados, aconchega-se em meu peito e levanta um braço para acariciar o bracinho de Ava. — *Mamãe!* — Ela praticamente mergulha no meio de nós dois.

— Bom dia, princesa — Sophie beija seu rostinho e cheira seus cabelos. Ela sempre diz que não há no mundo inteiro perfume melhor. E ela está coberta de razão.

— Leitinho — Pede batendo no rosto de Sophie repetidas vezes. — Sophie continua de olhos fechados. — *Acoda*, mamãe! Leitinho! — Pede mais alto. Sophie abre apenas um olho e começa a rir.

— Peça para o papai — Diz ainda rindo por causa dos tapinhas e da impaciência dela. Ava olha para mim e está prestes a pular em mim outra vez quando alguma coisa do outro lado da sala chama a sua atenção. Ela arregala os olhos, leva as duas mãozinhas a boca e exclama:

— Theo!

Miau! Miau!

O gato branco e magricela que apareceu na porta do prédio há dois meses e acabou sendo adotado por Ava — que chorou por um dia inteiro e nos fez levar comida para ele de madrugada — Responde ao gritinho dela.

— Theo! — Ela esquece completamente da fome e corre até ele. Rapidamente, ambos desaparecem pelo corredor.

— Às vezes acho que esse gato é um humano disfarçado — Murmura Sophie com um pequeno sorriso nos lábios. — Ele parece entender tudo. Basta Ava dizer que quer leite e ele aparece.

Envolvo-a em um abraço apertado e ela retribui. Colando tanto seu corpo ao meu que chego a pensar que estamos virando um só.

— Bom dia, querida — Seguro seu rosto e beijo sua testa, demoradamente. Desço um pouco mais e beijo seus olhos, um de cada vez.

— Bom dia — Ela responde beijando de leve meu queixo. — Adam... — Diz quando começa a se afastar, mas não deixo e ela se aconchega em meu pescoço. Não quero me separar de seus braços. Ainda não. Quero abraçá-la e beijá-la até que meu coração compreenda que está tudo bem entre nós.

— Desculpe por ter gritado com você — Peço beijando o topo da sua cabeça.

— Tudo bem, eu... — Ela inspira profundamente. — Desculpe por não ter falado com você sobre o remédio — Abro a boca, mas ela volta a falar. — Foi tudo tão rápido. Eu não...

— Eu sei.

— Sabe? — Um vinco se forma entre as suas sobrancelhas.

— Eu fui até a casa do seu irmão ontem. Elena me contou que você vinha pensando sobre isso.

— Eu estava com medo de que você não quisesse...

— Eu quero — Sussurro e colo meus lábios nos seus. — Eu quero muito, mas só de pensar que você pode... — Ela me cala colocando o dedo indicador sobre meus lábios.

— Eu não vou morrer — Seu dedo desliza por minha boca, passa pelo queixo e continua acariciando a pele do meu pescoço. Seus olhos não deixam os meus. — Eu não vou morrer — Sussurra e seguro seu rosto entre as mãos. — Eu não vou morrer — Repete com a voz baixa e embargada e os olhos cheios de lágrimas.

— Promete? — Puxo seu rosto com força e o deixo a apenas alguns centímetros dos meus. — Promete? Por favor?

Eu imploro.

Eu preciso implorar.

Eu preciso que ela me diga que vai ficar tudo bem.

— Prometo, eu... — Não deixo que ela continue falando. Colo meus lábios nos seus e despejo todo o desespero que senti na noite passada apenas por lembrar daqueles dias infernais dentro daquele hospital.

Despejo todo o meu amor nesse beijo e sugo todo o amor que ela tem para me dar.

Todo o nosso amor...

— Eu nunca...

Digo e volto a beijá-la.

— Vou...

Mais um beijo.

— Aprender...

Outro beijo.

— A ficar...

Beijo.

— Sem...

Beijo. Beijo. Beijo.

— Você...

Mordo seu lábio inferior.

— Nunca...

Sophie segura o meu rosto também.

— Eu sempre vou estar aqui — E depois leva uma mão atéo meu peito, sobre o meu coração. — E aqui.

— Eu te amo — Murmuro e ela murmura de volta.

Levo uma mão até a sua barriga e a coloco sob a sua camiseta.

Sorrio para ela que assente.

— Leitinho!

— *Miau!*

Ava grita da porta e Theo mia logo em seguida. Sophie levanta as duas sobrancelhas para mim e cai na gargalhada. Tenho certeza de que ela está pensando: *Eu não disse?*

Levanto rápido e isso faz com que Ava solte um grito estridente e saia correndo da sala. Começo a rir quando me dou conta de que essa não era a minha intenção, mas acabo caindo na brincadeira e avanço pelo corredor chamando por ela, usando a minha voz de monstro (ela apelidou assim) e a ouço gritar na cozinha. Também ouço Theo miando e Sophie correndo atrás de nós fingindo ser a fada madrinha (Ava disse que ela é uma fada porque sua é mais bonita).

Uma manhã de domingo perfeita.

Uma família perfeita.

Apenas perfeita.

“Achei
Vendo em você
Explicação
Nenhuma isso requer
Se o coração bater forte e arder
No fogo o gelo vai queimar...”
(Nando Reis - Pra você guardei o amor/2013)

Epílogo

NOVA YORK - SOHO - JUNHO DE 2028.

Sophie

— Quem vai levar você ao baile? — Rachel fecha os olhos, coloca uma mão no peito e sorri apaixonada.

— Chace.

— Chace? — Pergunto surpresa e seus olhos brilham quando ela assente. — O Chace pelo qual você foi apaixonada a vida toda?

— Ah, tia Sophie! Eu estou tão feliz!

— Eu também!

— Ele me pediu em namoro logo depois de me convidar para ir com ele ao baile.

— Rachel! Você já está namorando? — Coloco a mão no peito e fico chocada com essa revelação. Quer dizer, ela é a Rachel! Aquela garotinha fofa que Scott e Paul adotaram. E ela só tinha três anos. Como é que ela cresceu tanto assim?

— Meu pai surtou.

— Qual deles? — Nós duas caímos na risada.

— Papai Scott. Ele é mais sensível, você sabe.

— Sei.

— Ele disse que não sabe o que vai fazer quando eu me formar e for embora para a Inglaterra.

— Você vai mesmo estudar em Londres?

— Vou. E Chace vai comigo.

— Santo Deus! Scott deve ter surtado muito.

— É porque Paul ainda não sabe.

Inclino meu corpo na sua direção e diminuo o tom da minha voz.

— Qualquer coisa você pode se abrigar aqui.

— Obrigada — Ela confere as horas no celular e, com os olhos arregalados, levanta-se rapidamente, jogando a mochila no ombro direito. — Eu tenho ensaio do coral e estou super atrasada. — Dá um beijo estalado na minha bochecha e sai correndo em direção à porta.

— Ei! — Chamo e ela se vira, ainda segurando a maçaneta. — Você não escolheu a cor do vestido. Nem o modelo.

— Eu confio no seu talento. Apenas crie um vestido maravilhoso.

— Deixa comigo.

Ela bate a porta mais forte do que deveria e, mesmo esperando por isso, acabo dando um salto na cadeira. Meu notebook está ligado na minha frente e três lindas crianças me encaram com sorrisos lindos no rosto. Eu adoro essa foto. Quando a tiramos, Ava estava com apenas quatro anos e os gêmeos James e Hanna prestes a completarem dois. E isso já faz o quê? Dois anos? *Nossa!* Tiro os óculos que agora sou obrigada a usar quando vou desenhar, descanso o queixo nas mãos e me pego sorrindo com eles. Minhas melhores partes. As mais cansativas, as mais estressantes e as mais lindas desse mundo.

Inspiro profundamente e cogito preparar uma xícara de chá quando me dou conta de que a casa está extremamente silenciosa. Seria perfeito se eu não tivesse três crianças perdidas dentro de algum cômodo. Quando estão fazendo barulho já é um problema enorme, porém nada se compara ao silêncio. Para mim, chega a ser assustador.

Levanto-me para procurá-los no mesmo instante em que Ava solta um grito estridente e apavorado. Corro na direção da sua voz sentindo o coração tão acelerado que tenho a impressão de que ele vai explodir a qualquer momento.

Atravesso a porta do bagunçado quarto de brinquedos e, para a minha surpresa encontro os três gargalhando. James está se dobrando de tanto rir e Hanna está sentada, apertando a barriguinha com força. Os dois são um verdadeiro teste para cardíacos, não que Ava seja diferente. Normalmente é ela quem comanda a bagunça.

Sinto que começo a rir com eles quando Ava, que está de costas para mim, vira-se na minha direção. Minhas pernas vacilam e sinto um calafrio percorrendo meu corpo.

Respire, Sophie!

Pelo amor de Deus, respire!

Ajoelho-me na sua frente e a seguro pelos ombros. Ela está rindo, mesmo com a boca ensanguentada. Aliás, tem uma espessa gota de sangue escorrendo pelo seu queixo e meus olhos a seguem, quase hipnotizados.

Engulo em seco e puxo o ar com força, mesmo que não o sinta entrando em meus pulmões.

— O que aconteceu com você? — Minha voz está tão fraca que tenho a impressão de que estou apenas pensando nessas palavras. De qualquer forma, James aparece ao lado de Ava e

coloca um dente na frente do meu rosto.

Um dente, pelo amor de Deus!

— Arranquei o dente dela!

— O quê?

— O meu dente mole, mamãe! Você lembra que...

— Um dente... — Repito e me sento no chão, desajeitadamente. Sinto que algumas gotas de suor estão se formando na minha testa. É só um dente, penso aliviada. Se esse sangue é por causa de um dente, não deve ser grave, então não preciso me preocupar, não é?

Há três semanas, James ganhou de Ellen uma fantasia do Super-Homem e, somente por esse motivo, achou que poderia voar. Por isso, subiu no último compartimento da estante de livros e se atirou para frente com os braços estendidos. Seria cômico se não fosse trágico! Sim! Trágico. Muito, muito trágico! Carreguei-o até o carro e dirigi feito uma louca enquanto sua testa sangrava sem parar, Hanna chorava por eu estar chorando e dirigindo rápido demais, e Ava gritava com ela porque estava tentando ligar para o pai e James ficava o tempo todo querendo ver seu rosto no retrovisor. Mais caótico impossível.

Mas eu fui forte até o último minuto.

Segurei a mão de James enquanto uma enfermeira lavava o enorme corte logo acima da sua sobrancelha direita e acariciei seu bracinho enquanto uma médica suturava o local. No instante em que ela me disse que ele estava bem e que poderia ir para casa, o quarto começou a rodar, tudo ficou escuro e a última coisa que me lembro é de ver o chão se aproximando da minha cabeça. Acordei alguns minutos depois em cima de uma cama com Adam, James e minhas duas garotinhas rindo ao meu lado.

— Você está com dor? — Uso o restante da minha força para perguntar a Ava se ela está sentindo alguma coisa, contudo, ela nega.

Quando o quarto começa a rodar, encosto na parede e mais uma vez, recomeço o processo de inspirar e expirar. Sinto que minhas mãos estão pegajosas e meu corpo começa a suar frio. Ava apoia as mãos nos joelhos e coloca o rosto bem perto do meu. James e Hanna fazem o mesmo.

— Mamãe? — James cutuca minha bochecha com força. — Você está doente?

Nego com um discreto gesto de cabeça.

— Você está com cara de doente — Sinto vontade de rir com a constatação de Hanna. — Eu acho que você vai desmaiar — Quero dizer a ela que não, mas não tenho tanta certeza disso. Fecho os olhos quando percebo que Ava ainda tem sangue nos lábios e aquela gota está parada na ponta do seu queixo. Como se estivesse decidindo se pinga no chão ou continua ali.

— Eu vou buscar as minhas coisas de médico!

— Aquelas coisas não são de verdade, James! — Repreende Ava. — Mamãe?

— São, sim! Vovó disse que eu já estou grande e sou quase um médico!

— Não é não! — Diz Hanna com a voz embargada e isso é um péssimo sinal. Em menos de dez segundos ela vai se esvair em lágrimas. — *Mamãe!* — Pronto! Aí estão as lágrimas e os

gritos histéricos.

— *Shhh!* — Meus ouvidos estão zunindo e meu estômago embrulhado.

— A mamãe morreu!

— É claro que não! — Sinto outro cutucão na bochecha. — Ela está se mexendo. Não seja boba!

— Eu não sou boba, Hanna!

— É, sim!

Estendo meu braço para algum lugar e faço sinal para que Hanna venha até mim. Mas é James quem me abraça e sussurra em meu ouvido.

— Eu vou consertar você, mamãe — Tão logo acaba de falar e seu corpinho abandona o meu.

— Mamãe... — Hanna me abraça desajeitadamente enquanto chora em meu ombro.

— Ava — Consigo dizer, mas antes que eu peça para que ela lave o rosto, James está de volta e, usando toda a delicadeza que ele não tem, arranca Hanna de perto de mim. O que resulta em mais gritos e mais lágrimas.

— Mamãe? — Abro apenas um olho quando ouço a voz chorosa de Ava. O sangue não está mais escorrendo. Ela passou a mão e agora a mancha se estende até a sua bochecha. É só uma mancha vermelha, Sophie. Só isso. Uma mancha vermelha de...De sangue. Fecho os olhos outra vez. — Eu vou ligar o papai.

— Não precisa, meu amor. Mamãe já...

— O que vocês estão fazendo...? — A voz de Adam some de repente e sinto quando ele se ajoelha à minha frente. Suas mãos quentes seguram meu rosto com delicadeza e esse pequeno gesto aquece meu corpo inteiro. — O que aconteceu com você? — Abro os olhos lentamente e solto o ar quando seu corpo começa a balançar de um lado para o outro. *Droga! Eu vou desmaiar mesmo.*

— A mamãe vai morrer! — Hanna continua chorando e, dessa vez, está inconsolável.

— Ela não vai... O quê? — Adam está confuso. E quem não ficaria em uma situação como essa? — Por que tem sangue na sua boca, Ava?

— Nós arrancamos o meu dente.

— Vocês arrancaram um dente? Como?

— Olha, papai! — James está mostrando o dente para Adam.

— Eu amarrei uma linha no meu dente e a outra ponta na porta — Explica Ava visivelmente empolgada. — Depois James chutou a porta com toda força e o dente saiu.

— Mas ela caiu — Diz Hanna fungando.

— É, e aí eu cortei a boca. Olha! — Eu não sei por qual motivo arregalo os olhos para ver o tamanho do corte no lábio inferior de Ava. Agora compreendo porque tem tanto sangue saindo de sua boca.

— Eu não acredito que vocês fizeram isso! — Sério? Adam está rindo?

— Isso foi muito legal! — James estende a mãozinha aberta para Hanna e os dois fazem

um *high-five*. — Você não achou muito legal, papai?

— É claro que achei.

— Adam? — Ele olha para mim rapidamente e entende o meu apelo. — Okay! Ava, querida, vá já limpar essa boca. Esse sangue está assustando a mamãe.

— Por quê? — Pergunta sussurrando, inclinando seu rosto tão perto do meu que chego a sentir o cheiro do sangue.

Feche os olhos, Sophie!

Pense apenas no mar.

Um lindo mar azul...

— A mamãe não gosta de sangue.

— Mas ela já é bem grandinha. Não é, mamãe? — Eu não acredito que ela esteja usando o mesmo tom de voz que uso quando quero repreendê-la!

— Apenas vá lavar o rosto, por favor?

— Tá bom.

— Eu já vou te ajudar.

— Eu ajudo ela, papai! — Hanna segue Ava porta a fora e James faz o mesmo, levando consigo todos os seus brinquedos de médico.

— Eu vou consertar a sua boca, Ava!

Adam se senta ao meu lado, envolve meu ombro com seu braço e deito a cabeça em seu ombro.

— Parece que James já decidiu qual profissão seguir.

— Acho que não — Puxo o ar quando meu estômago dá uma cambalhota. — Ontem ele me disse que quando crescer quer caçar dinossauros.

— Acho que ele vai ter o melhor emprego do mundo — De alguma maneira sou capaz de sorrir. — Você está melhor? — Pergunta com a voz relaxada e depois deixa um beijo quente nos meus cabelos.

— Apenas continue conversando comigo.

Ouçoo sua risada abafada e sinto meus lábios se curvando para cima.

— Nós abrimos uma loja nova.

— Não foi por isso que você viajou?

— Foi. Eu só não sabia o que dizer — Ele sussurra bem perto da minha orelha e, mesmo com o quarto rodando, o estômago ao contrário e o coração bombardeando o peito enquanto tento respirar normalmente, sinto meu corpo inteiro arrepiar.

— Robert assinou contrato com o Pats.

— Uau — Digo sem emoção e solto o ar com força. — Eu estou muito feliz por ele, de verdade. Só não consigo transmitir isso nesse exato momento — Sua gargalhada ecoa por todo o quarto e me pego rindo junto com ele. — Não ria do meu estado! — Peço choramingando e ele ri ainda mais, apertando meu corpo junto do seu. — Peter deve estar muito feliz.

— Eu estou muito feliz! Puta merda! Ele está na NFL, Sophie!

— Eu juro que estou feliz por vocês.

— Eu sei, querida.

— E Julianne? Ela deve estar enorme?

— Ela está linda! E isso tem tirado o sono de Peter — Sinto que ele dá uma risada. Quero rir com ele, mas minha situação ainda não permite. — Ela me contou que está apaixonada pelo professor de música.

— Mas ela só tem doze anos.

— Eu disse a mesma coisa e ela me respondeu que o amor não tem idade.

— Ah, meu Deus! Sua irmã deve estar surtada.

— Não mais que o normal — Ganho um beijo no topo da cabeça. — Eu achei que morreria de saudade de você. Não via a hora de voltar para casa.

— Nunca mais viaje e me deixe sozinha com essas três miniaturas de terrorista.

— Foi tão ruim assim?

— Olhe só onde nós estamos agora.

— Mas você precisa admitir que eles são incríveis.

— Incrivelmente assustadores — Ele começa a rir de um jeito contagiante. — Eu sou uma péssima mãe.

— Não é, e você sabe disso.

— Sou, sim. James me pediu para andar de metrô ontem.

— Eita, isso sim é assustador — Adam tenta manter a voz séria, mas falha miseravelmente. — Ele está prestes a rir da minha situação. — O que você disse a ele?

— Que monstros enormes e devoradores de crianças vivem dentro daquele buraco claustrofóbico. — Solto o ar pela boca e enxugo as gotículas de suor sob meu nariz. — Eu deveria dizer que monstros não existem, e não o contrário!

Mais uma vez, ele começa a gargalhar. Tento não acompanhá-lo, porém quando seus braços fortes envolvem meu corpo com mais força, não consigo evitar.

— Você é perfeita — Diz quando as risadas cessam e nossa respiração volta ao normal.

— Não, eu estou longe de ser perfeita. Ava tem razão. Que tipo de mãe quase desmaia na frente dos filhos só porque viu um pouquinho de sangue?

— Um tipo de mãe como você — Ignoro o fato de que a minha cabeça ainda está rodando e olho para cima. Adam me fita com os olhos brilhantes. Sua boca está se curvando em um sorriso torto e perfeito. — Linda... — Ele toca a minha testa com o dedo indicador e vai deslizando pelo meu nariz, boca e queixo. — Com a boca mais incrível que eu já vi e o sorriso mais encantador de todos. — Ele deposita um beijo no canto direito da minha boca, desliza os lábios quentes nos meus até chegar ao outro canto e deixar um beijo ali também. — Um tipo de mãe que me faz feliz todos os dias... E todas as noites — Ele me lança uma piscadela e aquelas borboletas que teimavam em bater asas dentro do meu estômago quando o conheci, surgem em meu estômago outra vez. Sempre que ele me olha, toca ou fala comigo desse jeito,

elas começam a bater asas e isso reverbera por todo o meu corpo. — Um tipo de mãe que eu amo — *A voz dele!* Sou completamente apaixonada por sua voz. — Um tipo de mãe que rouba corações e...

— Eu roubei seu coração?

— Não... — Suas mãos envolvem meu rosto e meu corpo inteiro se aquece... —Eu o entreguei para você. E ele é todo seu.

Fim

Agradecimentos

Escrever *Com Todo O Meu Coração* não estava nos meus planos. Porém, atropelando qualquer outra ideia que eu tinha na cabeça, Adam e Sophie ganharam vida e um enorme espaço dentro do meu coração. Dediquei tanto tempo a eles, tantas madrugadas, tantos textos que às vezes chego a pensar que eles são reais. *Vocês vão me achar louca por escrever isso?* haha! Enfim... Preciso dizer que, apesar de ter ouvido meu coração, não teria chegado ao fim de mais esse livro sem vocês: **MEUS LEITORES!**

Dizer OBRIGADA mil vezes não seria o suficiente. Vocês são parte desse sonho! Todas aquelas mensagens carinhosas são a minha constante inspiração. Vocês são MARAVILHOSOS! Muito, muito, muito obrigada do fundo do meu coração!

Cassius... O que posso dizer sobre você? Muito obrigada pelo seu companheirismo e por acreditar em mim... Mesmo quando não quer. Mesmo quando eu não mereço. Obrigada por estar ao meu lado, sempre e por me ajudar a separar todas aquelas páginas para o concurso! Obrigada por todos esses anos e por tudo. Eu adoro você... Muito. Muito, Muito, Muito!

Aline Miguel, que sorte eu tive quando você se apaixonou ‘loucamente’ por Daniel e Elena. Lá no comecinho. Que sorte eu tive por você ter se tornado a minha amiga e que sorte eu tive quando você aceitou ser beta de Adam e Sophie! Nossas conversas foram extremamente importantes para mim, principalmente quando eu pensei em desistir... E só nesse livro foram tantas vezes. Você é muito especial para mim e sabe disso!

Jéssica Miguel, o que eu posso dizer sobre você além de que seus áudios são os melhores e, que ouvir você fungando e emocionada após ler uma cena, fez cada palavra colocada nesse livro valer a pena. Obrigada por ler Adam e Sophie. Obrigada por cada segundo que passamos conversando de madrugada. Aline! Não fique com ciúme... Você sabe que te agradeço muito por isso também! Obrigada às duas irmãs por cantarem comigo e me ajudarem com a *playlist* quando eu estava ficando apavorada. Posso ser a terceira ‘Miguel’?! Obrigada! Vocês são ‘foda’!

Lu Muniz, comentários foram muito importantes durante toda a elaboração das cenas. Sou muito grata por tudo o que você fez por Adam e Sophie. Obrigada por ter emprestado seus personagens para mim. Adam precisava de um suporte e só Alex poderia ter feito aquilo. Obrigada do fundo do coração!

Talita Mazuchi e Michele Saqui!!! Que bom que eu encontrei vocês pelo caminho e que bom que formamos o nosso ‘Clube do Livro’. Obrigada por fazerem parte disso tudo. Obrigada por terem aceitado o desafio de serem betas pela primeira vez. Talvez eu não tenha dito, mas vocês foram um ótimo termômetro. Cheguei a ter palpitação quando enviei o livro para vocês hehehe! Ah! Talita, obrigada pelo tempo dedicado com a *playlist*!

Carol Pepe!!! Amiga de Pilates, de livros, de capas ♥ Da vida! Obrigada por todas aquelas anotações. Li tudo com muito carinho! Obrigada por ter dedicado seu tempo a esse livro. Obrigada por me ouvir e me socorrer.

Obrigada, do fundo do meu coração, a **Gilvana Rocha, Priscila Dias, Raquel Torquato, Re Sanrehd e Camila F. Varella** Nunes pelo tempo dedicado, carinho e amor ao transmitir em palavras a primeira impressão do meu livro. Vocês são muito especiais e um pedaço do meu coração já é de vocês!

E preciso muito agradecer **Miles, Holder, Ridge, Ben e Will** por toda a inspiração durante o processo de criação de Adam McQueen. Preciso muito agradecer a ‘tia’ **Colleen Hoover** por ser extremamente talentosa e por todas as horas que passei com o rosto enfiado dentro de seus livros. Eu amo todos vocês... Não nessa ordem, porém com a mesma intensidade. ♥

Tatiana Amaral! Eu deveria ter te agradecido antes... Acho que fiz isso pelo *messenger*, mas achei justo fazer por aqui também. Obrigada por ter me atendido no começo quando eu estava desesperada e não sabia nem como colocar um livro na Amazon. Obrigada pela paciência e pelo carinho. Você não tem ideia do quanto suas palavras me incentivaram. Obrigada e desejo que seu sucesso seja cada vez maior!

Tatiana Ruiz, obrigada por ter feito parte de várias partes importantes desse livro. A cena em que Sophie segurava Ava pela primeira vez, depois de acordar do coma, só ficou perfeita depois do seu olhar crítico. Você sabe como é a sensação e foi maravilhoso que você tenha compartilhado comigo. Obrigado por me alertar sobre a cena em que Sophie chega à casa do Adam e a invade sem dizer nada. Ela é doidinha, mas nem tanto... Obrigada por fazer parte de tudo.

Márcia Lourenço, obrigada por me ajudar sempre que eu grito! Você nem me ajudou nesse livro hahaha! (Eu não poderia perder a piada). Mas já vou agradecer antecipadamente pelo que você ainda vai fazer (já sabe o que é, né?).

Simone Félix, nunca esqueço de você. Obrigada pela troca constante. Obrigada pelo apoio!

Dan Rebouças, nenhuma capa supera a sua! Obrigada mais uma vez por deixar tudo ainda mais especial!

Obrigada a todos os grupos do facebook e instagram pelo suporte e pela força sempre. Por todas as divulgações, todos os compartilhamentos, curtidas, posts e, principalmente, por todo o carinho. Devo muito a vocês! Muito mesmo ♥

Aos blogs parceiros. Todos os blogs!!! Um obrigada mais que especial. Sou muito grata por tudo o que fazem por mim, por Daniel e Elena e agora por Adam e Sophie.

Obrigada a minha família que, mesmo de longe, torcem por mim todos os dias. Obrigada ‘Meninhas’ Raquel, Kelli, Ina e Renata (obrigada pelas horas dedicadas ao coma de Sophie).Obrigada Lalu! Você nem fez nada (brincadeira), mas achei que você gostaria de ver seu nome aqui outra vez hehehe!

Obrigada mesmo!

Com Todo O Meu Coração! ♥

Playlist

♥ **Foreigner - I Wanna Know What Love Is:** E se eu disser que ouvi essa música assistindo Alvin e os Esquilos 2? Acreditem... Eu ouvi! E na hora tive um super estalo: Essa música é tão Adam e Sophie! Não é?!!!

♥ **Metallica - Fade To Black:**Essa música! O coração chega a bater forte quando a ouço. É um momento tão Adam... Tão coração partido ☹

♥ **Bon Jovi -Thank You For Loving Me:** Dizer que essa música é linda e perfeita não é o suficiente. Ela é demais! É Bon Jovi! E é completamente Adam e Sophie!

♥**Leny Kravitz - Again:** Música linda demais. E quando a ouvi, só conseguia pensar em Sophie batendo à porta de Adam. Toda desconcertada e, mesmo que ainda não soubesse, cheia de amor para dar.

♥ **Hailee Steinfeld - Starving:** Eu conheci essa música na voz de Boyce Avenue e Megan Davies. Esses covers são demais! E eu sou apaixonada pelas versões do Boyce, acho que já disse isso rs!

♥ **Guns N' Roses - Patience:**Essa música foi perfeita para o capítulo em que Adam percebe o quanto seus sentimentos estão crescendo... O quanto seu coração está se abrindo para Sophie. E eu amo Guns! Amo essa música! Amo Adam e Sophie e... hehe!

♥ **Shawn Mendes - Mercy:** Simplesmente apaixonada por essa música...

♥ **Whitsnake - Is This Love:** Sim, Adam! Isso é amor

♥ **Lifeshouse - You and Me:** É maravilhosa! A letra é perfeita do início ao fim.

♥ **Whitsnake - Here I Go Again:**Eu poderia dizer muito sobre essa música. Escolher apenas uma pequena estrofe foi muito difícil porque ela é muito Adam. Então escutem! Coração vai acelerar...

♥ **Lady Antebellum - Just A Kiss:** Essa música é tão, tão, tão essa cena! Tão fofa e tão apaixonante que eu cheguei a acreditar que Adam e Sophie eram reais. Espera! Eles não são?

♥ **Amy Winehouse - Will You Still Love Me Tomorrow?:** Essa versão é maravilhosa. Meu coração para sempre que eu a ouço. Mas não deixem de escutar a versão na voz de Norah Jones.

♥ **Cássia Eller - Por Enquanto:** Sou fã incondicional da voz e da pessoa. Amo demais e essa música... Na voz de Cássia Eller?!!! Coração dispara. Sempre!

♥ **Taylor Swift e Zain Malik - I Don't Wanna Live Forever:** Sério! É linda... E eu chorei muito...

♥ **Passenger - Let Her Go:** A versão original é tão Sophie! Mas ouçam a versão na voz de Boyce Avenue! Meu Deus!!!

♥ **Lady Antebellum - Need You Now:** Mesmo comentário da música anterior... Ouçam as duas versões. Apaixonem-se por elas!

♥ **Backstreet Boys - Back To Your Heart:** Ah! Aquela música da adolescência...

♥ **Aerosmith - I don't want to miss a thing:** Não dá vontade de acordar ouvindo essa música? Ainda mais com um Adam do lado? Ops...

♥ **Extreme - More Than Words:** Essa sempre foi a minha música. Eu sempre amei essa música! Por isso, por amá-la tanto é que resolvi entregá-la a Adam e Sophie. É deles!

♥ **Elvis Presley - Can't Help Falling In Love:** Isso é Elvis! É uma lenda e não há mais nada para dizer a respeito...

♥ **Aerosmith - Angel:** Ouçam essa música em todas as versões! TODAS! Ela é incrível e linda... E perfeita! Ainn!!!

♥ **Alanis Morissette - Ironie:** Sabe aquela voz que você ama? Ama muito a ponto de ouvir o cd um milhão de vezes e nunca enjoar? Ama tanto a ponto de, mesmo após 21 anos, ainda ser completamente apaixonada pelas mesmas músicas? Nem acredito que consegui colocar Alanis na playlist desse livro!!!

♥ **Jason Mraz - I Won't Give Up:** Vocês já ouviram essa música? Eu chorei tanto... E nem foi de tristeza. Ela toca no fundo do coração. Talvez seja só comigo, mas... Ouçam e depois me contem!!!

♥ **Legião Urbana - Eduardo e Mônica:** O restante da música não combina em nada com o livro, mas esse trecho encaixa com tudo! E é legião...

♥ **Adele - Set Fire To The Rain:** E eu só fico pensando na Sophie chorando na chuva...

♥ **Coldplay - The Scientist:** Eu AMO essa música. Amo muito! E somente por esse motivo ela precisava fazer parte da playlist de Com Todo O Meu Coração. Vocês também já ouviram Boyce Avenue cantando? Vai ficar repetitivo eu falar deles o tempo todo... Mas não resisto! Ah! Eu também amo a versão da galera do 'Glee' (escutem!)

♥ **Jason Derulo - Marry Me:** Hum... Sim?

♥ **Creedence Clearwater Revival - Have You Ever Seen The Rain:** Um clássico! Quem nunca ouviu essa música no último volume? E cantou junto? Não?!!! Só eu faço isso? Eita!

♥ **Michael Bublé - Everything:** Gente! Apertem o play e sintam a música.

♥ **Justin Timberlake - Mirrors:** É perfeita para o momento, para o amor, para a vida... Para eles! Mais uma vez: Ouçam a versão original, mas procurem por Boyce Avenue e Fifth Harmony. Só uma palavra para descrever o que senti enquanto ouvia essa música e escrevia esse capítulo: Uau!

♥ **Anavitória - Singular:** Pensa em uma música fofa? Jéssica Miguel, como vivi até agora sem essa música?

♥ **Florence and Machine - Never Let Me Go:** Uma das cenas mais difíceis de escrever... Não sei nem dizer quantas vezes ouvi essa música... Muito menos dizer quantas vezes chorei...

♥ **No Doubt - Don't Speak:** O que eu posso dizer sobre essa música?

♥ **Simple Plan - Take My Hand:** O ritmo não combina nem um pouquinho com a situação. Mas ela foi escolhida a dedo, pois cada verso traduzia a dor e a angústia de Sophie... E a dor de Adam também.

♥ **Nickelback - Never Gonna Be Alone:** Perfeita...

♥Nickelback - Far Away: Perfeita também... Mas de um jeito quase surreal!

♥ Noah Gundersen - Day Is Gone: Essa música... Ela faz parte da trilha sonora de Sons Of Anarchy (se ainda não assistiram, ASSISTAM!) Como diria uma amiga: Isso é um desvio de caráter hehehe! Day Is Gone faz parte de uma das cenas mais carregadas e tristes da série. E, enquanto eu a ouvia e escrevia sobre as sensações do coma de Sophie, só conseguia pensar nela. Ouçam a versão com "The Forest Rangers". É simplesmente maravilhosa! Mas você vai chorar...

♥Queen - Love Of My Life: Acho que qualquer versão dessa música me faria chorar. É tão intensa e tão linda. Porém sem pre que escuto aquela versão ao vivo no Rock in Rio de 1985, coração chega a explodir! E a de 2015?

♥ Evanescence - Bring Me To Life: Preciso falar de Evanescence? Ou dessa música?

♥Marisa Monte - Não Vá Embora: Eu sou tão apaixonada por essa música... Quando a Marisa canta, quando Sambô canta... Gosto dela até mesmo quando eu canto... hahaha!

♥ Nando Reis -Pra você guardei o amor: Nando Reis é só amor para mim. E essa música representa demais o Amor! Jéssica e Aline Miguel, que sintonia quando escolhemos essa música, né? Não poderíamos ter feito escolha melhor.

SOBRE A AUTORA

C. M Carpi é o pseudônimo de uma autora, sonhadora e apaixonada paulista de 35 anos que começou a escrever apenas para colocar para fora todas as ideias que viviam dentro da sua cabeça. Mas as coisas acabaram saindo do controle e, em 2015 lançou seu primeiro livro. Por Trás Daqueles Olhos figurou a lista de eBooks mais vendidos da revista Veja. A continuação, Por Trás Daqueles Olhos Para Sempre, lançado em 2016, permaneceu em primeiro lugar por duas semanas e foi sucesso de vendas na Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Quando não está escondida atrás de um laptop escrevendo sem parar, pode ser encontrada assistindo a inúmeras séries de T.V ou completamente perdida em sua pilha de livros. Sempre acompanhada de uma enorme xícara de café ou uma taça de vinho. Alguns chocolates também são bem-vindos.

Mais informações:

Facebook: <https://www.facebook.com/portrasdaquelesolhos/>

Instagram: @cmcarpi

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/CMCarpi>

Copyright 2017 © C. M. Carpi



Não esqueça de deixar a sua avaliação lá na Amazon! Ela é MUITO para mim, para Adam e para Sophie!